2ª Q-5-a

Fernando Freiria
Tenente-coronel do Corpo do Estado Maior

OGFE
BIBLIOTECA
Obra 20
Vol. 1
Prat. A
Est. 2

DEPOSITO CENTRAL DE REGIMENTOS

BIBLIOTECA DO EXERCITO 5828

Os Portugueses na Flandres

BIBLIOTECA DAS OFICINAS DE FARDAMENTO E CALÇADO N.º 251

BIBLIOTECA O.G.F.E. CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO

LISBOA
TIPOGRAFIA DA COOPERATIVA MILITAR
1918

DEPOSITO CENTRAL
DE
PUBLICACIONES

Os Quatro Cocos da Palmeira

BIBLIOTECA
NACIONAL

nº 251

Ao Leitor:

Instado por alguns dos meus camaradas a dar á publicidade á série de conferências que, por honrosa proposta de S. Ex.ª o Comandante da Escola de Guerra, General Teophilo José da Trindade, naquela Escola realisei, sob a *Guerra de Trincheira*, resolvi-me a fazer imprimir êste pequeno volume, resumo do que de mais interessante, sob o ponto de vista tecnico, poude observar durante os 14 meses da minha permanencia no *Corpo Expedicionario Português* que, ao lado dos aliados, honrosamente se está batendo na Frente Ocidental do Grande Teátro da actual Guerra.

Visaram essas despretenciosas palestras a preparar, dentro do possivel, o espirito daquêles que, pela 1.ª vez, tivessem de ir prestar serviço nas fileiras do C. E. P., no cumprimento dum alto dever e na justa satisfação do desejo de todos em compartilhar das agruras da Guerra com os nossos camaradas que tão brilhantemente estão demonstrando ao Mundo inteiro, que os portugueses de hoje em nada desmereceram dos portugueses de sempre. Mas, para bem esclarecer o meu proposito, não será demasiado frisar que, em tudo quanto me propuz relatar, não se tratou, evidentemente, de apresentar doutrina nova sôbre aquilo que, proficientemente, entre nós, se ensina nos diferentes ramos da sciência militar, no que respeita á Guerra de Movimento.

Neste capitulo nada ha a acrescentar e os conhecimentos ministrados, quando bem digeridos e aproveitados, são mais do que suficientes para, sem receio, podermos hombrear com os oficiais de qualquer Exército e, sem falsa modestia, poderei mesmo asseverar, que a bagagem de conhecimentos colhida nada deixa a desejar em relação áquela de que dispõem os oficiais do Exército onde, em França, estamos encorporados.

Se, pois, as contingências da Guerra nos levarem a tomar parte na luta em Campo Aberto, técnicamente, nada de novo aqui encontrareis; se, porêm, tivermos de proseguir na Guerra de Trincheira, a natureza especial desta modalidade da Guerra e as circunstancias em que nós, portugueses, a temos de realisar, alguma coisa de interessante me permitirão oferecer-vos.

Num caso ou noutro, porêm, se outro valôr não tiverem os meus arrazoados, eles servirão para, como português, poder ter o orgulho de evidenciar qual tenha sido o esforço dêsses bravos que, ha mais de um ano, veem combatendo em França ao lado dos aliados, bem como do enorme sacrificio que, para Portugal, esse esforço representa, esforço e sacrificio que só bem poderá avaliar quem, dia a dia, desde o seu inicio, tenha acompanhado as mil vicissitudes e as

inumeras dificuldades de toda a espécie com que o C. E. P. tem lutado, quer em França quer no País.

Para os meus camaradas do C. E. P., a quem, circunstâncias fortuitas e independentes da minha vontade, me impediram de acompanhar no maior embate que, com o inimigo, até hoje, tivemos de suportar; para o glorioso trôço de soldados portugueses que, ao serviço da Pátria, tão honrosamente veem de regar com o seu sangue o pantânoso solo da Flandres e do Artois; para esse punhado de bravos que, apesar de quasi esgotados pelo extenuante serviço da trincheira durante largos meses, ainda, no seu natural ardôr, encontraram a energia necessaria para, em luta desigual de um contra quatro, retardarem o avanço das aguerridas vagas inimigas, disputando-lhes o terreno palmo a palmo e conseguindo que, na Frente atacada, não fossem nem os primeiros a retirar nem os que mais cederam; para todos esses, emfim, que bem mereceram da Pátria, de envolta com as minhas homenagens e saudações, os veementes desejos de uma proxima e feliz *Desforra*.

Lisbôa — Maio de 1918.

O AUTOR

I

A Guerra de Trincheira

A caracteristica dominante da Guerra Europeia na Frente Ocidental, é a chamada «*Guerra de Trincheira*», guerra parada, guerra em que os combatentes se veem forçados a permanecer meses sucessivos nos mesmos locais, guerra em que, consequentemente, os Exercitos trataram de se entrincheirar, cobrindo centenas de quilometros com obras de fortificação de campanha de toda a especie e dos mais variados modelos.

Se quizermos investigar as razões justificativas duma tal fórma de fazer a guerra, não será dificil descortinar que, a enormidade dos efectivos empenhados, a extensão e multiplicidade das frentes e, ainda, os caracteres psiquicos de alguns dos beligerantes, suficientemente explicam a feição pela guerra tomada na Frente de que nos ocupamos. E porque das causas apontadas só a ultima merece explanação, visto que são quasi intuitivas as duas primeiras, naquela me deterei alguns momentos.

O Imperio Britanico, lançando-se na luta, no cumprimento do dever que lhe incumbia como Estado Garante da neutralidade da Belgica e por necessidade imperiosa da sua vida futura, por abnegação e altruismo ou lutando pela propria existencia, viu, logo no principio, dizimado o seu exercito permanente, reduzido, como é sabido, ás 8 modestas Divisões destinadas ao serviço colonial. Dispondo, porêm,

de inexauriveis recursos ao serviço duma vontade de ferro perante a qual toda a Gran-Bretanha se curvava como encarnando em si a vontade do Imperio, confiando nela como numa Divindade, conseguiu, em poucos meses, começar lançando na fornalha da Europa esses milhares de combatentes conhecidos pela designação de *Exercito de Kitchener*.

É certo que, materialmente, graças á educação do povo inglês, ao seu patriotismo e ao orgulho que lhe dá a consciencia do seu poder, ao Exercito de Kitchener, em breve, não lhe faltavam combatentes, material, munições, subsistencias, transportes e tudo quanto ao poder organisador de um tão grande Chefe, a quem o ouro não escasseava e com êle o primeiro nervo da guerra, se poderia facultar.

Mas estaria, tecnicamente, o Exercito de Kitchener em condições de poder hombrear com os exercitos inimigos?

Evidentemente que num Exercito improvisado, de voluntarios, em cujos quadros, recrutados entre sportmen, por necessidade, se procuravam principalmente qualidades de condutores de homens, não se poderia pensar encontrar um valôr profissional que, sequer de longe, se assemelhasse ao do Exercito com que tinha de defrontar-se e que dispuzera duma larga preparação de cerca de 40 anos.

Assim, aproveitando-se da primeira paragem das operações, após a investida do Marne, o Exercito Britanico, procurando no terreno um acrescimo de potencia ao seu incipiente valôr, tendo necessidade de ganhar tempo para a preparação e recepção de novos contigentes vindos da mãe Patria, lançou mão dos entricheiramentos que largamente usou, tendo-se por tal forma afeito á Guerra de Trincheira que, podemos garantir, ainda hoje esse Exercito pouco conhece da Guerra de Movimento.

E de facto, o Exercito Britanico, creado de improviso para

a guerra actual, tem realisado a sua preparação na propria guerra; os seus instrutores fizeram-se na Guerra de Trincheira e tanto nos comandos superiores como nos comandos subalternos, a percentagem de oficiais de carreira, do antigo exercito permanente, é insignificante.

Assim, pois, não será para estranhar que um Exercito feito para a trincheira e que sempre na trincheira tem combatido, com dificuldade se lançará, por iniciativa propria, na Guerrra de Movimento, tal como nós a consideramos. A ofensiva de Cambray, como lá se dizia, *a ofensiva camouflée*, do General Byng, em fins de Novembro de 1917, que pôs em risco a Linha de Hidenburgo, tão brilhantemente iniciada com os seus *Tanks*, mas que por falta de continuidade de esforços e da conveniente preparação não deu o que se esperava, vem em apoio da minha asserção.

O Exercito Britanico póde, como no momento presente, empurrado pelo inimigo ou impulssionado pelos aliados, entrar na Guerra de Movimento, mas por iniciativa propria, emquanto de tal Guerra não tiver uma maior aprendizagem, dificilmente a ela se aventurará. (1)

Em tudo que venho expondo, porque é a expressão da verdade, ninguem o queira interpretar como uma sombra sequer de menos cortez referencia ao Exercito dos nossos aliados, pois ninguem mais do que eu que, em 1914 assisti á organisação e preparação do Exercito inglês e que, lado a

---

(1) O estabelecimento da unidade de Comando, já adoptada depois de escritas estas paginas, permitindo a infiltração de Grandes Unidades dé qualquer dos Exercitos Aliados em qualquer sector da Frente Ocidental, veio, estamos certos, favoravelmente modificar este estado de coisas, contribuindo, ainda, por esta forma, para o exito final que todos ambicionamos.

lado, com êsse Exercito convivi, durante 14 meses, na Frente Portuguêsa, lhe presta a devida homenagem não sabendo que mais admirar, se a sua tenacidade, método e disciplina, se o grande esforço desenvolvido por essa grande Nação que, em 3 anos, organisou e adestrou um Exercito de cerca de 6 milhões de combatentes, dotando-o com o material e impedimenta de toda a especie, em quantidade mais do que suficiente, e elevando a produção deste mesmo material a ponto de ainda o fornecer largamente aos aliados, sem prejuizo das reservas proprias.

A Gran-Bretanha e os seus subditos tem feito tudo quanto lhes tem sido possivel, podemos mesmo afirmar, mais do que ninguem seria capaz de fazer; o que, porêm, lhe não era facil realisar, era o improvisamento, em 3 anos, dum Exercito já aguerrido e apto para todas as eventualidades.

Do nobre, do capitalista, do industrial, do comerciante, do operario, fez combatentes metodicos, presistentes e valorosos; creou o soldado da trincheira, não podia improvisar um Exercito para a manobra.

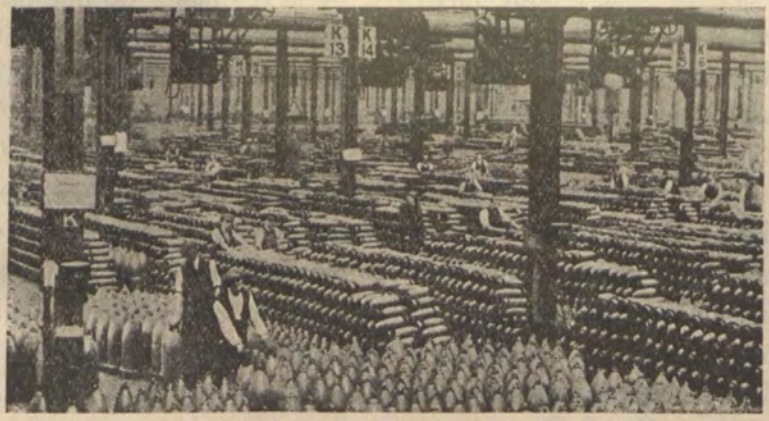
No seu interessante livro, «*A Batalha do Somme*» de que uma edição em português foi profusamente distribuida pelo «C. E. P.» John Buchan, versando o assunto que vimos de abordar diz:

«Alijando-se de todas as suas arreigadas teorias e previsões creou, (a Inglaterra, entende-se) de uma sociedade que havia cem anos não fôra chamada a fazer um grande esforço comum contra o inimigo, duma sociedade altamente diferenciada e industrialisada, duma sociedade que vivia do seu comercio maritimo e que, por isso, ao contrario de outros paizes, não se havia podido dedicar exclusivamente a

preparativos militares, um Exercito na maior escala, e creou-o quasi do nada. Teve que improvisar, oficiais e estado maior, serviços auxiliares, munições, tudo em fim, e teve que o fazer defrontando-se com um inimigo já completamente preparado».

E mais adeante:

«As munições tinham aumentado com o numero de homens. Quem tivesse estado em Ypres, em Abril e Maio de 1915, teria visto os canhões alemães castigando as nossas



Deposito de munições numa Fabrica em Inglaterra

linhas todo o dia e recebendo, apenas, fracas e intermitentes respostas. Porêm, em Setembro, em Loos, já as condições haviam melhorado e conseguimos mostrar que tambem podiamos manter um intenso bombardeamento. Mas, nessa época, o nosso equipamento apenas chegava para esforços espasmodicos e não para o fogo aturado e continuo, necessario para a destruição das defesas do inimigo. As coisas tornaram-se muito diferentes em Junho de 1916 (Batalha do Somme). Em toda a extensa linha inglesa haviam bocas de fogo de artilharia pesada de todos os calibres, inumeros ca-

nhões de campanha e grande quantidade de morteiros de trincheira. As grandes pilhas de munições, constantemente esgotadas e constantemente renovadas de bases afastadas, mostravam que havia provisões, e de sobra, para esta massa de artilharia, e, nas fabricas e depositos do País, as reservas iam constantemente aumentando. A Inglaterra estava fabricando e dando saída, todas as semanas, a uma quantidade equivalente á provisão total de munições para serviço terrestre que ela possuia ao rebentar a Guerra. A produção de explosivos de grande força era 66 vezes maior do que havia sido no principio de 1915. A produção mensal de artilharia de grosso calibre era 6 vezes maior que a do ano precedente e a de metralhadoras 14 vezes maior».

A adopção da Guerra de Trincheira e a natural escassez dos meios de transporte, nos primeiros tempos, levou á permanencia das unidades nos sectores em que primitivamente se tinham instalado, fornecendo, assim, um propicio meio para o desenvolvimento dos habitos de conforto e comodidade a que, na mãe Patria, estavam afeitos os sprtmen e gentlemen que constituiam a grande massa das primeiras Divisões. Todos procuraram, pois, *acochar-se*, e as qualidades de manobra, longe de se desenvolverem, paralisaram. Devemos, porêm, acrescentar que do mesmo mal enfermaram as Divisões alemãs, e, assim, quando da 1.ª Batalha do Somme, em Julho de 1916, uma testemunha inglesa descreve-nos o seguinte (John Buchan, «A Batalha do Somme» 1.º volume):

«Mas o mais extraordinario eram os abrigos subterraneos. Havia um, em Fricourt, com 9 dormitorios e 5 aberturas de saída; tinha portas de ferro, cortinas contra os gazes, linoleo no chão, paredes forradas a papel, decoradas

com quadros e ostentando um bom quarto de banho, iluminação e campainhas electricas. Os oficiais que o ocupavam devem ter vivido luxuosamente. Muitos destes subterraneos tinham 2 andares, uma escada de 30 pés, elegantemente enfeitada, dava para o 1.º andar e uma segunda escada do mesmo comprimento para o andar inferior».

Mais tarde, para atenuar esta causa impeditiva do progresso profissional, quando os meios de transporte apareceram em quantidade, quando as unidades foram dotadas com o preciso numero de camions de carga, auto-buss para o transporte de pessoal e outras viaturas, iniciou-se o sistema de fazer render, em prasos curtos, as Divisões umas pelas outras, deslocando-as de continuo, dum para outro ponto da Frente ou para descanço á retaguarda, procurando-se, com tais deslocamentos, obter o habito da mobilidade, indispensavel preparatorio para a Guerra de Movimento.

Esboçam-se as ofensivas de Ypres e do Somme e, por momentos, parece que se vai entrar a fundo na Guerra em Campo Aberto. Falta, porêm, ainda, a necessaria preparação.

Não ha ainda unidade de Comando na Frente Ocidental, não ha tambem a conveniente organisação dos serviços de retaguarda para largos vôos, não pode haver manobra estrategica.

O habito de combater em regiões planas faz considerar como obstaculos quasi insuperaveis, fracas colinas de 60 ou 80 metros de cota. Assim, antes de se atacarem procura-se destrui-las. Trabalha-se pacientemente, durante meses, na prefuração de galerias de mina, onde, como em Vimy e Ypres, se fazem detonar milhares de toneladas de explosivos. Realisam-se os pesados bombardeamentos de 72 horas ininterruptas de duração e só depois de, pelas mi-

nas e pelos bombardeamentos, se ter aberto a brecha e se terem esboroado essas colinas, se inicia o avanço.

Passa-se, conquista-se, o almejado objectivo, mas como para o conseguir se removeu todo o solo e se arrazaram as estradas, os serviços da retaguarda executam-se morosamente e quasi paralisam. Os camions e viaturas hipomoveis não podem avançar, só se utilisam os transportes a dorso. A ofensiva pára e só poderá proseguir, quando novas estradas tenham sido abertas ou quando se tenha conseguido reparar as que se destruiram.

Fez-se o que eu chamarei a pseudo guerra de movimento, mas, na realidade, não se realisou mais do que um episódio da Guerra de Trincheira.

Para se ficar fazendo uma ideia do que tenham sido esses fenomenais trabalhos de mina e esses gigantescos bombardeamentos, apresentarei, ainda, algumas passagens do já citado livro de John Buchan.

Referindo-se ao bombardeamento que precedeu a batalha do Somme e que se prolongou de 15 de Junho a 1 de Julho de 1916, com extraordinaria intensidade nos ultimos 5 dias, numa frente de 25 milhas (cêrca de 46 quilómetros), diz aquêle autor:

«O total das munições dispendidas, quer de pequeno ou médio calibre, durante essa semana de bombardeamento, excedeu o total produzido em Inglaterra durante os primeiros 11 meses da Guerra, ao passo que as munições de grosso calibre, produzidas em igual periodo, não teriam bastado para o consumo dos nossos canhões durante um dia».

Referindo-se aos trabalhos de mina executados na mesma batalha, diz Buchan:

«Em Beaumont-Hamel tinhamos construido uma mina, a maior conhecida na Campanha. A's 7 horas e 30 minutos foram pelo ar hectares de terreno e os nossos homens avançaram á sombra de uma nuvem de poeira que transformou a manhã em crepusculo. A camara da mina, disse um sargento, depois, ao descrevê-la, era tão grande como uma sala de cinematografo, e a galería de um enorme comprimento. Levou-nos 7 meses a escavar, sob a direcção de alguns mineiros peritos de Lancanshire. Em 1 .de Julho, quando rebentou, foi um espectaculo que nunca me ha-de esquecer. Metade da aldeia foi pelos ares. Via-se o ceu coberto de objectos — carros, rodas, cavalos, latas, caixas e... alemães. Foram 7 meses bem empregados com semelhante mina.

Creio bem que ainda hoje ha coisas a cahirem».

II

Ideia Sumaria da Organisação do C. E. P. em França

São decorridos 3 meses após a minha partida de França, no goso de licença de campanha. Neste periodo de tempo, como de todos é sabido, factos graves têem ocorrido no teátro da Guerra, que, certamente, deverão ter influido na organisação do C. E. P. No entanto, suponho, as alterações porventura realisadas não terão atingido a organisação divisionaria, da qual, para facil compreensão do que nestas paginas se contêm, vou procurar dar os indispensaveis topicos, dentro do que a reserva propria da natureza do assunto me permite publicar.

Qualquer das Divisões do C. E. P. era constituida por:

A) — Um Quartel General de Divisão;

B) — Tropas:

a) — *Infantaria*, englobando-se nesta arma as batarias de Metralhadoras Pesadas e as dos Morteiros Ligeiros de Trincheira (Stocks);

b) — *Artilharia*, englobando as batarias dos Morteiros de Trincheira, Medios e Pesados;

c) — *Engenharia*, abrangendo os Telegrafistas de Campanha e as companhias de Pioneiros, estas organisadas á custa dos pelotões de sapadores

dos Batalhões de infantaria com os quais se constituiram agrupamentos técnicamente subordinados aos Comandos de Engenharia das Divisões;

C) — Serviços:

a) — *Artilharia*, compreendendo os Depositos de Munições e as Oficinas de Reparações;
b) — *Engenharia*, com os seus Depositos de Material;
c) — *Saude*, com as Ambulancias de Campanha e as Colunas de Transporte de Feridos, automoveis e hipomoveis;
d) — *Veterinario*, dispondo de uma Secção Movel que funcionava como grande Enfermaria e Depósito de Solipedes Convalescentes;
e) — *Administração Militar*, no qual, normalmente, se englobavam os serviços de Transportes a cargo do Trem Divisionario (hipomovel).

Como Unidades e Formações não indivisionadas dispunha, ainda, o C. E. P. de:

A) — *Engenharia:* Mineiros, Projectores de Campanha, Telegrafistas de Campanha e Sem Fios, Sapadores e Trem (automovel);
B) — *Artilharia:* Depositos de Material, Oficinas e Sub-Parque de Munições (automovel);
C) — *Cavalaria:* Depósito de Remonta;
D) — *Infantaria*: Companhias de Ciclistas e Depositos de Pessoal na Base;

E) — *Serviço de Saude:* Hospitais de Sangue, Hospitais na Base, Secção de Higiéne e Bacteriologia, Depositos de Convalescentes, Colunas de Transporte de Feridos (automoveis);

F) — *Serviços Administrativos:* Lavandarias, Oficinas de Beneficiação de Fardamentos, Depositos de Fardamentos, de Expediente e Impressos, e de Bagagens, e uma Cantina (central); tudo nas Bases.

G) — *Serviço de Transportes:* Grupos de Camions;

H) — *Escolas:* De Gazes, Metralhadoras Ligeiras, Metralhadoras Pesadas, Morteiros de Trincheira, Sinaleiros, Tiro, Observação e Patrulhas e Preparatorias de Oficiais Milicianos;

I) — *Diversos Serviços:* De Expedição de Bagagens e Registro de Perdas, De Salvados, Oficinas de Reparação de Aparelhos Anti-Gaz, etc.

Indicadas as Unidades, Formações e Serviços que organicamente constituiam o C. E. P., passemos a examinar, um pouco mais promenorisadamente, a constituição intima de cada um deles.

Duma maneira geral ficará esclarecido, desde já, que em todas as unidades: Brigadas, Batalhões, Grupos, Companhias e Batarias, se reconheceu indispensavel estabetecer os Segundos Comandos, com o fim de aliviar o Comandante das questões de instrução, administração, disciplina, expediente, etc.

Não se afigure, que o facto de se dotarem as unidades referidas com um 2.° Comandante, represente um desnecessario luxo e desperdicio de oficiais, longe disso; a experiencia, que aconselhára uma tal medida aos nossos aliados, veio

igualmente impô-la ao C. E. P., logo após a entrada nas trincheiras das nossas primeiras unidades.

Com efeito, o trabalho de expediente, administração e disciplina, só por si, absorvem o Comando em tempo de paz e, apesar de se apregoar que em campanha todos estes trabalhos devem ser reduzidos ao minimo indispensavel, o facto é que esse minimo, na trincheira, é superior ao maximo, aqui em Portugal. A papelada não se reduziu, antes pelo contrario, e embora se possa supôr que o espirito prático dos ingleses a aligeirou, o certo é, como o podem asseverar todos quantos têem feito parte do C. E. P. em França, os nossos aliados ainda a desenvolveram.

Assim, pois, encorporados no Exército Britanico; mantendo com êle contínuas relações, quer de ordem tática, quer administrativa; por seu intermedio recebendo os abastecimentos de toda a espécie, tivemos de juntar aos nossos papeis, que já não eram poucos, todos aqueles, á inglesa, que essas relações impuzeram.

E não se julgue que o acrescimo de trabalho a que um tal estado de coisas deu logar, não descia álem dos Quarteis Generais. Estes, fatalmente, tinham de solicitar de todas as unidades os elementos indispensaveis para a confecção das dezenas de mapas, relatorios, boletins, requisições, etc., que lhes eram pedidos, em prasos fixos e a horas certas.

Dada a falta de pessoal habilitado (amanuenses), em quantidade e qualidade, e o nosso feitio *do fica para logo*, em contraposição com os magnificos auxiliares e habitos de rigida pontualidade dos subditos da velha Albion, compreende-se, sem custo, não ter sido demasiado colocar ao lado do Comandante um 2.º Comandante que fiscalisasse todos estes serviços deixando aquele liberto de tais preocupações para se poder dedicar inteiramente ás questões de ordem tática,

as da maxima responsabilidade em campanha. Apesar de tudo, porêm, podemos afirmar que a *guerra dos papeis* não é menos extenuante do que a *guerra contra o boche*.

Brigadas de infantaria

Forçados a adaptarmos a nossa organisação á do Exercito Britanico, tivemos de dissolver os nossos Regimentos e, em seu logar, crear as Brigadas de Infantaria, á inglesa, agrupando os Batalhões, tanto quanto possivel, pelas afinidades regionais, o que lhes deu um certo espirito de Corpo. Assim apareceram as Brigadas: do Minho (inf.ª n.º 3, 8, 10 e 29), de Lisbôa (inf.ª n.º 1, 2, 5 e 11), etc., a primeira das quais logo creou merecido renome e foi, certamente uma das que mais sofreu no ultimo embate do inimigo, pois se achava guarnecendo o sector de Lavantie (9 de abril de 1918).

O Quartel General de cada Brigada de Infantaria dispunha, alem do Comandante e 2.º Comandante, dos seguintes oficiais:

a) — *Um Ajudante de Brigada*, oficial de infantaria desempenhando, em parte, as funções de Chefe do Estado Maior da Brigada, centralisando e coligindo informações, redigindo as Ordens de Operações e Relatorios, escriturando o Diario de Campanha, os Mapas da Força, etc.

b) — *Um primeiro Adjunto*, oficial de infantaria desempenhando, em parte, as funções de Chefe da Repartição dos Serviços, redigindo as Ordens de Serviço, a correspondencia geral, e tratando dos assuntos referentes á disciplina, justiça, recompensas, estado civil, etc..

c) — *Um Segundo Adjunto*, oficial de infantaria especialisado em granadas e gazes, tendo a seu cargo tudo quanto interessa ao serviço anti-gaz e ocupando-se, ainda, das questões referentes a munições, material, aprovisionamentos, etc., nas suas relações com os diversos Chefes de Serviço das Brigadas.

d) — *Um oficial de Sinaleiros*, oficial de infantaria especialisado, ocupando-se das ligações telegraficas e telefonicas, posto de correspondencia, etc., tecnicamente subordinado ao Chefe do Serviço Telegrafico da Divisão.

e) — *Um oficial Porta-Bandeira*, acumulando as funções de ajudante de Campo do Comandante da Brigada com as de Comandante do Quartel General.

f) — *Um Chefe do Serviço de Saude.*

g) — *Um Chefe do Serviço Veterinario.*

h) — *Um Chefe dos Serviços Administrativos*, desempenhando cumulativamente as funções de tesoureiro e secretario do Conselho Administrativo da Brigada.

i) — *Um oficial de Equipagens*, do quadro auxiliar de artilharia, a quem, conjuntamente com a fiscalisação do estado de conservação das viaturas, incumbia auxiliar o 2.º adjunto na escrituração e arrecadação de todo o material (cargas).

j) — *Chefe e Adjuntos do Serviço Postal.*

Para terminarmos o que de interessante resta dizer sobre as Brigadas de Infantaria, acrescentaremos, ainda, que lhes estavam afectas Batarias de Morteiros Ligeiros, as quais, porêm, porque se supozesse que, do seu emprego, maiores vantagens se tiraria, colocando-as, como as Batarias de Morteiros Pesados e Medios, sob a superintendencia tecnica

e tatica de um unico Comando, se estava, ultimamente, estudando a possibilidade da sua incorporação na artilharia divisionaria.

Batalhões

Em cada Batalhão de infantaria havia, tambem, um pequeno Quartel General, contando, alem do Comandante e 2.° Comandante, os seguintes oficiais subalternos:

a) — *Um ajudante.*
b) — *Um Oficial de Metralhadoras Ligeiras;*
c) — *Um Oficial especialisado em gazes e granadas*, a quem incumbia fiscalisar o serviço anti-gaz e o de munições;
d) — *Um oficial de Sinaleiros;*
e) — *Um Oficial de Observadores* (Oficial de inteligencia), tendo a seu cargo o serviço de observação e informações, para o que dispunha do pessoal de «*snippers*», observadores e patrulheiros;
f) — *Um oficial de Sapadores;*
g) — *Um Provisor;*
h) — *Um Chefe do Serviço de Saude.*

Pelo que exposto fica, facilmente se infere a organisação dos Quarteis Generais dos Grupos de batarias, que nos abstemos de apresentar para não fatigar em demasia o leitor, o que, aliás, não tem inconveniente de maior, pois na sua essencia pouco diferem daqueles cujo esquema fica apresentado.

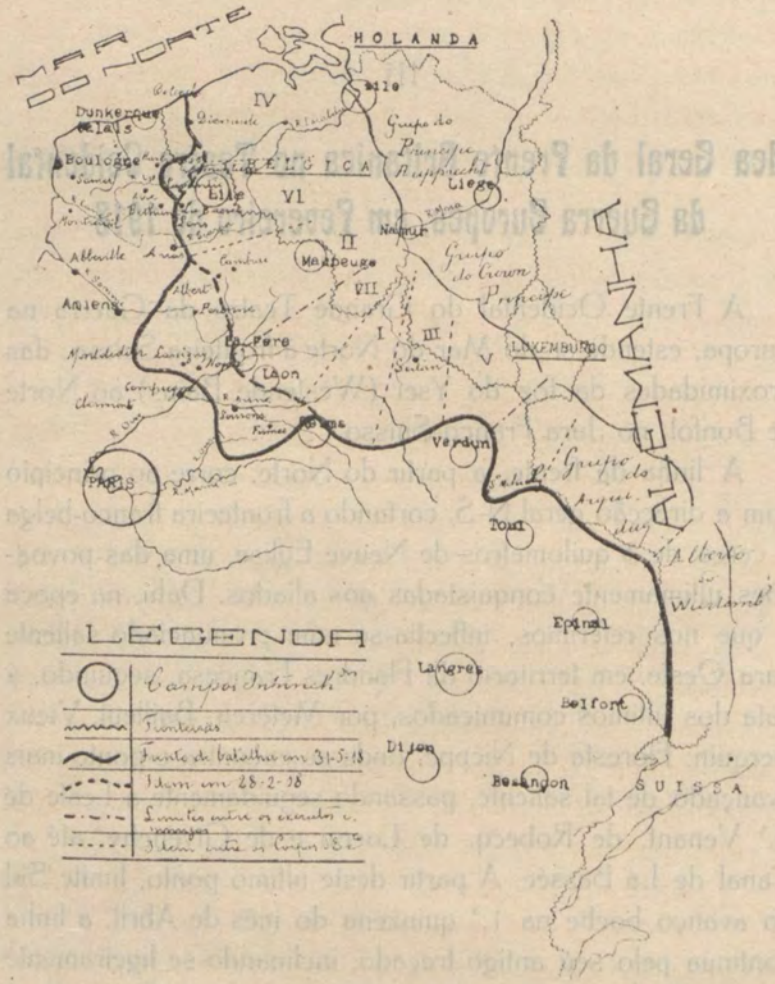
III

Idea Geral da Frente Britanica no Teatro Ocidental da Guerra Europea, em Fevereiro de 1918

A Frente Ocidental do Grande Teatro da Guerra na Europa, estende-se do Mar do Norte à fronteira Suissa; das proximidades da foz do Yser (Westende Bains) ao Norte de Bonfol, no Jura Franco-Suisso.

A linha da frente, a partir do Norte, corre ao principio com a direcção geral N-S, cortando a fronteeira franco-belga a cerca de 3 quilometros de Neuve Eglise, uma das povoações ultimamente conquistadas aos aliados. Dahi, na epoca a que nos referimos, inflectia-se num pronunciado saliente para Oeste, em territorio da Flandres Francesa, seguindo, á data dos ultimos comunicados, por Meteren, Bailleul, Vieux Berquin, Floresta de Nieppe, onde se encontra o ponto mais avançado de tal saliente, passando seguidamente a Leste de S.t Venant, de Robecq, de Locon e de Givenchy, até ao Canal de La Bassée. A partir deste ultimo ponto, limite Sul do avanço boche na 1.ª quinzena do mês de Abril, a linha continúa pelo seu antigo traçado, inclinando-se ligeiramente para S. S. E., de Lens a Croisilles.

É a partir de Croisilles que em Março p. p. a linha sofreu uma nova e importante alteração com a ultima grande ofensiva do Somme, realisada pelos alemães e que, visando Amiens, conseguiu crear naquela direcção um perigoso sa-



A Frente Ocidental em Abril de 1918

liente por Bapaume, Albert, Moreuil e Montdidier, donde, por Lassigny e Noyon, segue o vale do Oise, para Leste, até ás proximidades de La Fére. De La Fére volta a frente Ocidental pelo seu antigo traçado formando o esquadro, em saliente, La Fére-Nanteuil-Craonne, e mais adeante, depois de passar a Leste de Reims, o não menos pronunciado reentrante, tambem em esquadro, Reims-Verdun-S.t Mihiel.

Seguidamente, em arco de circulo, a frente de batalha passando proximo de Thiancourt, fére ligeiramente a Lorena em Chateau-Salins e, voltando ao territorio francês, por Blamond e S.t Dié, entra agora mais profundamente em territorio inimigo, na Alsacia, dirigindo-se por Munster e Leste de Thaan á fronteira Suissa ao Norte de Bonfol.

O desenvolvimento de tão extensa linha excede já 700 quilometros, contando com o acrescimo de cerca de 80 quilometros que representa o aumento de frente devido aos ultimos avanços na Flandres no Artois e na Picardia. Isto é, a extensão total da frente de batalha no lado Ocidental representa vez e meia a maior extensão de Portugal, de Melgaço ao cabo de S.ta Maria.

Quando deixei a Flandres, as forças alemãs que guarneciam a frente Ocidental somavam um total de 150 divisões agrupadas em 3 Grupos de Exercitos repectivamente sob o comando superior dos:

Crown Prince Rupprecht, da Baviera. — Exercito da Direita;

Crown Prince da Prussia, — Exercito do Centro;

Duque Alberto, do Wurttemberg — Exercito da Esquerda.

As zonas afectas a cada um destes Grupos, bem como a distribuição das suas divisões, encontra-se no quadro junto:

Grupos de Exércitos	Exércitos	Divisões			Observações
		Na linha	Em reserva	Total	
Do Principe Rupprecht	IV	18	12	30	Do Mar do Norte ao vale do «Oise».
	VI	13	—	13	
	II	19	13	32	
Soma . .	—	50	35	75	
Do Principe da Prussia	VII	12	3	15	Do vale do Oise ao planalto de «Woevre».
	I	9	2	11	
	III	9	3	12	
	V	11	5	16	
Soma . .	—	41	13	54	
Do Duque de Wurttemberg	C	9	1	10	Destacamentos na Lorena e Alsacia até á â Suissa
	A	7	2	9	
	B	7	3	10	
Soma . .	—	23	6	29	
Total . .	—	114	44	158	Não localisada. Em marcha da frente Russa para a Ocidental.
			1		
				4	
Total Geral .	—	114	45	163	

Dadas estas indicações sobre a generalidade da Frente passemos a ocuparmo-nos da fracção dela que mais nos interessa, isto é da *Frente Britanica*.

Abrangia ela cerca de 230 quilometros da Frente total descrita, de Dixmude ao Oise, guarnecida com cerca de 80 Divisões, agrupadas em 5 Exercitos todos sob o Comando superior do Marechal Sir Douglas Haig.

Á esquerda de Dixmude estende-se a Frente Belga; á direita do Oise os franceses de Fayol.

A zona de acção do Exercito Britanico abrangia uma

superficie de cerca de 10:000 quilometros quadrados, aproximadamente a oitava parte do Continente Português, estendendo-se para Oeste até á costa, do Mar do Norte á embocadura do Somme. Em todo este pedaço do territorio francês a administração inglesa tem alastrado a sua acção e realisado contratos de arrendamento de terrenos para o desenvolvimento da rêde ferrea, construção de Depositos e Fabricas, etc., por prasos de 30 e 50 anos.

A zona de ocupação Britanica, chamemos-lhe assim, abrangendo os departamentos do Norte, Pas de Calais, Some, Oise, Aisne e Sena Inferior, no Artois e Picardia, apresenta-se, em geral, plana e tanto mais baixa quanto mais se aproxima da frente de combate. Cortada por numerosos canais e cursos de agua, entre os quais merecem especial menção os Canais do Aire, do Lys e de La Bassée, e os cursos de agua do Yser, do Lys e do Scarpa tributarios do Escalda, do Somme com os seus afluentes o Ancre, o Cologne e outros; sulcada de drenos em todas as direções, apresenta os caracteristicos das terras baixas, alagadas e pantanosas.

Ao longo da costa, principalmente de Etaples a Ambleteuse, bem como ao lado das grandes estradas Nacionais francesas, nos centros importantes da zona da retaguarda, numerosos hospitais, magnificamente instalados, se encontram escalonados.

Rouen, Abbeville, Boulogne e Calais, são, pela sua privilegiada situação como nós de comunicações, as localidades de maior importancia militar na zona da retaguarda; assim como S.t Omer, S.t Pol, Doulens e Amiens, no centro da zona de ocupação, e Ypres, Harzebrouck, Bethune e Arras, logo atraz da linha da frente, pela sua importancia estrategica nos caminhos para Dunquerque, Calais e Amiens

e pela impressão moral que produziria a sua queda em poder do inimigo, são pontos de capital importancia a considerar.

De toda a zona Britanica referida, a que mais nos interessa considerar, é aquela então afecta á grande Unidade em que o C. E. P. se acha encorporado. A esta Unidade do Comando do General H. . .., oficial que pouco ultrapassará os 50 anos, de trato afavel mas energico e disciplinador, incumbe a defeza da frente compreendida entre Armentières (inclusivé) e Gavrelle (exclusivé), numa extensão de cerca de 55 quilometros. Em Fevereiro do corrente ano dispunha este Exercito de 12 Divisões (84:000 homens aproximadamente) que se defrontavam com 8 Divisões allemãs do VI Exercito do Grupo de Exercitos do Crown Principe Rupprecht (56:000 homens, aproximadamente).

Atualmente, por certo, ambos os beligerantes teem alterado a distribuição das suas forças na zona a que nos referimos, pois as necessidades da acção em que, nesta parte da frente, veem empenhados, levou uns e outros a importantes reforçamentos de efectivos.

De resto, no exercito Britanico como no Alemão, o numero de Divisões que constituem um determinado agrupamento superior, bem como o numero destes agrupamentos nos Exercitos, varia de continuo, segundo as necessidades da situação tática. O que em ambos apresenta um relativo caracter de permanencia, são os Quarteis Generais de Exercito e Corpos de Exercito que permanecem os mesmos, emquanto a sua resistencia fisica o permite, embora vejam acrescido ou diminuido o numero de unidades que os compõem.

IV

O sector Português

Dentro da zona Britanica, a parte confiada ao C. E. P. apresentava os limites indicados no croquis junto.

A leste, a porção da frente de trincheiras entre New Bond Street, um pouco a Norte de Picantin, e a Schetland Road, um pouco a Sul de Quinque Rue; ao Norte uma linha que do extremo Norte da nossa frente se dirigia á ponte no Canal proximo de Estaires, na estrada para Armentières, seguindo depois encostada á margem Sul do Lys até proximo de Merville donde se infletia para SO pela linha ferrea de S.t Venant, na margem N. da ribeira de Clarence, afluente da anterior. Nas proximidades de Calonne sur la Lys, o limite Norte da zona do C. E. P. voltava para NO até encontrar o Canal de La Lys que abandonava ao S. de Haversquerque para, numa curva caprichosa que por Oeste limitava a nossa zona, se vir encostar ao Canal do Aire no ponto em que a linha ferrea Merville-S.t Venant-Berguette o atravessa.

A partir deste ultimo ponto o limite S. da zona seguia junto á margem N. do Canal do Aire, abrindo um chanfro em arco de circulo para que ficasse de fóra o importante centro de acantonamentos de Robecq, e continuava pelo Canal de de La Bassée até á ponte em que a estrada de Hinges o atravessa. Um segundo chanfro, analogo ao já citado e vi-

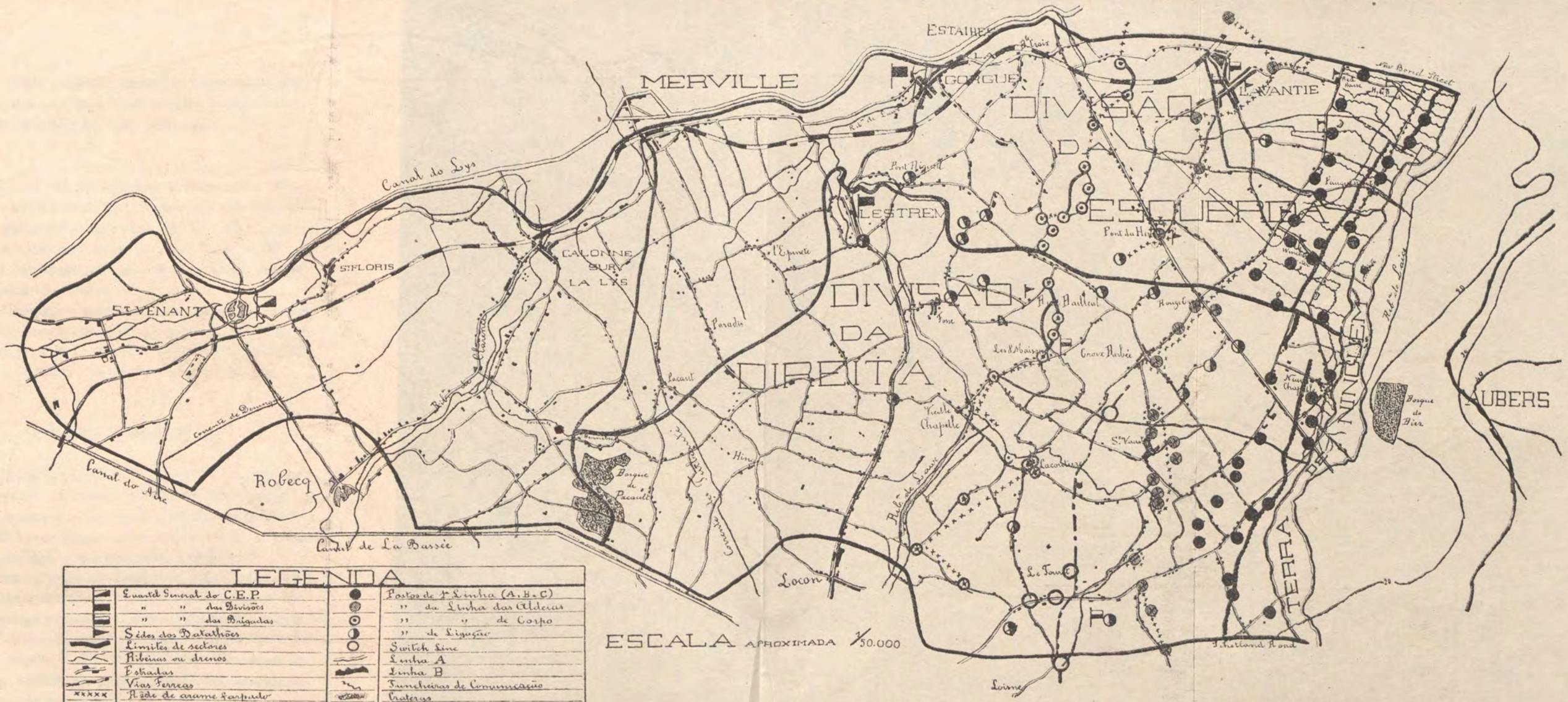
sando a deixar de fóra a povoação de Locon, aqui se iniciava e se estendia até Les Glatignies, donde, quasi em linha recta, se ia ligar ao extremo Sul da nossa frente.

Pelo exame do respectivo croquis facilmente se conclue que, quer táticamente quer administrativamente, a situação do C. E. P. não era das mais desafogadas, como passamos a salientar:

Entalado a N. e a S. entre dois importantes Canais que caminhavam um para o outro á medida que para Oeste se dirigiam, e que embora dotados de algumas pontes, estas, todas referenciadas pela artilharia alemã, de supôr seria fossem por ela destruidas quando os boches projectassem um ataque de maior envergadura, a retirada do C. E. P., em caso de emergencia, estava muito dificultada senão comprometida.

Este facto é tanto mais para salientar quanto é certo que, não sendo natural que o inimigo avisasse do momento em que decidisse lançar o ataque, a intensa barragem de artilharia que, usualmente, precede estas operações, incidindo sobre todas as comunicações á retaguarda, surpreenderia o movimento dos trens, e as evacuações dos Depositos de Material e Subsistencias. Estes, que a natureza da Guerra de Trincheira e a necessidade de evitar excessivas fadigas, tinham permitido e aconselhado fossem estabelecidos muito á frente, embaraçariam todo o transito, tornando egualmente dificil e desordenada a retirada das forças e a entrada das Reservas do Exercito.

Estas circunstancias, juntas a outras que no decorrer destas paginas terei ocasião de apontar, explicam o desastre ultimamente sofrido, derivado principalmente, da situação local em que nos encontrámos e que o esforço e valor do soldado português não poude evitar, como o não evitaria



C. E. P. França — O Sector Português em Fevereiro de 1918

o de qualquer outro exercito, porventura mais aguerrido e mais treinado, mas que, não creio, pudesse ter excedido os nossos na luta desegual que tão heroicamente tiveram de sustentar.

A area do C. E. P., para efeitos de ocupação e defesa, estava dividida em 3 Zonas; á frente as zonas das Divisões, uma ao lado da outra e separadas da Zona de Corpo, á sua retaguarda, por uma linha que, de Norte a Sul, de Grand Pacaut, se dirigia ao Canal de La Bassée nas imediações do Bosque de Pacaut.

A Frente Portuguesa que, assim, acabamos de limitar, apresentava um desenvolvimento de cerca de 10 quilometros dos quais um pouco mais de 5 pertenciam á Divisão da direita (. . . Divisão) e os restantes á da esquerda (. . . Divisão).

As nossas Trincheiras

O terreno cuja defesa estava a cargo das Divisões, era sensivelmente plano, descendo suavemente para a Ribeira de Laies que atravessa *a Terra do Ninguem* na altura de Neuve Chapelle, para seguir pela retaguarda da 1.ª linha de trincheiras inimigas e paralelamente a elas.

Terras baixas e argilosas, com uma ligeira camada de solo aravel, a agua aparece a 50 ou 60 centimetros de profundidade. Consequentemente, os drenos crusam-se em todas as direcções e, derivando para os Canais e Ribeiras, quando, na época do degelo e das chuvas, estas vias aquaticas transbordam ou elevam um pouco o nivel das suas aguas, produzem-se inundações gerais.

Por estes motivos as nossas trincheiras eram quasi to-

talmente construidas em relevo, com sacos de terra. A parte escavada não ia alem de 60 centimetros.

No inverno — e na Flandres e Artois é quasi a unica estação conhecida — a lama, essa especie de vasa acinzentada da região, atinge, nas estradas e caminhos, espessuras de 40 e 50 centimetros, e nas trincheiras, com o solo de continuo removido pelos bombardeamentos, a agua e lama passa para cima dos joelhos. Em tais condições só nas trincheiras se pode permanecer ou transitar fazendo uso das *gum-boots*, botas altas de caoutchouc que sobem até aos quadris e que em volta deles se fixam com fitas.

Só quem o tenha presenceado pode bem fazer idea do que seja a vida da trincheira nesta região, no inverno.

Parapeitos construidos com sacos de terra que alem de serem de continuo removidos pelos projecteis de artilharia e morteiros de trincheira inimigos, são tambem em grande parte destruidos pela chuva que se encarrega de os desfazer transformando-os em verdadeiros sacos de café por onde se côa a lama com que, á falta de terra seca, tiveram de ser cheios; abrigos para pessoal e munições cujos esqueletos, em geral de madeira, com prumos e escoras cravados em solo desta natureza, aluem e se desmoronam inteiros; poucos abrigos em cimento armado, verdadeiras cisternas cujo esgotamento por bombas manuais se impunha quasi de hora a hora, submarinos da trincheira, como lá o nosso soldado os crismava tais eram as defezas e resguardos dos nossos soldados na Frente.

A todas estas circunstancias, que só por si tornariam extenuante a permanencia nas trincheiras, junte-se o peso das responsabilidades da defeza, a ação enervante do continuo estralejar das metralhadoras, o sibilar dos projecteis da artilharia, o atroadôr ribombar das bombas dos morteiros

pesados, o cantado assobio dos morteiros medios e ligeiros e das granadas de espingarda, e sem custo se compreenderá a tensão de espirito a que estão sujeitas as tropas de serviço nas trincheiras e qual deverá ser a fibra dessas tropas, em geral, e em especial das de infantaria, para resistirem a este meio de desconforto e de permanente perigo, sob a ameaça continua dos bombardeamentos e raids inimigos, tendo os boches tão proximos que se ouviam falar, forçados a passarem as noites vigilantes, de pé junto dos parapeitos, enregelados e envolvidos na agua que do solo lhes subia ao tronco e da atmosfera lhes escorria pelos hombros.

As trinheiras inimigas

Mas . . . prosigamos na descrição que do terreno vinhamos fazendo.

As trincheiras inimigas desenvolviam-se quasi paralelamente ás nossas e a uma distancia variavel entre 80 metros, nos pontos mais proximos e 250 metros nos mais afastados. Por excepção, na cratera do Duck's Bill, por nós ocupada como posto avançado na Terra do Ninguem, a distancia ás crateras fronteiras, em poder dos alemães, não excedia 20 metros.

Uma serie de linhas defensivas, escalonadas em profundidade e ligando-se entre si por uma desenvolvida rêde de trincheiras de comunicação, se estendia ao longo da encosta que, em declive suave, sóbe até á linha Pommereau-Aubers-Fromelles, pequena cumeada de 30 a 40 metros de cota que constitue já as primeiras defezas avançadas de Lille.

Circunstancia notavel: o terreno ocupado pelo inimigo na frente do sector português, era propriedade dum nosso compatriota de apelido Sousa que as contigencias da vida

tinham arremessado para o territorio da Flandres. Os nomes portugueses que os alemães conservaram e ainda se ostentavam nas cartas das trincheiras, dados a antigos caminhos de tão vasta propriedade, certamente em homenagem a pessoas de familia, assim o atestam. As designações de: Sousa -house, Anna-Switch, Bertha-trench, Clara's-Trench, Eva-Trench, etc., porque tais trincheiras eram conhecidas, confirmam o exposto.

O sistema de trincheiras do inimigo, muito mais cuidado e fortalecido que o nosso, com abrigos de béton, Blockhouses, Ninhos de metralhadoras e desenvolvidas rêdes de arame farpado, dominava, pela sua situação e comandamento, todo o sector português. A sua artilharia podia, pois, sempre que o desejasse, bater com eficacia todas as comunicações á nossa retaguarda, cujos nós importantes e obrigatorios pontos de passagem, bem como todos os nossos mais valiosos pontos de apoio, estavam cuidadosamente referenciados. Deste facto tivemos a confirmação, quando se começou falando duma possivel ofensiva boche pelo nosso sector, em janeiro do corrente ano, data a partir da qual se não passou um só dia quasi, sem que, nos nossos pontos fortes á retaguarda das primeiras linhas, deixassem de caír um ou dois projecteis da artilharia inimiga.

Em frente do centro do nosso sector, defrontando-se com a já historica povoação de Neuve-Chapelle, encontra-se o lendario *bosque do Biez*, cuja arborisação, apesar de desfolhada, ainda servia para ocultar o misterio das suas formidaveis defezas, onde, diz-se, desapareceram os indios duma brigada completa que nos tinha precedido no sector que defendiamos.

Lembra-me, que numa noite (11/12 de Julho de 1917, Ordem de Operações n.º 9 da 1.ª Divisão) durante mais

de meia hora sobre tal bosque fizemos incidir um intenso bombardeamento, em que, alem de toda a artilharia de campanha e pesada do sector, tomou parte uma companhia especial de engenharia inglêsa que, com os morteiros adequados, lançou sobre o objectivo uma apreciavel quantidade de granadas incendiarias e granadas de gazes. Nesta acção cooperaram, como era natural, todos os nossos morteiros de trincheira, metralhadoras e granadeiros de espingarda. Pois na madrugada seguinte, quando de um observatorio procurei avaliar os prejuisos causados, a não ser a amputação de alguns troncos de arvore e o tom amarelado de algumas chamuscadelas, nada mais consegui salientar.

No bosque de Biez, como aliás ao longo de toda a frente de trincheiras inimigas, uma densa rede de linhas Decauville se estende até mesmo junto e logo á retaguarda e ao longo das suas primeiras linhas. Graças a esta medida, não só muito facilitado fica todo o serviço de reabastecimentos nas trincheiras, como tambem lhes permite deslocar rapidamente os seus morteiros de trincheira e outras bocas de fogo especiais, de tiro tenso, de 5^{cm}, dotadas de grande velocidade inicial, (os *Za-Buns*, em calão de soldado) o que, sendo de um grande efeito moral para os nossos, tambem muito dificulta a eficacia das represalias.

É certo que parte das trincheiras das primeiras linhas boches se encontravam quasi totalmente desmoronadas e, por isso mesmo, quasi abandonadas durante o dia, mas tambem é certo que eles as coutinuavam utilisando como linhas de postos avançados, tendo nelas construido, aqui e alem, nos pontos mais adequados ao flanqueamento pelo fogo, abrigos de bétón para postos de metralhadoras.

Em contraposição, as sucessivas linhas de trincheiras á retaguarda, e tanto mais quanto mais proximas da crista Au-

bers-Fromelles, segundo se podia inferir das fotografias dos aeroplanos, encontravam-se magnificamente conservadas e nelas se trabalhava constantemente.

Eram sobretudo notaveis os abrigos das baterias de artilharia pesada, alguns dos quais por tal forma resistentes e disfarçados, que a sua contraria inglêsa, até á minha partida da frente, muito dificilmente as conseguia destruir ou neutralisar, quando activas, apesar de devidamente referenciadas pelos aeroplanos e pelo som. De passagem convem dizer que a neutralisação momentanea de tais baterias era varias vezes solicitada ás nossas baterias de 75 que o conseguiam com granadas de Gazes asfixiantes.

V

Sistema Geral de Defesa

O sistema de defesa do Sector Português, sistema geral de defesa seguido no Exercito em que estavamos encorporados, que no referido Sector fomos encontrar e a que nos tivemos de subordinar, era constituido por uma serie de linhas defensivas, escalonadas em profundidade pela seguinte forma:

Á frente, a *Linha avançada ou* **Linha «A»**, constituida por uma trincheira continua, protegida na frente por uma triplice faxa de arame farpado de 3 metros de largura cada faxa, a cerca de 10 metros de distancia umas das outras, no sentido da profundidade. Em determinados pontos desta linha ou um pouco á sua retaguarda, protegendo as embocaduras das mais importantes trincheiras de comunicação ou nos salientes donde se podiam enfiar certos troços das trincheiras adversas, encontravam-se postos mais fortemente organisados, pequenas obras fechadas defendidas por rêdes de arame, cuja guarnição não excedia, em geral, uma secção. Esta Linha poderia bem ser considerada como uma verdadeira linha de observação e resistencia de postos avançados.

Paralelamente á sua retaguarda e a uma distancia variavel entre 300 e 800 metros, existia uma nova linha continua de trincheiras, *Linha de Apoio ou* **Linha «B»**, como a anterior protegida pela sua rêde de arame farpado, em

geral uma só faxa, flanqueada por metralhadoras pesadas, instaladas em abrigos á prova devidamente *camouflados*. Sobre esta Linha e dela fazendo parte integrante, varias obras fechadas se encontravam, pontos fortes, estabelecidos nos locais indicados pela situação tatica e conveniente adaptação da fortificação ao terreno.

A Linha B poderia considerar-se como constituindo a *Linha prinicipal de Defesa da Divisão* que se impunha defender até á ultima extremidade; era por assim dizer a linha principal de resistencia dos postos avançados.

Mais para a retaguarda e a distancias entre 500 e 800 metros, encontravam-se os postos ocupados pelas forças de imediato apoio das guarnições das linhas anteriores, obras, em geral, já de maior envergadura, reductos de Companhia que, no seu conjunto, constituiam uma 3.ª Linha descontinua, **Linha C**, porventura utilisavel pelas proprias forças de ocupação ou pelas reservas divisionarias em caso de crise.

Era na altura desta Linha que, em geral, se encontravam as sédes dos Batalhões avançados, instalados em abrigos de madeira e sacos de terra.

O conjuncto das Linhas **A, B e C**, sumariamente descritas, formava o que poderiamos chamar *Defesas de 1.ª Linha*, a cargo das Divisões da Frente, defesas estas que, no seu todo, abrangiam uma faxa de terreno de 1500 a 1800 metros de profundidade média.

As comunicações entre as 3 linhas referidas realisavam-se por numerosas trincheiras de comunicação, as quais, embora bem traçadas, por serem totalmente dominadas e estarem devidamente referenciadas pelo inimigo, mais serviam de apoio moral do que davam eficaz desenfiamento aos que as percorriam.

Mais para a retaguarda, a uma média de 3000 metros

das trincheiras mais avançadas, encontrava-se uma nova linha de importantes obras de fortificação de campanha, por vezes com largos intervalos, da qual tambem faziam parte algumas arruinadas localidades organisadas defensivamente e que, por isso, os ingleses denominavam **Linha das Aldeias, Village Line ou Linha Intermedia.** Esta Linha era tambem protegida á frente por uma forte e extensa rêde de arame farpado, cujo traçado, de longe em longe interrompido, deixava certas aberturas, tanto para se poderem lançar os contra ataques como para, por elas, serem canalisados os ataques inimigos que nessas passagens sofreriam o mortifero fogo das metralhadoras que, de situações abrigadas á retaguarda, convenientemente, enfiavam tais aberturas.

Os trabalhos de manutenção e reparação das obras desta Linha estavam a cargo das Divisões em 1.ª Linha, porêm a sua ocupação e defesa, em caso de necessidade, pertencia ás tropas de Corpo.

Ainda mais á retaguarda e tambem a uma distancia media de 3000 metros da Linha anterior por consequencia, a cerca de 6 quilometros das trincheiras mais avançadas, encontrava-se a chamada **Linha do Corpo,** constituida por grupos de obras de fortificação de campanha, de grande desenvolvimento, cobrindo as principais vias de comunicação conducentes a pontos importantes da retaguarda (passagens forçadas de Canais e Ribeiras, povoações categorisadas, etc).

O conjunto da Linha Intermedia e da Linha de Corpo, incluindo tambem os postos intermedios entre elas, formavam o que se pode chamar *Defezas de 2.ª Linha.*

Era nesta altura que se encontravam os Quarteis Generais das Brigadas de Infantaria.

Atraz da Linha de Corpo, corria a Ribeira de Lawe que

de Norte a Sul atravessava o nosso Sector e em cuja serie de pequenas alturas, que na sua margem Oeste formam a divisoria das aguas para a Corrente de Turbauté (dreno das aguas que do N. de Bethune correm para a Ribeira de Clarence), se encontravam os postos de Lestrem, Zelobes e Locon, pontos de apoio aproveitaveis para a resistencia das Guardas de Retaguarda na disputa do terreno palmo a palmo.

Assim é que, como se infere dos ultimos comunicados, os aliados ainda se manteem em volta de Locon, em posições cuja perda poria em risco a posse de Bethune, importante centro que, tomado, arrastaria a queda de Festubert e Givenchy, tão brilhantemente defendidas pela 55.ª Divisão Britanica, donde se domina La Bassée e, consequentemente, donde muito se incomoda e embaraça o avanço inimigo na secção La Bassée-Lens.

A Ribeira de Clarence seria tambem um novo obstaculo a aproveitar pelas Guardas de Retaguarda, pelo menos para dar tempo á ocupação da **Linha do Canal** que, apoiada na direita em Robecq e passando a Leste de S^{t} Venant, faz parte do sistema destinado a cobrir de mais perto as estradas que, por Bethune e Lillers, para S. O. convergem em Amiens, ou por Harzebrouck e Aire sur La Lys, para o N. O. se inclinam para Calais. É esta a direcção geral onde, na hora presente, os aliados se manteem.

Ocupação do Sector

Concluida a rapida descrição do terreno onde tivemos de operar e das defesas que nele se encontravam ou se crearam, passemos a tratar da fórma como se efectivava a sua ocupação.

Cada Sector Divisionario estava subdividido em dois Sectores de Brigada, o que equivale a dizer que cada Divisão do C. E. P. dispunha de duas Brigadas em 1.ª Linha, ficando a 3.ª á retaguarda. Esta Brigada, porêm, em vez de constituir uma reserva propria da Divisão, passava a fazer parte dum novo agrupamento, *Reserva de Corpo*, de que o Comando do C. E. P. dispunha segundo as eventualidades.

Por seu turno, cada Sector de Brigada, na Frente, estava subdividido em 2 Subsectores, cada um deles destinado a um Batalhão ao qual, por esta forma, ficava confiada a defesa duma frente de trincheira variavel entre 1000 e 1200 metros. Um terceiro Batalhão, instalado nas obras da Linha **C**, constituia um *apoio* imediato; outro, acantonado mais á retaguarda, a *Reserva de Brigada*.

Cada Batalhão na Linha dispunha de 2 ou 3 companhias na frente (Linha **A**) e duas ou uma em apoio (Linha **B**). As companhias dividiam os seus pelotões e secções pelos postos da Linha **A**, ou pelos pontos de apoio existentes imediatamente á sua retaguarda.

A maior unidade tatica, base da defesa, era pois, como vimos, a Brigada, cujo Comandante era, assim, o Comandante do Sector em que ela se encontrava, podendo dispôr, para efeitos de defesa imediata, de todas as unidades que no seu Sector actuavam. Estavam-lhe, pois, afectas para estes efeitos:

a) — As Batarias de Metralhadoras Pesadas.
b) — As Batarias de Artilharia de Campanha.
c) — As Batarias de Morteiros Pesados.
d) — As Batarias de Morteiros Medios.

As Companhias de Sapadores Mineiros e os Grupos

de Pioneiros, embora fizessem, em geral, parte da Reserva Divisionaria, tambem cooperavam na defesa imediata do Sector quando nele se encontravam trabalhando efectivamente.

Pelo que respeita á artilharia de Campanha, devo esclarecer que, pelo facto de cooperar com a infantaria dos Sectores, cumprindo as ordens dos respectivos comandantes, não deixava de ficar subordinada directamente aos Comandos da Artilharia das Divisões e, portanto, ao dispôr dos Comandantes destas grandes Unidades. Assim, pois, tratando-se da imediata resposta a um bombardeamento, a *uma morteirada*, á acção insistente e incomoda das metralhadoras pesadas, aos raids inimigos, etc., a artilharia dos Sectores satisfazia imediatamente, sem dependencia de ordem do Comandante da Artilharia Divisionaria, todas as solicitações da infantaria para exercer as represalias, caso em que os objectivos lhe eram indicados pelos Comandantes dos Batalhões solicitantes, ou executava as barragens de S. O. S. na zona em que o raid adverso se estava desenrolando. Fóra destes casos, os que se consideravam como respeitantes á defesa imediata do Sector, os grupos de artilharia de Campanha, com as Unidades de Morteiros Pesados e Medios, continuavam sendo Unidades Divisionarias que com as Brigadas nada tinham.

Assim, pois, a Frente Portuguesa no teatro Ocidental da Guerra Europêa, abrangia os seguintes Sectores e Subsectores:

Div.ão A	Brigada da Direita — FERME DU BOIS	Subsector Direito . . 1	Bat.ão
		Subsector Esquerdo 1	»
	Brigada da Esquerda — NEUVE CHAPELLE	Subsector Direito . . 1	»
		Subsector Esquerdo 1	»

Div.ão B	Brigada da Direita — CHAPIGNY	Subsector Direito	1	Bat.ão
		Subsector Esquerdo	1	»
	Brigada da Esquerda — FAUQUISSART	Subsector Direito	1	»
		Subsector Esquerdo	1	»

Era esta a situação do C. E. P. em Fevereiro de 1918. Em 9 de Abril, porêm, quando se deu a grande ofensiva alemã ao nosso Sector, creio, por informações particulares e pelo conhecimento que tenho da situação que deixei, que sendo de inadiavel necessidade dar descanço ás Brigadas da Divisão A (X e Y Brigadas) que já, contavam quasi um ano consecutivo de trincheiras, foram estas Brigadas retiradas para a retaguarda, e com as Brigadas da Divisão B e com aquela da Divisão A, que não estava tão esgotada, pois entrara mais tarde nas trincheiras e contava sómente 4 meses deste serviço, se formara uma Divisão reforçada que ficou gnarnecendo os Sectores de Neuve Chapelle, Chapigny e parte do de Fauquissart, sendo tambem parte do de Ferme du Bois entregue a uma Brigada inglesa, provavelmente da Divisão que se encontrava em Locon.

Na ocupação do nosso Sector não me referi á cavalaria, não só porque, o Grupo de esquadrões, que inicialmente fazia parte do C. E. P., fôra dissolvido, organisando-se em seu logar um Grupo de duas Companhias de Ciclistas, como tambem porque, na Guerra de Trincheira, parada, a cavalaria só pode ser utilisada como infantaria montada. Assim é que, quando, por exemplo, da entrada da nossa Divisão B na Linha e consequente constituição do C. E. P. como Corpo de Exercito actuante, em Novembro de 1917, ao mesmo C. E. P. foi dado um sector cuja frente orçava por cerca de 18 quilometros estendendo-se até Fleurbaix, inclusivé, as forças de Reserva de Exercito que lhe respeita-

vam, eram constituidas por uma Divisão de Cavalaria, acantonada em S.t Venant.

É justo, porêm, que se diga que, a instancias do comandante de um dos esquadrões ainda não dissolvidos, as secções de metralhadoras do Grupo, durante cerca de 1 mês, cooperaram na defeza do Sector de Ferme du Bois, donde foram depois retiradas por se reconhecer que o seu material era improprio para um tal serviço, constituindo mais um embaraço do que um proveitoso auxilio.

VI

Serviço de Observação e Informações

Antes, de abertamente entrarmos na apreciação do papel que a cada uma das armas compete na Guerra de Trincheira, conveniente será apresentar uma ligeira resenha dos Serviços a que a mesma guerra impôs um desusado desenvolvimento, bem como dos novos elementos que o engenho humano e os incessantes progressos da sciencia e da industria puzeram ao serviço dos Exercitos que, na hora presente, heroicamente se degladiam.

Como base fundamental sôbre que assenta todo o Serviço de Campanha, abordarei, em primeiro logar, o *Serviço de Observação e Informações*:

Os elementos de que este serviço dispõe e que, em esboço, por certo deveriam ter sido cuidadosamente colhidos durante o tempo de paz e, em especial, durante as negociações diplomaticas que precederam a declaração de Guerra, tem-no sido e são dia a dia depurados e ampliados graças ao bem montado serviço de espionagem, da aviação, da telegrafia, dos observadores de campanha, etc,.

Espionagem

Pelo que respeita á espionagem está ela em larga escala espalhada, como é sabido, e na Flandres, a natureza hibrida

da população indigena em quem quasi só o «*franco*» domina, encontrou ela um adequado meio para o seu mais amplo desenvolvimento. Na verdade, sendo a Flandres a região da Europa mais frequentemente assolada pelos dramas da guerra, onde, atravez os seculos, bastas vezes se tem vindo chocar o embate dos povos, na ancia das suas revindicações ou no desejo de conquista, a sua população, victima dos horrores desse inevitavel flagelo, tem sido forçada a dar guarida aos representantes de quasi todas as nacionalidades e, assim, em regra, o flamengo com dificuldade poderá garantir a puresa da sua arvore genealogica. O proprio dialeto, onde, tambem, alguns vocabulos portugueses se encontram, (burrico, cádeira, vaque, gato, etc.), mayonaise de linguas latinas e germanicas, vem atestar a influencia cosmopolita que sôbre a Flandres se tem exercido e dar razão áquela conhecida frase popular . . .

Com uma tal genese, compreende-se que o patriotismo da população não será, talvez, a sua caracteristica dominante, como egualmente se explica a facilidade com que, na referida população, o poder do ouro vença, facilmente, todas as resistencias.

Comprovando estas asserções citarei factos concretos, sucedidos no sector português e que só por espionagem se podem explicar.

Em muitas das povoações do nosso sector, mesmo proximo das primeiras linhas, continuava sendo, pelo Exercito Britanico, permitida a permanencia da população civil local, homens, em geral de mais de 50 anos e de menos de 18, mulheres de todas as idades. A necessidade de braços para a execução dos trabalhos agricolas e de certos serviços militares (oficinas de camouflage, confecção de sacos para terra, lavandarias, etc.) e, talvez um pouco, o amor das comodida-

des pessoais que a existencia desta população facultava, são circunstancias que explicam a permanencia de civis em regiões tão avançadas da Zona de Operações.

Assim, pois, por exemplo, proximo das nossas batarias, das sédes dos Batalhões, Brigadas e Divisões, como por toda a parte, pululavam os *Estaminets*, antros frequentados pelos soldados, que no alcool e no sorriso das serventes vinham abafar as saudades da familia ou espairecer do arduo serviço das trincheiras. Boçal, ingenuo e falador meriodinal, apesar dos placards, que por toda a parte lhes aconselhavam o silencio, ninguem poderá garantir que, por lá, não houvesse inconfidencias.

Lembra-me, que o primeiro raid por nós projectado, logo se espalhou e divulgou, tanto ou tão pouco, que êle foi objecto de todas as conversas entre a população, muitos dias antes da sua realisação, e, quando o efectivamos, falhou, porque fomos encontrar o inimigo devidamente apercebido para nos receber. Outro caso: uma peça de 75, isolada, no nosso sector de Fauquissart, perfeitamente mascarada, depois de ter por muitos dias seriamente incomodado o inimigo, foi um dia referenciada logo ao 1.º tiro, embora nesse dia ainda não tivesse feito fogo, havendo razões sérias para supôr ter sido denunciada pelos habitantes dum pequeno *Estaminet* que lhe ficava ao lado e onde, nessa manhã, se tinha ostensivamente colocado a secar ao sol a saia vermelha duma das suas *demoiselles*. Fôsse como fôsse, o facto é que, com a ameaça da colocação dessa peça mesmo junto ao edificio do *Estaminet*, ela, que felizmente não chegou a ser atingida, poude continuar a prestar o seu valioso concurso na mesma situação.

O estendal de roupa a secar, a côr dos solipedes empregados na lavoura das terras e até a telegrafia otica, eram

elementos utilisados pelos civis para a comunicação com o inimigo. E que estas relações eram, senão autorisadas pelo menos tacitamente quasi consentidas, atestam-no o facto de, na Flandres, se vender tabaco belga importado pela fronteira terrestre, atravez as linhas de trincheiras dos aliados, e nas cantinas militares se venderem fosforos suecos trazidos pela mesma via.

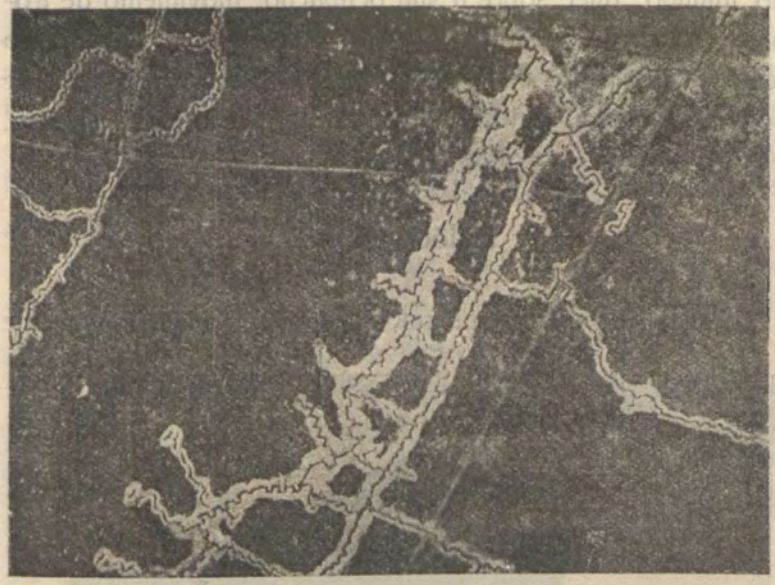
Aviação

Outro importante manancial de informações era aquele

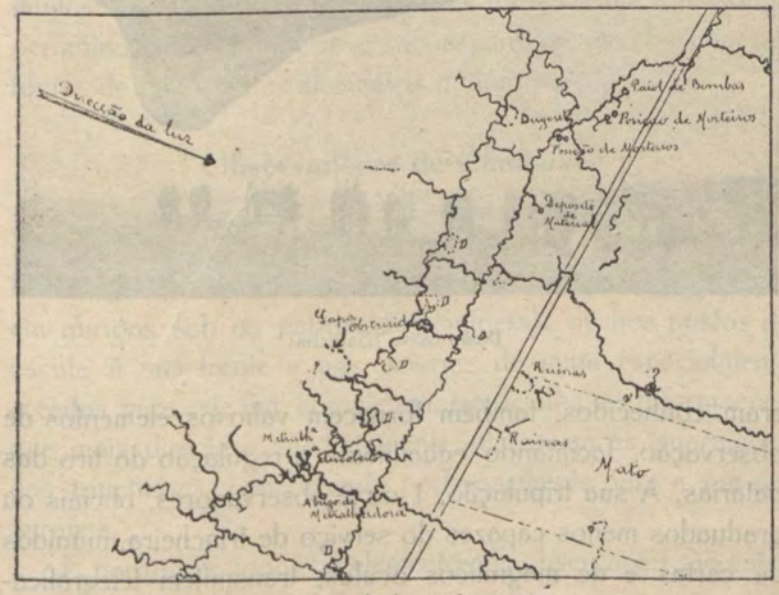
Bixschoote — Fotografia tirada dum aeroplano (24-4-917)

fornecido pelo Serviço de Aviação (esquadrilhas de reconhecimento e regulação).

O estudo das fotografias tiradas dos aeroplanos, realisado por peritos com um curso especial e devido treno, fornece indicações preciosas quer sobre os trabalhos de defesa



Fotografia pormenorisada dum trecho de trincheira inimiga, em face de *Lavantie*

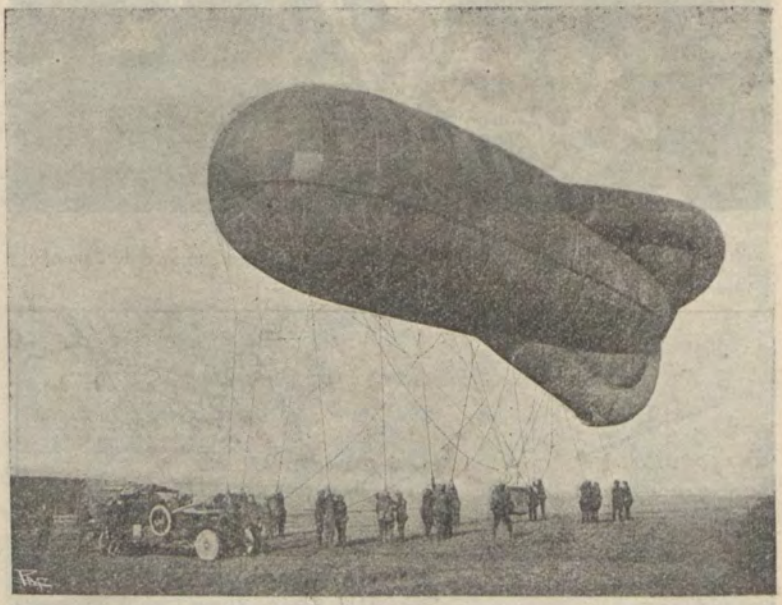


Interpretação da fotografia anterior

do inimigo, quer sobre a sua ocupação, movimento de tropas, etc. Um especimen de tais fotografias e ao mesmo tempo a prova das dificuldades da sua interpretação, que de sobejo explicam a necessidade de um perito especialisado, encontra-se nas gravuras juntas.

Balões cativos

Os balões cativos, as salchichas, como mais usualmente



Balão cativo (Salsicha)

eram conhecidos, tambem fornecem valiosos elementos de observação, facilitando egualmente a regulação do tiro das batarias. A sua tripulação, 1 ou 2 observadores, oficiais ou graduados menos capazes do serviço de trincheira, munidos de cartas e de magnificos oculos, transmitem telegrafica-

mente para a estação automovel, em terra, o conhecimento imediato do que vão observando o qual é, tambem, em seguida, transmitido telegraficamente ás unidades a quem interessa. Assisti, mais de uma vez, ao ataque a estes balões e confesso que, então, admirei o sangue frio da sua guarnição lançando-se a terra no paraquedas quando, no aparelho atingido, começava o incendio.

As salchichas elevam-se até 300 ou 400 metros conservando-se presas á terra por um forte cabo de arame ligado a um molinete montado num camion automovel.

Tambem me recordo de uma vez ter visto escapar-se uma salchicha inimiga a que um aviador inglês, planando baixo, conseguira cortar a espia.

Telegrafia e Telefonia

Os postos de telegrafia sem fios, os ampliadores e muitas outras adequadas aplicações da telegrafia e telefonia, permitindo interceptar conversações, ordens, etc., tambem são fontes de importantes elementos de informação.

Observadores de Campanha

Os *Observadores de Campanha*, de observatorios do terreno estabelecidos em velhas ruinas ou pseudo-arvores, em abrigos sob os parapeitos (Snipers), ou nos postos de escuta á sua frente e nas galerias de mina especialmente creadas para este fim, completam, em detalhe, as informações que mais directa e imediatamente interessam ás guarnições das trincheiras, concorrendo poderosamente para a sua segurança.

E porque de todos os elementos de observação são estes

ultimos aqueles com que, imediatamente, terão de entrar em relações os oficiais que nas trincheiras venham a ter de ingressar, neles me deterei alguns momentos.

a) Observadores das unidades.

O *Serviço de Observação* nas trincheiras de 1.ª Linha (Linhas A, B e C) está a cargo dos observadores dos Batalhões, das Batarias e do Corpo.

Aos oficiais Chefes dos Grupos de Observadores do Corpo e Batalhão e aos oficiais 2.os Adjuntos das Brigadas e Observadores de artilharia (Batarias e Grupos) compete a organisação e responsabilidade do funcionamento do serviço de observação na frente, a cargo da Unidade de que dependam, e o trabalho de selecção e coordenação das observações feitas, bem como a instrução dos seus observadores. Devem esses oficiais procurar manter a mais estreita ligação com os oficiais da especialidade trabalhando no mesmo sector ou nos sectores dos flancos, completando as suas observações, esclarecendo duvidas, fornecendo espontaneamente o resultado de observações que lhes possam interessar, etc.

Os oficiais Chefes dos G. O, e os 2.os Adjuntos das B. I. são responsaveis pelo arquivo de informações da sua Unidade, devendo ter em dia um registo com todas as informações sobre o inimigo, na frente do sector da sua Unidade, confirmadas ou suspeitas que sejam. No acto das rendições estes registos são entregues ao oficial que entrar no sector, encarregado da mesma missão. Um registo analogo existe nas Companhias, a cargo dos respectivos comandantes, para o sector da companhia.

Os Chefes dos G. O. do Corpo, Batalhão, os 2.os Adjuntos das B. I. e os oficiais de informações dos Grupos de Artilharia, redigirão e assinarão o *Relatorio Diario de*

Operações e *Informações*, bem como os *Relatorios da Situação* e quaisquer comunicações de caracter urgente sobre observações feitas.

O mapa diario das patrulhas, nos batalhões de infantaria, será organisado e assinado pelo Chefe do G. O., em harmonia com as indicações do Comandante do Batalhão, cujo visto levará sempre.

Aos oficiais de informações das Divisões e Corpo e dos Comandos de Artilharia, compete a fiscalisação do funcionamento do Serviço de Observação na area respectiva. O mesmo se dá para com os 2.os Adjuntos das B. I., em relação aos observadores dos Batalhões, e dos oficiais de informações dos Grupos de Artilharia para com os observadores das Batarias.

Aos observadores do Corpo, da Artilharia e da Infantaria, instalados em Postos de Observação construidos pela engenharia, mediante proposta do oficial comandante dos observadores que os devem ocupar, compete recolher o maior numero possivel de esclarecimentos sobre o inimigo, obtidos por observação directa da frente do sector, tais como: movimento nas trincheiras e areas proximas; trabalhos defensivos; posições activas de artilharia, morteiros e metralhadoras; postos de guarnição, comando e observação; depositos; defesas acessorias; observação aerea; sinais luminosos; contra-observação; camouflage; etc.

b) Snipers.

Aos postos de Vigia-Atirador ou mais correntemente de *Sniper*, construidos pelos proprios observadores dos Batalhões, nas Linhas A e B ou no terreno entre elas, conforme o traçado das trincheiras e distancia ás Linhas Inimigas, compete assegurar, durante o dia, uma constante vigilancia sobre a 1.ª Linha e suas proximidades, permitindo uma re-

dução conveniente do numero de sentinelas e pondo fóra de combate todo o inimigo que se mostre ou tente saír das suas trincheiras.

Tanto os P. O. como os postos de Snipers devem ser cuidadosamente disfarçados, proibindo-se ou, pelo menos, reduzindo-se o movimento nas suas proximidades, não devendo tão pouco haver nas imediações posições de morteiros ou de metralhadoras.

Os Snipers trabalham, em geral, só de dia, excepcionalmente numa ou noutra noite clara para observação dos sinais luminosos, em grupos de 2 no mesmo abrigo, um a observar outro pronto a atirar, revesando-se neste serviço de 20 em 20 minutos e nunca por mais de 4 horas seguidas. Dispõem de cartas ou croquis detalhados da frente a observar, de rudimentares pranchetas de tiro e de alças telescopias para a sua arma. Devem ser observadores e atiradores especiais, não falhando, uma vez em 4, a silhouete de uma cabeça a 300 metros ou um busto de hombros a 600 metros. Tanto para descobrir a situação do Sniper inimigo, como para ocultar a propria situação, recorrem os Snipers a engenhosos ardis de que neste momento nos não é permitido dar qualquer indicação.

Todos os elementos de informação colhidos pelos processos indicados, vão sendo sucessivamente depurados e confirmados, das estações inferiores até ás superiores, começando a ter maior importancia a sua selecção feita na Repartição de Informações dos Q. G. das Divisões, por onde, diariamente, se publica um Boletim que a todas as Unidades e Formações se distribue. Para dar uma idea da contextura e minuciosidade de tais Boletins, *documentando* o grau de instrução atingido pelos nossos observadores e snipers, reproduzimos aqui, um deles, tomado ao acaso:

C. E. P.
Q. G.... Em Campanha, 18 de Janeiro de 1918.
1.ª R. — 2.ª S.

BOLETIM DE INFORMAÇÕES N.º 53

Temperatura das 9 horas do dia 17 às 9 horas do dia 18
Maxima..... + 7°,5
Minima..... — 1°,5

ACÇÃO DAS NOSSAS FORÇAS

Infantaria — Actividade normal de patrulhas no S. de Fauquissart.

Metralhadoras — Grande actividade das metralhadoras ligeiras durante o bombardeamento inimigo. Repeliram uma patrulha inimiga.

Actividade normal no S. de Fauquissart sobre a Rue Delleval, N. 15. a 40. 47 e N. 21. a. 62. 32.

Artilharia — S. O. S. normal em Chapigny I. Às 18 e 19 horas bateu, como represalia, a T. C. em M. 36. a. 55. 80 e 45. 55.

Morteiros Ligeiros — Cooperaram com a artilharia no S. O. S. pedido pela infantaria em Chapigny I e bateram N. 14. a. e Bertha Trench.

Morteiros Medios — Bateram N. 8. d., N. 14 b. e N. 13 d.

ACTIVIDADE DO INIMIGO

Infantaria — Tentou um raid sobre Chapigny I.

Foi presentida uma patrulha de efectivo aproximado de 4 homens, cortando o arame em frente da companhia da esquerda de Chapigny I. Foram tambem presentidas patrulhas de pequeno efectivo à direita da companhia da esquerda de Fauquissart I, tentando aproximar-se do nosso arame.

Foram repelidas pelo fogo das nossas metralhadoras.

Metralhadoras — Muito activas, batendo, durante o bombardeamento e um pouco antes, as trincheiras de comunicação do sector de Chapigny.

Em Fauquissart foi tambem grande a actividade

Artilharia — Bombardeou a 1.ª e 2.ª linha de Chapigny, cooperando com o bombardeamento de morteiros, e a Rue Bacquerot com shrapnells.

A's 18 horas o inimigo bateu a 1.ª linha na direita de Fauquissart com 7,7, 10,5, e 15. A's 18,15 horas bombardeou com granadas e morteiros a 1.ª linha da companhia do centro de Fauquissart I. Este bombardeamento teve pequena duração e não se lhe seguiu qualquer acção de infantaria.

Durante o dia bombardeou N. 13. a. e b. com 7,7 e 15. A's 18,30 horas atirou bastantes granadas de gaz para junto da posição da 1.ª bateria do 2.º G. B. A. e terreno comprehendido entre a posição e a peça avançada. Não houve prejuizos materiais nem pessoais.

E' para notar a insistencia com que o inimigo procura bater a Rue Masselot.

Morteiros — Muito activos das 18 ás 20 horas, sobre a 1.ª e 2.ª linhas e trincheiras de comunicação de Chapigny I; das 18 ás 19 horas sobre a 1.ª e 2.ª linhas e Winchester Street, de Chapigny II. Das 18 ás 18,30 horas o inimigo lançou morteiros sobre a companhia da esquerda de Fauquissart I que rebentaram quasi todos no ar lançando muitas balas esphericas de chumbo, á mesma hora bateu a companhia da direita de Fauquissart II com 90 morteiros medios e ligeiros. Em virtude destes bombardeamentos de morteiros que eram acompanhados pela artilharia, metralhadoras e granadas de espingarda, foi pedida retaliação á artilharia por Fauquissart II e companhia da direita de Chapigny II e S. O. S. pela companhia da esquerda de Chapigny I.

Durante a barragem efectuada pela nossa artilharia, morteiros e metralhadoras, ouviram-se muitos gemidos na Terra de Ninguem o que leva a crer se tratava de um raid e que o inimigo teve bastantes baixas.

Gazes — O que consta da alinea Artilharia.

Actividade aerea — Nula.

Defezas inimigas — Reparações — Trincheiras — Em N. 19. c. 20. 70.

Movimento inimigo — A má visibilidade prejudicou muito a

observação. Passaram 3 homens com sacos às costas em N. 19. a 70. 50 e 3 com ferramentas em N. 19. c. 50. 65.

Outras informações — Pouco antes do bombardeamento foram vistos nas linhas inimigas, em frente de Fauquissart I e a distancia, sinaes luminosos.

DIVISÕES DOS FLANCOS

Á direita — No sector de Neuve Chapelle foi feito um prisioneiro alemão, às 9 horas.

Á esquerda — Entre as 18 e 18,30 horas, actividade de morteiros no sector de Fleurbaix.

A Repartição de informações, a cargo do Estado Maior, na Guerra de Trincheira, é de todas a mais importante dos Quarteis Generais. Em cartas detalhadas da região se vai inscrevendo, dia a dia, hora a hora, tudo quanto, pela observação directa, interrogatorios dos prisioneiros, desertores e outros meios de identificação, se consegue apurar acerca da situação do inimigo, posições de metralhadoras e morteiros, postos, pontos fortes, abrigos, etc.

Prisioneiros

Durante a luta parada, os prisioneiros, depois de se lhes ter tirado o armamento, são conduzidos ao Comando da Companhia onde são revistados, apreendendo-se-lhes todos os documentos e objectos que tenham comsigo. Seguidamente, sob escolta, são enviados ao Comando do Batalhão. Logo que aqui deem entrada informa-se o Comando da Brigada do numero de prisioneiros, regimento a que pertencem, obtido pelas placas de identidade, unidade que os capturou e local e hora da captura.

Do Batalhão são os prisioneiros e respectivos espolios conduzidos ás Brigadas, sendo na sua séde ou na das Divisões que se procede aos interrogatorios. Estes só podem ser feitos pelos oficiais de Informações especialmente habilitados para tal serviço (com o curso inglês de *Intelligence Officers*); são secretos e a eles só podem assistir oficiais de informações especialmente autorisados.

Das Divisões, onde se elabora o Relatorio do interrogatorio que a todos é distribuido, seguem os prisioneiros para o Corpo de Exercito e daqui para o Exercito.

Por ser curioso e documentar um honroso feito dos nossos na frente Britanica, transcreveremos um destes Relatorios, referente ao aprisionamento de uma patrulha, em condições dignas de registro especial.

Foi na primeira quinzena de dezembro de 1917. Logo após a entrada da nossa . . . Divisão na Linha, foi-lhe superiormente ordenado render, com uma das suas Brigadas, uma Brigada inglesa que ocupava o sector de Fleurbaix (entre Lavantie e Armentiéres), imediatamente á nossa esquerda.

De passagem frisarei que, com tal determinação, o C. E. P., embora por pouco tempo, guarneceu uma frente de cerca de 15 quilometros, assumindo a responsabilidade da defeza de mais um sector onde, de ha muito, o Grande Quartel General Inglês, visto não ter conhecimento seguro da Divisão inimiga que com esse sector se defrontava, vinha instando por identificações (prisioneiros ou insignias e distintivos de Unidades inimigas), sem que, até á data da nossa entrada, coisa alguma se tivesse conseguido.

Tres ou quatro dias depois de termos tomado conta do sector, uma das nossas sentinelas, de madrugada, comunicou ao alferes de infantaria n.º 4, Netto, ter-se-lhe afigurado

que uma patrulha inimiga, sobre a qual atirou, se aproximára das nossas linhas não a tendo visto afastar-se.

Procurando esclarecer o caso, o nosso alferes, unicamente acompanhado pela sua ordenança, dirigiu-se para o

Um prisioneiro boche

ponto indicado e, sentindo ruido dentro dum dos nossos abrigos que sabia desocupado, parou, tomou a espingarda da ordenança e aguardou em silencio.

Poucos momentos decorridos, uma cabeça boche espreita á sahida do abrigo e, imediatamente alvejada pelo

nosso intrepido camarada, é por ele intimada a render-se, obedecendo prontamente.

Era um oficial alemão, ostentando no peito a fita da Cruz de Guerra, a quem o alferes Netto, de longe, perguntou se estava só, obtendo resposta afirmativa. No entanto, como imediato desmentido a esta afirmação, um assinalado ruido se fez ouvir mais alem.

O nosso alferes, então, sem avançar e conservando sempre a sua arma apontada para a unica direcção em que os boches podiam aparecer, ordena á ordenança que vá á Companhia (a cerca de 200 ou 300 metros) buscar reforços e conserva-se imperturbavel na mesma atitude.

Decorrem minutos que, certamente, para todos os participantes deste episodio, deveriam ter parecido interminaveis seculos... por fim aparece a ordenança já de regresso, mas vem só... O valente e dedicado soldado, para não deixar o seu oficial muito tempo em tão angustiosa situação, resolvera-se a voltar para junto dele sem aguardar a reunião que na Companhia, apressadamente, se ficou fazendo, dispertando as praças que, ao tempo, já se achavam repousando nos seus abrigos. Para prevenir qualquer eventualidade, porém, a sua previdencia levara-o a trazer consigo um cunhete de granadas de mão.

Que dois militares portugueses tão dignos um do outro...

Entretanto, embora no conjunto a scena não mudasse, o alferes Netto conseguira precisar o ponto donde novos ruidos, de tempos a tempos, se continuavam produzindo e, assim, determina á ordenança, apenas chegada, que nessa direcção lance uma das granadas.

Executada, com a maior felicidade, uma tal ordem, logo surgem, umas após outras, mais 7 cabeças de outros tantos inimigos que, mais alem, ocultos pelos travezes ou em ou-

tros abrigos se encontravam e que, para fugir aos estilhaços das granadas, forçados foram a mostrar-se, abandonando os seus esconderijos.

Intimados a renderem-se todos obedeceram e imediatamente se puzeram em marcha para a séde da Companhia portuguesa, seguindo pela trincheira, em fila indiana, com o alferes Netto na testa e a sua ordenança na cauda.

A certa altura, o ultimo dos prisioneiros, sargento ajudante Esch, admirado, talvez, de não sentir maior ruido de passos da escolta que, aliás, não via, voltou-se para a retaguarda, mas a ordenança portuguesa, instintivamente, sobre ele desfecha a espingarda deitando-o por terra.

Fossem quais fossem as intenções do prisioneiro o facto é que, como consequencia do procedimenta com ele havido, os restantes se acobardaram e o extraordinario cortejo chegou ao seu destino sem outro incidente.

Não me espraiarei em comentarios sobre o feito que, na sua veridica singelesa, acabo de relatar, ele ahi fica para exemplo de todos. O seu principal autor, um moderno alferes miliciano, por sua vez feito prisioneiro do inimigo no combate de 9 de Abril, recebeu as primeiras homenagens prestadas á sua iniciativa, decisão, coragem e sangue frio, do proprio Comandante da patrulha que aprisionou, o qual, a custo se convenceu de que uma tal acção só por dois portugueses tivesse sido realisada.

Tres ou quatro dias passados a nossa Brigada, rendida por outra inglesa, voltou ao primitivo sector, tendo, em menos de duas semanas, alcançado as identificações tão desejadas pelo Comando em Chefe dos Exercitos Britanicos.

Relatorio sumario do 1.º interrogatorio dos prisioneiros feitos na madrugada do dia 15-XII-917 perto da Nina Trench. (Sector de Fleurbaix).

1.º — *Ernst Reisam*, 21 anos, alteres.
2.º — Sargento ajudante *Esch*, faleceu no P. S. A. de B. I. 4.
3.º — *Fritz Krugel*, 20 anos, natural de Ghar Cotteburg, soldado desde 3 de Março de 1916.
4.º — *Georg Markwart*, 23 anos, natural de Rottenburg, soldado desde 15 de Maio de 1915.
5.º — *Ioham Eimecke*, 24 anos, natural de Lenekan, soldado desde 5 de Outubro de 1914.
6.º — *Albert Sittig*, 19 anos, natural de Planen, soldado desde 15 de Novembro de 1916.
7.º — *Gustav Dachrodt*, 21 anos, natural de Berlim, soldado desde 2 de Março de 1916.
8.º — *Karl Andekser*, 25 anos, natural de Memel, soldado desde 4 de Agosto de 1914

Todos da 5.ª companhia (2.º Batalhão) do R. I. n.º 205, 44.ª Divisão.

1.º — *Ordem de batalha* — Do norte para sul, R. I. 205, 206, 208. A' sua direita está o R. I. de Landwehr n.º 85.

2.º — *Ocupação da Linha* — O regimento tem um batalhão em 1.ª linha (2.º) um em reserva (3.º) e um em descanço à retaguarda (1.º).

O batalhão em 1.ª linha tem duas companhias em apoio (6.ª e 8.ª) e duas (5.ª e 7.ª) com os pelotões na frente, estando a 7.ª à direita.

A 5.ª companhia guarnece 11 postos durante a noite e 5 durante o dia. Na frente da companhia ha, incluindo o do comandante da companhia que está sensivelmente ao centro, 5 abrigos de béton.

3.º — *Limites dos Sectores* — Não confirmam a linha de separação da 38.ª e 50.ª Divisão no — Serie I n.º 23 Situation Map. 3 de 11-XII-917 — e indicaram como limite S. da companhia a Negative Thrench.

4.º — *Comandos* — A não ser a situação do comando da companhia na 1.ª linha e do batalhão em N. 16 d. 80, 80, todas as outras parecem inverosimeis, carecendo confirmação.

5.º — *Rendições* — Cada batalhão está 10 dias na 1.ª linha, na reserva e à retaguarda. As companhias do batalhão da 1.ª linha são rendidas de 5 em 5 dias. As rendições são feitas a qualquer hora.

6.º — *Metralhadoras* — A companhia dos prisioneiros tem 4 metralhadoras ligeiras, sendo uma de reserva.

7.º — *Objectivo da patrulha* — Verificar se a nossa 1.ª linha estava ocupada e por que tropas.

8.º — *Efectivo da companhia* — Foi reforçada, antes de vir para o sector, com 30 homens. Actualmente tinha cerca de 120 homens, com dois oficiais um dos quais comandava a patrulha.

9.º — *Informações diversas* — Não tem ouvido falar em qualquer ofensiva da parte dos alemães neste sector.

A alimentação foi má no verão mas é boa actualmente.

Moral bastante abatido quando a Divisão retirou da Flandres, tendo melhorado consideravelmente nestes ultimos dias. Contudo as praças mais antigas desejam a paz, quer a Alemanha fique victoriosa ou vencida.

A divisão tinha sido retirada da Flandres (Paschandale) vindo para este sector no dia 4 do corrente.

O batalhão entrou na linha em 8 à noite.

Um outro relatorio tambem se me afigura digno de registro, pelo que dele se pode inferir.

Informações prestadas pelo soldado n.º 340 da 1.ª companhia de infantaria n.º 35, Manoel Rodrigues, que foi feito prisioneiro, conseguindo evadir-se.

Na noite de 12 para 13 de junho de 1917, achando-se, pelas 24 horas, num posto da 1.ª Linha, foi mandado pelo cabo informar o Comandante da Companhia de que os alemães vinham avançando.

Quando regressava foi obrigado a sahir da trincheira de comunicação porque esta estava sendo batida pela artilharia adversa. Nessa altura desorientou-se, encontrando-se, pouco depois, no proprio local onde estavam rebentando as granadas.

Ahi perto foi preso por 4 alemães e conduzido á 1.ª Linha inimiga onde foi interrogado por um oficial alemão que lhe fez uma perguntas a que não respondeu por as não ter compreendido.

Passados alguns instantes rebentou, perto do local onde se encontrava, um projectil dos nossos morteiros, fugindo os alemães num sentido e ele noutro, indo esconder-se num abrigo onde permaneceu embrulhado num capote que lá encontrou.

Cerca das 3 horas, conseguindo orientar-se por uma fabrica, saltou para a «Terra do Ninguem» e atravessou a rêde de arame inimiga, altura em que os inimigos o presentiram abrindo sobre êle o fogo de metralhadoras. Para escapar a este fogo teve de esconder-se numa cratera de morteiro, já perto da nossa Linha, onde se conservou por algum tempo, dirigindo-se depois a correr para a nossa trincheira, entrando pelo sub-sector direito de Neuve-Chapelle.

Viu que na trincheira alemã ha muitos morteiros.

Acerca do tratamento dado a prisioneiros nada poude informar, visto não ter sahido da 1.ª Linha.

VII

Gazes e liquidos inflamados

Os gazes deleterios cuja primasia do seu emprego, sempre é bom frisar, cabe á *Kultura* alemã, são extremamente mortais e a sua aspiração, mesmo em pequenas quantidades e por poucos minutos, pode causar a morte ou ter consequencias de natureza cardiaca e pulmonar, muito graves e para toda a vida.

Toda a proteção contra este novo flagelo da guerra depende:

a) Da perfeita conservação de todos os aparelhos antigaz, bem como da cuidadosa instrução ministrada para a sua utilisação;

b) Da garantia de que todos devem ser avisados a tempo, quando se esboça um ataque de gazes.

Os ataques de gazes, que podem ser venenosos, lacrimogeneos ou simples fumos, revestem quaisquer das seguintes módalidades: Em *Nuvens* ou em *Projecteis*.

As primeiras são obtidas pela expansão dos gazes comprimidos em cilindros que, transportados para as trincheiras, nelas se libertam ao sabor do vento, produzindo nuvens, ligeiramente esverdeadas ou brancas, conforme a atmosfera está humida ou seca. As nuvens, sendo mais densas do que

o ar, adaptam-se á configuração do terreno, penetrando nas trincheiras, abrigos, crateras, etc.

A velocidade com que se deslocam as nuvens de gazes depende inteiramente da velocidade do vento; o seu efeito tem-se feito sentir até 14 e 20 quilometros á retaguarda das trincheiras de 1.ª Linha.

Denunciam-se, muitas vezes, as projeções de nuvens pelo som sibilante produzido pelo escape dos gazes, quando se abrem as valvulas dos cilindros, e que se ouve distintamente a consideraveis distancias. Contudo, por uma disposição adequada das valvulas e especial composição do liquido, os inglezes tem, não só conseguido abafar esse silvo, como tambem tornar quasi invisivel a nuvem.

Na segunda modalidade dos ataque de gazes, são eles transportados nos projecteis sob a forma dum liquido encerrado numa pequena caixa com que, quasi totalmente, se carregam as granadas, granadas de mão e bombas dos morteiros. Esta forma de empregar os gazes não depende, inteiramente, da direcção do vento; os seus efeitos são quasi locais, mas incidindo sobre regiões arborisadas, bosques, florestas, ceáras, ruinas, etc, actuam durante muitas horas e ás vezes dias.

Denuncia-se esta forma de emprego dos gazes pelo seco estalido do rebentamento do projectil, que dá a impressão de ter falhado, e pelo cheiro caracteristico de qualquer deles, aliaceo, a mostarda ou a tomates pôdres. Devemos, porêm, observar que, em regra, os bombardeamentos com granadas de gazes são acompanhados com os de granadas de guerra, para assim dificultar o reconhecimento imediato do estalido caracteristico dos rebentamentos das primeiras.

Recentemente ensaiaram os nossos aliados a produção de nuvens de gazes dentro das proprias trincheiras inimigas,

para onde, num dado momento, foram lançados centenares de projecteis com gazes, arremassados por pequenos morteiros a cuja carga de propulsão simultaneamente se lançou fogo por comunicação electrica.

Como depois se averiguou por depoiomentos de prisioneiros, a surpresa, ou fosse o que fosse, fez coroar esta experiencia dos melhores resultados, convencendo-nos de que, de futuro, será este o processo mais eficaz para ferir o inimigo com o barbaro instrumento cujo uso ele introduziu e que, empregado por esta forma, participa das vantagens das duas modalidades apresentadas.

Os Gazes lacrimogeneos são o resultado da gazificação de certos Brometos (Xilol, Benzol, etc.), que põem, gradualmente, os combatentes fóra de combate atacando fortemente os olhos com produção de abundantes lagrimas, afectando tambem os pulmões, causando vomitos e irritação geral, embora momentanea e sem as graves consequencias dos gazes venenosos.

As densas Nuvens de Fumos, produzidas pelo rebentamento de projecteis ou pela combustão de certas substancias, visando a mascarar os ataques, são totalmente inofensivas.

Aparelhos anti-gaz

Os aparelhos anti-gaz, usados no Exercito Britanico e, consequentemente, aqueles com que se acha provido o C. E. P., são:

a) — *O Respirador.*

b) — *O Capuz.*

Destes, o ultimo está quasi em desuso, sendo utilisado apenas como reserva do primeiro.

Contra os gazes lacrimogeneos ha as lunetas anti-lacrimogeneas.

Todos estes aparelhos e em especial os anti-gaz, devem ser inseparaveis do pessoal, constituindo parte do seu equipamento individual.

Respirador. — Compõe-se de uma caixa metálica con-

Na Escola de Gazes do C. E. P. (França)

tendo, em camadas sobrepostas e separadas por rêdes metálicas, uma mistura neutralisante da acção dos gazes, caixa que está ligada a uma mascara por meio de um tubo de borracha. Todo este conjunto é transportado num saco especial, dividido em 2 compartimentos, um dos quais contêm a caixa e o outro a mascara. No fundo do compartimento que contêm a caixa, existe uma mola que a sustenta permitindo a livre entrada do ar por um orificio que ela tem no fundo,

devidamente tapado por uma valvula própria. O ar inspirado, atravessa a caixa, nela se depura e, quando expirado, sai por uma valvula colocada no extremo de um tubo que se abre na parte exterior da mascara e de que o outro extremo, em forma de bocal, o soldado aperta entre os dentes. A respiração pelo nariz é impedida, com o auxilio duma pinça metálica que aperta as narinas. A mascara, de tela, está á prova de gaz e ajusta-se perfeitamente ao rosto por meio de fitas elasticas. Os vidros de visão são tratados com uma composição especial para evitar que se tornem escuros, e, quando embaciados, limpam-se exteriormente com as dobras da própria máscara, sem lhe alterar a posição.

São 3 as posições para o uso do Respirador:

a) — *Posição de marcha* — A tiracolo, por cima de todo o equipamento, pendente sobre o quadril esquerdo;

b) — *Posição de «Alerta»* — Suspensa á frente do peito, á altura dos mamilos, com as molas da tampa voltadas para dentro;

c) — *Posição de «Alarme»* — Adaptada ao rosto.

O Capuz tem a forma de um saco cujo tecido, de flanela de algodão, está embebido num liquido neutralisante. E' dotado dos indispensaveis oculos de vidro e dum bocal com valvula para a inspiração e expiração. O capuz é transportado num saco de lona impermeavel com bandoleira, podendo tomar as mesmas 3 posições do Respirador, com o auxilio de alfinetes para o fixarem nas posições de Alerta e de Alarme.

Defesa colectiva

Para a defesa colectiva de tropas em abrigos (postos de socorros, estações telefonicas etc.) emprega-se um sistema de vedação nas portas de entrada, consistindo, essencialmente,

na adaptação a um caixilho, de uma cortina de linhagem ou duma manta embebida numa solução de hiposulfito, cortina esta que, normalmente, se conserva enrolada. A solução de hiposulfito só sobre a manta é lançada quando se prevê um ataque de gazes, usando-se para este efeito do Pulverisador Vermorel (aparelho analogo aos pulverisadores de sulfato contra o mildium).

A defeza anti-gaz pelos meios que ficam apontados, só poderá ser eficaz se, como tambem já dissemos, houver garantias de que todos serão avisados a tempo, logo que se esboce um ataque de gazes. Para tal fim a defesa deve ter organisado não só um perfeito serviço de observação das condições atmosfericas e do inimigo, como tambem um sistema completo de transmissões rapidas de avisos que se estenda até, pelo menos, 11 quilometros para a retaguarda.

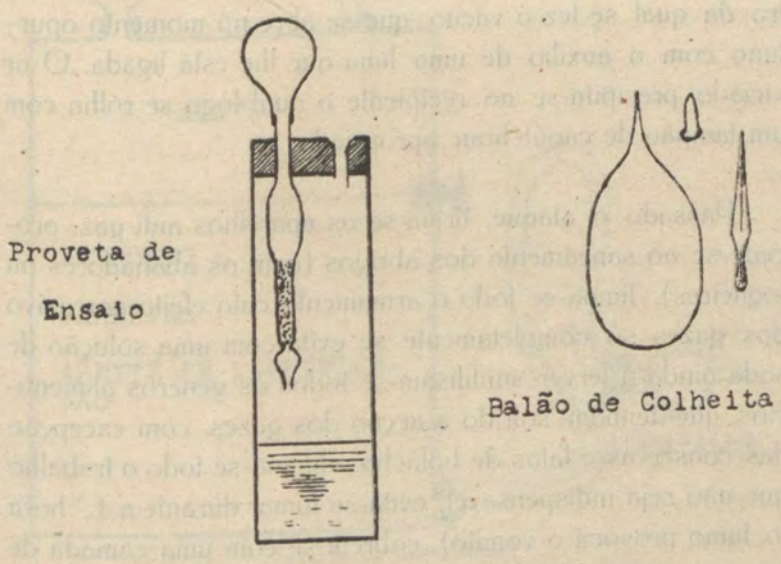
Os avisos empregados podem ser: *Luminosos* (Tabuletas e Foguetes) e *Acusticos* (Sinetas improvisadas, Buzinas vulgares e Buzinas «*Strombos*»).

A observação das condições atmosfericas, relativas, principalmente á direcção e velocidade do vento, faz-se, duma forma mais ou menos rudimentar, por meio de ventoinhas, cataventos (alguns bastante interessantes, de construção manual dos soldados), etc. O resultado destas observações é consignado em relatorios, de 3 em 3 horas, que, para as estações superiores, se transmitem obrigatoriamente todas as tardes e todas as madrugadas.

Medidas a tomar em caso de ataque de gazes

Dado o sinal de Alarme, todos colocam rapidamente os aparelhos anti-gaz, correm-se as cortinas dos abrigos, ces-

sam os trabalhos, acordam-se os que porventura estejam dormindo nas trincheiras e abrigos e reduz-se ao minimo tanto os movimentos como as conversas. As guarnições de infantaria ocupam os troços de trincheira que lhes dizem respeito e abrem fogo lento na direcção das trincheiras inimigas; as metralhadoras executam rajadas rapidas e intermitentes; a artilharia de campanha rompe um intenso bombardeamento sobre a frente inimiga.



Esquema de aparelhos de indicação e colheita de gazes

Durante o ataque, os oficiais especialisados em gazes procuram identificar a natureza do gaz, com a proveta de ensaio, e recolher algum gaz, para analises posteriores, nos balões de colheita.

A proveta, hermeticamente fechada, tem a rolha atravessada por um delgado tubo a que, exteriormeete, está adaptada uma ampola de borracha e que no interior contém uma

determinada substancia quimica. A proveta tambem contém uma certa solução incolôr.

O seu emprego limita-se á extração da tampa dum pequeno orificio da rolha, seguida da compressão da ampola de borracha do tubo, para se expulsar o ar puro e aspirar o ar viciado. Este, atravessando o liquido e os cristais do tubo, pela coloração que lhes pode dar, fornece logo indicações sobre o seu principal componente.

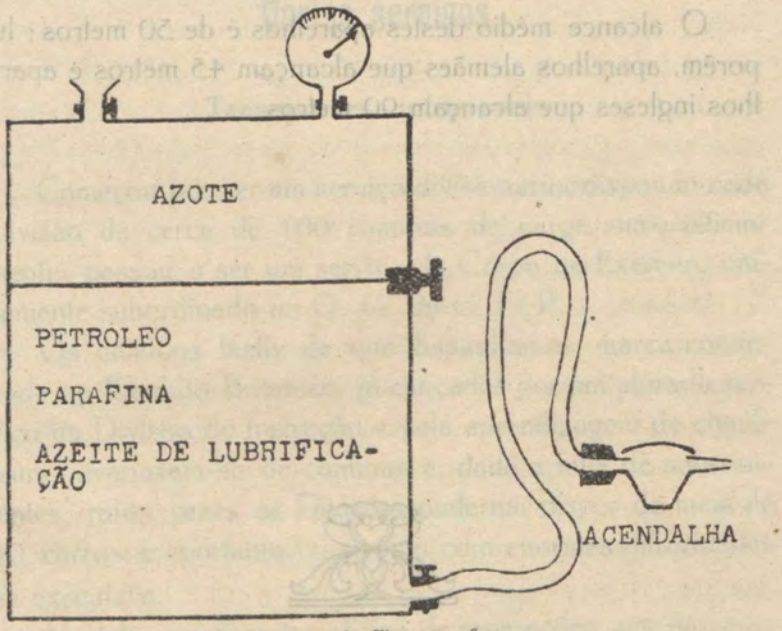
O balão, é uma simples ampola ou garrafa de vidro dentro da qual se fez o vacuo, que se abre no momento opurtuno com o auxilio de uma lima que lhe está ligada. O ar viciado precipita-se no recipiente o qual logo se rólha com um tampão de caoutchouc apropriado.

Passado o ataque, tiram-se os aparelhos anti-gaz, procede-se ao saneamento dos abrigos (com os abanadores ou fogueiras), limpa-se todo o armamento cujo efeito corrosivo dos gazes só completamente se evita com uma solução de soda ainda a ferver, inutilisam-se todos os generos alimenticios que tenham sofrido a acção dos gazes, com excepção das conservas e latas de bolacha, elimina-se todo o trabalho que não seja indispensavel, evita-se fumar durante a 1.ª hora (o fumo provoca o vomito), cobrem-se com uma camada de terra as crateras e covas de morteiros, etc.

Os solipedes, sendo tambem influenciados pelos gazes venenosos, se bem que possam respirar uma maior quantidade destes gazes sem sofrer os mesmos efeitos, levam no seu equipamento sacos anti-gaz susceptiveis de serem aplicados apenas á maxila superior, por forma a não ficar impedida a acção do freio ou bridão.

Liquidos inflamados

São lançados por aparelhos especiais a que se generalisou o nome alemão de *Flamenwerfer*. Este aparelho é um recipiente cilindrico com um manometro e uma torneira na parte superior, por onde se carrega. Na parte inferior existe



Esquema do *Flamenwerfer*

uma outra torneira onde se adapta uma mangueira que na extremidade livre apresenta um copo contendo uma acendalha de estopa com parafina. Interiormente o recipiente é, transversalmente, dividido em dois compartimentos susceptiveis de comunicarem um com o outro por meio de uma nova torneira manobrada do exterior.

No compartimento inferior deita-se uma mistura de liquidos inflamaveis: Petroleo, Parafina, Azeite de lubrificação,

etc.; no superior introduz-se um gaz a uma forte pressão. O aparelho é transportado ás costas de um homem, pegando outro na mangueira.

Abrindo-se as torneiras dos compartimentos e da mangueira, o liquido, impelido pelo gaz, sai em jacto que se inflama ao atravessar a acendalha que, préviamente, se deve ter aceso.

O alcance médio destes aparelhos é de 30 metros; ha, porêm, aparelhos alemães que alcançam 45 metros e aparelhos ingleses que alcançam 90 metros.

VIII

Varios serviços

Transportes automoveis

Começou por ser um serviço divisionario, dispondo cada Divisão de cerca de 100 camions de carga, mas, ultimamente, passou a ser um serviço de Corpo de Exercito, unicamente subordinado ao Q. G. do C. E. P.

Os camions Kelly de que dispunhamos, marca condenada no Exercito Britanico, já cançados por um aturado serviço na Divisão de Instrução e pela aprendizagem de chauffeurs, avariavam-se de continuo e, dada a falta de sobresalentes, raras vezes as Divisões puderam dispôr de mais de 40 carros e, portanto, o serviço com enormes dificuldades se executava.

Modelar era a nossa oficina de reparações, por nós portugueses totalmente montada, e onde, com limitados recursos, se faziam todos os concertos, mesmo os mais delicados. Chegou-se mesmo, graças ao aproveitamento das peças dos completamente incapazes, a montar-se carros novos, carros *Panzle*, como lhes chamavamos.

Os transportes automoveis eram principalmente utilisados para os comboios de viveres, entre a Estação Testa de Etapes e os Locais de Reabastecimento, para os transportes de material de engenharia, até aos Depositos das Unidades

e para os transportes de pessoal; estes ultimos menos frequentes.

Para o transporte diario de munições até aos Depositos das Divisões, havia um organismo especial, tambem de Corpo de Exercito, o *Sub-Parque de Munições*, o qual dispunha de um certo numero de camions de 3 toneladas, adquiridos aos ingleses. Por esta forma se dispensaram as Colunas de Munições, fazendo-se o Serviço de Remuniciamento pelos camions do Sub-Parque até aos Depositos divisionarios, estabelecidos a 2 ou 3 quilometros á retaguarda da Linha do Corpo (a 4 quilometros dos Batalhões e Baterias) e pelos carros de munições das Unidades, carros de esquadrão e até carros de companhia, desde aqueles Depositos até ás Unidades.

Embora o Sub-Parque fosse um elemento de Corpo de Exercito, o nosso estava superiormente subordinado ao Parque do Exercito Britanico e, assim, o C. E. P. dele não podia dispôr sem prévia consulta a esse Exercito, utilisando-o este, em serviço, sempre que o julgava conveniente.

Serviço de Higiene e Bacteriologia

Era, tambem, um serviço do Corpo de Exercito e na sua organisação predominava o pessoal medico das Companhias de Saude. A cargo deste serviço estava a superintendencia e fiscalisação em tudo quanto respeitava ás questões de saneamento dos acantonamentos, trincheiras, etc. Fazendo parte integrante dele havia uma Oficina onde se construiam os incineradores para lixos, fezes e residuos de toda a especie, retretes de campanha, etc.

A cargo do Serviço de Higiene e Bacteriologia estava, tambem, a instrução das *Secções de Saneamento* das Uni-

dades (8 soldados e 1 cabo por Batalhão ou Grupo) as quais cuidavam da limpesa e higiene do acantonamento ou da zona de trincheiras onde se encontravam as respectivas Unidades.

Apesar de poder parecer de somenos importancia um tal serviço, era ele indispensavel e o seu pessoal, embora reduzido, prestou magnificos serviços.

Serviço de Beneficiação de Fardamento

Como os anteriores, era ainda um serviço de Corpo de Exercito, directamente dependente dos Serviços Administrativos.

A este serviço, como o seu nome indica, pertencia tratar das reparações no fardamento e da sua beneficiação. Para tais fins dispunha de uma Oficina de alfaiate e de uma Lavandaria a vapôr, onde, tanto numa como noutra, além do pessoal militar, estavam tambem empregadas numerosas mulheres (costureiras e lavandeiras).

O funcionamento deste serviço levou á adopção, no que respeita ao fardamento, do sistema inglês. O fardamento deixou de ser propriedade das praças e passou a fazer parte da carga das Unidades. Por esta forma se permitia que as praças, á saida das trincheiras, vindo ás casas de banho tomar o seu duche, ahi recebessem uma andaina completa de roupa lavada, deixando lá ficar a suja que, enviada á Lavandaria, era ali desinfectada em estufa, lavada, concertada e novamente entregue ás Companhias ou ás casas de banho, em troca de egual numero de outras peças que necessitassem lavagem ou concerto.

Como, porém, o C. E. P. apenas dispunha de uma unica Lavandaria, esta não dava vencimento ao serviço das

duas Divisões e, consequentemente, dada a falta de fardamentos com que sempre luctámos, não por menos deligencia do nosso pessoal, mas pela força das circunstancias, chegámos, por vezes, á triste situação de ter de forçar as praças a permanecerem encerradas nos seus quarteis emquanto se enchugava a roupa que, de fugida, tinham conseguido lavar nos drenos ou ribeiras.

A proposito lembro-me dum curioso incidente passado com S. Ex.ª o General Comandante da . . . Divisão. Passava eu com S. Ex.ª pela zona de acantonamentos de uma determinada unidade de infantaria quando, no talude de uma estrada, á sahida de uma Ferme, vimos um soldado, de capote, parar embaraçado e, precipitadamente, apresentar armas. Imaginem a nossa surpresa quando, com a precipitação dos movimentos, o capote, abrindo-se, deixa ver por debaixo, em vez de calções, umas pernas de cuecas e grevas. Averiguado o caso, in loco, soube-se que, estando marcada para o dia imediato uma Revista ao Batalhão, passada pelo mesmo Ex.mo General, as Companhias estavam passando a prévia Revista de Armamento a que todas as praças tinham de comparecer. Como, porém, algumas, para aparecerem limpas, tinham lavado, de manhã, o unico fardamento que ainda não tinha enxugado, para não faltarem, tinham adoptado o expediente de comparecerem na Revista de armamento, de capote e . . . cada um como podia.

Serviço de Salvados

Era um serviço divisionario, a cargo da artilharia. Tinha ele por objecto recolher e reunir em Depositos á rectaguarda, todo o material de qualquer naturesa (material de guerra avariado, material agricola pertencente aos proprietarios das

regiões invadidas, peças de maquinas de oficinas agora em ruinas, etc.), encontrado disperso, pelas trincheiras ou nas zonas das Divisões, enviando-o em seguida para os Depositos de Salvados de Corpo e de Exercito.

Para a execução deste serviço contava-se, por Divisão, com um Oficial (em regra de cavalaria) e varias praças (sargentos, cabos e soldados) privativos das Brigadas e Batalhões.

Serviço de Agronomia

Era um serviço de Corpo de Exercito em cujos Quarteis Generais havia um Ofiicial especialisado (entre nós um Oficial da Administração Militar com o curso de Agronomia) a quem incumbia propôr as providencias adequadas para facilitar os trabalhos Agricolas, auxiliando a população civil, e promover, dentro do possivel, a cultura das terras pelos militares e para seu uso exclusivo.

A escassez de alguns dos elèmentos vegetais componentes da ração (hortaliças, batatas, etc.), muito apreciados pelo nosso soldado, fez sugerir a ideia da sua cultura pelas proprias tropas, aproveitando-se certas areas do terreno ocupado pelas unidades e que se obteriam por arrendamento. Esta medida, só praticamente exequivel nas areas de concentração, quiz levar-se mesmo até ás unidades em 1.ª linha, mas, as continuas rendições dessas unidades, os bombardeamentos, etc, foram causas impeditivas da preparação das *Hortas das trincheiras*, chamemos-lhe assim. Tais hortas, contudo, existiam no Terreno do Ninguem, onde, por exemplo, na frente do sector de *Fauquissart*, as nossas patrulhas, sempre que saiam, ahi faziam larga colheita de hortaliças.

Serviço de Expedição de Bagagens e Registro de Perdas

Visava este serviço a coligir todos os elementos referentes ás perdas de pessoal em combate. A seu cargo estava o registro dos mortos com a localisação das respectivas sepulturas, a organisação dos espolios e sua remessa para a Patria, a fiscalisação dos cemiterios de Campanha, etc.

Participava o seu tanto de agencia funeraria, tanto mais desenvolvida quanto maior era a unidade junto da qual funcionava. Da sua necessidade e importancia dos serviços ficar-se-ha fazendo ideia, citando a «*Burial Section*» do Exercito em *Rouen*, repartição dirigida por um Oficial do Estado Maior, comportando varias secções, onde estavam prestando serviço cerca de uma duzia de oficiais e dezenas de amanuenses.

No C. E. P., era, tambem, um Oficial superior de infantaria que, superiormente, dirigia estes serviços tendo 1 oficial, dos julgados incapazes para o serviço das trincheiras, em cada Divisão, como seu delegado e um sargento nas Brigadas.

Se, para todos quantos teem passado pelo C. E. P., é reconhecida a indispensabilidade de tal serviço, pois mesmo nos meses de calma, nem um só dia se passava sem ter de se registrar alguns mortos, os ultimos acontecimentos e os sobresaltos do desconhecido que então avassalaram todos os portugueses, veem pôr em relevo a importancia do serviço a que nos estamos referindo e a necessidade da sua cuidada organisação e regular funcionamento.

IX

Alterações introduzidas nos meios e processos de combate

Na Guerra de Trincheira, embora todas as armas e serviços tenham um papel a representar, embora todas continuem sendo importantes e indispensaveis, embora a cada uma delas — dentro das suas propriedades caracteristicas — incumbam missões especiais, o certo é que uma tal modalidade de fazer a Guerra veio, não só introduzir alterações nos meios e processos de combate de algumas das armas, dotando-as com novos engenhos de proteção e destruição e quasi que creando *Armas Novas*, como tambem, pelo seu caracter de guerra parada, veio modificar, na sua aplicação, os principios pelos quais, até então, se regia o funcionamento dos diversos serviços.

A longa permanencia na labirintica rêde dos entrincheiramentos dos beligerantes, cobrindo centenas de quilometros no sentido da Frente e dezenas em profundidade; os acrescimos de potencia e alcance da artilharia pesada; o desenvolvimento dos serviços da aeronautica; o emprego dos gazes asfixiantes e lacrimogenios, dos fumos e dos liquidos inflamados; o aparecimento dos *Tanks*, etc, são as causas justificativas das alterações a que acabo de aludir.

E com efeito; as rêdes dos entrincheiramentos dos beligerantes, em imediato contacto umas com as outras, for-

çando-os ao combate dentro de tão sinuosas escavações, levaram á generalisação do emprego das granadas de mão e á indispensavel alteração na esgrima de baioneta; a enorme extensão das frentes, em desporporção com os efectivos de espingardas disponiveis, aconselhou o largo uso das metralhadoras para a manutenção da necessaria densidade de fogo que, em parte, deveria suprir a fraca densidade de guarnição; a necessidade de ferir o adversario, instalado por detraz dos parapeitos e em abrigos á prova, em entrincheiramentos a poucas dezenas de metros, provocou o emprego das bocas de fogo de tiro vertical, morteiros de trincheira, de grande efeito material e moral; o emprego dos gazes asfixiantes, fumos, etc, forçou á adopção das indispensaveis medidas de precaução para anular os seus perniciosos e barbaros efeitos (mascaras, capuzes, etc.); o desenvolvimento dos meios de observação e informação (aeroplanos, balões cativos, dirigiveis, espiões, etc) provocaram o estudo e utilisação dos mais caprichosos sistemas de *Camouflage*, tendentes a mascarar todos os movimentos e instalações das tropas no terreno; em resumo, pelas causas que ficam enumeradas e por muitas outras que irei apresentando, o papel das diferentes armas e o funcionamento dos varios serviços foram, em parte, alterados, alterações que, como é logico, se vieram fazer sentir nas respectivas organisações.

Tais alterações fizeram-se mesmo sentir na elaboração dos Planos de Campanha e até na das Ordens de Operações. Assim, a quem, como nós, só estava familiarisado com as doutrinas da Guerra de Movimento, não poude deixar de se surpreender ao ter conhecimento da elaboração dos projectos e das Ordens de Operações, em que o esquema impera, muitas vezes com meses de antecedencia, e

onde, procurando meticulosamente prevêr-se os menores detalhes, se desce ao ponto de se marcarem os dias, horas e minutos precisos em que tal ou tal incidente se tem de produzir.

Foi-nos dado analisar o Projecto de Operações duma das ofensivas dos aliados em 1917 e tivemos então ocasião de admirar a sua contextura.

Todos os promenores a que aludimos foram lançados sôbre a carta onde, em curvas de côres variadas, azul, amarelo, vermelho, etc, ficaram traçados os objectivos a atingir pelos Exercitos em cada dia e, assim, nas Ordens de Operações e até nos comunicados se dizia: Tal Unidade atingiu o objectivo vermelho ou azul, etc. Ora sucedeu que uma determinada fracção da linha atacante, porque os alemães efetuaram a retirada estrategica, ultrapassou em certo dia o objectivo marcado para esse dia (o azul por ex:) e alcançou o do dia imediato (o amarelo, suponhamos). Daqui — para não alterar o esquema, evitando-se consequencias imprevistas a que, de pronto, não seria possivel fazer face — uma paralisação nas operações até que, entrando-se novamente no horario estabelecido, se poude proseguir no avanço metodico, conforme o Projecto.

Tendo-nos já ocupado da parte relativa aos serviços, vamos procurar alguma coisa dizer do que respeita ás armas.

X

A infantaria na guerra de trincheiras; os seus meios de acção

De todas as armas, aquela sobre a qual mais densamente incide o peso da Guerra de Trincheiras, aquela que permenentemente guarnece os entrincheiramentos em contacto imediato e directo com o inimigo, aquela que ahi vive a vida de toupeiras a que já varias vezes tenho aludido, aquela cujo moral mais sujeito está a ser afectado, aquela que é forçada a permanecer na zona das passsadeiras, nas terras onde caem os morteiros, aquela que varias vezes tem de sahir para o Terreno do Ninguem em patrulhas ou para o combate, aquela que em tão arduo serviço mais sofre das intemperies do clima, aquela, pois, que verdadeiramente sente a Guerra, é a *Infantaria*, a rainha das batalhas de sempre, hoje ainda, a rainha das trincheiras.

E porque assim é, e porque em volta dela gira toda a acção das restantes armas e serviços na guerra parada, por ela começaremos a analise que nos propômos fazer do papel das diferentes armas na Guerra de Trincheira.

A mais pequena Unidade que a nova modalidade da Guerra impôz se organisasse, abrangendo todas as *armas* com que a infantaria se acha provida, é o *pelotão*.

E', pois, ele a unidade tatica base da infantaria e, para

bem podermos compreender o papel desta arma na actual guerra, forçoso é que, um pouco mais promenorisadamente, estudemos a sua organisação.

O Pelotão, constituindo a fracção fundamental da infantaria no combate, contém todos os meios de accão desta arma. Estes são:

a) — *Espingarda e Baioneta* — As melhores armas ofensivas do soldado, destinando-se a obter a superioridade do fogo e efectuar o assalto ou repelir o ataque;

b) — *Granadas de mão* — Que obrigam o inimigo a abandonar as trincheiras e abrigos, conquistando as posições inimigas numa luta passo a passo;

c) — *Granadas de espingarda* — Que forçam o adversario a abandonar as trincheiras recolhendo-se nos abrigos. Dispondo de maior alcance que as granadas de mão, favorecem o avanço, tendo, na sua limitada esfera de acção, um papel semelhante ao da artilharia, no apoio moral e material da infantaria;

d) — *Metralhadoras ligeiras* — Que aumentam a potencia do tiro, garantindo a indisqensavel superioridade do fogo. A sua grande mobilidade e pequena vulnerabilidade favoreecem a acção nos flancos.

Devendo o Comandante do pelotão, como primeiro responsavel pelo emprego conveniente da sua Unidade, ter um completo conhecimento de todos estes meios, deles vamos tentar dar uma rapida ideia.

Sobre a Espingarda e Baioneta, embora o C. E. P. use a *Lee*, inglesa, ela é de sobejo conhecida para que mereça a pena estarmos a perder tempo como a sua descrição. Assim começaremos pelas:

Granadas de mão

Varios tem sido os modelos desta especie de granadas empregadas pelos aliados na presente Guerra.

No Exercito Britanico e, consequentemente, no C. E. P., o que mais se usa tem as seguintes caracteristicas:

E' uma granada de ferro fundido, de fragmentação sistematica, de peso total 650 gramas aproximadamente. O corpo da granada é de forma ovoide, com um canal cilindrico axial onde se aloja o percutor, tapado inferiormente pela *placa da base* (de bronze, cobre ou aluminio), fortemente roscada ao corpo da granada para que esta apresente a mesma resistencia em todos os pontos. Na parte oposta aquela em que se encontra a placa da base, existem duas munhoneiras com duas ranhuras e dois orificios, as primeiras para alojamento das pontas do eixo da *alavanca* que prende o percurtor e os ultimos para por eles ser introduzida a *cavilha de segurança com argola*, destinada a segurar a alavança.

O *Percutor* é um cilindro metalico accionado pela respectiva mola e nele existem duas *pontas* destinadas a ferir a capsula fulminante da *espoleta*. Esta compõe-se do Fulminante e Rastilho (com 5 segundos de duração) alojados no Canal do Percurtor, e do Detonador, de fulminato de mercurio, alojado num outro canal, cuja abertura se encontra na base da granada em contacto imediato com o rastilho da espoleta e com a carga da granada, disposta no espaço deixado entre o canal axial e as paredes do corpo da mesma.

O carregamento desta granada faz-se introduzindo a carga pelo *Canal de carregamento* cuja abertura se encontra no corpo da granada e junto ás munhoneiras, fechada

por um parafuso e obturada, depois, com lacre para impedir a entrada da humidade.

A carga é constituida por Amonol.

Esta Granada vem da Fabrica com o Percutor armado, carregada e com a Cavilha de segurança no seu logar, sendo apenas necessario colocar a Espoleta e, em seguida, roscar, com a chave propria, a Placa da base. Para o seu emprego deve-se pegar na granada de maneira a premir a Alavanca com as segundas falanges de todos os dedos, excepto o polegar, ficando a argola da Cavilha de segurança para o lado do braço livre.

Antes de se atirar a granada, puxa-se pela argola para arrancar a Cavilha, sem afrouxar as falanges dos dedos de sobre a Alavanca, seguidamente, lança-se o projectil. A Alavanca tendo ficado livre solta o Percutor que pela acção da mola vai ferir a capsula fulminante da espoleta que, por sua vez, comunica logo ao rastilho. Este, no fim de 5 segundos, faz explodir a carga do detonador cuja explosão faz rebentar a carga da granada.

Granadas de Espingarda

Variados são os modelos que ainda hoje se encontram em uso nos Exercitos aliados. Granadas como a anterior n.º 23, Granadas cilindricas de varios tipos, não falando já na velha Granada *Newton Pippin*, hoje posta de parte, são todos sistemas de granadas, mais ou menos perfeitos, de maior ou menor segurança para o atirador e comportando uns gramas a mais ou a menos de carga, de que, para ficarmos com uma ideia, bastará descrever dois dos tipos a que elas se podem reduzir.

O alcance, bem como o ponto de rebentamento da gra-

nada, varia com o angulo de inclinação dado á espingarda no momento do disparo, como é quasi intuitivo. O alcance maximo, para a inclinação de 45°, é de 80 metros, aproximadamente; a altura de explosão mais eficaz é de 2 metros acima do solo, a qual se pode obter dando á espingarda uma inclinação superior a 45°, consequentemente em detrimento do alcance.

Embora qualquer espingarda sirva para o arremesso das granadas, como as varetas deterioram as estrias, escolhem-se para o efeito espingardas já cançadas. O cartucho empregado é um cartucho vulgar, carregado com *Cordite*, sem bala, obturado com cera ou outra qualquer substancia que ofereça garantias de impermeabilidade.

Granada ovoide. — É identica á de mão já descrita, apenas com a diferença de que, a Placa da Base tem, ao centro, um cavado cilindrico, roscado, destinado a receber a ponta roscada da *Vareta* de ferro, revestida duma delgada camada de cobre, para não danificar muito o cano da espingarda onde tem de ser introduzida. O peso total é de 680 gramas.

Para empregar esta granada usa-se, geralmente, de uma peça metalica em forma de copo, *Copo Mills*, que se fixa na boca do cano da espingarda juntamente com o sabre-baioneta, destinado a, de encontro ás suas paredes, se ir encostar a Alavanca da granada cuja Cavilha, então, se pode retirar sem perigo para o atirador. Á falta de copo pode, ainda que com um certo perigo, atirar-se a granada, desde que se lhe tire a Cavilha, Alavanca e Mola do Percutor, o qual se fará sair das munhoneiras o mais possivel, mantendo-se nessa posição com um pouco de cera ou mesmo lama.

Para se lançar uma destas granadas, executam-se pela ordem que vão indicadas, as seguintes operações:

a) — Colocação na espingarda do Sabre e Copo;

b) — Descançar o cão;

c) — Colocar, a granada, já preparada, no Copo, podendo ficar a Alavanca em qualquer posição;

d) — Tirar a Cavilha de segurança, segurando a granada com 2 dedos, a fim de a não deixar sair do Copo;

e) — Preparar a espingarda;

f — Fazer fogo.

As posições da espingarda para o lançamento da granada, podem ser:

a) — Apoiada no hombro, na posição do atirador de pé;

b) — Segura, sôbre o quadril, na posição de carregar (de pé);

c) — Apoiada no solo, estando o atirador na posição de joelhos;

d) — Ainda na posição de carregar (de pé), apoiando a chapa do couce no talude de revez da trincheira;

e) — Apoiada em cavaletes especiais, para uma ou para mais espingardas, constituindo-se neste ultimo caso as *Baterias de espingardas*.

Granada cilindrica. — É tambem de ferro fundido, cilindrica, como o seu nome indica, de paredes simples, ôca, com o percutor introduzido num pequeno cilindrico de latão fixo ao bloco do mesmo metal que sustenta a Vareta. A espoleta introduz-se pela base superior do Corpo da granada e vai dentro de um tubo de latão que, na posição normal, não pode encostar á ponta do Percutor pela acção de uma ligeira mola em espiral que dela a afasta e porque o Percutor é mantido no seu alojamento por dois pequenos botões sujeitos por uma anilha mantida fixa por uma Cavilha de segurança.

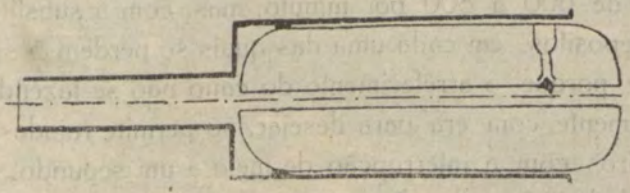
Para se lançar esta granada não é preciso copo, bas-

tando introduzir a Vareta no cano e em seguida tirar a Cavilha.

Quando se dá o tiro, a anilha que sujeita os botões fixadores do Percurtor, por inercia, destaca-se, os botões caem dos seus alojamentos e o percurtor, vencendo a acção da Mola, vai ferir a espoleta e produzir a explosão.

Em confronto com estas granadas interessante será dar uma ideia de uma sua similar usada pelo inimigo.

Os alemães empregam uma nova granada de espingarda, que é lançada por meio dum copo cilindrico ajustado á arma, empregando-se o cartucho ordinario.



Esquema da nova granada de espingarda alemã m.'917

O referido copo tem 28,^{cm}8 de comprimento; a parte cilindrica tem 13,^{cm} sendo o seu diametro interno de 6,^{cm}. Perto da base tem um rebordo onde assenta a granada. A haste do copo cilindrico tem de comprimento 85,$^{cm}_{1}$9 e veste na parte anterior do cano sendo fixada por um anel com uma mola.

Na granada ha a considerar o corpo, a carga e a espoleta com a sua capsula fulminante. O corpo é cilindrico terminado por hemisferios e tem um canal central para a passagem da bala; na parte interna tem ranhuras para facilitar a sua fragmentação.

A carga é formada por um explosivo derivado do nitrato de amónio, parecido com a astralite.

A bala na sua passagem pelo canal interno da granada encontra uma saliencia que existe perto da sua extremidade superior, fazendo, assim, detonar a capsula explosiva da espoleta.

A propulsão da granada é produzida pelos gazes provenientes da explosão da carga do cartucho ordinario.

Metralhadora Ligeira

A metralhadora ligeira *Lewis* é de invenção belga, com modificações feitas por um dentista americano e, já depois da guerra actual, com outras inglesas. A sua velocidade de tiro é de 600 a 800 por minuto; mas, com a substituição dos depositos, em cada uma das quais se perdem 3 segundos, e porque o arrefecimento do cano não se fazendo tão rapidamente com era para desejar, só permite rajadas de 6 a 7 tiros com a interrupção de meio a um segundo, a sua velocidade fica reduzida a 300 tiros por minuto, aproximadamente, o que é ainda bom, dadas as condições em que ela deve funcionar.

E' uma metralhadora ligeira ou, talvez com mais propriedade, uma espingarda metralhadora visto que não tem nem deve ter suporte pesado (reparo) e se transporta facilmente ao hombro como uma espingarda, quando em marchas pequenas; na posição correspondente ao «*Cruzar-Arma*» (em guarda), quando nos avanços rapidos, com ou sem passadeira, e finalmente sobre o joelho esquerdo, agarrada a manga pelo braço direito, nas marchas rastejantes.

O seu fogo equivale ao fogo feito por 25 homens com espingarda.

Comparada com qualquer metralhadora pesada, nota-se:

a) — Esta, a ligeira, acompanha a infantaria (baionetas e

granadeiros) em todos os seus movimentos, dando-lhe o apoio que necessita, depois da barragem da artilharia e durante ela, garantindo tambem o avanço da pesada. O seu fogo, embora fixante, póde facilmente mudar de direcção e actuar sobre o ponto mais necessario, qualquer que seja a alteração sofrida no plano de ataque ou de defesa, nosso ou do inimigo.

Na Escola de Metralhadoras Ligeiras do C. E. P. (França)

b) — Aquela, a pesada, faz o seu fogo em leque com absoluta regularidade.

c) — Pela sua extrema mobilidade, a metralhadora ligeira auxilia imenso os baionetas e granadeiros na ocupação da posição, evitando os contra-ataques ou retornos ofensivos imediatos.

Porêm:

a) — O sistema de arrefecimento do cano não lhes permite o fogo continuado;

b) — O sistema de suporte, sem reparo, não garantindo a absoluta regularidade do fogo, torna necessaria a correção da pontaria, todas as vezes que este se interrompa.

Os depositos das metralhadoras são tambores com alojamentos para duas ordens de cartuchos. As munições são as da espingarda, mas os cartuchos são selecionados e fornecidos em cunhetes especiais.

A guarnição da metralhadora é constituida por 1 chefe (1.º cabo ou 2.º sargento) e por 8 serventes.

Á semelhança do que fizemos para as granadas de espingarda, vamos, em confronto, apresentar as caracteristicas da mais recente Metralhadora Ligeira alemã.

Esta Metralhadora, distribuida em Dezembro de 1917 e ainda pouco empregada, segundo um documento apreendido, onde se contem o «Extrato das experiencias com ela realisadas pelo XVI Exercito Alemão», apresenta as seguintes caracteristicas:

É de fita e de refrigerante de agua. Completamente carregada pesa 24^{k},970.

Permite a execução de rajadas até 250 tiros.

É muito sujeita a interrupções.

Não deve fazer fogo por cima da infantaria e, portanto, só pode ser empregada na Linha A ou em crateras á sua frente.

Não está distribuida aos pelotões mas sim ás Companhias cujos respectivos Comandantes as empregarão segundo as circunstancias.

Aos 4 meios de acção que acabamos de apresentar, correspondem as 4 secções em que, organicamente, o pelotão está dividido, a saber:

Atiradores, Granadeiros, Granadeiros de Espingarda, Metralhadoras.

XI

A Infanteria no Combate. As Especialidades (1)

Para passarmos a apreciar a acção do Pelotão no combate teremos de, separadamente, o considerar na Ofensiva ou na Defensiva e em qualquer destas circunstancias, na Guerra de Trincheiras ou na Guerra em Campo Aberto, para distinguir o combate metodico, a lucta corpo a corpo, conquistando palmo a palmo o terreno organisado pelo inimigo, do combate em que um avanço mais rapido se realisa depois de conquistada a organisação defensiva mais importante.

Ofensiva

Duma maneira geral, a formação normal do Pelotão em combate é a ordem extensa. Para o ataque de trincheira a trincheira o Pelotão forma em 2 linhas duma só fileira que, no seu conjunto, constituem a *primeira vaga de assalto*. A constituição normal das linhas e o modo como devem actuar é de sobejo conhecida pelas Instruções, em Portugal já publicadas ao nosso Exercito, razão pela qual nos dispensamos de aqui a reproduzir, limitando-nos a apresentar os seus capitais topicos.

---

(1) C. E. P. — Infantaria — Escola de Pelotão — Lisbôa, Imprensa Nacional. — 1917.

A secção de atiradores deve avançar até atingir uma posição sobre um flanco donde possa atacar a tiro e á baioneta.

A secção de granadeiros de mão deve avançar até atingir uma posição sobre um flanco e atacar, protegida pelo bombardeamento das granadas de espingarda.

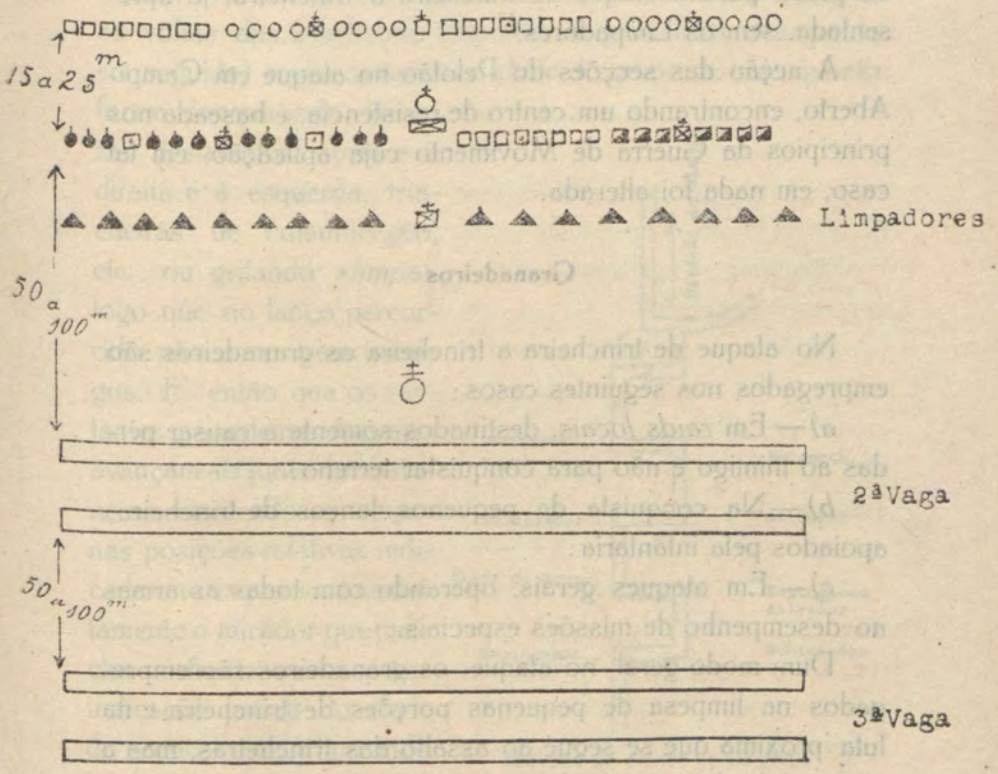
A secção de granadeiros de espingarda, tanto quanto possivel desenfiada, deve fazer um intenso bombardeamento sobre o ponto de resistencia. Cada granadeiro poderá, para acção imediata, transportar comsigo 6 granadas, ás costas, metidas num bornal cujo fundo se prefurou para dar passagem ás varetas.

A secção da metralhadora Lewis, abrigada o mais possivel, deve, em primeiro logar, varrer com os seus fogos o ponto de resistencia. Mais tarde poderá convir que execute um avanço envolvente sobre o flanco. Geralmente a metralhadora Lewis deve proteger o flanco exterior da Unidade a que pertence.

Os *Limpadores* avançam em seguida á primeira linha, precedendo a Unidade para a qual lhes compete fazer a limpeza. Quando houver necessidade que sejam numerosos, serão fornecidos por outra companhia ou Batalhão. Os limpadores devem trabalhar por grupos de 2, sob as ordens do respectivo chefe, competindo-lhes, ao atingirem as trincheiras inimigas, percorrerem-nas para um e outro lado, matando os inimigos que porventura ainda ahi se encontrem e vigiando as entradas dos abrigos e trincheiras secundarias, até á chegada do *Apoio* (2.ª Linha).

Alem do municiamento proprio da infantaria, cada Limpador levará mais duas Granadas «P» (de Fumo e Incendiarias). Estas granadas são de folha, cilindricas, com o tubo do detonador soldado a uma das bases. A explosão

provoca-se por meio de uma espoleta com rastilho de 5 segundos de duração, inflamando-se este por meio da fricção de uma lixa num fulminante a que ele está ligado.



Esquema da Companhia para o ataque

A carga da granada pode arder durante 20 minutos.

O presente esquema representa a disposição para o ataque de trincheira a trincheira duma Companhia, em tres linhas.

Em Campo aberto, na Zona dos fogos de artilharia, a formação normal do Pelotão será em coluna de secções de

costado, avançando as secções a 4, a 2 ou a 1, segundo as exigencias da situação. Desta passa-se com facilidade para a formação em linha, em duas fileiras, semelhante á adoptada para o ataque de trincheira a trincheira, já apresentada, sem os Limpadores.

A acção das secções do Pelotão no ataque em Campo Aberto, encontrando um centro de resistencia, é baseada nos principios da Guerra de Movimento cuja aplicação, em tal caso, em nada foi alterada.

Granadeiros

No ataque de trincheira a trincheira os granadeiros são empregados nos seguintes casos:

a) — Em *raids locais*, destinados sómente a causar perdas ao inimigo e não para conquistar terreno;

b) — Na conquista de pequenos lanços de trincheira, apoiados pela infantaria;

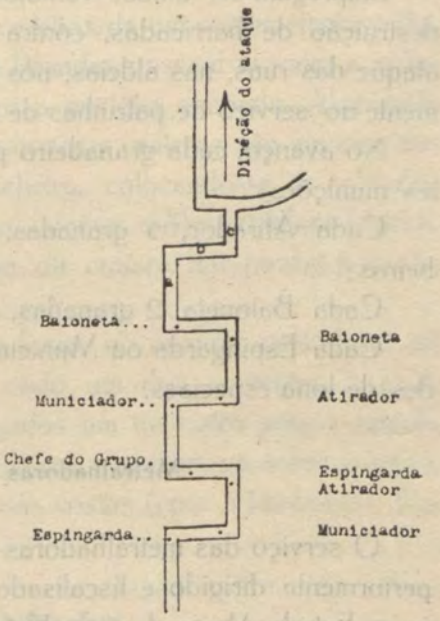
c) — Em ataques gerais, operando com todas as armas no desempenho de missões especiais.

Dum modo geral, no ataque, os granadeiros são empregados na limpesa de pequenas porções de trincheira e na luta proxima que se segue ao assalto das trincheiras, mas a experiencia tem mostrado que não é possivel fazer muitos progressos apenas com granadeiros, visto ser muito lento o ataque executado por eles. O ataque de granadeiros dentro das trincheiras exige maior sacrificio de homens do que fóra delas. Nos grandes ataques, os granadeiros são, de preferencia, empregados contra sistemas de trincheiras muito proximos.

O avanço do grupo de granadeiros dentro das trincheiras onde procedem ao ataque obedece, em geral, ao disposi-

tivo que se indica no esquema junto. Este dispositivo pode, contudo, variar segundo o criterio do Chefe do Grupo.

Os baionetas fazem o reconhecimento do 1.° lanço de trincheira, avançando cautelosamente, especialmente ao transpôr as voltas das trincheiras (espreitando primeiro e avançando em seguida) e vão avisando o chefe do grupo de tudo quanto forem encontrando, travezes destacados, abrigos á direita e á esquerda, trincheiras de comunicação, etc., ou gritando «*limpa*» logo que no lanço percorrido não encontrem inimigos. E' então que os restantes granadeiros do grupo avançam até junto dos baionetas, mantendo-se sempre nas posições relativas indicadas no esquema. Imediatamente o atirador que marcha na frente, sem esperar indicação prévia do chefe do grupo, começa lançando granadas por cima do través que lhe fica fronteiro até atingir sucessivamente o ramal seguinte, a trincheira que contorna o través imediato e, ainda, o lanço que se segue a este través (letras a), b) e c), esperando sempre, depois de lançar cada granada, que o chefe lhe indique as correções a fazer e dê as necessarias indicações para o bom exito do ataque. Para este fim o chefe do grupo irá munido de um *periscopio*.



Esquema do avanço de um grupo de granadeiros

Quando um grupo encontrar uma trincheira de comunicação o chefe destacará, para o ataque a essa trincheira, o baioneta, o atirador e o municiador que seguem na cauda.

Em qualquer caso, porém, os baionetas devem levar pelo menos duas granadas de mão afim de, quando fôr necessario, fazerem *a limpeza* dos abrigos.

Empregam-se, ainda, vantajosamente os granadeiros na destruição de barricadas, contra a defesa subterranea, no ataque das ruas, nas aldeias, nos bosques e muito principalmente no serviço de patrulhas de noite.

No avanço, cada granadeiro pode transportar as seguintes munições:

Cada Atirador, 5 granadas, uma na mão e 4 nas algibeiras;

Cada Baioneta, 2 granadas, nas algibeiras;

Cada Espingarda ou Municiador, 10 granadas, em baldes de lona especiaes.

Metralhadoras Ligeiras

O serviço das metralhadoras ligeiras na infantaria, é superiormente dirigido e fiscalisado por um Oficial pertencente ao Estado Maior de cada Batalhão, *Oficial de Metralhadoras*, responsavel, para com o Comandante respectivo, pela instrução do Batalhão nesta especialidade e pela conservação do material e municiamento.

No ataque, os principaes papeis das metralhadoras ligeiras, são:

a) — Impedir, com o fogo realisado de sobre o parapeito, que o inimigo reconstrua os seus parapeitos ou repare o arame farpado, destruidos pela barragem da nossa artilharia;

b) — Contrabater as metralhadoras inimigas que, não obstante a nossa barragem, ainda ficaram em posição e procurem obstar ao avanço da nossa infantaria;

c) — Lançar-se ao assalto, na 2.ª fileira da 1.ª vaga, e uma vez tomada a 1.ª trincheira, ultrapassa-la e ir ocupar um das covas feitas pelas granadas, minas ou morteiros, á frente dessa trincheira, afim de, com o seu fogo, garantir a posição ocupada, destruir os efeitos de um contra ataque e deixar que as Metralhadoras Pesadas possam avançar a substitui-las, garantindo melhor a posição ocupada. Alcançado o objectivo final, como as covas e crateras são empregadas para fazer uma nova trincheira, colocando-se os soldados 2 a 2, 3 a 3 ou 4 a 4 no seu interior, a Metralhadora Ligeira, instalada numa outra cova ou cratera um pouco á frente, protege essa construção.

A secção de Metralhadoras, no avanço, pode levar 30 tambores, transportando cada um dos serventes 3 a 8, cinco, em dois bornais ligados um ao outro pelas respectivas correias e postos por forma a que um vá sobre o peito, (com 2 tambores) e outro ás costas (com 3 tambores). Total-1410 cartuchos.

Defensiva

Na Guerra de Trincheira, as posições defensivas devem satisfazer ás seguintes condições:

a) — Apoio eficaz entre os diferentes centros de resistencia e postos de apoio;

b) — Campo de observação e de tiro descobertos;

c) — Organisação defensiva, que evite as surprezas do inimigo e contrarie o seu avanço;

d) — Abrigos contra as vistas e fogos do inimigo;

e) — Facilidade na deslocação de tropas e, ainda, na passagem rápida á ofensiva;

f) — Fogo desenfiado das metralhadoras.

Na Guerra em Campo Aberto a tatica da defesa é, na sua essencia, a que todos conhecemos da Guerra de Movimento, razão pela qual nos dispensamos de a desenvolver, no seu conjunto.

Granadeiros

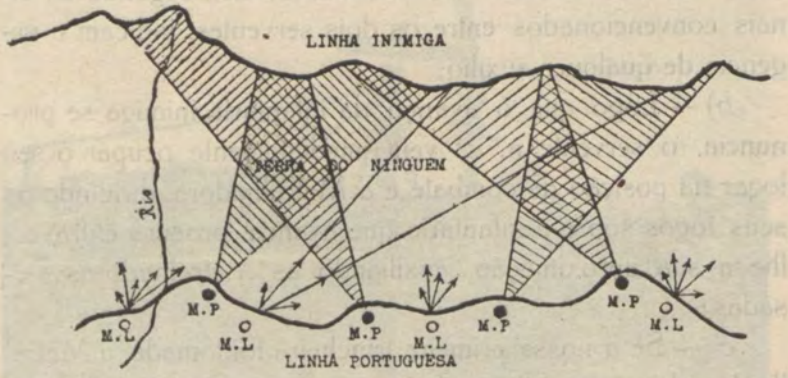
Na defesa de uma linha de trincheiras contra um ataque da infantaria inimiga, que especialmente compete á infantaria e metralhadoras da defesa, os granadeiros permanecem sempre na 1.ª Linha para o que fôr necessario, muito principalmente se as suas primeiras Linhas podem ser atingidas das nossas Não sucedendo isto, a melhor posição dos granadeiros na defesa será na trincheira de apoio, muito proximo das trincheiras de comunicação, em postos especiais, *postos de granadeiros*, que deverão ser construidos dentro de uma média de 20m á retaguarda da 1.ª Linha para poderem, assim, executar um contra-ataque imediato, quando as circunstancias do combate o reclamem.

Se, porêm, existirem á frente da 1.ª Linha grandes escavações produzidas pelos projecteis de artilharia, morteiros, rebentamento de minas, etc., que, pelo facto de não poderem ser batidas pelas espingardas ou metralhadoras da defesa, deixam grandes espaços mortos, dever-se-hão construir *postos de granadeiros* junto dessas escavações, ligados á 1.ª Linha por sapas, convenientemente disfarçadas, a fim de baterem os referidos espaços mortos e impedir que os granadeiros inimigos os ocupem.

Metralhadoras

Na defesa, alêm da sua natural aplicação nas trincheiras, a Metralhadora Ligeira presta bons serviços na construcção das *defesas acessorias*, das *sapas*, nas *escutas* e no serviço, particularmente denominado, de incomodar o inimigo.

Nas trincheiras as Metralhadoras Ligeiras empregam-se como auxiliares das Metralhadoras Pesadas, contribuindo



Esquema do emprego, conjugado das Metralhadoras Ligeiras e Pesadas

ambas para o apoio da restante infantaria, aumentando-lhe a sua potencia de tiro.

Servem, pois, para baterem pontos que as Pesadas não podem bater das posições que ocupam e para os quais não vale a pena distrair uma destas em especial. O esquema junto dá, de um modo geral, uma ideia dos pontos a ocupar pelas Metralhadoras Ligeiras, para o fim indicado.

O Oficial de Metralhadoras dos Batalhões deve, pois, entender-se sempre com o Oficial das Metralhadoras Pesadas do sector, recebendo dele as indicações para a sua colocação.

Os principais papeis das Metralhadoras Ligeiras na defesa, podem resumir-se como se segue:

a) — Logo que se inicia a barragem da artilharia inimiga e que a violencia do seu fogo obriga uma parte dos nossos a abrigar-se, a Metralhadora Ligeira permanece em posição procurando fazer calar as metralhadoras inimigas. O servente n.º 1, em geral, fica sosinho com a Metralhadora e o n.º 2 abriga-se, conservando na mão a extremidade de uma fita de que a outra ficou atada ao braço do n.º 1. A tensão maior ou menor dessa fita, os esticões, etc., segundo os sinais convencionados entre os dois serventes, indicam a urgencia de qualquer auxilio;

b) — Logo que o avanço da infantaria inimiga se pronuncia, o servente n.º 2 vem imediatamente ocupar o seu logar na posição de combate e a Metralhadora, dirigindo os seus fogos sobre a infantaria que avança, procura entravar-lhe a sua aproximação, auxiliando as Metralhadoras Pesadas;

c) — Se a nossa primeira trincheira foi tomada, a Metralhadora Ligeira auxilia os baionetas e granadeiros no contra-ataque ou retorno ofensivo.

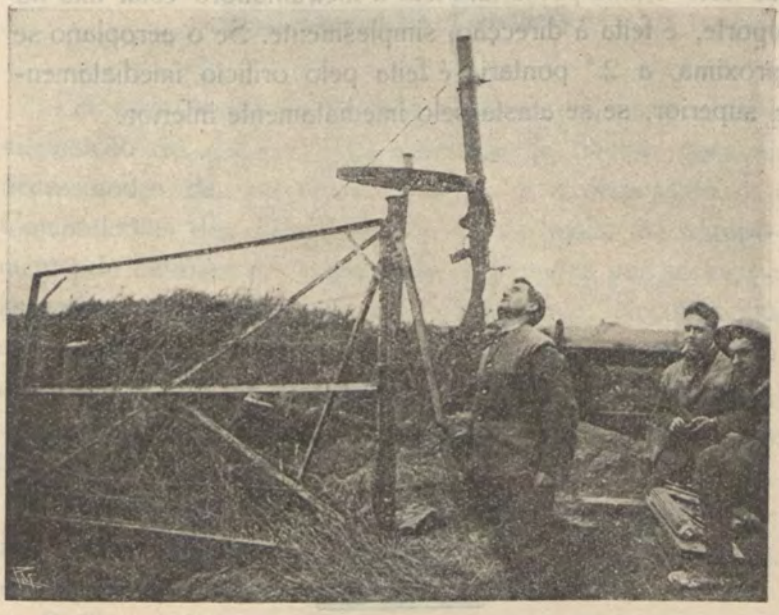
Na construção das defesas acessorias a Metralhadora Ligeira, fazendo parte de patrulhas de protecção, com os granadeiros, ocupa pontos na frente ou nos flancos, segundo o terreno e a situação, rodeada pelos granadeiros que a protegem em volta.

Na defesa das escutas, instala-se sôbre o proprio parapeito da escuta protegida ainda por granadeiros, mas, para não denunciar a posição, só deve fazer fogo quando se vir ameaçada.

Ainda a Metralhadora Ligeira pode ser empregada, util-

mente, na defesa contra os aeroplanos. Para este fim, instalam-se na 2.ª Linha (Linha B) algumas destas Metralhadoras que, em geral, não pertencem á companhia que guarnece a frente correspondente, montando-as em suportes especiais.

O emprego das Metralhadoras Ligeiras na defesa contra os aeroplanos baseia-se nos dados da experiencia que



Emprego da Metralhadora Lewis contra os aeroplanos

permitiram estabelecer: para velocidade média dos aeroplanos inimigos sôbre as nossas trincheiras, 180 quilómetros á hora e para altura média a que sôbre elas passam, 600 metros; o que dá para a metralhadora um angulo de tiro entre 30 e 70 graus, em média 50°.

Como consequencia de todas estas médias, á Metralhadora foi permitido adaptar uma alça especial, de celuloide ou mica, em forma de circulo, com um orificio no centro e 8 na

periferia, dispostos segundo os vertices de um octogno inscrito. Esta alça utilisa-se da seguinte forma: Visa-se o aeroplano pelo orificio do centro e ponto de mira, depois vê-se, através a alça transparente, a direcção que ele toma e faz-se imediatamente a pontaria pelo orificio do lado para onde se dirige e ponto de mira, iniciando-se logo o fogo. É claro que esta ultima pontaria, visto a metralhadora estar fixa no suporte, é feita á direcção, simplesmente. Se o aeroplano se aproxima, a 2.ª pontaria é feita pelo orificio imediatamente superior, se se afasta pelo imediatamente inferior.

XII

Metralhadoras Pesadas

Em cada sector de Brigada existiam, como sabemos, á disposição do respectivo Comandante de Sector, para as necessidades da sua imediata defesa e á disposição dos Comandantes das Divisões para tudo o mais, um agrupamento de batarias de Metralhadoras Pesadas por sector de Brigada, ao tempo em numero insuficiente. Reconhecido este facto, quando deixei o *Front*, estavam-se organisando mais dois novos agrupamentos, um para cada Divisão, que, assim, ficariam dispondo de um numero de Metralhadoras Pesadas já admissivel.

O material de 7^{mm},7 *Vickers*, distribuido a estas Unidades, é um excelente material de Campanha, com as seguintes caracteristicas:

Refrigerante de agua, reparo pesado e suporte ligeiro, fita de lona para 250 cartuchos.

Peso total, com uma fita carregada, refrigerante cheio de agua e tripé pesado, cerca de 50 quilos, em duas cargas de 30 e 20 quilos, respectivamente para a Metralhadora e Reparo.

O emprego das Metralhadoras na actual guerra tem-se extraordinariamente desenvolvido graças ao aturado estudo e larga pratica que desta arma se tem feito. Assim, tanto na ofensiva como na defensiva, *o tiro por sobre a infantaria*,

o tiro indirecto e as barragens estão sendo largamente preconisados e utilisados.

Pelo que respeita *ao tiro por cima das nossas tropas*, para que ele se possa realisar com segurança para estas, é indispensavel ter em atenção:

Metralhadora Vickers

a) — O estado do cano;

b) — As condições do tripé e a natureza do terreno onde ele assenta;

c) — O grau de visibilidade do alvo;

d) — Os erros devidos á avaliação da distancia e ás condições climatericas;

e) — A habilidade do apontador.

As distancias a que tal especie de tiro se poderá executar, são função do *Angulo de Sitio* (angulo formado pela

linha de mira com a horizontal (soma dos angulos de tiro e de mira). No entanto, duma maneira geral, pode estabelecer-se que, quando a metralhora, as nossas tropas e o inimigo, se encontram, sensivelmente, no mesmo plano horizontal, o fogo por cima das nossas tropas só é seguro ás distancias entre 900 e 1.800 metros (1.000 e 2.000 jardas). Quando, porêm, aqueles tres pontos se encontram em planos diferentes, o tiro por sobre as nossas tropas é possivel e seguro:

a) — Até 900 metros (1.000 jardas) se o angulo formado pela intersecção das duas linhas imaginarias tiradas para o alvo e para as nossas tropas fôr, pelo menos, de 30 minutos. Ao angulo assim formado dá-se a designação de *angulo de segurança.*

b) — Entre 900 e 1.350 metros (1.000 e 1.500 jardas) se o angulo de segurança fôr, pelo menos, de 60 minutos;

c) — Entre 1.350 e 1.800 metros (1.500 e 2.000 jardas) se o angulo de segurança fôr, pelo menos, de 1° e 40 minutos;

Pelo que respeita ao *tiro indirecto*, por incomodar e afectar o moral do inimigo, embora dele se não possam esperar perdas sérias, deve sempre utilisar-se logo que se possa executar. Os elementos de tiro para esta especie de fogo, exigindo cuidadosos calculos ou demorada consulta de tabelas, são sempre fornecidos por oficiais. A ter de se realisar por cima das nossas tropas deve ter-se em atenção:

a) — As metralhadoras nunca devem estar a mais de 1.800 metros das nossas tropas, por cima das quais se pretende atirar;

b) — Quando estiverem a menos de 900 metros das nossas tropas, a distancia para a qual podem fazer fogo deve ser tal que o centro do cone de fogo deve passar, pelo

menos, 18 metros acima das referidas tropas; 36 para distancias entre 900 e 1.350m e 72 entre 1.350 e 1.800m;

c) — Quando a metralhadora, o alvo e as nossas tropas estiverem no mesmo plano (embora não seja horizontal), nenhum alvo deve ser batido a menos de 1.350 metros;

d) — As condições climatericas devem ser cuidadosamente estudadas;

e) — A pontaria deve ser frequentemente verificada;

f) — O apontador deve segurar bem a metralhadora;

g) — As pernas do tripé devem ser firmemente enterradas no solo, tomando-se precauções para que se não desloquem da sua primitiva posição;

h) — No *fogo ceifando*, devem tomar-se disposições para que se fixem os limites dentro dos quais a metralhadora se pode mover;

i) — Não se deve fazer uso de um cano já gasto e aquele que se usar deve ser limpo depois de cada 1.000 tiros de fogo continuo;

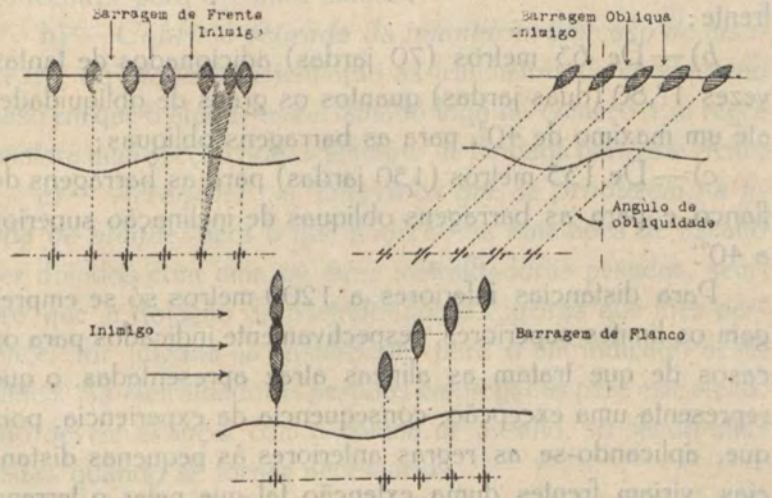
j) — Todos os calculos devem ser feitos por um oficial;

k) — As tropas por cima das quais se vai fazer fogo devem ser prevenidas.

O emprego das *barragens das Metralhadoras* tem por fim principal evitar que o inimigo penetre numa determinada area de terreno, impedindo-o de atravessar uma ou todas as linhas que a limitam; por consequencia a barragem poderá ser de frente ou de flanco (em relação á nossa linha) ou simultaneamente de frente e de flanco. Estas barragens obteem-se pela sobreposição, em todo ou em parte, dos cones de fogo das diversas metralhadoras.

A frente que cada metralhadora pode cobrir numa barragem, oscila entre um limite minimo e um limite maximo, dentro dos quais o oficial de metralhadoras pode escolher,

segundo o grau de densidade que pretende obter e em harmonia com a situação tatica e o numero de metralhadoras de que pode dispor. Assim, por exemplo: para repelir os contra-ataques, desejando uma barragem de grande eficacia, comparavel, nos seus efeitos, a uma intensa barragem de artilharia, garantindo 50 % de baixas a qualquer grupo de tropas inimigas que a tente passar, deverá adotar-se o limite inferior da frente a bater; mas se se pretende, apenas, im-



Barragens de metralhadoras

pedir o adversario de guarnecer os seus parapeitos, de se escapar em campo aberto, ou de entrar numa determinada area, bastará fixarmo-nos no limite superior da frente a assinalar a cada metralhadora o qual garantirá uma barragem com a espessura minima que se pode obter sem intervalos.

Os limites, inferior e superior, atraz referidos, variam:

a) — Com a direcção da barragem;

b) — Com a distancia.

Duma maneira geral, porêm, quer se trate das barragens de frente, obliquas ou de flanco, desde que a distancia seja superior a 1200 metros, o limite inferior é egual a quatro vezes o angulo de queda para o alcance a que se está fazendo a barragem, vindo o resultado desta multiplicação expresso em jardas ou metros, conforme a unidade a que o alcance foi referido.

Os limites superiores são:

a) — De 63 metros (70 jardas) para as barragens de frente;

b) — De 63 metros (70 jardas) adicionados de tantas vezes 1m,80 (duas jardas) quantos os graus de obliquidade, até um maximo de 40°, para as barragens obliquas;

c) — De 135 metros (150 jardas) para as barragens de flanco e para as barragens obliquas de inclinação superior a 40°.

Para distancias inferiores a 1200 metros só se empregam os limites superiores, respectivamente indicados para os casos de que tratam as alineas atraz apresentadas, o que representa uma excepção, consequencia da experiencia, pois que, aplicando-se as regras anteriores ás pequenas distancias, viriam frentes duma extenção tal que nelas o terreno muito faria sentir a sua influencia.

Ofensiva

Ás Metralhadoras Pesadas na ofensiva incumbe qualquer das seguintes missões:

a) — *Cobrir com o seu fogo o avanço da infantaria atacante*, executando o tiro directo, o indirecto ou as barragens, estas de grande efeito, principalmente sôbre as trincheiras de comunicação e locais de reunião. O andamento da

barragem deve ser cuidadosamente sincronisado com o da barragem da artilharia e, sempre que se empregue o tiro indirecto, deverá a barragem manter-se a 400 metros, pelo menos, á frente da infantaria. Alcançando o objectivo, a barragem das metralhadoras, conformando-se com os movimentos da artilharia, relativamente á cessação ou começo do fogo, deve, de preferencia, ser empregada sôbre as linhas de aproximação a coberto e locais onde o inimigo se possa concentrar para o contra-ataque;

b) — *Cobrir a retirada da infantaria, em caso de insucesso do ataque*, sustentando as trincheiras de combate no caso em que o ataque tenha falhado logo no começo. Em regra bastará uma secção por cada frente de Brigada para este efeito;

c) — *Preencher os intervalos que se produzem na linha de ataque*, para o que poderão os batalhões de assalto ser dotados com uma ou duas metralhadoras pesadas, sempre que a dotação de Metralhadoras Ligeiras que lhes pertence, for julgada já insuficiente para o fim indicado nesta alinea. As metralhadoras pesadas empregadas para este efeito, não devem avançar com a coluna de assalto, só sendo utilisadas quando se tornar necessario;

d) — *Apoiar a consolidação da posição e repelir o contra-ataque*, usando-se para este efeito as metralhadoras que acompanharam os batalhões de assalto e mais algumas que porventura se tornem necessarias para os pontos de apoio. Estas ultimas só avançarão uma ou duas horas após o assalto, podendo, até então, ser empregadas em qualquer outra missão.

Defensiva

Não obstante o que ficou dito no inicio deste capitulo, o facto é que, quando o C. E. P. foi tomar conta do sector

que lhe distribuiram encontrou as metralhadoras pesadas, na sua quasi totalidade, empregadas no tiro directo, flanqueando a rêde de arame da Linha **B**, como linha principal onde as Divisões tinham de resistir até á ultima, sendo muito poucas aquelas empregadas para o tiro indirecto ou contra os aeroplanos».

Várias tentativas se fizeram para modificar um tal estado de coisas que, não permitindo tirar da metralhadora todo o rendimento de que esta arma é suscetivel, poderia acarretar a sua perda total ou, pelo menos, força-las á inacção para não se correr o risco de ferir as próprias tropas no caso de uma surpresa. Ultimamente, em janeiro do corrente ano e sob responsabilidade do C. E. P. conseguiu-se dar, no nosso sector, uma nova orientação ao emprego de uma tão importante arma para a defesa, estudando-se posições para o tiro indirecto por forma a delas se poder bater a 1.ª Linha inimiga, a Terra do Ninguem e a nossa 1.ª Linha, permitindo as barragens e a cooperação com a artilharia em caso de S. O. S., sem prejuizo do necessario flanqueamento das rêdes de arame farpado.

Quando deixei o C. E. P. ainda este projecto não estava em plena execução, por isso que a proximidade das linhas inimigas e a extensão da frente a bater exigiam um avultado numero de metralhadoras de que, então, não dispunham as Divisões, por não terem sido ainda dotadas com os novos agrupamentos de metralhadoras, a que já me referi, e que ao tempo se encontravam á rectaguarda completando a sua instrução.

Tratando-se do emprego das metralhadoras pesadas na defensiva não deveremos omitir a aplicação que delas foi feita, pelos alemães, contra a ofensiva dos «tanks» sobre *Cambrai*.

A acção de surpresa desta operação que logo no 2.º dia, num soberbo arranco, levou os nossos aliados até ás portas de Cambrai, foi parada pelo adversario, cuja frente se achava pouco densamente guarnecida, com o auxilio das suas metralhadoras pesadas, transportadas por via ferrea de diferentes pontos da retaguarda.

Mais uma vez a exelente rêde estrategica de caminhos de ferro, de que dispõem os nossos inimigos, lhes permitiu, opurtunamente, salvarem-se duma melindrosa situação, contra-atacando com exito os nossos aliados que, peior dotados de meios de comunicação, não conseguiram trazer as suas reservas a tempo de se poderem consolidar nas posições tão audaciosamente conquistadas, ou, pelo menos, fazer face aos contra-ataques adversos.

Segundo informações de oficiais ingleses que na acção tomaram parte, os alemães, emquanto não puderam dispôr do efectivo de infantaria necessario para o contrapôr ás nossas colunas de ataque, fizeram intervir importantes massas de metralhadoras pesadas, que sucessivos comboios vinham despejar á retaguarda do campo de batalha, e com o auxilio das quais conseguiram deter os progressos da ofensiva, dando tempo á chegada das reservas. Estas, como é sabido, por contra-ataques bem dirigidos contra os flancos do saliente que o nosso ataque formára, anularam-no por completo, fazendo-o voltar ás Linhas de onde partira.

XIII

Morteiros de trincheira

São bocas de fogo, baratas e rudimentares, destinadas a bater pontos imediatamente atraz de massas cobridoras situadas a pequenas distancias, destruir abrigos, etc. Assim, devem possuir pequena velocidade inicial e permitir grandes angulos de tiro.

São tres os principais tipos destas bocas de fogo usadas no C. E. P.: *Morteiros Ligeiros* (Stockes), *Morteiros Medios* e *Morteiros Pesados*, cujas caracteristicas se podem resumir como se segue.

Morteiros Ligeiros — Stocks — Bocas de fogo, facilmente transportaveis, utilisadas principalmente contra tropas ou pequenas destruições.

O seu projectil que alcança a 600 ou 700 metros, tem cerca de 5 quilos de peso, produz uma cratera cujas dimensões regulam por 1^{m} de diametro por $0,^{m}5$ de profundidade e fragmenta-se em estilhaços com a forma de longas tiras serrilhadas e de bordos cortantes. A maxima velocidade de tiro, atingida com esta boca de fogo, é de 30 tiros por minuto, velocidade esta, no entanto, que qualquer guarnição regularmente instruida, não tem dificuldade em obter.

O efeito moral do tiro destes morteiros, em especial das suas barragens, já pela velocidade do tiro, já pela gravidade

dos ferimentos que originam, é o melhor que se pode desejar.

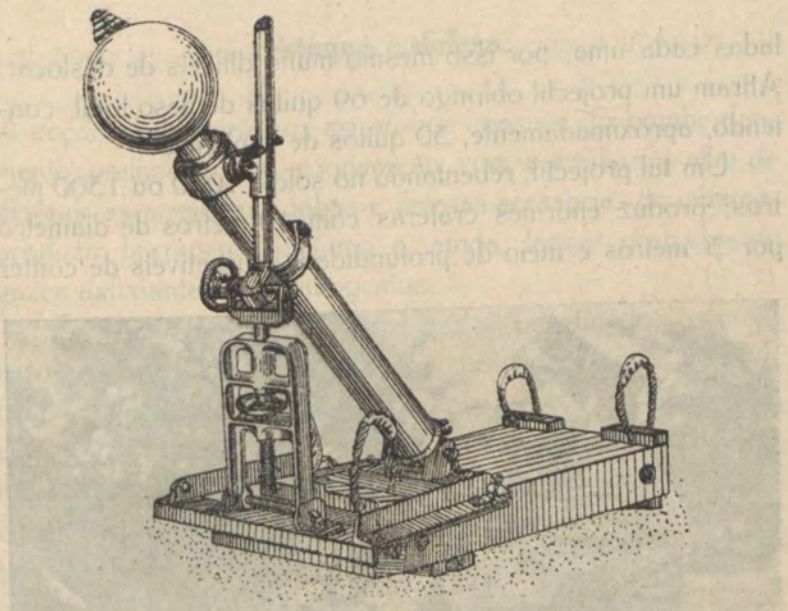
Morteiros Medios — Dotados de menor mobilidade que os anteriores, estes morteiros são especialmente empregados

Morteiros Ligeiros, nas trincheiras do C. E. P.

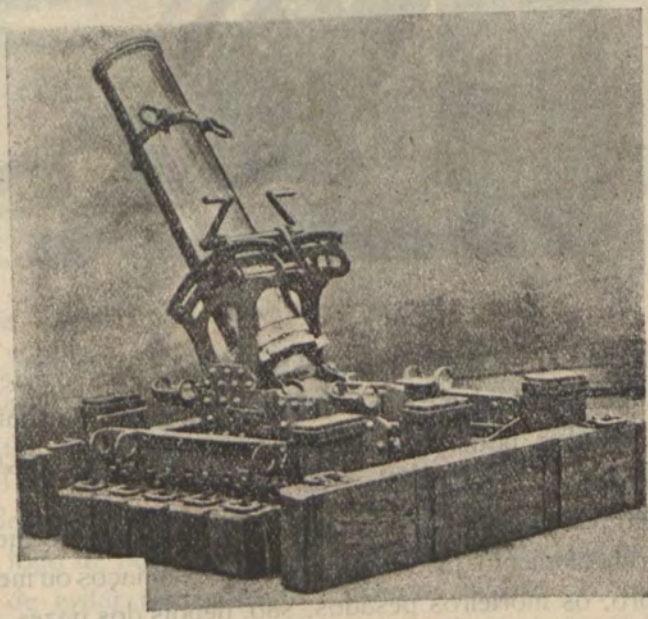
para as destruições nas rêdes de arame farpado ou de pontos fortes, não muito afastados.

O seu alcance não excede, em média, 500 metros e o projectil (bomba esferica de 0.^{m}23 de diametro), transportando cerca de 6 quilos de explosivo, produz já uma cratera de 4.^{m}5 de diametro por 1.^{m}5 de profundidade.

Morteiros Pesados — Como o seu nome indica, são bocas de fogo excessivamente pesadas, cerca de duas tone-



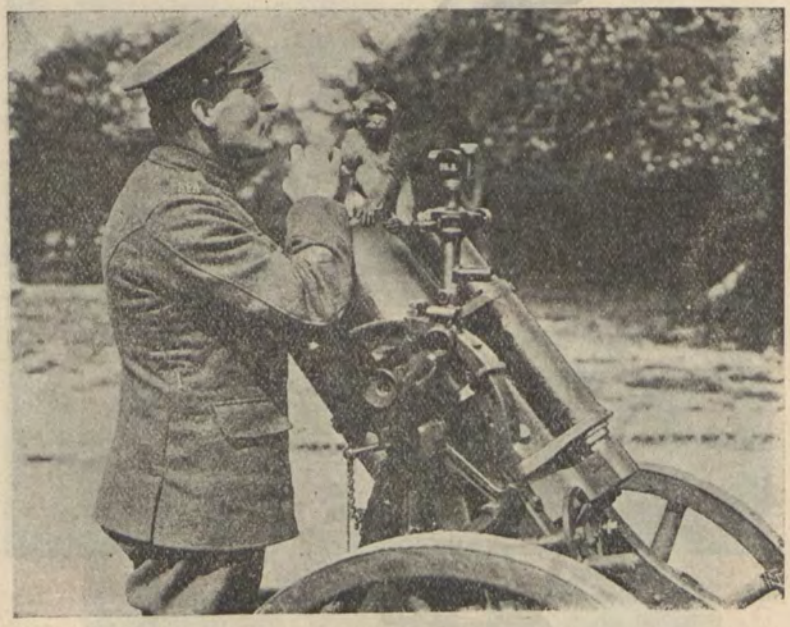
Morteiro Medio



Morteiro Pesado

ladas cada uma, por isso mesmo muito dificeis de deslocar. Atiram um projectil oblongo de 69 quilos de peso total, contendo, aproximadamente, 30 quilos de explosivo.

Um tal projectil, rebentando no solo a 1000 ou 1500 metros, produz enormes crateras com 10 metros de diametro por 3 metros e meio de profundidade, suscetiveis de conter



Morteiro Pesado, alemão

no seu interior quasi um predio de casas, como é uso dizer-se, e que, quando produzidas na Terra do Ninguem, devidamente organisadas, podem ser utilisadas como postos avançados das trincheiras.

Pelo poder destruidor dos seus projectis, pelo enorme ruido do rebentamento, pelo efeito moral dos estilhaços ou mesmo do sopro, os morteiros pesados, são, depois dos gazes, pelo seu efeito material e moral, o maior flagelo das trincheiras.

Ataque e defesa

A acção dos Morteiros no ataque consiste no bomberdeamento preliminar, em cooperação com a artilharia, afim de destruir as primeiras Linhas e defesas acessorias do inimigo, produzir barragens de fumo e, ainda, lançar granadas de gazes axfixiantes e lacrimogenios.

Considerando os fins para que são destinados os morteiros, compreende-se que uns completam a acção dos outros e que é indispensavel o seu emprego simultaneo para atingir o fim que deles é exigido. Assim, emquanto o Morteiro medio destróe rêdes de arame farpado para preparar o campo de passagem da infantaria no assalto, são simultaneate empregados o Ligeiro e o Pesado; aquele para a destruição dos abrigos das metralhadoras e dos Morteiros inimigos de pequeno alcance e estes para a destruição de pontos fortificados e de abrigos mais afastados.

Supondo que os Morteiros Medios recebem ordem para bater um determinado elemento de trincheira, é aos Morteiros Ligeiros atribuido o papel de fazer o imediato fogo de barragem nos flancos daquele elemento, afim de evitar as fugas do pessoal, cooperando com os Medios sobre o mesmo objectivo, no caso do inimigo tentar a reconstrução dos pontos destruidos.

Quando o Morteiro Pesado destróe qualquer ponto fortificado, compete ás duas outras especies de Morteiros evitar, com os seus fogos, a reconstrução desse ponto.

A acção dos Morteiros na defesa consiste em procurar deter os contra-ataques inimigos, fazendo um intensissimo fogo de barragem sobre as trincheiras de comunicação, afim de evitar o avanço de reforços para a 1.ª Linha. A acção dos morteiros na defesa é importantissima, quando o

inimigo conseguiu entrar nas nossas primeiras Linhas, ocupando, então, as posições defensivas e fazendo fogo intenso sobre as mesmas Linhas.

Na escolha de posições para Morteiros deve atender-se:

a) — A' sua situação tactica, tanto na ofensiva como na defensiva;

b) — Ao maximo alcance dos Morteiros, afim de se obter o maior efeito material;

c) — A permitir o maior enfiamento possivel, das trincheiras inimigas, visto que o numero sempre restrito de Morteiros não permite guarnecer toda a zona e, ainda, porque é bastante limitada a sua derivação, devido á profundidade do abrigo e á minima abertura da canhoneira;

d) — A que a zona de acção de cada Morteiro seja o maior possivel, cobrindo totalmente a seu objectivo;

e) — A' necessidade do concentrar o fogo dos Morteiros, no caso de haver objectivos importantes a bater:

f) — A que sejam, o mais possivel, ocultos ás vistas do inimigo;

g) — A' que sejam colocadas em diferentes linhas afim de dificultar a regulação do tiro inimigo.

Obedecendo á maioria destas condições, para cada Morteiro, escolhem-se, em regra, *4 posições permanentes* e *4 alternativas*. As permanentes são:

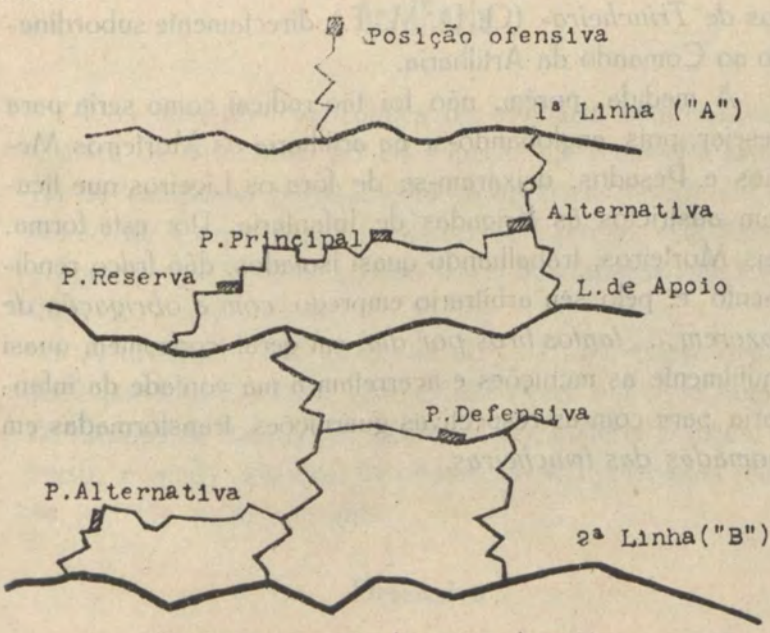
a) — *Posição Principal*, donde normalmente se faz fogo;

b) — *Posição Ofensiva*, para ser ocupada na ofensiva, situada na 1.ª Linha ou á frente dela, neste ultimo caso no extremo duma passagem subterranea e coberta com 0,m5 de terra, até se iniciar a ofensiva;

c) — *Posição Defensiva*, para bater a nossa 1.ª Linha quando ocupada pelo inimigo, situada entre a Linha de apoio e a 2.ª Linha;

d) — *Posição de Reserva*, para abrigar o pessoal e material quando o inimigo bombardea eficazmente a Posição Principal, situada perto desta.

As *Posições Alternativas*, correspondentes ás quatro permanentes citadas, não devem ser colocadas muito longe delas e utilisam-se quando o inimigo bombardea as permanentes.



Distribuição esquematica das posições de morteiros

Meditando um pouco em tudo quanto ficou exposto, facilmente se compreende a vantagem de, em cada Divisão, subordinar todas as Unidades de Morteiros a um Comando unico, por elas tecnicamente responsavel e orientando o Comando sobre o seu mais conveniente emprego tatico.

A natureza do material e o seu emprego, levaram, naturalmente, a colocar os Morteiros de Trincheira directamente dependentes dos Comandos da Artilharia das Divisões,

com tanto mais razão quanto a sua acção só será duradoira e verdadeiramente eficaz, quando conjugada com a da artilharia cujos bombardeamentos tambem utilmente servem para mascarar as suas posições, facilmente denunciaveis pelos clarões dos tiros, mesmo com *abafadores*. (1)

A experiencia, pois, levou a crear, junto dos Comandos das Divisões, o cargo de «*Oficial Divisionario de Morteiros de Trincheira*» (O. D. M. T.), directamente subordinado ao Comando da Artilharia.

A medida, porém, não foi tão radical como seria para desejar, pois, englobando-se na artilharia os Morteiros Medios e Pesados, deixaram-se de fóra os Ligeiros que ficaram adstrictos ás Brigadas de Infantaria. Por esta forma, tais Morteiros, trabalhando quasi isolados, dão fraco rendimento e, pelo seu arbitrario emprego, *com a obrigação de fazerem . . . tantos tiros por dia*, em geral, consomem quasi inutilmente as munições e acarretam a má vontade da infantaria para com as respectivas guarnições, transformadas em *nomadas das trincheiras*.

(1) Rudimentares engenhos, ás vezes mesmo um simples saco de terra, destinado a ocultar os clarões do disparo.

XIV

Artilharia

Das diferentes variedades de artilharia empregadas na Guerra de Trincheira só em especial me referirei á artilharia de campanha porque, sendo a artilharia pesada um elemento de Corpo de Exercito ou de Exercito, está fóra do programa que a mim mesmo tracei ao elabarar este trabalho.

A artilharia de Campanha do C. E. P., estava organisada por forma a dotar cada Divisão com um certo numero de Grupos de baterias de peças de 75, material francês, tiro tenso, e ainda algumas de obuses de 4,5 polegadas (cerca de 11,^{cm}5), material inglês.

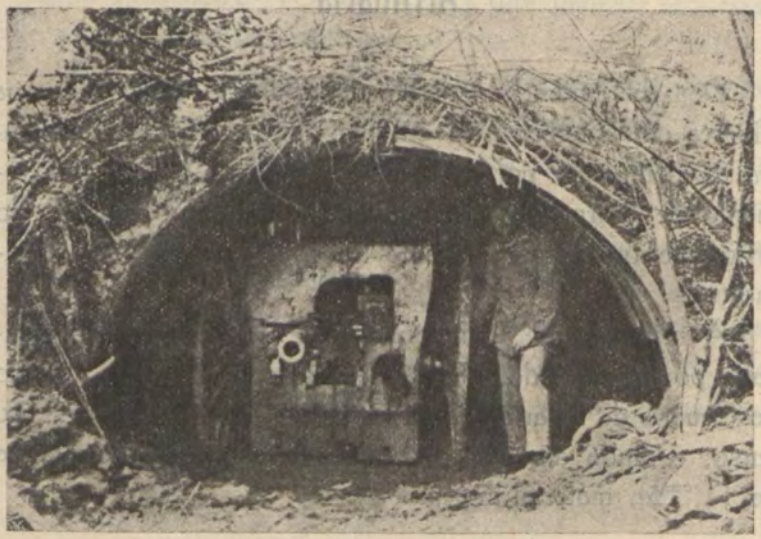
Defensiva

A acção da artilharia de campanha na defensiva é a de verdadeira artilharia de posição, instalando-se o material em abrigos especiais, á prova, abrigos *elefantes*, constituidos por chapas de ferro onduladas, espessas, de forma cilindrica, que, ligadas por cantoneiras, constituiam um curto tunel que superiormente se revestia com sacos de terra. Estes sacos assentavam, em geral, sobre dormentes de madeira ou tijolos de béton assentes sobre carris, deixando entre estes e a superficie externa das chapas elefante a necessaria camara de

ar, indispensavel para amortecer o choque dos empates dos projectis inimigos que porventura atingissem tais abrigos.

A' retaguarda destes abrigos e dentro deles, ficavam, tambem, os depositos de munições para serviço imediato e os beliches para a guarnição.

Por esta forma de construção as bocas de fogo só em



Abrigo para peças de campanha no sector português

tais abrigos podiam ser alojadas entrando pela frente e, tambem, só pela frente deles podiam ser retiradas.

Era este um grave incoveniente que todos logo reconhecemos, mas que não houve possibilidade de remediar, porque aquéles abrigos eram os regulamentares e estavam superiormente aprovados e adoptados no Exercito onde estavamos encorporados.

Desses inconvenientes, pesadamente acabamos de sentir os efeitos no combate de 9 de Abril, em que, no campo

de batalha, forçados fômos a deixar quasi todo o nosso material de artilharia e com ele as suas heroicas guarnições habituadas a conservarem-se junto das peças até á ultima, por brio profissional e porque bem sabiam o efeito moral que, nos seus camaradas da infantaria, tem a certeza de que, atrás dela, continua a nossa artilharia prestando-lhe o seu concurso e com ela compartilhando dos mesmos perigos e azares da luta.

As situações das baterias do C. E. P., como as de qualquer outro Corpo Britanico, ficavam á rectaguarda da Linha das Aldeias, mas algumas das baterias, em vez de terem as suas peças agrupadas, tinham-nas disseminadas, para diminuirem as probalidades de serem atingidas pelas contra-baterias inimigas que, de ha muito, tinham devidamente referenciadas todas as posições da artilharia inglesa que viemos substituir.

Recordo-me que, com este expediente, o Grupo de baterias do sector de Fauquissart passou 5 meses sem que, durante tal espaço de tempo, tivesse qualquer das situações das suas bocas de fogo sido atingida pelo adversario.

O grande inconveniente dum tal sistema, consistia, como é obvio, na dificuldade de garantir as ligações dentro das baterias. Estas, nos casos de violentos bombardeamentos, em que era fatal a rêde telefonica ser logo de começo atingida, fazia-se com dificuldade por estafetas ciclistas e não estava devidamente assegurada. Felizmente, a iniciativa dos oficiais e graduados e a pratica do serviço, supria em parte tal deficiencia.

Cada bateria dispunha de um ou mais postos de observação, telefonicamente ligados aos Comandos respectivos e ao Posto Central de Observação da Artilharia. Os postos de observação da artilharia estavam sempre guarnecidos

por um oficial, mas só durante o dia; á noite, um oficial de artilharia, *Oficial de Ligação*, era destacado para junto de cada Comando de Batalhão nas trincheiras, sendo a sua missão orientar aquele Comando no mais conveniente emprego da artilharia, transmitindo ás batarias as indicações reguladoras do seu modo de acção em caso de ataque do adversario, nas represalias, etc.

A cada boca de fogo estava distribuido um *sector de S. O. S.* (sector da frente onde deveria exercer a sua acção em caso de ataque inimigo), para cuja *linha zero* estava permanentemente apontada, quando não estivesse empregada em outra qualquer missão.

O fogo executava-se com o auxilio de pranchetas de tiro e era regulado dos observatorios, de aeroplanos (esquadrilhas de regulação) e, ás vezes, tambem, das salsichas. Os oficiais e chefes de peça tinham organisado tabelas com todos os elementos de tiro para os mais importantes objectivos, tais como: situações de batarias, posições de morteiros e metralhadoras, sédes dos regimentos, batalhões, companhias, etc., da frente inimiga, com a devida antecedencia referenciados.

O municiamento normal de 1.ª Linha era de cerca de 1:000 tiros por boca de fogo, escalonados pelas posições das batarias, Escalões e Sub-Parque de Munições.

O apoio a prestar á infantaria, no caso de um ataque inimigo, obdecia ás seguintes normas:

a) — O sinal de S. O. S. era apenas dado pela infantaria quando o inimigo saía ou se preparava para sair das suas trincheiras e atacar as nossas Linhas;

b) — O sinal de S. O. S. era dado pelo telefone ou por meio de sinais luminosos (em geral foguetes de côres). Todas

as linhas telefonicas eram ensaiadas, durante a noite, de meia em meia hora, permanecendo as sentinelas de artilharia, do anoitecer ao alvorecer, junto dos quadros indicadores do S. O. S., para avisarem as suas batarias, não só deste sinal como de qualquer outro feito pela infantaria. O fogo sôbre a nossa 1.ª Linha só era feito a pedido da infantaria ou com ordem especial;

c) — Dado o sinal de S. O. S. as batarias a quem êle respeitava abriam imediatamente o fogo, empregando a granada com balas ou granada explosiva contra a 1.ª Linha e Terra do Ninguem, consoante as circunstancias. Todas as outras batarias que pudessem prestar socorro, ficavam prontas a atirar, aguardando o pedido do sector atacado;

d) — A cadencia normal do tiro era de 4 tiros por peça e por minuto, durante os primeiros 10 minutos e, findo este periodo, 2 tiros por peça e por minuto, até ao aviso de cessar fogo ou á repetição do sinal S. O. S. pela infantaria. Neste ultimo caso passava-se ao regime de 4 tiros por peça e por minuto, durante 5 minutos e em seguida ao de 1 tiro por peça e por minuto. Em qualquer caso, porêm, procurava-se estar sempre em ligação com a infantaria e obedecer ás suas indicações;

e) — As batarias de obuzes cooperavam nos S. O. S. dirigindo o seu tiro sôbre as trincheiras de comunicação, cruzamentos de estradas, pontos de concentração, posições de morteiros pesados, etc. A velocidade de tiro nos obuzes era, em geral, metade da das peças de tiro tenso;

f) — O pedido de S. O. S. era feito directamente ás batarias. Estas comunicavam-no ao Comandante do Grupo que, por sua vez, o comunicava ás batarias que o não tinham recebido, aos Grupos vizinhos e ao Comandante da Artilharia Divisionaria. O Comandante da Artilharia Divisionaria

comunicava-o aos Quarteis Generais da sua Divisão, das Divisões vizinhas e ao da Artilharia Pesada;

g) — Em caso de ataques feitos com granadas de gazes asfixiantes (caso para que havia um S. O. S. especial) executava-se o tiro com granadas explosivas e com a velocidade de 2 tiros por peça e por minuto, sôbre as trincheiras inimigas de 1.ª Linha, até que se tivesse conhecimento de que o inimigo se lançava ao ataque, momento em que se passava ao tiro prescrito para os casos de S. O. S. ordinarios;

h) — No caso de um bombardeamento violento avisavam-se as batarias para que estivessem prontas a repelir um raid e faziam-se as represalias consideradas uteis, á ordem dos Comandantes dos Grupos. A prevenção e intervenção da artilharia pesada pertencia ao Comandante da Artilharia da Divisão.

Como exercicio e treno do pessoal para os casos de S. O. S. realisavam-se frequentes **Test** (Ensaios) dando-se, telefonicamente, a ordem «**Test, Neuve Chapelle I.**», por ex. A esta ordem as batarias a quem interessava faziam um tiro por peça. O intervalo de tempo decorrido entre a chegada da ordem e a chegada do 1.º tiro dava o grau de preparação das batarias para o S. O. S.

Ofensiva

Na ofensiva a ação da artilharia de campanha pode dividir-se como se segue:

A) — *Bombardeamento preliminar.*

Embora neste periodo caiba o papel dominante á artilharia pesada, a artilharia de campanha com ela coopera, podendo, com vantagens, ser empregada contra parapeitos, barricadas, casas, ou outros alvos de grande relevo.

O fim principal do bombardeamento preliminar é preparar o ataque, demolindo trincheiras e trabalhos de defesa do inimigo, destruindo os obstaculos de arame farpado e outros que impeçam o avanço das tropas de assalto, produzindo baixas e perdas nas guarnições das trincheiras inimigas, destruindo ou cortando as trincheiras de comunicação a fim de impedir a chegada de reforços ou reabastecimentos e, finalmente, destruindo a artilharia inimiga.

A ação mais importante, neste periodo, a cargo da artilharia de campanha, é a destruição dos obstaculos de arame farpado, obtida com granadas explosivas munidas de espoletas instantaneas e com as bombas dos morteiros médios. Para que um tal trabalho não resulte inutil, poupando-se o material de artilharia que poderá ser empregado em outras missões, deve a infantaria, por meio de baterias de espingardas com granadas, metralhadoras, etc., impedir, durante a noite, que o inimigo proceda á reparação das aberturas feitas pela artilharia nas referidas defesas acessorias.

O indispensavel trabalho de contra-baterias, tanto neste periodo como no decurso de todo o combate ofensivo, é, em regra, confiado aos obuzes de médio e grande calibre.

B) — Execução do ataque.

Logo que se inicia o avanço da infantaria, começa o intenso bombardeamento, executado pelas peças de campanha, com o fim de levar o adversario a abrigar-se, impedindo-o, portanto, de guarnecer as obras de defesa antes que a infantaria as tenha atingido.

No momento fixado no horario para a execução do avanço, alonga-se a barragem por forma que a infantaria se possa precipitar na trincheira e conquistá-la. Para este fim devem as tropas de infantaria estar scientes de que o sucesso depende de se poderem aproximar até 50 metros da barra-

gem, antes do seu alongamento, afim de que o tempo que decorre entre o avanço da barragem e a entrada da infantaria na trincheira, alguns segundos apenas, seja inferior ao necessario para que o adversario guarneça os parapeitos.

A barragem não salta de uma trincheira para a outra, mas avança, progressivamente, batendo o terreno compreendido, com o fim de atingir metralhadoras ou atiradores postados em crateras de granadas, por detrás das trincheiras, etc. Esta barragem progressiva permanecerá, porém, durante algum tempo, sobre a trincheira que se pretende atacar.

A infantaria deve acompanhar a barragem a pequena distancia, a partir do momento em que esta começa, e, tirando partido da demora acima indicada, aproximar-se-ha, quanto lhe seja possivel, do objectivo, pronta a precipitar-se sobre êle, no momento em que a barragem avança.

Quando a barragem esteja bem colocada, seja suficientemente densa e ultrapasse os flancos da frente a atacar, poderá a infantaria ajoelhar-se, a coberto dela, aguardando o momento fixado para o assalto.

Não se podem estabelecer regras precisas para a determinação do andamento da barragem que deve ser, principalmente, regulado por condições locais. O estado atmosférico, a extensão da zona batida pela artilharia, a extensão do avanço, o numero de trincheiras inimigas a atravessar, são circunstancias que afectam o andamento da infantaria e, portanto, da barragem. Este andamento varia entre 75 metros por minuto, quando as condições são muito favoraveis, e desce até 15 metros por minuto, quando são muito desfavoraveis. Um passo uniforme durante o avanço é impossivel, por isso no começo do avanço a barragem deve caminhar mais rapidamente, diminuindo gradualmente até ao final, á medida que os homens se vão cansando, de maneira a dar-

lhes tempo para se unirem á barragem e se conservarem juntos para a carga final.

A duração da barragem depende do numero de objectivos a conquistar. Quando ha um só objectivo, a barragem, depois de alcançado este, deve continuar a actuar até uma linha situada a 300 metros para além dele. Esta distancia é necessaria para dar espaço para a colocação dos postos avançados, destinados a cobrir os trabalhos de consolidação. A barragem torna-se, então, estacionaria e vai gradualmente diminuindo de intensidade, cessando logo que a infantaria informa que terminou a consolidação.

Quando houver um segundo objectivo, deve haver uma pausa, prevista e previamente ordenada, de modo a habilitar as tropas destinadas ao assalto dêsse novo objectivo, a chegar á posição. A barragem começará, então, a alongar-se novamente, de acôrdo com o horario.

XV

Engenharia

A's tropas de engenharia do Exército Português, na actual guerra junto dos aliados, incumbia:

a) — Serviço de Sapadores;

b) — Serviço de Sinaleiros (ligações);

c) — Serviço de Caminhos de Ferro;

d) — Serviço de Minas.

De todos estes serviços só os dois primeiros estavam adstritos ao C. E. P., ficando os dois ultimos imediata e directamente subordinados ao Exército Britanico de que o C. E. P. fazia parte, e apenas do C. E. P. dependentes para efeitos de administração e disciplina.

Serviço de Sapadores

Os trabalhos de sapadores no sector português eram realisados pelas Companhias de Sapadores Mineiros, Grupos de Companhias de Pioneiros e guarnições de infantaria dos sectores das Brigadas de infantaria.

A cada sector de Brigada, como já foi dito, estava normalmente adstrito um certo agrupamento de Sapadores Mineiros o qual sempre se procurou conservar em serviço no mesmo sector, tornando-o, assim, independente das rendições das Brigadas de Infantaria que nele se sucediam.

Como, porém, para todos os trabalhos da sua especialidade, em sectores tão vastos, fosse muito diminuta a percentagem dos sapadores, organisaram-se, pouco depois da nossa chegada a França, á semelhança do que já existia no Exército Britanico, os Grupos de Pioneiros, técnicamente subordinados aos Comandos de Engenharia Divisionarios, embora agrupados sob um Comando diferente, para fins administrativos.

Estes Grupos formaram-se pela fusão dos pelotões de sapadores dos Batalhões de infantaria que, reunidos 3 a 3, constituiram Companhias que, em Grupos, se distribuiram pelas Divisões.

As Companhias de cada Grupo estavam especialisadas em Caminhos de Ferro Decauville, Drenos e Sapadores.

Em Janeiro do ano corrente, a justificadas instancias dos Comandantes dos Batalhões e Brigadas, começaram aqueles a ser dotados com alguns graduados e praças especialisadas em sapadores, estabelecendo-se os nucleos dos novos futuros pelotões que viriam restabelecer aqueles que tinham sido dissolvidos.

Os trabalhos da exclusiva responsabilidade das tropas de Sapadores e pioneiros, eram:

a) — Construção e reparação das situações para metralhadoras, morteiros, observatorios, etc.;

b) — Construção e reparação de abrigos blindados, nichos e paiois para munições;

c) — Construção, reparação e reforçamento da Linha **B**;

d) — Conservação, reparação e melhoramento das trincheiras de comunicação, para a retaguarda da Linha **B**;

e) — Construção e reparação de pontos de apoio e respectivas defesas acessorias, em especial naqueles situados á retaguarda da Linha B;

f) — Construção e reparação de Camouflages;

g) — Conservação e reparação de estradas;

h) — Construção, reparação e conservação de Drenos;

i) — Construção, conservação e exploração de Linhas Decauville;

j) — Construção e reparação de abarracamentos e aquartelamentos;

k) — Execução de quaisquer trabalhos de trincheira, de natureza técnica, demandando conhecimentos especiais.

Todos os restantes trabalhos, principalmente os respeitantes ás reparações de parapeitos, trincheiras de comunicação, travezes, abrigos, drenos secundarios, etc., situados á frente da Linha **B**, incumbiam, exclusivamente, ás tropas de infantaria, de guarnição no respectivo sector.

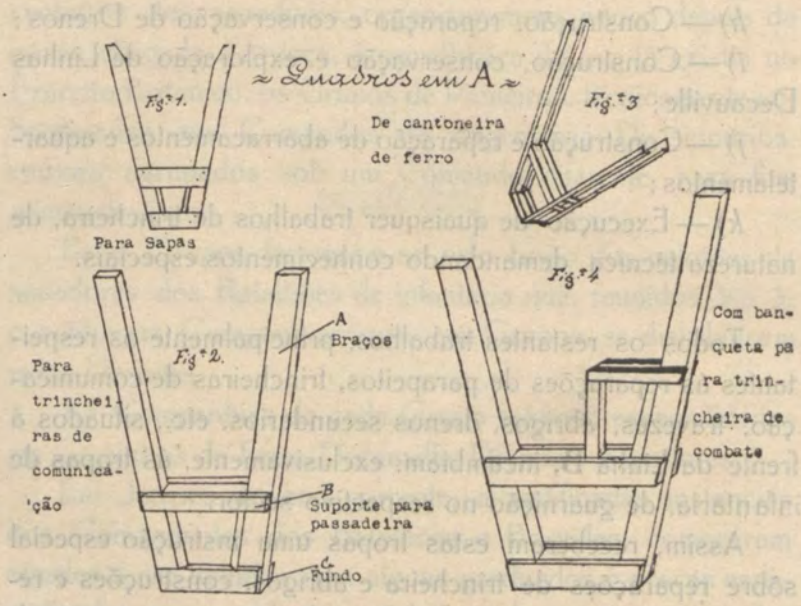
Assim, receberam estas tropas uma instrução especial sôbre reparações de trincheira e abrigos, construções e reparações de rêdes de arame farpado, etc., que, em geral, satisfazia cabalmente ás necessidades de momento.

Contudo, quando se tratasse de, prontamente, reparar importantes demolições causadas por violentos bombardeamentos, pelas inundações, etc., as tropas de sapadores e pioneiros concorriam, então, com as de infantaria do sector, embora os trabalhos só a estas dissessem respeito.

Duma maneira geral podemos dizer que os trabalhos de reparação nas trincheiras consistiam, principalmente, na construção de parapeitos, de revestimentos, de drenagens, de rêdes de arame farpado, etc., de todos os quais se procura dar uma ideia nas figuras que seguem.

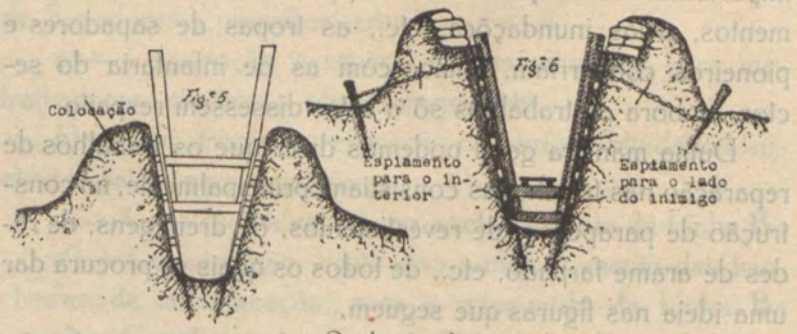
Entre os materiais mais empregados para a construção e reparação de trincheiras, citaremos em primeiro logar os *Quadros em* **A**, de madeira ou de cantoneira de ferro, rece-

bidos já completamente feitos e com o auxilio dos quais singularmente se facilitavam e abreviavam aqueles trabalhos.



Quadros em A

As figuras juntas são, por si só, cremos, suficientemente elucidativas para nos dispensarem de outras explanações.



Quadros em A

Os materiais mais vulgarmente utilisados para a construção dos revestimentos, eram: sacos de terra, quadros de

revestimento (em madeira ou em *metal deployée*), rêde de capoeiras e chapa ondulada.

De sacos de terra

Fig.ª 1

Com grades e forma de espiamento

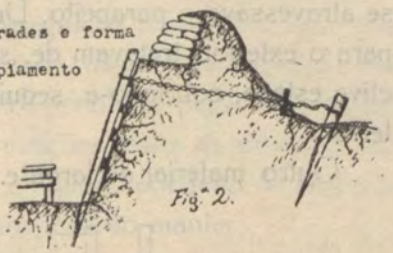


Fig.ª 2.

Grade de revestimento

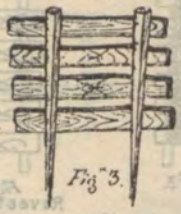


Fig.ª 3.

Quadro de revestimento com rêde

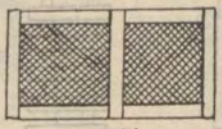


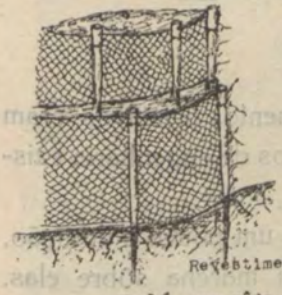
Fig.ª 4

Revestimentos

A parte mais importante que garantia a solidez do tra-

Fórma de aplicação dos Quadros de revestimento com rêde

Fig.ª 5.



Revestimento com rêde de capoeira

Fig.ª 6.

Revestimento com chapas de zinco.

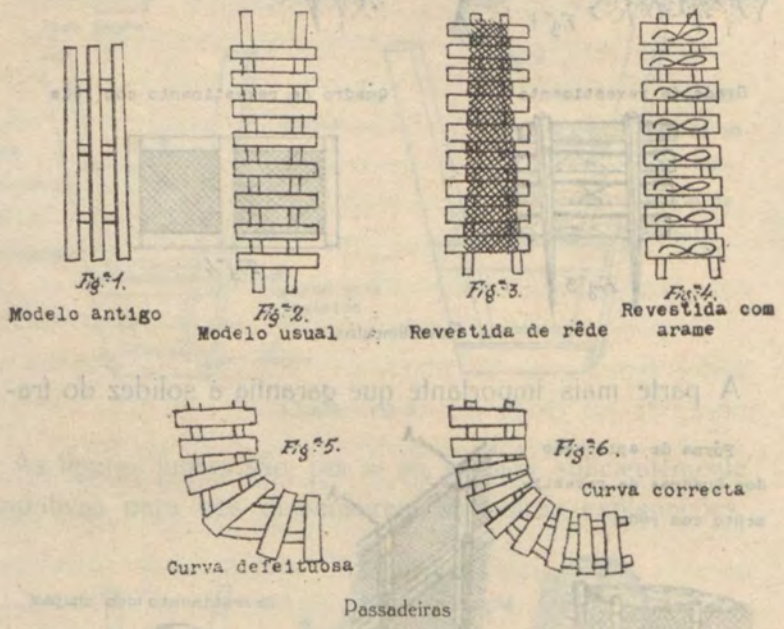
Fig.ª 7

Revestimentos

balho, consistia no seu adequado espiamento que, para o

lado do inimigo, era facilitado com o emprego de uma comprida agulha de ferro onde se enfiava a espia e com a qual se atravessava o parapeito. De noite, os sapadores, saltando para o exterior, tratavam de, solidamente a amarrar á respectiva estaca, cobrindo-a, seguidamente, com uma camada de terra.

Outro material de larga e indispensavel aplicação, tanto



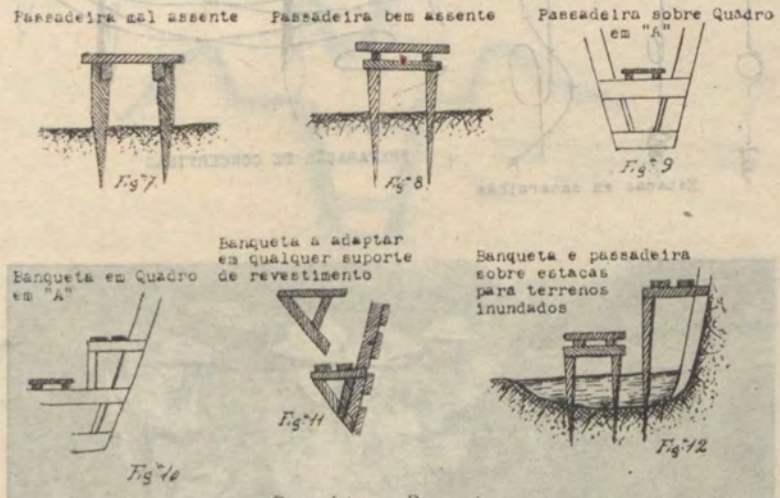
Passadeiras

para as trincheiras como para os movimentos ofensivos, eram as passadeiras que sempre nos depositos de engenharia existiam em grande quantidade.

Tanto para, em parte, lhes ampliar um pouco a duração, como, principalmente, para facilitar a marcha sôbre elas, usa-se revesti-las de rêde metálica que, pelo atrito, obsta até certo ponto, ao escorregamento dos transeuntes no inverno. Na época das neves, porém, ainda a melhor forma de cami-

nhar pelas trincheiras, evitando desastrosos precalços, consiste no uso de sacos de terra vestidos sôbre o calçado.

Nas ofensivas, é ainda, graças ás passadeiras que rápidamente se conseguem organisar, atravez da Terra do Ninguem, sempre profundamente removida pelos bombardeamentos, as primeiras comunicações para as posições porventura conquistadas e sem as quais, por falta de reabastecimentos, tais posições se não poderão manter.

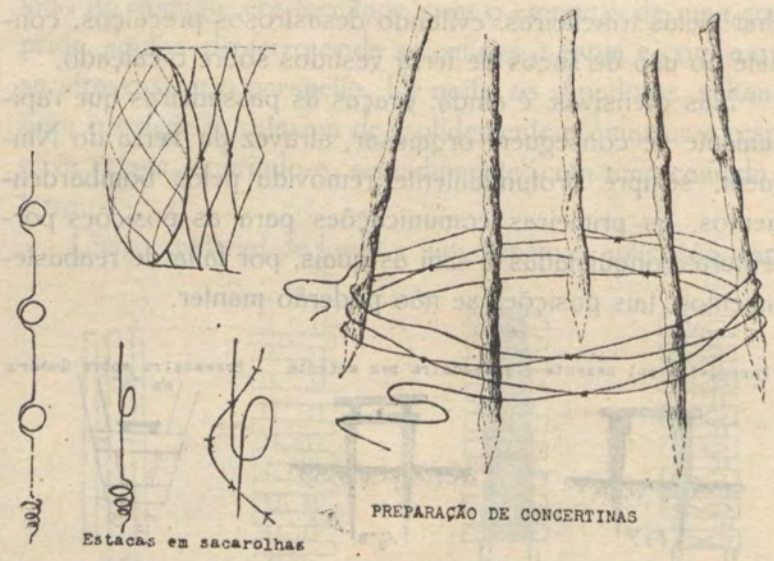


Passadeiras e Banquetas

As reparações nas rêdes de arame farpado constituem, só por si, um continuo trabalho de todos os dias.

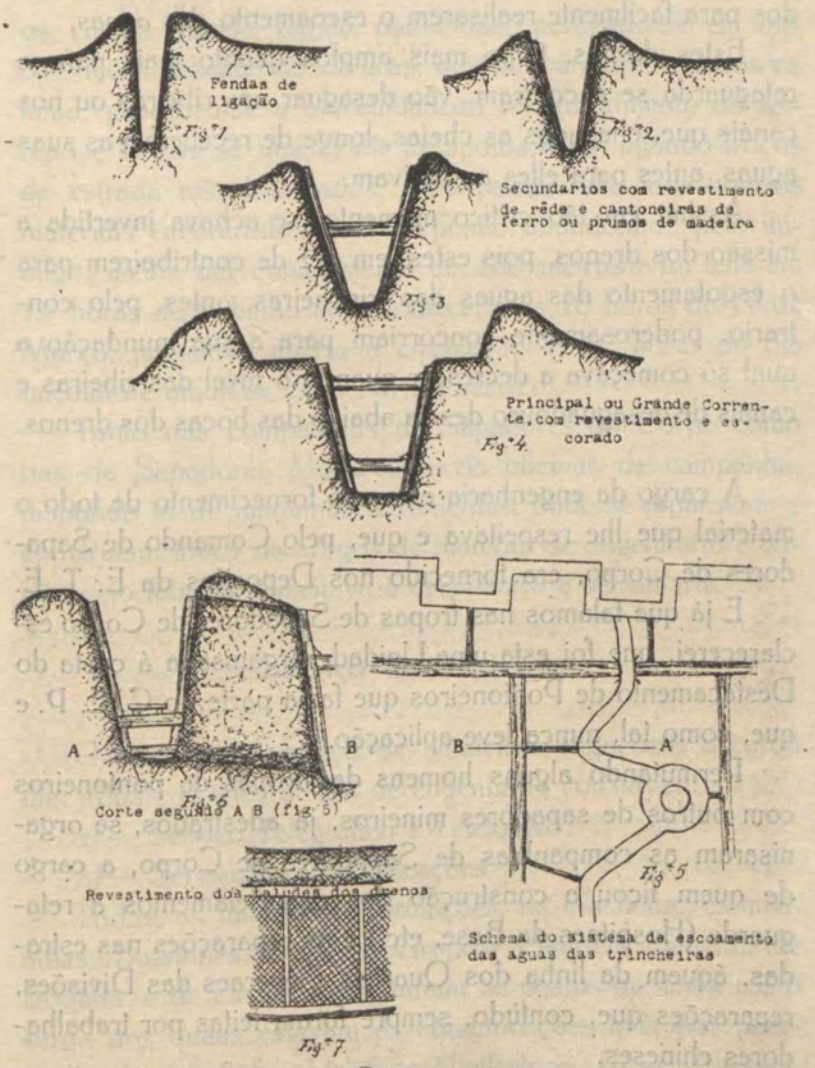
Para a sua cabal execução e conveniente rendimento do trabalho, generalisou-se o emprego das *estacas de ferro em saca-rolhas* e das *concertinas* feitas nas trincheiras durante o dia e colocadas durante a noite.

Em volta de estacas cravadas no solo, em disposição aproximadamente identica ás das arestas duma piramide de numero impar de faces, enrola-se em espiral o arame far-



Modo de condução das concertinas para a Terra do Ninguem

pado ligando-se, em faces alternas, cada volta de espira á imediatamente superior, como a figura pretende mostrar.



Drenos

Os drenos são, por assim dizer, outras tantas trincheiras de dimensões variaveis, desde a simples *fenda* até ás

grandes correntes, de taludes revestidos ou não, que necessario é se conservem convenientemente limpos e desimpedidos para facilmente realisarem o escoamento das aguas.

Estes drenos, tanto mais amplos quanto mais para a retaguarda se encontram, vão desaguar nas ribeiras ou nos canais que, chegadas as cheias, longe de receberem as suas aguas, antes para elles as derivam.

Assim, em tão critico momento, se achava invertida a missão dos drenos, pois estes, em vez de contribuirem para o esgotamento das aguas das trincheiras, antes, pelo contrario, poderosamente concorriam para a sua inundação a qual só começava a decrescer quando o nivel das ribeiras e canais de desaguadouro descia abaixo das bocas dos drenos.

A cargo da engenharia estava o fornecimento de todo o material que lhe respeitava e que, pelo Comando de Sapadores de Corpo, era fornecido nos Depositos da E. T. E.

E já que falámos nas tropas de Sapadores de Corpo esclarecerei, que foi esta uma Unidade organisada á custa do Destacamento de Pontoneiros que fazia parte do C. E. P. e que, como tal, nunca teve aplicação.

Permutando alguns homens das tropas de pontoneiros com outros de sapadores mineiros, já adestrados, se organisaram as companhias de Sapadores de Corpo, a cargo de quem ficou a construção dos aquartelamentos á retaguarda (Hospitaes da Base, etc.) e as reparações nas estradas, áquem da linha dos Quarteis Generaes das Divisões, reparações que, contudo, sempre foram feitas por trabalhadores chineses.

Quererá um tal procedimento significar que os pontoneiros são um elemento inutil na actual guerra? De forma alguma e a prova encontra-se nos trabalhos realisados pe-

los pontoneiros britanicos na area inundada pelos alemães, antes da sua retirada de Ypres, em Março de 1917.

Depois de baldadas tentativas para atravessarem com os carros aquela região pantanosa, perdendo-se em tais operações dezenas de viaturas, que lá ficaram enterradas na lama, procedeu-se a um cuidadoso reconhecimento do terreno e lançou-se uma ponte de apoios fixos, ligando troços de estrada não inundados. Esta ponte, feita toda com os materiais encontrados num Deposito abandonado pelo inimigo, media um comprimento de 160 metros e foi feita em 14 horas de trabalho util. Começada ás 10 horas de 19 de Março, já estava aberta á circulação ás 17 horas do dia imediato e ainda se conserva em servico.

Tanto nas companhias de Sapadores do Corpo como nas de Sapadores Mineiros havia oficinas de campanha, dispondo já de maquinas ferramentas, onde se reparavam e construiam todos os artigos de material de engenharia e outros cujo fabrico respeitava á carpintaria e serralharia.

Serviço de sinaleiros

O importante serviço de sinaleiros (ligações) a cargo das tropas de telegrafistas de engenharia constava:

a) — Serviço Telegrafico e Telefonico;

b) — Serviço de Comunicações.

Todas as unidades e formações, na trincheira, Companhias, Batalhões, Batarias, Grupos, Quarteis Generais de Brigada e de Divisão, dispunham de postos de sinaleiros a cargo dos quaes estavam as comunicações quer por intermedio do telegrafo e telefone (Fullerfone, Power-Buzzer), quer por estafetas motociclistas.

Os chefes das respectivas secções de sinaleiros eram os

responsaveis pelo estado das linhas, sobre as quaes procediam a continuos ensaios.

As linhas eram, em geral, aereas, e lançadas junto aos taludes das trincheiras de comunicação. Ultimamente tratava-se de lançar linhas enterradas até á situação avançada dos Quarteis Generaes das Brigadas.

Codigos cifrados, alterados sempre que se julgava necessario, eram indispensaveis.

Os pombos correios e os estafetas motociclistas tambem, como dissemos, estavam a cargo dos sinaleiros.

Os pombos eram todas as manhãs transportados em gaiolas ás costas de ciclistas, para as sédes dos batalhões na linha, e rendidos todas as 24 horas.

O serviço de estafetas estava subordinado a um horario, de forma que, a horas fixas, saiam dos Quarteis Generaes das Divisões, motociclistas em todas as direcções os quaes passavam pelas diferentes estações a horas tambem marcadas, entregando nelas a correspondencia oficial e recebendo outra que iam entregar directamente aos seus destinos, se lhes ficavam no giro, ou que deixavam nas estações centraes das Divisões, se já tinham passado pelas destinatárias.

Como se vé a estação central de sinaleiros das Divisões, reunindo toda a correspondencia oficial, aliviava deste trabalho a repartição do expediente dos Quarteis Generaes das Divisões. O que várias veses, porêm, sucedia era avariarem-se todas as motos e, assim, forçados eramos a improvisar um serviço de postos de correspondencia, com as praças montadas da escolta e estafetas do Quartel General.

Serviço de Caminhos de Ferro

Pelo que respeita ao nosso batalhão de Caminhos de Ferro, foi ele um elemento que nunca para o C. E. P. trabalhou, não tendo tido, aliás, um momento de repouso. Directamente dependente do Exercito, para o Exercito trabalhou e, diga-se de passagem, levantando sempre bem alto o nome da nossa Patria.

Pelo que respeita aos Decauvilles de trincheira são eles um excelente auxiliar para todos os serviços de reabastecimentos de viveres e munições, em especial dos Morteiros de Trincheira, bem como para a evacuação de feridos. Em cada sector de Brigada do C. E. P. havia, pelo menos, um destes Decauville que iam até á Linha **A.** Contudo estavamos longe de atingirmos o desenvolvimento da rêde alemã a que já tivemos ocasião de nos referir. Em alguns sectores da frente Britanica tambem se usavam linhas Decauville, em galerias subterraneas, afim de, nas regiões mais expostas, se poder assegurar os reabastecimentos de toda a especie.

Serviço de Minas

Pelo que respeita aos mineiros, improvisou-se um batalhão de duas companhias cujas praças e oficiaes lá encontramos nas minas do nosso sector.

Estas minas estavam quasi sempre inundadas alcançando algumas as trincheiras inimigas que atingiam na segunda linha. A maioria eram, porêm, minas para escutas onde os observadores especiaes do Corpo, ás veses, se iam instalar.

Do lado dos alemães tambem algumas minas passavam

para as nossas trincheiras, dizendo-se que a mais importante delas se ia abrir por debaixo de *Neuve-Chapelle*.

O trabalho dos mineiros tambem era utilisado para a construção de passagens subterraneas, como as dos Decauville a que já nos referimos e, ainda, de galerias para o ataque, ou para simples comunicações.

Estas galerias que, aliás, não existiam no sector português, assumiam, por vezes, um largo desenvolvimento e, abertas como simples comunicações, foram, mais tarde, aproveitadas para por elas se lançarem as colunas de ataque, como sucedeu em Ypres e em Messines.

A fim de evitar a sua utilisação pelo inimigo que, em qualquer audaciosa investida, por elas poderia enveredar procurando um envolvimento por surpresa, estabeleceram-se, no seu interior, especialmente nas biburcações ou nos cruzamentos, defesas adequadas com disposições para o enfiamento dos seus ramais pelas metralhadoras ou espingardas dos postos da defesa, em tais pontos estabelecidos.

Em conclusão, encerrando este capitulo grato nos é afirmar que, pelo que respeita á engenharia, como ás restantes armas, o seu esforço ficou assinalado nas trincheiras do C. E. P. onde, nos abrigos de beton e cimento armado, o castelo, emblema português desta arma, perdurará, atestando com honra a nossa presença em tais paragens.

XVI

Serviços administrativos

A cargo dos serviços administrativos do C. E. P. estavam:

a) — O serviço de Subsistencias;
b) — O serviço de Fardamento;
c) — O serviço de Contabilidade.

Serviço de Subsistencias

Pelo que respeita ao Serviço de Subsistencias, as tropas portuguesas adotaram o sistema inglês, tanto porque, dada a deficiencia de transportes, não era possivel garantir a alimentação á portuguesa, como porque, esta, bastante diferente da inglesa, iria introduzir sérias perturbações nos serviços do Exercito onde estavamos encorporados e só seria praticante exiquivel organisando o C. E. P. um completo sistema de *serviços da retaguarda*, para o que faltavam, por completo, os recursos materiais.

Por todas estas razões e pela propria natureza da guerra parada, o serviço de subsistencias no C. E. P. ficou montado duma forma bem diversa daquela pela qual estamos habituados a considera-lo, entre nós e na Guerra de Movimento.

Para bem se fazer uma ideia de tais alterações apresen-

faremos, seguidamente, a tabela das rações, dedicando, por ultimo, algumas palavras ao processo de funcionamento deste serviço.

a) — *Ração Normal.*

Carne fresca ou congelada. . . . . 454 gr.

ou

Carne de Conserva (em latas) . . . . . 340 gr.

ou, mais usualmente, uma mistura das duas carnes na proporção de 40 % da primeira para 60 % da segunda.

Pão. . . . . 568 gr.

ou

Bolacha. . . . . 340 gr.

ou, mais usualmente, uma mistura de pão e bolacha na proporção de 75 % do primeiro para 25 % da segunda, quando se não dava só bolacha.

Toucinho, ou melhor, presunto . . . . . 114 gr.
Queijo . . . . . 85 gr.
Legumes secos . . . . . 57 gr.
Chá . . . . . 18 gr.

ou, mais geralmente, café, este fornecido pelo Governo Português, na proporção de 30 gr. por praça,

Dôce (em compota) . . . . . 85 gr.
Assucar. . . . . 85 gr.
Sal. . . . . 14 gr.

Mostarda	0,5 gr.
Pickles, Pimenta, Karilo, etc.	
Leite condensado	$\frac{1}{12}$ de lata
Rhum	7 cl
Tabaco (por semana)	57 gr.
Fosforos (2 vezes por semana)	1 caixa

Vinho (a ração normal de campanha, fornecida a expensas do Governo Português que para o C. E. P. directamente enviava o vinho.

b) — *Ração Reforçada.*

Carne fresca ou congelada	586 gr.
ou	
Carne de conserva	454 gr.
Bolacha	454 gr.

c) — *Ração de Reserva.*

Carne de Conserva	454 gr.
Bolacha	454 gr.
Chá	18 gr.
Assucar	57 gr.

Pela simples inspeção de tais componentes logo se conclue quanto, com esta alimentação, deveriam ter estranhado os nossos soldados, habituados a refeições *menos finas*, como eles diziam, menos substanciais por certo, mas apresentando um maior volume que mais satisfazia os seus estomagos.

Embora se pretendesse convence-los de que a sua ração

continha todos os Carbones e Azotes necessarios para o clima e para a rudesa da tarefa que a cada um incumbia; embora a prática, confirmando esta verdade, dia a dia lhes fôsse mostrando que, todos, com um tal regime, longe de emagrecerem engordavam, o facto é que, em boa verdade, ninguem poderá afirmar que o nosso soldado, por completo, se afizesse á sua ração.

Devemos, contudo, acentuar que ás praças do C. E. P. não repugnava a ração inglesa, mas, muito menos volumosa do que aquela a que estavam habituados, apesar de completa, não as satisfazia, o que é diferente.

Recorda-me até que, numa das nossas quotidianas visitas ás trincheiras, encontrámos, num dos postos de 1.ª Linha, um soldado da Beira empunhando um frasco de pickles que denodadamente atacava fazendo-o rapidamente desaparecer no seu estomago, á prova.

A redução forçada na sua precentagem de pão (algumas vezes 1 pão para 11, muitas 1 pão para 7 e, em regra, 1 pão para 4) era, de tudo, o que mais o nosso soldado sentia. Bem se lhe mostrava que a falta de pão era suprida com um acrescimo de bolacha, mas esta não só vinha em parte desfeita, pelo transporte, como tambem a ela não era o nosso soldado afeiçoado.

Junte-se a tudo o que fica dito, a originalidade das substituições pelas equivalencias quimicas (laranjas para substituir batatas ou cebolas, castanhas piladas para substituir hortaliças, farinha de trigo e arroz para substituir pão e bolacha, etc., etc.) originalidade que a guerra explica e o laboratorio justifica, mas que o estomago do nosso soldado não compreende, para bem se fazer uma ideia da dificuldade de adaptação a uma tal ração.

Nas cosinhas e nas Messes é que os respectivos geren-

tes certamente passavam maus bocados na preparação das refeições, principalmente, quando os malfadados equivalentes de substituição faziam, de surpresa, a sua apresentação. E' que, sendo a ração tão diversa da nossa, tambem muito diferente deve ser a forma da sua preparação e mais adequado aproveitamento.

A prova de que isto assim é, dão-na os nossos aliados que montaram Escolas para cosinheiros, com cursos de não sei quantas semanas, com o seu Estado maior, etc., medida esta que, se bem que pareça um tanto extraordinaria, na prática dá excelentes resultados. Convencidos disso, logo de começo solicitámos, que pessoal inglês habilitado viesse percorrer as nossas Unidades, com o fim de industriar os rancheiros portugueses na conveniente preparação e utilisação da ração inglesa. Foi este nosso desejo prontamente satisfeito, mas creio que os resultados obtidos não corresponderam á espectativa, não sei se por deficiencia de preparação dos alunos se por dificuldades de compreensão reciproca.

Se ainda não perdermos de vista a frequencia do Corn-beef, verdadeiro espectro que por toda a parte nos persegue: a falta de legumes verdes; as inevitaveis irregularidades nas distribuições, etc., acabaremos por nos convencer que, apesar de ser voz corrente que no front se come bem, o que em absoluto é uma verdade, esse bem estava bem longe de poder ter a lata interpretação que, por irrisão lhe dão áqueles que da trincheira estão afastados.

Quanto ao funcionamento do serviço de subsistencias, nos seus traços gerais, era o seguinte:

As requisições dos provisores das Unidades, formuladas com 3 dias de antecedencia, eram reunidas nos Serviços Administrativos dos Quarteis Generais e remetidas aos

seus Delegados nas Estações Testas de Etapes que, por sua vez, as enviavam para a retaguarda. Uma vez satisfeitas, chegavam áquelas Estações, eram conferidas, descarregadas e trasbordadas para os camions das Divisões ou para as viaturas do Trem Divisionario, segundo as circunstancias. Seguiam depois para os Locais de Reabastecimento onde, ordenadamente, sobre estrados ou directamente sobre o solo, se formavam montes de géneros que no dia seguinte eram removidos nos carros do Trem Divisionario para os Escalões das Unidades. Aí, os provisores, em harmonia com as minutas de distribuição, recebidas dos Batalhões, separavam, em sacos devidamente etiquetados e pequenos (em geral sacos de terra), as rações completas para as Companhias e pelotões nas trincheiras.

Um pouco depois do crepusculo, as viaturas das unidades transportavam esses sacos até junto dos Decauville de trincheira onde um grupo de fachinas, sempre os mesmos, os carregavam e transportavam nas vagonetas, entregando-os aqui e além, ao longo da trincheira de comunicação, ás praças das cosinhas que, a essa hora, aguardavam a sua passagem.

No que respeita ás subsistencias, o trabalho dos provisores, que ficavam á retaguarda, junto dos Parques ou Escalões, consistia, pois, em formular as requisições de géneros, verificar a sua recepção, distribui-los nos sacos pelas Unidades inferiores e adquirir por compra legumes verdes e outros pequenos viveres.

Serviço de Fardamento

Lançando agora um golpe de vista para o Serviço de Fardamento forçoso é confessar que, por circunstancias de

ordem vária a que já nos temos referido, tambem neste ramo tivemos de nos integrar no sistema inglês, acabando por dos ingleses tudo receber.

Uma referência especial faremos ao calçado português, para, com a autoridade da experiencia de 14 meses de trincheira, integralmente o condenarmos, quando se tenha de operar em terrenos como os do sector que nos foi distribuido.

Confeccionado com cabedal quasi sem gordura, a agua ou lama atravessa-o com facilidade; o fio de ligação das solas ás gaspias apodrece e aquelas, destacando-se inteiras e ficando pendentes de tão extranha fôrma, lembravam a boca escancarada dos bovideos a que pertenceram, mugindo saudosos pelos patrios prados.

Tendo tido ocasião de visitar uma oficina inglesa de calçado, em Calais, confesso que os métodos e cuidados nos trabalhos de reparação e confecção do calçado para as tropas, bem diversos dos que entre nós se usam, me deixaram assombrado.

Num vasto barração adaptado a oficina, o calçado para concerto, vindo das trincheiras, era, á entrada, selecionado por peritos, apartando-se aquele julgado completamente incapaz de reparação e mergulhando-se o restante numa lexivia quente, alcalina e desinfectante.

Depois de enxuto este calçado passava, sucessivamente, duns para outros operarios que, trabalhando em bancadas proprias, procediam aos concertos requeridos.

Saído das mãos do ultimo operario, o calçado já concertado, era sujeito a um prolongado banho de oleo de baleia que o impermeabilisava e colocava em condições de novamente ser distribuido.

A rapidez, método e silencio com que todas estas ope-

rações, realisadas por centenas de individuos de ambos os sexos, decorriam no interior daquella grande oficina, dando idéa do espirito de ordem e disciplina que, nos nossos aliados nunca é demais exaltar, mostrou-nos a cuidadosa meticulosidade com que, no Exército Britanico, se cuida do bem estar do soldado, esforçando-se todos por contribuir o melhor que podem para a sua higiéne e conforto.

O calçado português, com as materias primas que nele se empregam, servirá para Portugal e para o tempo sêco, mas está longe de satisfazer para a guerra na Flandres. Assim, foi êle condenado pelas autoridades inglesas que dessa sua apreciação ao C. E. P. deram conhecimento oficial.

O que fica dito para o calçado, aplica-se, na devida proporção, aos restantes artigos de fardamento. A mescla, sujando-se com facilidade e tendo de ser frequentemente lavada, ou encolhe ou se esborôa e, em breve, se inutilisa, pois não podemos ter os soldados de *maillot* ou a deixarem pedaços do fardamento pelas estradas. Os abafos (excepção feita dos *pelicos* e *ceifões*) são deficientes; as meias apodrecem ou desfazem-se.

E já que o assunto se oferece, não posso deixar de chamar a atenção dos futuros comandantes de pelotões para a principal causa do terrivel mal que muito flagelou os nossos aliados, durante os primeiros meses da Guerra de Trincheira. Refiro-me *aos pés gelados*, epidemia que, nos meses de inverno, com a longa permanencia das extremidades inferiores debaixo de agua, nelas produz a paralisação da circulação cujas menores consequencias são as amputações dos pés. Nos primeiros hospitais que, em janeiro de 1917, visitei na Base inglesa, 5 ou 6 das suas enfermarias estavam pejadas com amputados de pés gelados. As meias humidas, conser-

vadas sôbre os pés, são o factor que mais contribue para a propagação desta doença. Só obrigando os homens a mudarem frequentemente as meias, a manterem os pés enxutos e a esfrega-los amiudadas vezes com oleo de baleia, (emquanto estão na trincheira), tal mal se tem evitado.

E que com a cuidadosa vigilancia dos comandantes dos pelotões isto se consegue, prova-o o facto do decrescimo da epidemia, logo que se tiraram as licenças de campanha aos Comandantes de pelotão onde a doença se continuava manifestando, fazendo-se a declaração de que esta regalia novamente seria concedida, logo que deixassem de aparecer praças atacadas do mal em questão.

Para permitir a frequente substituição das meias dos soldados, cada praça leva 4 pares de meias para as trincheiras as quais, logo que se despem, devem ser imediatamente lavadas e enxutas, nos abrigos ou em qualquer outra parte fóra das vistas do adversario.

Por todas as circunstancias apontadas o C. E. P. começou fornecendo-se dos Depositos ingleses que, para nós, até confecionaram fardamentos dum tipo de fazenda semelhante na côr ao padrão português, de não menor resistencia, mas indiscutivelmente muito melhor talhados e acabados.

Serviço de Contabilidade

Finalmente, pelo que se refere á contabilidade, realisava-se ela sem que mereça referencia especial, fazendo-se a entrega do numerario ás Unidades e Formações, por intermedio das *Pagadorias Volantes* que, pelo menos uma vez por mês, e em dias com antecedencia anunciados, se apresentavam nos Quarteis Generais das Divisões e Brigadas, para pagamento dos cheques com as formalidades regulamentares.

XVII

Serviço de Saude

Para se ficar fazendo uma ideia do Serviço de Saude no C. E. P., sem descer a promenores que só directamente interessam aos oficiais médicos, mas para bem assinalarmos a sua proficuidade e o logar de destaque que, entre os nossos aliados, este serviço logo conquistou, vamos, nos seus traços gerais, fazer uma rápida resenha do que mais interessa.

Da frente para a retaguarda, os centros de recolha e penso de feridos eram:

a) — Postos de Socorros Avançados (P. S. A.);
b) — Postos de Transporte (P. T.);
c) — Postos de Socorros (P. S.);
d) — Postos para Feridos podendo andar a Pé (P. F. P.);
e) — Ambulancias (Amb.);
f) — Hospitais de Sangue (H. S.);
g) — Depositos de Convalescentes (D. C.);
h) — Hospitais da Base (H. B.).

Os feridos nas trincheiras, recolhidos pelos maqueiros, eram, pelas trincheiras de comunicação e pelas wagonetas especiais dos Decauville, durante a noite, transportados até aos Postos de Socorros Avançados, instalados em abrigos de aço, regularmente protegidos, em regra, junto das sedes dos Batalhões na Linha. Aí eram examinados pelos médicos dos

Batalhões e, depois de recebido o primeiro penso, eram, em maca rodada ou em ambulancia automovel, se esta podia chegar até ao Batalhão, transportados respectivamente ao Posto de Transportes mais proximo ou, directamente, ao Posto de Socorros.

Serviço dos maqueiros no Campo de Batalha (Região pantanosa da Flandres)

Nos Postos de Socorros, mudavam-se os pensos, se era necessario, e como dispunham de mais amplas instalações, aí podiam os feridos aguardar o transporte para as ambulancias, regulando-se, até certo ponto, as evacuações pelo seu grau de urgencia.

Nas Ambulancias, operavam-se os feridos de maior urgencia e evacuavam-se os restantes para os Hospitais de Sangue donde, depois, seguiam para os Hospitais da Base.

em magnificos *comboios ambulancias* ou em *Barcas*, pelos canais, dotadas de todo o conforto e irrepreensivelmente aceiadas.

A capacidade de acomodação de feridos nestas diversas estações do Serviço de Saude, na area de 1.ª Linha dos sectores do C. E. P. era, em Dezembro de 1917, a seguinte:

Normalmente	Deitados	Sentados
Nos Postos de Socorros Avançados . . .	70	205
Nos Postos de Transporte.	26	56
Nos Postos de Socorros.	256	580
Nas Ambulancias	330	—
Soma	682	841
Extraordinariamente, mais		
Nos Postos de Socorros Avançados . . .	174	464
Nos Postos de Transporte.	—	50
Nos Postos de Socorros.	41	138
Nas Ambulancias	1130	—
Soma	1345	652
Total	2027	1493

Em todas estas estações os feridos permaneciam apenas o espaço de tempo indispensavel, não devendo este periodo nos Hospitais de Sangue, que era o mais prolongado, exceder duas semanas.

Seria curiosa se não fôra dolorosa a odissea dos nossos feridos desde que deixavam os Hospitais de Sangue portugueses até que davam entrada nos nossos Hospitais da Base.

Durante um tal periodo o C. E. P. perdia de vista os seus feridos. Entregues ao Serviço de retaguarda do Exercito Britanico desembarcavam neste ou naquele hospital inglês, que as proprias autoridades militares inglesas não podiam prevêr onde fôsse, e só passadas muitas semanas era acusada a sua recéção nos Hospitais portugueses da Base, se

Transporte de feridos pelos Decauville de Trincheiras

porventura a sorte adversa, interferindo no caso, não abreviava o serviço reduzindo-o á seca notificação da morte, com indicação do local e data do funeral.

Os feridos que podiam andar por seu pé, reunidos em postos especiais, seguiam das trincheiras até aos Postos de Socorros, enquadrados por pessoal de Serviço de Saude e por itenerarios de antemão marcados, sendo evacuados para as estações á retaguarda em camions ou outras viaturas vazias, de retorno.

Os doentes, reunidos nos Postos de Socorros Avançados, eram evacuados para os Hospitaes e Ambulancias, nos carros de transporte de feridos hipomoveis e por Caminho de Ferro.

Os convalescentes recolhiam-se nos Parques e Escalões e ahi se restabeleciam.

Os atacados de doenças contagiosas iam para Ambulancias ou Hospitaes especiais. Destes, os sarnosos e sifliticos apareciam em elevado numero. Os sifliticos, considerados pela legislação inglesa quasi como criminosos, inscrevendo-se esta macula nas respectivas notas de assentos e dando-se do facto imediato conhecimento á familia, eram internados nos Hospitaes de Sifliticos, rodeados de arame farpado, privados de todo o contacto com *gente limpa*, e ahi se mantinham por longas semanas.

Não terminarei sem que aqui deixe consignado o preito da minha admiração e homenagem, para com todo o pessoal medico e de enfermagem que, tão dedicadamente e com conhecimentos tecnicos não excedidos em nenhum outro exercito, sempre deu provas de valôr, abnegação e altruismo, dignos da causa a que se dedicaram e da Patria que muito lhes deve.

XVIII

Serviço de artilharia

Fornecimento e Reparações no Material

A artilharia, como serviço, incumbia o fornecimento de material de guerra e o reabastecimento de munições. Como, porêm, o C. E. P. não tinha serviços de retaguarda proprios, e o material era todo fornecido pelos ingleses e franceses, o seu serviço, no que respeita aos fornecimentos de material, limitava-se a requisita-lo das estações competentes e a recebe-lo dos Depositos escalonados na zona do Exercito.

No entanto, as pequenas reparações eram pelo nosso serviço de artilharia realisadas nas *Oficinas Divisionarias* ou na *Oficina Ligeira de Artilharia* do C. E. P. As primeiras, instaladas em barracões improvisados, velhos armazens arruinados, etc., junto dos respectivos Quarteis Generais; a ultima, suscetivel de ser montada em camions e de se deslocar mais facilmente, instalada mais á retaguarda. Naquelas, reparavam-se viaturas, bicicletes, molas, pequenas peças, etc.; nesta as reparações eram de maior vulto e abrangiam já as bocas de fogo.

Pelo que respeita ás requisições, nem sempre elas eram satisfeitas com a desejada rapidez, pois varios entraves, por vezes, lhes eram opostos. Assim, basta citar o facto seguinte:-

Para a substituição de uma simples peça do mecanismo das metralhadoras era necessaria, muitas vezes, a apresentação da peça avariada; outras vezes tinha de fazer-se um auto e preencher mais formalidades, que nos faziam recordar o que, entre nós e em plena paz, consideramos como exageros burocraticos do nosso Arsenal do Exercito.

Reabastecimento de Munições

Pelo que se refere ao reabastecimento de munições era ele realisado no C. E. P., pelos seguintes orgãos:

Variedades de projecteis de artilharia

a) — Sub-Parque de Munições;

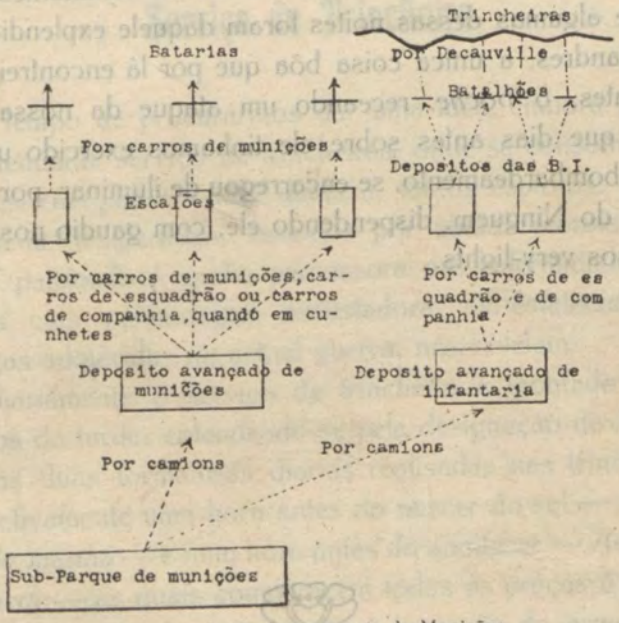
b) — Carros de Munições, Carros de Esquadrão e Carros de Companhia;

c) — Decauvilles de trincheira.

Diariamente, em vista dos mapas de consumo, eram requisitadas ao Sub-Parque as munições para a infantaria, morteiros e artilharia (cartuchos para armas portateis, granadas de mão, granadas de espingarda, bombas de mortei-

ros, granadas explosivas, granadas com balas, granadas com gazes), seus componentes (espoletas, detonadores, etc.) e artificios para o serviço de trincheira (foguetões, very-lights, etc.) necessarias para completar as respectivas dotações de trincheira e dos Depositos Avançados.

O Sub-Parque reabastecia com os seus camions os De-



Esquema do Reabastecimento de Munições

positos Avançados de Artilharia e de Infantaria aos quais os carros de munições das batarias, os carros de esquadrão e até os carros de companhia, vinham, ao pôr do sol, buscar as munições, para as transportarem aos escalões e posições das batarias ou aos pequenos Depositos das Brigadas de Infantaria, instalados em casas arruinadas, ou paiois proprios, á retaguarda das Linhas. Ás Linhas, as munições chegavam pelos Decauvilles e eram armazenadas nos Depo-

sitos de trincheira e dahi levadas para as banquetas dos parapeitos.

Tambem com as requisições de munições, embora mais raras vezes, se produziam demoras na sua satisfação, principalmente no que respeita aos artificios, e para o comprovar citarei o facto de, durante quasi 15 noites, nos encontrarmos guarnecendo a frente sem artificios iluminantes. Felizmente algumas dessas noites foram daquele explendido luar da Flandres, a unica coisa bôa que por lá encontrei, e nas restantes, o *boche*, receando um ataque da nossa parte, visto que dias antes sobre ele tinhamos exercido um violento bombardeamento, se encarregou de iluminar, por nós, a Terra do Ninguem, dispendendo ele, com gaudio nosso, numerosos very-lights.

XIX

Serviço de Trincheira

É tempo de procurarmos dar uma idea, embora palida, do extenuante serviço de trincheiras, onde se consomem as maiores energias e onde, tambem, tantos espiritos, menos fortemente temperados, vencidos por abalos morais, teem caído, passando á apatia percussora das enfermidades psiquicas cuja percentagem assustadora, as estatisticas das doenças adquiridas na actual guerra, nos revelam.

Diariamente o serviço de trincheira é montado ao **A Postos** da tarde; entendendo-se pela designação de *A Postos*, as duas formaturas diarias realisadas nas trincheiras, respectivamente uma hora antes do nascer do sol — *A Postos da manhã* — e uma hora antes do anoitecer — *A Postos da tarde* — ás quais comparecem todas as praças e oficiais disponiveis e onde se procede á inspeção do armamento, equipamento, municiamento, aparelhos anti-gaz, etc.

Nestas formaturas são dadas as ordens e é escalado todo o serviço para o dia e para a noite, verificando-se a suà bôa compreensão por parte daqueles a quem interessa.

Todos os oficiais, graduados e soldados, durante elas, ocuparão os respectivos postos de serviço.

Para facilmente podermos abranger todo o complexo serviço de trincheira, assinalando a sua importancia, resu-

miremos as considerações que ele nos sugere, agrupando-as como se segue:

Atribuições e deveres dos diferentes Comandos

Aos Comandantes das unidades que guarneciam os sectores, como responsaveis, dentro dos limites das suas graduações, pelo conjunto de defesa do respectivo sector, competia-lhes, em especial:

A) — *Comandantes de Brigada*:

a) — Elaborar os projectos de defesa do seu sector ou as alterações aos planos já elaborados, submetendo uns e outros á aprovação do Comando da Divisão.

b) — Vigiar pelo rigoroso cumprimento das determinações dos planos de defesa e ataque, assegurando-se de que eles eram de todos compreendidos e estavam em condições de imediata execução.

c) — Elaborar os projectos de raids, submetendo-os á apreciação do Comando da Divisão, com a antecedencia precisa para que neles pudesse ser assegurada a cooperação da artilharia.

d) — Tomar todas as necessarias disposições para garantir a conservação das defesas passivas já existentes, fiscalisando as suas reparações de forma a manter essas defesas no maximo de eficacia.

e) — Ter a seu cargo a superintendencia nas Escolas de Instrução, adstrictas ao sector, orientando e fiscalisando a instrução das unidades da sua brigada.

f) — Ter superintendencia nas unidades de metralhadoras e morteiros, adstritas á defesa do respectivo sector, as

quais directamente lhe eram subordinadas para efeitos de imediata defesa.

B) *Comandantes de batalhão e companhia:*

Eram os primeiros responsaveis pela disciplina do batalhão e pela forma como eram executadas as ordens superiores.

No serviço de trincheira, para bem poderem avaliar da forma como o serviço corria, deviam: Visitar as trincheiras tanto de dia como de noite e a horas diferentes, prestando especial atenção:

a) A que as sentinelas estivessem convenientemente colocadas e «alerta», e a que fossem rondadas com frequencia;

b) — A que na trincheira de combate houvesse sempre de serviço um oficial por companhia;

c) — A que saissem com frequencia patrulhas, durante as horas de escuridão;

d) — A que o obstaculo de arame estivesse sempre em bom estado, fazendo-se as reparações necessarias, logo que fosse possivel;

e) — A que os batalhões dos flancos e todas as companhias do batalhão fossem avisadas da aproximação de quaisquer patrulhas inimigas, das saídas das nossas e do tempo que estas permaneciam fóra;

f) — A que se reparasse, com a urgencia possivel, o parapeito ou trincheira, quando fossem danificados, e se conservassem em bom estado todas as trincheiras, fazendo colocar passadeiras e sacos de terra, esgotando as aguas, concertando os abrigos, etc.;

g) — A que as tropas fossem mantidas no melhor estado possivel de saude fisica e moral. Para este efeito deveriam:

1) — Organisar os trabalhos a efectuar pelas companhias de modo que os homens tivessem o descanço necessario;

2) — Manter o rigoroso estado de aceio nas trincheiras;

3) — Fazer cumprir todas as disposições sobre higiéne, que fossem determinadas, e as que o bom senso, aconselhasse;

4) — Organisar, convenientemente, as distribuições de agua e rações, não esquecendo que a ração a distribuir é igual para oficiais e praças. As rações deveriam ser convenientemente cosinhadas, e a agua colorinada, sempre que fosse indicado;

5) — Ter todo o cuidado em que as praças não defecassem ou urinassem fóra das latrinas, as quais deviam ser devidamente cuidadas;

6) — Manter, entre os homens, um estado moral levantado, animando-os, e procurando dar-lhes alegria e bôa disposição.

h) — A que o armamento se conservasse sempre limpo, atendendo-se a que a limpesa das metralhadoras Lewis fosse organisada de forma, que nunca estivesse mais que uma em limpesa e, portanto, não utilisavel, mantendo-se sempre o devido reabastecimento de munições e granadas;

i) — A que fossem mantidas as comunicações entre as companhias e comando do batalhão, entre o este e o Q. G. da Brigada e com os batalhões dos flancos;

j) — A que ninguem fornecesse ao inimigo qualquer indicio da sua posição, quer expondo-se demasiadamente ás vistas, fazendo fumo, ou deixando de mascarar convenientemente quaisquer trabalhos novos;

k) — A que se obtivessem todas as informações possiveis ácêrca do inimigo e a que fossem estas transmitidas ao Comando Superior;

l) — A que os comandantes das companhias e pelotões, das batarias de morteiros e metralhadoras, estivessem conhecedores de todos os promenores do plano de defesa do sector, assegurando-se da forma como estes seus subordinados o o tinham adaptado ao terreno, ordenando os indispensaveis exercicios para verificar as medidas por eles tomadas nos casos de ataque do inimigo, simples bombardeamentos, etc., bem como das disposições previstas para a retirada da 1.ª linha, para os contra-ataques, etc;

m) — A que os comandantes das batarias de morteiros médios e ligeiros, bem como o das metralhadoras, na area do seu sub-sector, estivessem em intima ligação com eles, informando-os sempre das posições que ocupavam, objectivos a bater, momento de abertura de fogo, etc.

C) — *Comandantes de pelotão:*

Os comandantes de pelotão em serviço nas trincheiras deviam:

a) — Infligir ao inimigo o maior numero de perdas;

b) — Manter a posse da frente, que lhes foi confiada;

c) — Poupar, quanto possivel, as forças do homem e realisar uma prudente economia de forças.

No exercicio das suas funções, os comandantes de pelotão deviam assegurar a absoluta disciplina das suas tropas; manter no espirito dos subordinados a convicção da nobre missão que estavam cumprindo e a completa confiança na vitória; e demonstrar uma incessante actividade no aperfeiçoamento das condições de defesa, na organisação dos ser-

viços de vigilancia e de reconhecimento e no espirito ofensivo.

Para a bôa execução do serviço estes oficiais deviam:

a) — Manter as secções e grupos constituidos pelos mesmos homens, exigindo que todos conhecessem os respectivos graduados;

b) — Verificar se todos os homens do pelotão conheciam as instruções estabelecidas e servir-se de todos os processos, que lhe garantissem a conveniente preparação do pessoal;

c) — Evitar que as praças se expuzessem inutilmente e tomar todas as precauções, que obstassem ás surprezas do inimigo;

d) — Dividir a trincheira destinada ao pelotão pelas secções e mesmo pelos grupos, quando as circunstancias o aconselhassem;

e) — Reconhecer os pontos das trincheiras inimigas, que exigiam maior vigilancia;

f) — Determinar que o pelotão ocupasse as posições de combate uma hora antes do anoitecer e do amanhecer;

g) — Evitar falsos alarmes;

h) — Manter, em bom estado, a organisação defensiva das trincheiras, reforçando-a com todos os meios ao seu alcance, sem recorrer á Engenharia, verificando as condições de serviço dos periscopios, alças telescopias e armamento de trincheira, bem como as das defesas acessorias;

i) — Conhecer a posição de reforço mais proxima e assegurar-se da sua ligação;

j) — Reconhecer as escutas, postos de observação e postos de granadeiros, e organisar o serviço de rondas;

k) — Reunir o material de construção abandonado e prevêr o seu emprego, quando as circunstancias o exigissem;

l) — Evitar, que os homens empregassem, como lenha, as taboletas-avisos, a madeira usada no revestimento das trincheiras ou existente nos depositos de material das trincheiras;

m) — Fixar os postos de atiradores e as instruções respeitantes, atendendo á situação e ao terreno;

n) — Estabelecer o serviço de patrulhas, de modo a assegurar a defesa das trincheiras, e reconhecer os dispositivos do inimigo;

o) — Estabelecer a maneira mais conveniente de render o serviço, e manter absoluto silencio na sua execução;

p) — Preparar contra-ataques imediatos e energicos, com o grupo de granadeiros do pelotão e restantes praças e assegurar-se da melhor maneira de executar os retornos ofensivos;

q) — Assegurar-se de que todos os homens conheciam os sinais de socorro imediato e de nuvem de gazes asfixiantes, e sabiam as medidas a adótar;

r) — Estabelecer ligações rápidas com o respectivo comandante de companhia e de batalhão, com os pelotões contiguos e com as unidades de metralhadoras proximas, conhecendo os seus efectivos;

s) — Conhecer a ligação com a artilharia e o sinal estabelecido para a sua cooperação;

t) — Balisar os itenerarios nas trincheiras;

u) — Procurar todos os meios de obter informações acêrca do inimigo e conhecer a maneira como executar o seu serviço;

v) — Atender a todas as medidas de higiene, como:

1) — Locais para os homens dormirem ao abrigo do tempo;

2) — Serviço de limpeza bem organisado;

3) — Proibição de lançar o lixo para fora das trincheiras ou nos esgotos, devendo ser empregados os caixotes ou sacos destinados a esse fim;

4) — Drenagem cuidada das trincheiras;

5) — Cuidados especiais com os pés, esfregando-os diáriamente durante 15 minutos, pelo menos, e calçando peugas enxutas;

6) — Evitar o uso desnecessário de botas altas de borracha;

7) — Tomar as providencias necessárias para enxugar as peugas;

8) — Proibir a utilisação de qualquer agua, não autorisada superiormente;

9) — Assistir pessoalmente á distribuição da ração.

x) — Assegurar a conservação do armamento e equipamento;

y) — Vigiar que as espingardas estivessem sempre carregadas e com a baioneta armada, durante a noite, em ocasião de nevoeiro, ou ataque provavel, e que os homens se conservassem equipados;

z) — Atender ao serviço de remuniciamento;

1) — Verificando as condições de serviço dos paioes de granadas e cartuchos de infantaria;

2) — Recolhendo, em locais apropriados, as granadas e cartuchos de infantaria deixados pelos homens que retiravam das trincheiras, bem como as munições dos mortos;

3) — Cuidando, que os homens possuissem a dotação fixada e regulando o serviço de distribuição de munições;

4) — Reunindo os cartuchos detonados.

* * *

Os comandantes dos pelotões, antes de um ataque, devem proceder da seguinte forma:

a) — Conhecer bem os objectivos que tinham sido dados ao seu pelotão, á sua companhia e ao seu batalhão, e estuda-los na carta;

b) — Explicar aos seus graduados e homens esses objectivos, dando áqueles um croquis do objectivo do pelotão;

c) — Explicar aos homens a formação a adótar pelo pelotão, e o logar da metralhadora;

d) — Conhecer, e tornar conhecidos do pelotão, as unidades dos seus flancos;

e) — Quando se estabelecessem, antes do ataque, linhas de barragem do fogo da artilharia, deveria estuda-las nos seus detalhes, e explicar bem aos seus homens as vantagens de se conservarem juntos a essa barragem;

f) — Ter os seus relogios sincronizados;

g) — Conhecer todas as ordens, de forma a poderem assumir o comando da companhia, se os comandantes fossem postos fora de combate, e dar todas as explicações, sôbre o que dissesse respeito ao seu pelotão, aos imediatos, para, por estes, poderem ser substituidos nas mesmas condições;

h) — Verificar que todas as ordens fossem cumpridas, sôbre os equipamentos a levar, municiamento, armamento, etc., e saber quem transportava as tesouras corta-arame, pistolas e cunhetes Very-light;

i) — Conhecer, bem como a sua ordenança, o melhor caminho para o comando da companhia, onde poderiam encontrar este oficial, depois ou durante o combate, e o mesmo sôbre o comando do batalhão;

j) — Dizer aos homens, que os que fossem feridos sem gravidade, deveriam transportar os equipamentos consigo até aos postos de socorros e ambulancias, e que não se devia distrair ninguem para o transporte dos outros feridos;

k) — Informar-se do que deviam fazer com os prisioneiros;

l) — Nomear as patrulhas a lançar após a posse do objectivo, explicando-lhes o que deveriam fazer;

m) — Estudar a forma de consolidar o objectivo que tomassem, pensando na inconveniencia de se estabelecerem em pontos bem definidos, que atrairiam sôbre si o fogo da artilharia.

n) — Indicar aos homens, as trincheiras de comunicação que seriam empregadas para a subida, e as da descida;

o) — Informar os graduados do que estava determinado sôbre abastecimento de agua, munições, sacos de terra, arame, etc., bem como qualquer trabalho especial que fosse dado ao pelotão depois de atingido o objectivo;

p) — Saber qual era o S. O. S;

* * *

Os comandantes de pelotões depois de alcançado o objectivo, além de outros deveres que lhes competiam, deviam proceder da seguinte forma:

a) — Verificar se ocupava o objectivo que lhe fora dado e comunicá-lo ao comandante de companhia e batalhão;

b) — Ligar-se com os aeroplanos de contacto, por meio dos sinais luminosos que tivessem sido combinados;

c) — Ocupar a melhor posição, consolidá-la convenientemente e reorganisar o pelotão, de forma a resistir aos contra-ataques;

d) — Estabelecer o contacto imediato com as forças nos flancos ou, caso contrário, levantar barricadas o mais rapidamente possivel e colocar a metralhadora na melhor posição;

e) — Verificar se saiu a patrulha de contacto como devia ter ordenado;

f) — Estabelecer as sentinelas e snipers nos pontos mais convenientes;

g) — Procurar conhecer o que fizera o inimigo e comunicá-lo imediatamente ao comando da companhia;

h) — Executar as ordens especiais que tivesse recebido, como por exemplo: a abertura de uma trincheira de comunicação, verificando se os homens, para isso nomeados, executavam o respectivo trabalho;

i) — Levantar prumos, taboletas ou outro qualquer sinal que indicasse á artilharia a posição que ocupava;

j) — Incutir nos homens a necessidade de se manterem na nova posição, mostrando-lhes qne, embora o perigo ali fosse grande, maior seria o da retirada.

Pessoal de serviço

1) — *Oficiais e graduados de serviço.*

Na linha avançada, quer de dia quer de noite, ha sempre de serviço um oficial e um graduado por cada companhia, pessoal este que é directamente responsavel, para com o Comando, pela cabal vigilancia da porção de frente afecta á sua Companhia, pela execução dos trabalhos diariamente determinados, numa palavra, pelo cumprimento integral das instruções gerais e especiais, estabelecidas para o serviço de trincheira.

Para bem cumprir a sua missão deverá, pois, tal pes-

soal realisar amiudadas rondas, tanto para se certificar da vigilancia exercida, como para se inteirar dos resultados da observação efectuada sobre o inimigo.

A vigilancia que dos outros reclamam, deve tambem, por seu lado, ser ostensivamente exemplificada, nunca se recolhendo nos *dugouts* ou em outros quaisquer abrigos, nem tão pouco se esquecendo de visitar as sapas ou os postos avançados, quando os houver.

A duração do serviço depende, principalmente, do numero de oficiais e graduados disponiveis na companhia. Normalmente, cada turno será de duas horas, durante o dia, e de quatro horas durante a noite, contudo, em epocas de rigorosa invernia, deverá, sendo possivel, reduzir-se esta duração.

2) — *Sentinelas.*

Como ficou dito, ao *A Postos* monta-se o serviço de sentinelas, de dia e de noite, tendo em atenção as seguintes normas.

As sentinelas serão sempre dobradas, mantendo-se um dos homens sempre de pé, alerta, com as armas na mão e exercendo uma rigorosa vigilancia, de dia pelo periscopio, de noite por cima do parapeito. O outro homem de sentinela poderá repousar na banqueta, mas em situação donde possa ser rapidamente acordado pelo que se conserva vigilante, quando isso fôr necessario.

O numero de sentinelas a colocar depende, principalmente:

1) — De ser o serviço de dia ou de noite;

2) — Da distancia a que se encontram as trincheiras inimigas;

3) — De haver ou não, fóra, piquetes de trabalho no arame;

4) — Da extensão do campo de observação.

Durante o dia — considerando-se o dia na trincheira como o espaço de tempo decorrido entre duas formaturas consecutivas de *A Postos* — bastará ter de sentinela 1 homem por cada 6 do efectivo da Companhia; durante a noite este numero será, pelo menos, duplicado.

Toda a sentinela será colocada por um graduado, pela forma regulamentar, sendo-lhe claramente explicados os seus deveres. Ao graduado cumpre tambem verificar que o soldado a entrar saiba onde se encontram os Comandantes de secção, de pelotão e de companhia, as sentinelas de um e outro lado, e se ha patrulhas ou piquetes de trabalho na Terra do Ninguem, na sua frente.

Nas noites escuras convem que as sentinelas sejam quadruplas, havendo dois homens de pé, vigiando por cima do parapeito, e dois outros sentados, na banqueta. No fim de meia hora o graduado rende um dos homens de pé por um dos sentados e na meia hora seguinte o outro. Desta forma ha sempre de vigia um homem com a vista habituada á escuridão.,

3) — *Vigias-Observadores (Snipers).*

Todo o efectivo de vigias-observadores do batalhão, estará de serviço durante o dia, sendo, em geral, dele dispensado durante a noite. Como já vimos, os vigias devem sempre trabalhar aos pares fazendo, alternadamente o serviço de atirador e observador.

Todos os grupos manterão uma vigilancia continua durante o dia, notando tudo quanto seja visto ou ouvido com referencia ao inimigo, como por exemplo: movimento de pessoal, de viaturas, piquetes de trabalho, etc., e dando participação imediata de tudo quanto observarem ao oficial que mais proximo se encontrar.

4) — *Piquetes de trabalho.*

Nas trincheiras, alem dos trabalhos necessarios para a imediata reparação das avarias que o inimigo ou o tempo nelas tenha produzido, tambem se torna indispensavel carriar para o seu interior, rações, munições e material de engenharia, o que tudo exige uma cuidadosa organisação de piquetes de trabalho e de carregadores a qual não é tão simples como poderá parecer, principalmente quando a deficiencia de efectivos fôr grande, como entre nós era o caso normal.

Com efeito, não devendo nenhuma praça entrar de piquete sem ter tido um razoavel periodo de repouso (nunca menos de 6 horas), quando, em virtude da deficiencia de efectivos, se é forçado, para ter uma aceitavel densidade de guarnição, a trazer, de noite, para a primeira linha, quasi todo o pessoal do batalhão, cuja linha de apoio, muitas vezes, terá de ficar desguarnecida, ou o cansaço fisico e moral de todo o pessoal se agrava extraordinariamente, ou o trabalho será prejudicado e, consequentemente, resultarão enfraquecidas as condições defensivas do sector.

Durante o dia, o serviço de vigilancia continúa absorvendo alguns homens, com os quais se não pode contar para trabalho imediato e dos restantes, tiradas as horas de indispensavel repouso, poucas ficarão utilisaveis para os trabalhos diarios. Poderá, então, pensar-se que, tendo todos de ficar de vela durante a noite, preferivel seria consagrar o dia ao descanço e só trabalhar de noite. Mas, em primeiro logar, o trabalho exclusivo de noite é de diminuto rendimento e reparações urgentes nunca por este processo se concluiriam; em segundo logar, de noite, o serviço de vigilancia fixa (sentinelas) e movel (patrulhas) desfalca bastante o pessoal disponivel para outros serviços, e, assim, ainda mais descerá o referido rendimento.

A unica fórma de permitir o avanço do trabalho é reparti-lo entre o dia e a noite, realisando-se durante o dia, com as devidas medidas de precaução para evitar aglomerações ou qualquer outra circunstancia que possa chamar a atenção dos observadores inimigos, os indispensaveis trabalhos preparatorios para as reparações dos parapeitos e defesas de arame á frente da Linha **A** e todos aqueles, nas trincheiras de comunicação, drenos, Linha **B**, pontos fortes, etc., que possam ser executados, sem se correr o risco de serem denunciados.

Uma conveniente escolha das horas de trabalho, em harmonia com as condições de visibilidade da atmosfera e em parte, tambem, o engenho dos Comandantes das Unidades, permitirão conseguir os mais satisfatorios resultados, compativeis com as desfavoraveis condições que ficam apontadas.

Assim, no C. E. P., a organisação dos horarios dos trabalhos de trincheira a realisar pelas guarnições dos sectores, esteve durante muito tempo a cargo dos Comandantes dos Batalhões, cada um dos quais tinha a liberdade de adotar o processo que julgava mais consentaneo ao temperamento dos seus homens e á intensidade do serviço.

Em geral, depois da limpesa de armamento que se seguia ao «A Postos» da manhã, montado o serviço de dia, todo o restante pessoal ia procurar, num bem ganho repouso, retemperar-se da vigilia noturna, e os turnos de trabalho só depois do meio dia entravam em exercicio.

Nestes turnos temos a considerar:

1) — Piquetes de reparações;

2) — Piquetes de carregadores.

Os trabalhos de reparação a realisar nas trincheiras de 1.ª Linha eram, em regra, efectuados pelas guarnições das

mesmas, auxiliadas, quando assim fosse necessario, pelas guarnições das linhas de apoio e de reserva.

Os trabalhos á retaguarda da trincheira de 1.ª Linha eram efectuados pelas guarnições das trincheiras de apoio e de reserva.

Os piquetes de reparações, sempre que era possivel, constavão de unidades completas, isto é, de uma secção, dum pelotão ou duma companhia, comandadas pelos respectivos comandantes.

Os piquetes de trabalho para a Terra do Ninguem, reparações no arame, sapas, etc. eram sempre acompanhados por piquetes ou patrulhas de protecção das quais faziam parte granadeiros de mão e, se fôsse julgado necessario, uma metralhadora Lewis.

Os piquetes de carregadores eram, em geral, fornecidos pelo pessoal das companhias de apoio e reserva, sendo egualmente vantajoso que fossem formados por unidades constituidas.

Todos, trabalhadores e carregadores, deviam manter um rigoroso silencio, evitando, o mais possivel, fazer barulho durante o trabalho.

Patrulhas

Na guerra de trincheiras é indispensavel haver um constante e energico serviço de patrulhas, devendo os comandantes de batalhão e companhia promover este serviço por todos os meios ao seu alcance.

As patrulhas podem ser, segundo a sua missão, classificadas em: *Patrulhas de escuta, Patrulhas de reconhecimento* e *Patrulhas de combate*.

As patrulhas de escuta, constando, em geral, de um graduado e tres soldados, avançam um pouco para alem das

nossas defesas de arame, destinando-se a escutar os movimentos do inimigo, se ele está procedendo a trabalhos na sua linha, bem como a servirem-nos de protecção. Um dos homens da patrulha, o graduado por exemplo, leva, muitas vezes, um cordão (pode ser um fio telefonico duma linha de trincheira já posta fóra de serviço) atado a um dos braços, ficando a extremidade livre nas mãos da sentinela mais proxima do ponto por onde saiu, com o fim de, pelo numero de esticões, previamente combinado, avisar, sem abandonar o *Posto de Escuta*, da aproximação das patrulhas inimigas, seu efectivo, necessidade de auxilio imediato, etc.

As patrulhas de reconhecimento, constando, pelo menos, de um graduado e seis praças, são enviadas para fazer o reconhecimento da Terra do Ninguem, das defesas de arame do inimigo, etc, serviço para que se exige um pessoal bem instruido.

As patrulhas de combate, de efectivo e composição variavel, conforme a missão a desempenhar, enviam-se para entrar nas trincheiras inimigas, colher identificações, destruir abrigos, capturar postos, etc. Quando o seu efectivo exceder um certo limite, tais patrulhas entram já no dominio dos «*Raids*».

Ás patrulhas são fornecidos fatos especiais, impermeaveis, que vestem sobre o fardamento, tanto para o preservar da lama, da agua e dos rasgões nos arames, como, em vista da côr adequada á paisagem, (normalmente o caki, o branco por ocasião da neve, etc) permitirem a sua marcha dissimulada e, consequentemente, a efectivação do serviço que lhes foi determinado.

As patrulhas saírão, em geral, por um posto de escuta ou sapa e regressarão por outro, avisando-se todos os homens da escuta ou sapa e todos os postos de sentinela, das

horas de saída e regresso, fim e itenerario da patrulha. Eguais comunicações se farão aos postos de sentinela, num e noutro flanco e numa extensão consideravel. Os comandantes dos Grupos de Metralhadoras Pesadas tambem devem ser avisados, durante o dia, dos itenerarios das patrulhas que se pensam fazer saír durante a noite, afim de poderem preparar o tiro indirecto das suas metralhadoras sem perigo para as referidas patrulhas.

Intercomunicações

1) — *Sinaleiros:*

O oficial de sinaleiros da Brigada é o responsavel pelo cabal funcionamento de todas as linhas do respectivo sector, participando ao oficial de dia ao Grupo de Artilharia as necessidades de correcção, reparação ou renovação das linhas respectivas. A partir dos Comandos dos Batalhões para a frente, a conservação das linhas compete aos Comandantes das Unidades, cada qual no seu sector.

Os aparelhos electricos em uso nos postos de sinaleiros são: o telefone, o Fullerfone e o Power-Buzzer. Destes, em toda a zona de terreno até 3000 metros á retaguarda da Linha **A**, *Zona Perigosa*, só se deverá empregar o Fullerfone, transmitindo-se os despachos que contenham informações uteis ao inimigo, em cifra. Nesta zona, á falta de Fullerfone, para despachos importantes, empregar-se-hão as estafetas.

Para maior segurança das comunicações telefónicas, subtraindo-as á acção dos aparelhos inimigos destinados a interceptar os despachos, deverão todos os circuitos telefónicos, para a frente dos Quarteis Generais das Brigadas, ser duplos, convenientemente isolados e á prova de indução.

Todas as linhas serão cuidadosamente ensaiadas, pelo menos uma vez por dia, tendo em especial atenção as que ligam a infantaria com a artilharia e as que ligam cada companhia com o Comando do seu Batalhão e com as companhias dos flancos.

2) — *Estafetas e Ordenanças:*

As estafetas e ordenanças das Unidades na trincheira, destinadas a serem utilisadas como agentes de ligação ou a servirem de guias dentro de um tão complicado labirinto de comunicações, quer de dia, quer de noite, devem, pelo menos as do batalhão, conhecer os caminhos para todos os comandos de companhia e para as sédes dos batalhões dos flancos: as das companhias, para a séde do seu batalhão e para as das companhias dos flancos, quer estas pertençam ou não ao seu batalhão.

Da mesma forma todas as praças devem saber onde se acha o abrigo do respectivo comandante de pelotão e de companhia.

Saneamento

E' este um assunto da maior importancia, de que depende a saude de todo o pessoal, e para o qual os comandantes de todas as unidades nunca demasiadamente chamarão a atenção dos seus subordinados, para a necessidade da rigorosa observação das prescrições regulamentares sobre higiéne e saneamento.

Embora ao pessoal das secções sanitarias das unidades, sob as ordens directas do oficial-medico da respectiva unidade, incumba a execução e fiscalisação dos serviços de saneamento, todos para esse serviço devem concorrer, evitando a deposição de detritos nas trincheiras, fóra dos locais a eles destinados. A conveniente higiéne das latrinas, os sacos ou

outros receptaculos adequados para neles se depositarem os lixos, evitando-se o seu contacto com as moscas, o aceio das cosinhas em cujas proximidades não devem aparecer quaisquer restos de comida, são tudo pontos para que os oficiais e graduados devem chamar a atenção dos soldados, mostrando-lhes os inconvenientes que, da sua descurada observancia, resultarão para todos aqueles que na trincheira tem de permanecer por largos dias.

Munições

As munições na trincheira, encontram-se distribuidas pelos homens, (em bandoleiras de lona); em pequenos depositos da linha avançada, constituidos por caixotes embutidos no talude anterior, sob os parapeitos, em geral de 100 em 100 metros; nos paiois junto dos Comandos das Companhias na frente e nos dos Comandos de Batalhão.

Todos estes depositos e paiois devem, diariamente, ser reabastecidos por forma a terem á noite o completo das respectivas dotações. Serão frequentemente inspecionados pelos oficiais de granadeiros dos Batalhões e Brigadas, devendo sempre manterem-se sêcos, convenientemente protegidos e com as munições acondicionadas á prova do tempo.

Nas testas de sapa, junto á entrada das mesmas e em todos os postos de granadeiros, serão colocados cunhetes com granadas, as quais sempre se manterão espoletadas e untadas exteriormente, com vaselina.

Em cada posto de metralhadora Lewis ou Vickers e nos comandos das companhias haverá tambem cunhetes de iluminantes Very (very-lights). As pistolas especiais destinadas ao seu lançamento estão assim distribuidas: uma por cada guarnição de metralhadora, outra na posse do oficial de ser-

viço de cada companhia e outra ainda no Comando da Companhia.

Os foguetões de S. O. S. estão, em geral, armados em suportes proprios, junto da entrada do abrigo do Comandante de Companhia ou, ás vezes, dos comandantes de pelotão.

Material de Trincheira

Afim de simplificar o serviço das rendições, evitando-se que, quando uma determinada Unidade vai tomar conta de qualquer sector, tenha de para ele transportar um avultado material, estabeleceu-se considerar como fazendo parte dos mesmos sectores um conjunto de variados artigos, que são como que a *mobilia e utensilios da trincheira.*

Tarimbas, armeiros, bombas de esgotamento de aguas, gum boots, brazeiros, ferramenta varia, pulverisadores Vermorel, buzinas Strombos, sinetas de alarme, etc., são, pois, artigos que constituem o «material de trincheira», do qual cada comandante de companhia possue um registro descreminado, *a carga.*

Ao efectuar-se uma rendição, o comandante da companhia que vai entrar, após a devida conferência por este registro, passará ao comandante da companhia que vai sair o recibo de todo o material de trincheira que por ele lhe fôr entregue.

Entre nós, uma vez que ao C. E. P., parece, estaria sempre distribuido o mesmo sector, para ainda mais se simplificar o serviço, tornando-o praticamente compativel com os elementos de transporte que possuiamos e que, dia a dia, mais iam escasseando, estava-se experimentando aumentar a dotação do material de trincheira, incluindo nele as mantas, pelicos, material de cosinha, etc.

Assim, por um lado, abreviar-se-iam as rendições e, não tendo as praças necessidade de transportar para as trincheiras mais do que um alijeirado equipamento, sem as mochilas, deixadas nos acantonamentos á retaguarda, mais espaço disponivel ficaria nos abrigos e trincheiras; por outro lado, não havendo necessidade de empregar as viaturas nos transportes volumosos de mantas, etc., não seriam elas desviadas dos serviços de abastecimentos de toda a especie, para que eram indispensaveis.

Tambem como material de trincheira, embora de outra natureza, se podem considerar os *Diarios das Companhias*, registros onde os respectivos comandantes teem o dever de lançar, dia a dia, todos os trabalhos feitos no seu sector, todas as informações obtidas ácerca do inimigo, numa palavra, todos os detalhes de interesse referentes ao periodo em que estiver de serviço no sector, tanto no que respeita a trabalhos, como no que se refere a operações, quer do inimigo, quer do nosso lado. Este *Diario*, ao fazerem-se as rendições, passará de um para outro comandante de companhia e será examinado com frequencia pelo Comandante do Batalhão.

Rendições

O arduo e extenuante serviço de trincheira obriga á frequente rendição das respectivas guarnições, ás quais, tambem, por outro lado, dada a natureza especial do serviço, indispensavel é refazer-lhes a coesão, fortalecer-lhes a disciplina e repetir-lhes a instrução, elementos estes que sempre sofrem um certo abalo com a forçada dispersão das praças actuando na trincheira, fóra daquela constante vigilancia dos oficiais e graduados que, de tais elementos, são a melhor garantia.

A experiencia tem mostrado ser de 6 dias o maximo de permanencia a exigir das guarnições na trincheira, compativel com a sua resistencia fisica e moral. Sendo assim, foi este periodo normalmente atribuido ao serviço de trincheiras no C. E. P.

No inverno, porêm, quando a neve ou a chuva, causticando as guarnições, avolumam as dificuldades da sua trabalhosa vida em tal serviço; quando as inundações e o frio concorrem para aumentar as baixas por doenças dos orgãos respiratorios e depauperamento fisico; quando o mal estar fisico se começa tradusindo num perigoso abatimento moral, o periodo de 6 dias, acima assinalado, foi por todos reconhecido como demasiadamente excessivo.

Assim, nestas épocas, no C. E. P., foi aquele estagio reduzido a 4 dias ficando ainda áquem do adótado para algumas Divisões Britanicas onde chegou a descer a 3 dias.

Seja qual fôr, porêm, o periodo estabelecido, o que é indispensavel é tirar-lhe toda a rigidez e uniformidade, pois de contrario, uma vez descoberto pelo inimigo, o que é facil pelo interrogatorio dos prisioneiros ou pela espionagem, as rendições, que constituem operações arriscadas para o pessoal e para a defesa do sector, poderão tornar-se para aquele e para esta, excessivamente perigosas.

Na verdade, sendo inevitaveis, durante as rendições, as aglomerações de pessoal nas trincheiras e constituindo elas, por outro lado, sempre um periodo critico para a defesa, o adversario, podendo prevêr o momento da sua realisação, decerto não deixará escapar o ensejo de nos incomodar no decurso de tal operação, bombardeando as trincheiras de comunicação que ele sabe mais utilisadas, ou, quem sabe, aproveitando-se da opurtunidade para, nesse momento, tentar qualquer outra acção de maior envergadura.

Por todos estes motivos as rendições não se devem realisar em periodos fixos nem a horas certas, nunca tambem se rendendo, simultaneamente, batalhões que guarneçam subsectores contiguos, devendo entre estas rendições medear o tempo necessario para que o primeiro que fôr rendido esteja já em bôas condições de defesa quando se fizer a do outro.

A rapidez das rendições e as garantias do pronto restabelecimento das convenientes condições da defesa, facilitam-se com a sua cuidadosa preparação, a qual obriga:

a) — Aos indispensaveis reconhecimentos preparatorios;

b) — Á pratica antecipada de certos especialistas;

c) — Á minuciosa preparação das marchas.

Pelo que respeita aos reconhecimentos preparatorios, deverão eles ser realisados, com a precisa antecedencia, pelos comandantes dos batalhões, seus ajudantes, oficiais de metralhadoras e comandantes das companhias. Estes, principalmente, deverão ser o mais minuciosos possivel no seu trabalho, procurando coligir o maximo de informações, quer fornecidas pelos comandantes das companhias que vão render, quer colhidas por sua propria observação, visando os seguintes pontos:

1) — Limites exatos da frente da companhia;

2) — Confronto entre os efectivos da sua companhia e os da que vai render;

3) — Numero de espingardas em cada Linha;

4) — Posições de combate e alternativas das metralhadoras e morteiros;

5) — Situação dos Pontos Fortes, Postos (avançados, de escuta, de vigia, de gazes, etc.);

6) — Sistemas de intercomunicação;

7) — Capacidade e estado dos abrigos para oficiais e praças;
8) — Trabalhos que se estão executando e que se propõe executar;
9) — Estado do arame e outras defesas;
10) — Situação dos Depositos de Material e de Munições;
11) — Abastecimento de agua, serviço das cosinhas, latrinas, etc.;
12) — Informações a respeito do inimigo, seus costumes, vigias, trabalhos, posições das metralhadoras e morteiros, pontos que de preferencia usa bombardear ou que mais especialmente se acham vigiados pelos seus observadores;
13) — Disposições para a cooperação da artilharia e qual a area batida pelo fogo das peças de apoio;
14) — Plano de defesa, acompanhado dos croquis e cartas; etc., etc., etc.

Pelo que se refere á pratica antecipada de alguns especialistas, é de toda a vantagem que os observadores, sinaleiros e estafetas dos batalhões, pelo menos, sejam enviados, com a antecedencia julgada necessaria, a praticar nos respectivos serviços com os seus camaradas que teem de render.

Com o mesmo fim e para abreviar a rendição, o sargento ajudante, 1 graduado e 2 homens por cada companhia do batalhão que entra, convêm se apresentem, com algumas horas de antecedencia, na séde do batalhão que sai, afim de começarem tratando de conferir e receber as cargas do material de trincheira, munições, etc., abreviando o trabalho para quando chegarem os comandantes que devem assinar os correspondentes recibos.

Finalmente, pelo que respeita á preparação das marchas, tudo se impõe seja cuidadosamente previsto e estudado, tendo em atenção: os itenerarios para a entrada e saída; os locais onde os *guias*, fornecidos pelos pelotões do batalhão que sai, devem aguardar os pelotões do batalhão que entra; a ordem por que os pelotões se devem suceder na coluna de marcha para as trincheiras; o seu fracionamento e distancias entre as frações; as medidas especiais de disciplina de marcha; etc., etc.

Chegados á trincheira, os comandantes dos pelotões instalarão os seus homens, dar-lhes-hão as instruções necessarias, assegurando-se de que foram compreendidas, examinarão os depositos de munições e informarão o comandante da companhia de que tudo está pronto para se tomar a responsabilidade da defesa da porção de frente que a cada um compete. Emquanto o pessoal que entra, não estiver devidamente distribuido, ninguem, do pessoal que sae, se deslocará dos seus postos, pois a responsabilidade da defesa, até á conclusão da rendição, continúa pertencendo á Unidade que deixa a trincheira.

Procedimento em caso de ataque

Durante a minha estada no C. E. P., em França, (Dezembro de 1916 a Fevereiro de 1918) e nos 8 meses que com as tropas portuguesas estive em 1.ª Linha, não sofreram estas nenhum ataque da parte do inimigo que pudesse ter em vista outros resultados que não fossem a captura de prisioneiros, as destruições materiais, e o enfraquecimento do moral das nossas forças.

Em tudo, pois, quanto seguidamente vou apresentar, su-

bordinado á presente epigrafe, a acção da defesa deve ser apenas considerada como aquela que sempre se opôs aos raids ou ás patrulhas de combate do inimigo, operações estas, por ele, contra nós, tentadas frequentes vezes, sem que, em nenhuma delas, nas nossas trincheiras se conseguisse ter firmado. De resto, o procedimento a haver contra uma grande ofensiva, pelo que respeita á acção das tropas de 1.ª Linha, não pode essencialmente diferir daquele que vai ser relatado; a principal diferença, neste caso, consistirá, naturalmente, na acção das tropas á retaguarda, reservas divisionarias, de Corpo e de Exército, a quem, como já assinalámos, compete a defesa do terreno para a retaguarda da Linha **B**, posição onde as Divisões se deverão aguentar até á morte, segundo as determinações do alto Comando do Exército Britanico.

Os ataques são, em geral, precedidos de determinados trabalhos do inimigo, que, até certo ponto, poderão fazer prevêr a sua realisação. Um mais intenso serviço de patrulhas sobre a nossa frente, um desusado bombardeamento, mais ou menos intenso, dirigido sobre as defesas de arame á frente da Linha **A**, a fim de nelas se abrirem as necessarias cortaduras sobre as quais, em seguida, pela acção dos morteiros, metralhadoras e granadas de espingarda, se procura evitar os nossos trabalhos de reparação, são, na maioria dos casos, indicios provaveis da eminencia de um ataque.

Ao serviço de patrulhas do inimigo deve corresponder, da nossa parte, um outro serviço da mesma natureza, igualmente intenso; contra o bombardeamento adverso exercer-se-hão as mais adequadas represálias.

A proposito de bombardeamentos, bom é frisar que, dada a fraqueza e outras deficiencias dos nossos abrigos, a melhor

forma de diminuir as baixas no pessoal, devidas á sua acção, consistia em fazer evacuar tais abrigos, vindo os homens para junto dos travezes e páracostas observar as trajectórias das bombas dos morteiros e das granadas de espingarda, evitando-lhes os empates ou procurando substrair-se aos seus estilhaços.

Algumas mortes de camaradas que presistiram em conservar-se nos abrigos, sobre os quais ou nas suas proximidades as bombas rebentaram, sucedidas logo no inicio da nossa aprendizagem do serviço de trincheira, consequencia dos estilhaços, do sôpro ou de terem abatido os referidos abrigos, foram de um proveitoso ensinamento para os nossos soldados que, por fim, já de tal maneira se sabiam defender dos bombardeamentos que, mimoseados frequentemente por pesadas operações desta natureza, ás vezes durante uma e duas horas, decorridas elas, embora houvesse importantes prejuizos materiais, as perdas em pessoal eram, em regra, insignificantes. A educação da vista e do ouvido, com um tal fim, tinha sido rapida e completa.

Uma vez resolvido o ataque, o adversario escolhe o momento propicio, de preferencia nas noites escuras e de nevoeiro, á hora do crepusculo da tarde ou aos primeiros alvôres da madrugada e, excepção feita para os *raids surdos*, fá-lo preceder, durantes poucos minutos, duma intensa barragem de artilharia e morteiros que, envolvendo pelos flancos e retaguarda a porção de frente sobre que pretende actuar, isola a sua guarnição do resto do sector, corta-lhe, em geral, as comunicações e tenta abalar-lhe o moral.

Na verdade, são certamente estes minutos aqueles em que o fremito do temor, de que nem os mais valentes estão isentos, percorrendo as fileiras, mais pode favorecer a propagação do medo. E' então que a energia dos Chefes e o

seu ascendente moral sobre os subordinados, pode operar prodigios e contribuir poderosamente para o sucesso.

A' barragem do inimigo responde a nossa artilharia, para isso chamada pelo sinal de S. O. S., dado pelos foguetões a que imediatamente se lançou fogo e pela linha telefónica do Comando da Companhia, logo que nele repica a campainha electrica de S. O. S., servida por uma linha especial, mais resistente, cujos botões pressôres estão instalados em postos da Linha **A**.

A nossa barragem, incidindo sobre a 1.ª Linha adversa, procura evitar a sucessão das vagas de assalto; as metralhadoras ligeiras, tendo por dever manter-se sobre o parapeito, crusam fogos com as dos flancos e ceifam com as suas rajadas todo o terreno que lhes fica na frente; as metralhadoras pesadas, os granadeiros de espingarda e morteiros ligeiros cooperam na nossa barragem sobre a frente ou sobre os flancos.

Por toda a parte domina a metralha . . . e, se esta, como é natural, pesadamente se faz sentir sobre a nossa primeira Linha, a ponto de a tornar insustentavel pela sua guarnição, dois caminhos se podem seguir:

Ou os nossos, saltando o parapeito, vão para a Terra do Ninguem esperar o embate do inimigo, escapando á acção da sua barragem; ou, pelo contrario, retrocedem para posições abrigadas á retaguarda, de antemão escolhidas e não muito distantes da Linha **A**, onde tambem se não sintam os efeitos da referida barragem dirigida sobre esta Linha.

No primeiro caso a sua acção não sofre interrupção, continuando a tentar detêr o avanço do inimigo, fulminando-o com os fogos das metralhadoras, espingardas e granadas de mão, no momento em que elle se esforça por trans-

pôr as nossas defezas de arame, para em seguida, se fôr perciso, sobre ele se lançar no corpo a corpo.

No segundo caso, ha uma momentanea paralisação da defesa na porção da frente atacada a qual só se continua, quando o adversario, alongando a barragem para permitir o acesso dos seus ao parapeito, permite egualmente que os defensores a ele se dirijam, procurando antecipa-los, para sobre eles cahirem á granada e á baioneta, neste momento critico para o adversario.

A ordem para o abandono do parapeito pelos nossos, quer num, quer noutro caso, é sempre anciosamente esperada. Quando do movimento para a frente a sua execução é facil e pronta, pois todos, momentaneamente electrisados, reconhecendo que a trincheira fraco abrigo lhes oferece, não teem relutancia em melhor se resguardarem nas covas dos projecteis á sua frente, com a rêde de arame entre eles e o inimigo. Quando, porêm, se trata do movimento para a retaguarda, a operação é já bem mais delicada, exigindo uma grande preparação e forte disciplina.

Com efeito, neste caso, logo que a infantaria reconheça a impossibilidade e improficuidade de se manter no parapeito, mas nunca sem para isso receber ordem, deverá retirar para excavações a cerca de 50 metros á retaguarda, propositadamente construidas para esse fim, ou para velhas trincheiras abandonadas que não é raro encontrarem-se nas condições requeridas, para ahi aguardar o momento oportuno de retomar o referido parapeito, quando o inimigo, alongada a barragem, a êle tenta subir. Uma cuidadosa referenciação dos caminhos a seguir para atingir as posições abrigadas á retaguarda, e uma pratica, quasi diaria, de exercicios durante a noite, são trabalhos preparatorios indispensaveis para se poder ter uma certa confiança em tal operação, executada no

momento do perigo, que, embora momentanea e planeada, não deixa de ser uma retirada, como qualquer outra suscétivel de degenerar em panico, se não fôr muito ordenada e, neste caso, bem ensaiada.

Em qualquer dos casos, porêm, convem não esquecer que tudo se passa na escuridão da noite, na penumbra do crepusculo (a hora mais triste nas trincheiras) ou sob o manto do nevoeiro, para bem compreendermos as grandes dificuldades que se terão de vencer, afim de que, em tais ocasiões, todos mantenham a necessaria presença de espirito, para não haver confusões nem desorientações, para no ardôr da refrega distinguir amigos de inimigos, objectivo este tanto mais dificil de atingir, quanto é certo, que o fardamento boche, de noite, facilmente se confunde na côr com o nosso e que, na nossa frente, oficiais e graduados inimigos havia, que falavam o português.

Qual dos dois processos que ficam apontados será o preferivel? . . .

A natureza das tropas, a energia dos Comandos, a distancia a que se encontram as trincheiras inimigas, etc., são factores que nos devem guiar na escolha de um ou outro. Uma vez, porêm, resolvido o assunto deve êle ser fixado no respectivo *Plano de Defeza*, porque, conforme os casos, assim se terá de modificar a acção da nossa artilharia e os trabalhos complementares do citado Plano.

Decidida a passagem para a Terra do Ninguem, como é evidente, a barragem da nossa artilharia não deverá retrogradar para áquem das nossas defezas de arame; os morteiros ligeiros, deverão ter preparado posições ofensivas para alem do parapeito; as batarias de espingardas para arremesso de granadas, deverão estar convenientemente situadas;

as tropas das linhas de apoio, deverão encontrar-se preparadas para fazer face a um insucesso, estando prontas a obstar ao avanço do inimigo dentro das nossas trincheiras.

Se, porêm, ficou assente a retirada para aquem do parapeito, a barragem da nossa artilharia, iniciada um pouco á frente da nossa Linha **A**, pode deslocar-se, paralelamente a si mesma, ao longo da Terra do Ninguem, fazendo uso do shrapnel, até á 1.ª Linha inimiga que passará a bater com granada explosiva, para novamente, voltando ao primeiro projectil, retrogradar até junto dos nossos arames, continuando neste vae-vem até ulterior indicação.

Como desfecho da operação, ou o ataque é bem sucedido, e, nesse, caso ás guarnições das Linhas de Apoio e de Reserva, antecipadamente preparadas, incumbem as missões dos contra-ataques, até reconquistarem o terreno perdido; ou o ataque é mal sucedido e, então, ás tropas victoriosas compete a imediata perseguição do adversario que retira.

No 1.º caso, no plano de defesa devem estar de antemão previstos os sinais convencionais (foguetões), visto não poder haver confiança nas ligações telefonicas, para se poder fazer conhecer, em tempo oportuno, á artilharia e ás metralhadoras pesadas, o momento em que porventura tivermos de evacuar a nossa primeira Linha, a fim de que o fogo daquelas armas sôbre ela se possa executar, e para que os morteiros ligeiros, das suas posições defensivas, possam egualmente colaborar nos contra-ataques.

No 2.º caso, egualmente por um sistema de sinalisação bem estudado, se avisarão as diferentes Unidades de que se vai passar á ofensiva, a fim de que estas atuem segundo as circunstancias: a artilharia e metralhadoras alongando as barragens, a infantaria dispondo-se para vir ocupar o logar das forças que se lançaram na perseguição, etc.»

Durante o decorrer da ação, claro é que as Unidades de guarnição a um e outro lado da frente atacada, cooperarão na defesa, cruzando os seus fogos com os desta frente e acompanhando todo o desenrolar da ação nas suas diferentes fases, prontas, no caso de um revez, a atuar por ataques de flanco ou formar colchetes defensivos, ou, por barragens nos flancos, limitar a zona de retirada do adversario, restringindo-a ao terreno onde as nossas barragens de artilharia, metralhadoras, morteiros e granadas de espingarda são mais intensas.

Algumas vezes sucedeu, que, protegidos pelo nevoeiro ou pelas trevas, sem qualquer ostensiva preparação prévia, o inimigo, conseguindo aproximar-se, sem ruido, das nossas defesas, lançava-se ao parapeito, realisando, então, os chamados *Raids surdos*, sem preparação da artilharia, que só depois intervinha para evitar a entrada das tropas de apoio.

Foi num destes *Raids*, verdadeiras surpresas, que os nossos soldados reconheceram, sôbre o parapeito, um ou outro oficial, com a farda alemã, dirigindo-se-lhes em português.

A proposito, não devo deixar de aqui consignar um ligeiro episodio de trincheira, demonstrativo da muita serenidade dos nossos soldados. Num desses raids surdos, sôbre as nossas trincheiras, em Ferme du Bois, os alemães saltaram ao parapeito numa porção da frente fracamente guarnecida. O comandante de um pelotão visinho, procurando com os seus socorrer a parte atacada, iludindo o adversario sôbre a densidade de guarnição da sua propria frente, que assim ficaria desfalcada, faz percorrer a trincheira, cuja defesa estava a seu cargo, por um soldado que, em acelerado, com a pistola Very-light, lançaria, aqui e alêm, alguns destes arti-

ficios, procurando demonstrar que tal trincheira se achava fortemente ocupada.

Ao passar num dado ponto, este soldado (de infantaria n.º 34) vê, em cima do parapeito, um oficial alemão que lhe diz na sua algaraviada germano-francesa o conhecido *tout de suite*, formula empregada pelos beligerantes para convidarem o adversario a segui-los como prisioneiros.

A surpresa, no primeiro momento, faz parar atonito o nosso soldado e, ante a sua atitude, o boche, seguro da presa, não dispara. Mas, imediatamente refeito, o nosso do 34, num gesto rápido, desfecha no rosto do oficial inimigo a sua pistola com o Very-light, unica arma que levava, que, atingindo-o na fronte, entre os olhos, o lança por terra, deixando cair para a nossa trincheira a sua fina pistola de combate que, como glorioso trofeu, o soldado português veio oferecer ao seu Comandante de Batalhão.

FOLHETINS DE GUERRA

Para remate deste capitulo registarei ainda o vulgar episodio do aparecimento nas nossas trincheiras, de certos impressos, pelos inimigos lançados sôbre elas, os quais, embora com o intuito de abaterem o moral dos nossos, não deixaram, por vezes, de nos dar novidades, mais ou menos tendenciosamente apresentadas, é certo, mas que, no fundo, alguma coisa de verdadeiro continham, que até então ignorávamos.

Estão neste caso o que os alemães chamam *Folhetins de Guerra*, de que em seguida apresentamos copias fieis, impressos em português e para as nossas trincheiras arremessados dentro dos projecteis «ananazes», dum pequeno morteiro que os inimigos comsigo transportam quando ten-

lam os seus Raids e que, pela tensão duma forte móla lhes dá um alcance de 60 a 80 metros.

Projectil desta natureza, que nas nossas Linhas cáia sem rebentar e que não venha espoletado, é certo que, no seu interior, contêm Folhetins do genero daqueles que passamos a apresentar:

FOLHETIM DE GUERRA.

Demobilizaçao das tropas em Portugal!

Pariz, 30-12: O jornal «Echo de Paris» communica desde Lisboa: A demobilização do exército partuguez começau em 18 de xbro. último. Exceptuáram-se apénas as tropas portuguezas, que se acham nos diversos theatros de guerra, permanecendo éstas onde estão actualmente.

Portugal e os Alliados.

Informações recentes dizem o seguinte: Parece que os governos da Entente estão resolvidos em não reconhecer o governo actual em Portugal. De resto estão interrompidas as relações entre Lisboa e Pariz, e Londres. Os governos dos alliados anhelam a esperança, que o contraste existente entre o novo governo portuguez e os alliados na comprehensão destas intenções, que ficou bem patente com toda a clareza pelos factos últimamente havidos, ao menos não influirá sobre a disposição d'espirito das tropas do contingente portuguez em França. Faz-se tudo para impedir uma influencia neste sentido sobre o Corpo Expedicionário. O general Clemento Castro é considerado desde já pretendente o mais favorecido para presidente da República, esperando porem a Entente, que a actual situação não seja duravel, posto que a Inglaterra se oppõe com todos os meios á tudo quanto o novo governo resolver. Por outra parte a Entente já se desenganou perdendo as esperanças de realizar a restauração da monarchia, projecto inglez, que nem os proprios monarchistas portuguezes apoiarião, sabendo, como consta, que o

jovem rei Dom Manuel se acha completamente nas mãos dos Inglezes e avassallado por elles.

Um successo allemão na Africa.

Amsterdam, 28-12: A Agencia Reuter communica de Lisboa o seguinte despacho official do governo portuguez:

Em Moçambique travou-se um renhido combate durante 3 dias consecutivos entre uma força de 2000 allemães e 250 portuguezes, defendendo éstes as posições do Monte Mkuba, atacadas pelas tropas allemães. O commandante em chefe portuguez, mais 25 praças, ficaram presos nas mãos dos allemães, que lograram tomar o Monte Mkuba. As baixas dos portuguezes foram 40 praças. No dia seguinte ao do combate os allemães soltaram os prisioneiros dando-lhes a liberdade.

A Situação em Portugal.

Geneva, 28-12: Telegrammas de Lisboa dirigidos a jornaes parisienses relatam, que o ex-presidente do Senado, General Barreto, e o Coronel Pereira, d'antes ministros da guerra nos gabinetes do regimen democrático, foram presos.

FOLHETIM DE GUERRA.

Agitação monárchica em Portugal?

Pariz, 5. de Janeiro, — Havas. — Uma informação madrilenha do «Temps» diz o seguinte: Nos circulos monárchicos de Portugal corre o boato, que o ex-rei Dom Manuel desistirá dos direitos ao throno, partindo logo a Madrid, onde vae-se publicar a resolução tomada por elle. Affirma-se, que com objecto de estreitar os elementos monárchicos, a renúncia far-se-há em favor do pretendente o principe Duarte, um dos filhos de Dom Miguel, duque de Bragança, que se acha actualmente na Austria.

Emquanto os monarchistas emigrados voltam desde já para Portugal, todos os democrátas do partido Costa passam para Madrid. Estes asseguram, que em Portugal está preparando-se um movimento monárchico. Em diversos lugares prenderam republicános mettendo-os á prisão.

Navios de Guerra inglezes em Leixões!

Londres em 6 de Janeiro: O jornal londrino «Morningpost» communica desde Lisboa: Navios de Guerra británnicos ancoraram no Porto para velar pelos interesses dos subditos inglezes e garantir os estabelecimentos da colónia destes.

A publicação pelo governo provisório das convenções secretas do governo deposto para com os da Entente não se realiza por emquanto.

Pariz, em 6 de Janeiro: O jornal parisiense «Humanité» infórma, que Lloyd George chegára em Lisboa e fôra recebido pelo governo provisório.

FOLHETIM DE GUERRA.

Revolta fracassada da Marinha de Guerra; Excessos causados pelas intrigas dos democratas.

Havas-Lisboa em 8-1: Houve uma revolta das forças navaes. O navio de guerra «Vasco da Gama» que ancorara em frente de Lisboa, bombardeou a fortaleza de S. Jorge, que retribuiu o fogo contra o vaso de guerra revoltoso com tal éxito, que éste se viu na obrigação de render-se, içando a bandeira branca. A tripulação do navio de guerra foi levada presa para terra. Outrosim rendeu-se a tripulação da Contratorpedeira «Douro». Actualmente reina, como se diz, completa calma e tranquilidade.

As forças navaes, detidas desde antehontem nos quarteis, renderam-se ás forças que tinham ficado fieis ao governo. O Sr. Sidonio Paes visitou na manhã seguinte as tropas acampadas perto de Alcântara. O quartel da Marinha, assim como o Arsenal da

Marinha foram guarnecidos por postos de guarda. O transito na cidade é desde já absolutamente normal. O governo diz conhecer todas as intrigas que os democratas armaram com o objecto de se apoderarem á força do governo.

Tomaram-se as providencias para impedir a retenção dos viveres, assim como para combatter a carestia, aggravada ainda pelo aprovisionamento insufficiente dos mercados.

Genebra 10-1-: Um importante industrial portuguez, que se acha actualmente em Pariz, recebeu uma carta de Lisboa pela qual se confirmaram os boatos referentes aos disturbios ultimamente havidos. Deram-se graves excessos e fizeram muitas prisões. O jornal portuguez «Opinião» assegura, que o ex-rei Dom Manuel desistira definitivamente dos direitos ao throno aconselhando elle ao mesmo tempo aos seus partidarios de aceitarem éstes a regimen republicano. Consta, que o ex-rei Dom Manuel informára neste sentido o chefe do partido monarchista, Sr. Ornelas, pedindo-o de se submetter á resolução tomada.

Os novos disturbios em Portugal.

Amsterdam, 10 de Janeiro: Sobre a revolta militar ultimamente havida em Lisboa communica o «Times» o seguinte: Os elementos monarchicos espalharam no sabbado 5 do actual uns boatos, que o governo cuidava de mandar para fóra do paiz os navios de guerra, mettendo-os a pique no caso de encontrar resistencia do lado dos tripulantes, que a esta medida preventiva se oppunham. Na segunda-feira o gabinete deliberou desarmar os marinheiros. Pelas 5 horas da tarde os marinheiros insinuaram ao ministro, que renunciasse a este decreto. O ministro reppelliu, ao que os marinheiros respondiam, que se opporião ao desarme. Infanteria, cavallaria e a guarda republicana cércaram logo depois o quartel da Marinha, em frente do qual a artilharia já tinha entrado em posição de tiro. Intimaram então os marinheiros para renderem-se até ás 6 horas da manhã. Os pioneiros com peças de tiro rápido, cavallaria, alumnos da Escola militar, assim como cidadãos armados tomaram entretanto posse da rotunda. Aprisionaram-se 10 cabos d'Infanteria e um numero de cidadãos. Deram-se alguns tiros

durante a noite. Na terça-feira pela manhã entrou-se no quartel dos marinheiros fazendo presos os marujos. Os vasos de guerra obtiveram um prazo até ás 11 horas para a sua rendição. A's 10 e meia o «Vasco da Gama» levantou os ferros seguindo rumo para cima do Tejo. A's 11 horas começou o bombardeamento entre o «Vasco da Gama» e a fortaleza de S. Jorge.

O fogo da fartaleza era tão certeiro causando tantos estragos e damnos abordo, que os marujos abandonaram logo o navio salvando-se para os botes. Pela 1 hora içaram os navios a bandeira branca de rendição.

1800 Marinheiros aprisionaram-se nas fortalezas de Lisboa.

Logo depois a situação acalmou-se; transitaram outra vez os americanos electricos e até os estabelecimentos commerciaes reabriram. Lisboa está tranquilla actualmente.

XX

Raids

Sob esta designação englobam-se as operações tentadas contra o adversario, num ataque de trincheira a trincheira, visando a fazer destruições nas trincheiras inimigas, infligir-lhes baixas, obter identificações (prisioneiros, distintivos, etc.) etc.

Dum modo geral pode dizer-se, que os raids não constituem, muitas vezes, operações nitidamente distintas das que estão a cargo das patrulhas de combate, das quais apenas se destacam por uma mais minuciosa preparação ou pela organisação dos destacamentos que os devem levar a cabo e em que, por vezes, podem tomar parte outras tropas alem da infantaria.

Tudo, pois, quanto sobre os raids se nos oferece salientar delas, tem, nos devidos limites, aplicação ás patrulhas de combate, motivo pelo qual nos não ocupamos detalhadamente na devida altura.

Os projetos de raids, como operações de sector ou de sub-sector, pertencem aos Comandantes das Brigadas ou mesmo dos Batalhões, mas só poderão ser levados á pratica, após a devida aprovação dos Comandantes das Divisões, aos quais compete ordenar, seja facultada toda a cooperação das outras armas, sempre que ela lhes seja solicitada, ou entendam de utilidade ser-lhes fornecida.

A realisação de um raid importa, como dissemos, uma cuidadosa preparação, na qual se estudarão e realisarão os seguintes trabalhos:

a) — Escolha do objetivo;
b) — Preparação no gabinete;
c) — Reconhecimentos;
d) — Fixação do efetivo;
e) — Elaboração do projecto;
f) — Colaboração da artilharia;
g) — Ensaios no terreno;
h) — Execução.

De todos estes pontos, separadamente nos vamos ocupar.

Escolha do objectivo

Em geral, a escolha do objetivo deverá derivar das informações existentes nos Quarteis Generais, consequencia de todos os esclarecimentos obtidos pelas nossas patrulhas, observação directa, interrogatorio de prisioneiros, aviação, etc.

Não raras vezes, porêm, os raids serão impostos pelos Comandos Superiores, já para fazer despertar o espirito ofensivo em tropas que se estão entorpecendo no serviço de trincheira, já para, pela sua frequencia em determinadas zonas, chamar para elas a atenção do adversario, desviando-a de outras, em harmonia com as intenções do Comando.

Fixado, porêm, o objetivo em harmonia com o fim a atingir, solicitar-se-ha da esquadrilha de aviação o fornecimento de fotografias promenorisadas da area que deve sofrer o raid, cujo exame é a base de todos os subsequentes trabalhos.

Preparação no gabinete

O estudo das fotografias deve ser feito tendo em vista a analise minuciosa de todas as comunicações existentes na trincheira adversa, suas bifurcações e crusamentos, minas, postos de snipers, posições de metralhadoras, morteiros, etc, que pelo inimigo possam ser utilisadas na defeza da zona a radear, elementos estes que contribuirão para a fixação do efectivo a atribuir ao raid, bem como á sua organisação e adequado fracionamento.

É um trabalho complexo em que todas as circunstancias devem ser cuidadosamente ponderadas, desde a consideração das condições atmosfericas, que mais convirá utilisar para a sua realisação, até á definitiva escolha da especie de raid, que melhores resultados poderá proporcionar: se o *raid com preparação de artilharia*, se o *raid silencioso*.

Pelo que respeita ás condições atmosfericas, não são elas indiferentes ao exito das operações que estamos analisando. Com efeito, assente que tais operações só se deverão realisar entre o anoitecer e o alvorecer, uma noite de claro luar, de denso nevoeiro, ou de profunda escuridão, poderão oferecer circunstancias mais ou menos favoraveis para o fim a que se visa. Se bem que não comporte regras fixas a determinação da sua escolha, conveniente será frisar que, em contrario do que pensa a maioria, a experiencia dos 27 raids realisados no 2.º semestre de 1916 pelo Corpo Britanico, no sector que depois o C. E. P. foi ocupar, mostrou não serem as noites escuras as mais convenientes para a execução dos raids, não só porque nelas os executantes pouco distinguem do que lhes compete fazer, como tambem porque correm o risco de se desorientarem.

Uma meia obscuridade, ao anoitecer, ao alvorecer, ou momentos antes do romper do luar, são, em geral, as mais favoráveis condições para a realisação destas operações. Os alemães assim o entendem e a maioria dos seus raids foi realisada nestas circunstancias, passada a formatura do *a postos*.

De passagem direi que, segundo li na imprensa periodica inglesa, o facto das recentes operações ofensivas dos alemães — Ofensiva de Amiens em 21 de Março e Ofensiva da Picardia em 9 de Abril, ambas do corrente ano — desencadeadas a coberto de um intenso nevoeiro, demonstrando a importancia que eles ligam a estas circunstancias, faz supor que a sua consideração entra na elaboração do plano de operações e até, no dizer do critico militar do jornal em questão, será de presumir que, informações precisas sôbre o estado provavel da atmosfera na época da projectada ofensiva, serão pedidas e fornecidas por autoridades competentes.

Quando, porventura, se não possa esperar que, naturalmente, se apresentem as condições atmosfericas desejáveis, poderá pensar-se em criá-las artificialmente recorrendo, por exemplo, ás nuvens de fumo ou a outro qualquer expediente.

A determinação do tempo de permanencia do raid nas trincheiras inimigas, intimamente ligada ao fim que se tem em vista, é tambem um ponto importante a considerar no trabalho preparatorio do gabinete.

A fixação da espécie de raid a adótar, com prévia preparação de artilharia ou silencioso, tambem é uma questão a resolver e com ela se prende a escolha do processo de abrir passagem nas defesas de rêde de arame farpado do inimigo: se por meio da artilharia e morteiros médios, se pelo

emprego do *Torpedo «Bengalore»*. Este, constitue, na sua essencia, uma carga movel de amonol encerrada num tubo de 10 metros de comprido, decomponivel em 3 troços susceptiveis de se encastrarem rápidamente uns nos outros, e a cuja carga, no momento oportuno, se comunica o fogo por meio de uma escorva de fricção. O torpedo *Bengalore* introduz-se por debaixo da rêde a destruir, prependicularmente á sua frente, e, pela explosão, abre uma rua de cerca de 2 metros de largura, completamente limpa dos destroços do arame, arremessados para os lados e a grande distancia.

A sinalisação é tambem um dos pontos que não pode ser posto de parte, quando se trata da preparação dos raids no gabinete. Sinais luminosos, de côres perfeitamente defenidas, a cada um dos quais se dá uma determinada significação, devem ser adótados.

Para evitar erradas interpretações e prejudiciais confusões, as côres destes sinais devem ser escolhidas dentre aquelas que o inimigo ha mais tempo não usa.

Uma vez fixada a sinalisação deve-se dela, em tempo próprio, dar conhecimento a todos quantos no raid tomam parte, bem como aos comandantes dos pelotões na frente de trincheiras por onde o raid se realisa.

As comunicações para a retaguarda, podendo, aliás, utilisar o sistema de sinalisação por fachos, foguetes ou very-lights, são, contudo, melhor asseguradas pelo telefone, caso então, em que do raid deve fazer parte uma ou mais equipes de sinaleiros.

Fachos periodicamente acesos em pontos determinados da Linha de Apoio e conhecidos das tropas do raid, poderão a estas servir de balisas orientadoras na sua retirada, tanto no caso de insucesso, como após a feliz conclusão da ope-

ração. Para o mesmo fim tambem muito vulgarisado é o emprego de fitas caiadas de branco que, dias antes do raid, as patrulhas de reconhecimento lançam na Terra do Ninguem ou que as próprias tropas do raid vão deixando para a retaguarda, á medida que avançam para a trincheira inimiga.

O sinal de retirada deve, sôbre todos, ser nitidamente estabelecido e claramente a todos explicado, determinando-se que um tal movimento nunca será ordenado á voz, visto que a experiencia provou, que o adversario, por mais de uma vez, tem usado do ardil de ordenar, em inglês ou francês, a retirada aos nossos, quando empenhados, e muitas vezes, o exito coroou a sua artimanha.

Os ingleses preferem a qualquer sinal de retirada, a fixação da hora a que ela se deverá iniciar e justificam uma tal preferencia, aliás nos hábitos esquematicos de um horario preestabelecido, argumentando que, sendo a ordem de retirada a mais desejada de todas aquelas que nestas operações se aguardam, os homens de continuo lançarão a vista em todas as direcções á espera do almejado sinal e, emquanto assim procedem, perdem tempo e não prestam a devida atenção á missão que lhes foi confiada, a qual, será, naturalmente, prejudicada.

Assentes estes e outros pontos de maior importancia, ordenar-se-hão então os indispensaveis **Reconhecimentos.**

Reconhecimentos

Os reconhecimentos consistirão, não só no cuidadoso exame feito da trincheira e dos nossos postos de observação, durante o dia, da faxa da Terra do Ninguem que se terá de atravessar, notando-lhe os drenos, pontos de dificil passagem, renques de arvores, etc., como tambem no cuida-

doso serviço de patrulhas de reconhecimento, lançadas em tal faxa, ás quais se determinará a colheita do maior numero de elementos tendentes a facilitar o fim que se tem em vista.

Nas patrulhas deverão tomar parte, oficiais, graduados e praças, que tem de participar no projectado raid.

Fixação do efectivo

Depois de cabalmente preenchidos todos os trabalhos até aqui relatados, poder-se-ha, então, proceder á fixação do efectivo que no raid deverá entrar.

Este efectivo, dependendo essencialmente do fim que se tem em vista, é, contudo, naturalmente modificado pelas circunstancias reveladas na preparação do gabinete e nos previos reconhecimentos.

Assim, por exemplo, tratando-se simplesmente de obter identificações, fazer prisioneiros, promover destruições, etc., poucas dezenas de homens, ou uma simples patrulha de combate, poderão satisfazer; mas se á zona escolhida para sofrer a acção do raid, vierem dar varias trincheiras de comunicação, cujas entradas se terão de barrar, instalando nelas os chamados *Blocks* de granadeiros; se nela houver poços ou aberturas de minas; se houver a intenção de destruir todos os *dug-outs*; etc., não só o efectivo terá de ser aumentado, como tambem do destacamento terão de fazer parte tropas de sapadores, sinaleiros, mineiros, etc.

Em regra, a experiencia tem demonstrado, que um verdadeiro raid só será suscetivel de dar um rendimento compensador das baixas que com êle se corre o risco de sofrer, quando o seu efectivo fôr egual ou superior ao duma Companhia. Este facto, deduzido dos ensinamentos colhidos pelos nossos aliados na Guerra de Trincheira, foi por nós

confirmado, pois que, tendo para experiencia e, até certo ponto, para treno, planeado e executado alguns raids, durante o 2.º semestre de 1917, com efectivos que nunca excederam 40 homens, nenhum deles alcançou o fim a que se visava; quando, porêm, em principios de Março de 1918, lançamos uma destas operações com o efectivo de uma Companhia, ela foi coroada do mais completo exito.

Contudo os raids de grande efectivo apresentam como principais inconvenientes, que, de resto, uma bôa preparação pode anular, a maior facilidade com que o contacto entre as suas diferentes fracções pode ser perdido, e a necessidade de abrir mais largas ou mais numerosas passagens nas defesas de arame farpado do adversario.

Na fixação do efectivo deve tambem atender-se á organisação do destacamento destinado ao raid e ao numero de grupos que com ele se terão de constituir, já para atacar as trincheiras, já para os Blocks, já para colher indentificações, fazer destruições etc.

Os nossos aliados ligam tal importancia ás identificações, que por si só, constituem, em muitos casos, o principal objectivo dos raids, que, apesar de terem estabelecido que a sua obtenção é um dever que a todos cumpre não descurar, organisam em cada um dos grupos do raid uma fracção especialmente destinada a obte-las. Esta fracção (6 ou 8 homens) desempenha uma missão identica á dos *limpadores* no ataque de trincheira a trincheira, recolhendo os prisioneiros, e revistando os mortos, a estes ultimos apoderando-se-lhes de todos os documentos e arrancando-lhes os distintivos.

Elaboração do projecto do Raid

Depois de concluidos todos os trabalhos anteriormente mencionados, confrontados todos os elementos colhidos e

fixados os pontos capitais, proceder-se-ha á elaboração do projecto do raid onde, ao mesmo tempo que se descreverá a operação, se redigirão todas as ordens e instruções minuciosas para a sua execução.

Este projecto é, seguidamente, submetido á apreciação do Comandante da Divisão que ordenará á artilharia a elaboração da parte do projecto que lhe diz respeito.

Colaboração da Artilharia

A acção da artilharia nos raids pode limitar-se ao estabelecimento da barragem no proprio momento em que o ataque se pronuncia, fazendo com ela a «*caixa*» que, circundando pelos flancos e retaguarda a zona das trincheiras inimigas a radear, impede a chegada dos reforços e a fuga das guarnições da referida zona, ou pode ser iniciada com alguns dias de antecedencia, batendo as posições de morteiros e metralhadoras que mais incomodem o desenvolvimento da nossa acção e executando os trabalhos de destruição no arame inimigo e a abertura das passagens nessas defezas.

Quando a preparação da artilharia é, assim, tão antecipadamente iniciada, ela deve abranger uma frente muito mais vasta do que aquela que se tem em vista atacar e incidirá, tambem, sobre outras zonas afastadas da escolhida para objectivo, afim de não dar ao inimigo qualquer indicação por onde ele possa suspeitar das nossas intenções.

A elaboração da parte do projecto que pertence á artilharia será feita de acordo com as intenções do Comando que planeou o raid e comportará a intervenção da artilharia pesada, se o Comando da artilharia divisionaria assim o julgar conveniente e o solicitar.

Ensaios no terreno

Depois de aprovado o projecto, já completado com a parte da artilharia, passa-se á preparação, no terreno á retaguarda, das tropas que o tem de executar. Em geral, espera-se que tenham sido rendidas na trincheira as unidades que realisaram os previos reconhecimentos e logo com elas se iniciam repetidos exercicios nos quais cada um executará tudo quanto terá de fazer no momento do raid.

Num terreno previamente escolhido, começa-se por preparar o cenario, traçando a frente de trincheiras que se pretende atacar, bem como assinalando todos os acidentes (drenos, crateras importantes, renques de arvores, etc) da Terra do Ninguem que se terá de atravessar.

Transplantados para o terreno, com a maior fidelidade possivel, todos estes obstaculos, os grupos começam-se ensaiando para o conveniente desempenho do drama cujos papeis lhes foram distribuidos. De dia, de noite, com luar ou sem luar, os exercicios progredirão até que cada um esteja bem seguro da sua missão e a saiba desempenhar convenientemente. Uma vez alcançado este resultado e chegado o momento oportuno, só resta executar.

Execução

Para bem se compreender o que sobre este assunto poderemos dizer, necessario é estabelecermos de antemão as condições em que a operação se pretende realisar, efectivos, organisação, fim a atingir, etc., elementos estes que só o projecto do raid nos pode fornecer.

Sendo assim, e aproveitando o ensejo para aplicarmos as considerações apresentadas a um caso concreto, vamos

começar por esboçar a elaboração de um projecto de raid que, por hipótese, suporemos se pretenderia realisar no sector que o C. E. P. guarneceu.

Assim, suponhamos, por exemplo, que, como represalia a um raid por nós suportado, ou para levantar o espirito ofensivo das nossas tropas, o Comando ordenou a realisação dum raid na frente do nosso sector de **Chapigny II**, isto é: entre M.30.a.00.30 e M.24.b.36.20 (carta 1/10.000). (1)

O comando da Brigada, examinando na carta a porção da frente adversa onde tem de escolher o objectivo para tal operação, entre M.30.a.35.10. e N.10.c.10.80., nota:

1.º — Que nessa porção se encontram intercaladas, com secções fortemente defendidas, outras quasi completamente destruidas e dadas por abandonadas pelas nossas patrulhas de reconhecimento.

As primeiras são:

a) — **Bird-Cage** (crateras em M.30.a).

b) — **Moltes-Trench**, entre M.24.d.46.19 e M.24.d.77.54, organisada com numerosos abrigos de béton e ninhos de metralhadoras;

---

(1) Para se fixar a posição exacta dos diversos pontos sobre a carta, os nossos aliados usam quadricula-las em grandes quadrados, subdivididos em outros mais pequenos com dois lados contiguos divididos em 10 partes eguais.

As letras maiusculas do alfabeto servem para designar grupos de grandes quadriculas: as letras minusculas — a, b, c, d, — designam, da esquerda para a direita, a começar no canto superior esquerdo de cada grande quadrado, os quatro mais pequenos em que eles se dividem.

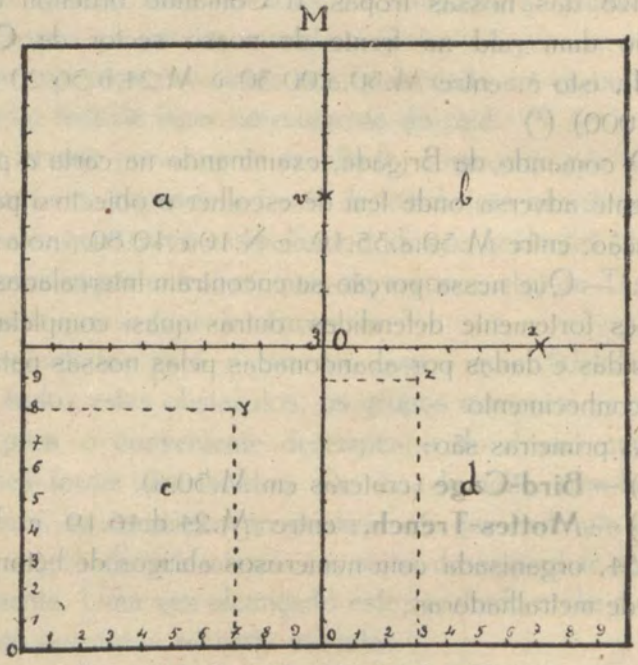
A marcação e designação dos pontos é, assim, feita como se mostra no diagrama junto.

c) — **Mill-Trench,** entre M.30.a.95.60 e M.30.b.20.90. menos fortemente organisada do que a anterior;

As segundas (as destruidas e abandonadas), são:

a) — Entre M.30.b.22.88 e M.24.d.46.17.;

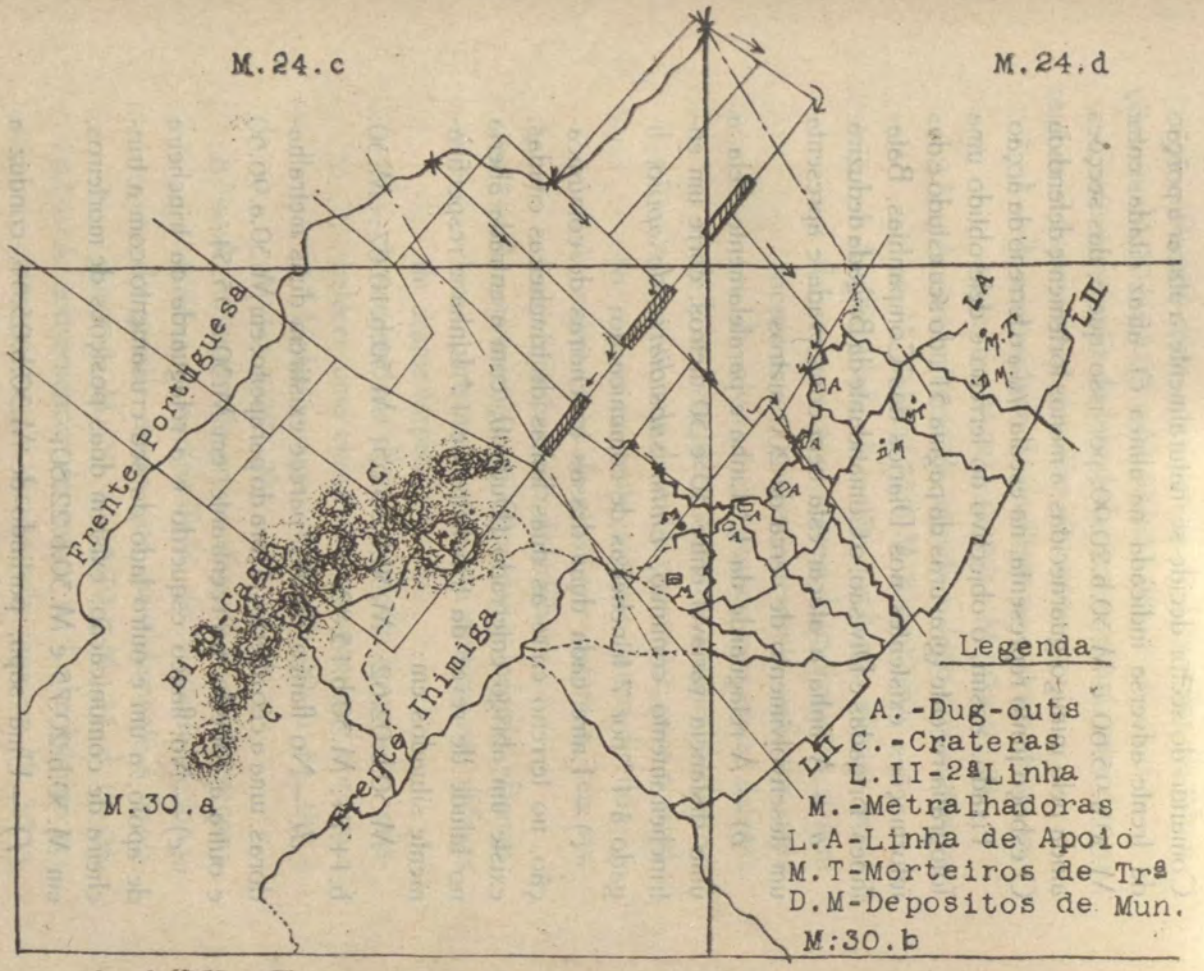
b) — Entre M.24.d.78.54 e N.19.c.05.70.



Determinação dos pontos sobre a carta quadriculada

Ponto v — M. 30. b. 00.50
» x — M. 30. b. 70.00
» y — M. 30. c. 70.80
» z — M. 30. d. 30.90

Para cabalmente se preencherem os designios do Comando, empenhando um raid que, sem ter de se defrontar com grandes obstaculos tambem não convem seja lançado contra pontos onde se preveja ser nula a sua guarnição, o



Esboço do ferreno para a execução do raid

Comando do sector decide-se, naturalmente, a atacar a porção da frente adversa indicada na alinea c), atraz citada, entre M.30.a.95.60 e M.30.b.20.90, por isso que é, das secções ainda pelo inimigo guarnecidas, a menos fortemente defendida. O esboço junto representa, na escala 1/3000 o terreno da acção.

Fixado, assim, o objectivo do terreno e dele obtido uma fotografia recente (gravuras da pagina 51), do seu estudo e das informações existentes nos Diarios das Companhias, Batalhões, Brigadas e Divisão, o Comandante da Brigada deduzirá:

a) — A linha a atacar está bem conservada e apresenta um desenvolvimento de cerca de 200 metros;

b) — Á retaguarda da 1.ª Linha e paralelamente a ela, a uma distancia variavel entre 30 e 50 metros, corre um entrincheiramento continuo, *Linha subsidiaria de apoio*, ligado á 1.ª por 7 trincheiras de comunicação;

c) — Entre cada duas dessas trincheiras de comunicação, no terreno entre as duas linhas de trincheiras citadas, existe um abrigo enterrado (Dugout), com a entrada aberta no talude de revez da trincheira de 1.ª Linha e respectivamente situados em:

M.30.b.02.62; M.30.b.05.65; M.30.b.10.67; M.30.b.14.74; M.30.b.15.82.

d) — No flanco direito, parece existirem duas metralhadoras, uma a céo aberto, já fóra do parapeito, em M.30.a.96.60 e outra a coberto, no reentrante, em M.30.a.95.54;

e) — No flanco esquerdo e á retaguarda da trincheira de apoio, a um e outro lado do seu crusamento com a trincheira de comunicação, existem duas posições de morteiros, em M.30.b.20.75 e M.30.b.22.80;

f) — Uma sapa, partindo de M.30.b.05.64, conduz a M.30.a.92.70, ponto donde, por vezes, se tem visto lançar granadas de espingarda sobre as nossas patrulhas;

g) — Parece certa a existencia de Depositos de Munições em M.30.b.25.85 e M.30.b.13.60.

Como conclusão de tais deduções resultará, para dar ao raid as indispensaveis garantias de sucesso:

1.º — A necessidade de inutilisar as metralhadoras inimigas em M.30.a.96.60 e M.30.a.95.54;

2.º — A conveniencia de impedir o fogo dos morteiros em M.30.b.20.75 e M.30.b.22.80;

3.º — A dificuldade de entrar na Linha inimiga pelos flancos que, por estarem desmoronados, devem encontrar-se convenientemente enfiados pelo tiro do adversario e possuir numerosas defesas de fio de ferro preenchendo as antigas trincheiras;

4.º — A conveniencia de tentar aproveitar, para o assalto, a sapa existente junto ao flanco direito;

5.º — A conveniencia de atuar por surpresa, sem ostensiva preparação de artilharia;

6.º — A conveniencia de empregar o torpedo «Bengalore» para as aberturas a praticar nas defesas de arame farpado;

7.º — A necessidade de, no momento do assalto, estabelecer uma *caixa de barragem* que abranja a 2.ª Linha inimiga, desde M. 30. b. 41. 92. a M. 30. a. 87. 28;

8.º — A vantagem da previa disposição da força constituitiva do raid na Terra do Ninguem, ao longo do grande dreno que, paralelamente á frente, corre de M. 30. a. 75.70 a M. 24. d. 04.06;

9.º — A conveniencia de entrar na Linha inimiga por tres pontos: á direita pela sapa em M. 30. a. 92. 70, ao centro pelo dreno que nela entra em M. 30. b. 12. 73, empregando-se ahi o torpe-

do «Bengarole», á esquerda pelo saliente em M. 30. b. 15. 84;

10.º — A conveniencia de marcar o ponto de sahida, a cada uma das nossas tres colunas das nossas trincheiras, respectivamente:

M. 24. c. 58.14, coluna da direita;

M. 24. c. 78.11, coluna do centro;

M. 24. c. 99.35, coluna da esquerda;

11.º — A necessidade, para a limpesa ou destruição dos 5 dugouts, de granadeiros de mão e limpadores, com explosivos em cargas moveis;

12.º — A vantagem de, na coluna da direita, fazer entrar granadeiros de espingarda para realisarem a *barragem bloock* no nosso flanco direito;

13.º — A necessidade de atribuir ás tres colunas os efetivos indispensaveis para, cada uma delas, poder desempenhar-se das seguintes missões:

Coluna da direita — Apoderar-se das guarnições das metralhadoras e seu material; fazer a limpeza das trincheiras de 1.ª Linha e de apoio, entre M. 30. a. 95.60 e a trincheira de ligação da 1.ª Linha á de apoio em M. 30. b 08.66 (inclusivè); guardar, convenientemente, as comunicações para a 2.ª Linha;

Coluna do centro — Limpar a frente entre M. 30. b. 08.66 (exclusivé) e M. 30. b. 15.80 (exclusivé); colaborar no ataque á posição dos morteiros em M. 30. b. 20.75; constituir um grupo que ficará junto ao parapeito para conduzir os prisioneiros, material, etc, ou actuar como reserva; guardar as comunicações para a 2.ª Linha;

Coluna da esquerda — Limpar a frente entre

M. 30. b. 15. 80 (inclusivé) e M. 30. b. 20. 90; atacar as duas posições de morteiros em M. 30. b. 20. 75 (em colaboração com a coluna do centro) e M. 30. b. 22. 80; destruir o deposito de munições em M. 30. b. 25. 85; guardar as comunicações para a 2.ª Linha;

14.º — A atribuição, em projeto, dos seguintes efectivos a cada uma de tais colunas:

Designações	Oficiais	Sargentos	Praças
I — *Coluna da Direita*			
2 Grupos de Granadeiros de Esping.	—	1	15
2 » de » » mão...	—	2	16
2 » de Atiradores	1	—	14
1 » da Metralhadora	—	1	8
1 » de Limpadores	—	—	7
Soma	1	4	60
II — *Coluna do Centro*			
1 Grupo para o torpedo Bengalore..	—	—	6
2 » de Granadeiros de mão ...	—	2	16
2 » de Atiradores (reserva)	1	—	15
1 » de Limpadores	—	—	6
1 » da Metralhadora	—	1	8
Soma	1	3	51
III — *Coluna da Esquerda*			
2 Grupos de Granadeiros de mão...	—	2	16
2 » de Atiradores	1	1	14
1 » de Limpadores	—	—	7
1 » da Metralhadora	1	1	8
Soma	2	4	45
Total	4	11	156

A redução dos efectivos nas trincheiras e a quantidade de especialistas de que se carece, forçam-nos a empregar toda uma companhia de infantaria e mais 6 sapadores mineiros para o torpedo Bengalore.

Determinados os elementos que acabamos de fixar, poder-se-ha, então, passar á elaboração das diretivas para as patrulhas de reconhecimento as quais deverão percorrer a Terra do Ninguem entre M. 24. c. 56. 07 — M. 24. d. 00. 32 e M. 30. a. 87. 55. — M. 30. b. 22. 95. explorando os drenos, reconhecendo itenerarios, registrando a acção das metralhadoras e morteiros, a vigilancia da guarnição da frente inimiga, o estado das defesas de arame, em uma palavra, os obstaculos de toda especie que possam ser utilisados no avanço das colunas de ataque ou que dificultem a sua marcha.

Obtidos tais esclarecimentos proseguir-se-ha na elaboração do projecto do raid, passando-se a fixar o auxilio a receber da artilharia.

Este em harmonia com as conclusões já exaradas orientar-se-ha por forma a:

A) — Dias antes do fixado para a realisação do raid:

a) — Procurar inutilisar a acção das metralhadoras inimigas em M. 30.a.96.61. e M.30.a.95.54;

b) — Procurar destruir as posições dos morteiros adversos em M.30.b.30.80. e M.30.b.40.90;

B) — No proprio momento do inicio do raid:

a) — Estabelecer uma caixa de barragem, enquadrando os seguintes pontos

M.30.a.72.43 ; M.30.a.95.22 ; M.30.b.52.92 e M.30.b.22.95.

C) — Já depois do raid ter entrado nas trincheiras inimigas;

a) — Alongar a barragem, no flanco direito do inimigo, por forma a não ir ferir as colunas de ataque ás posições dos Morteiros de trincheira.

Por ultimo resta fixar o tempo de duração do raid e estabelecer a sinalisação.

Entrando em linha de conta com o tempo gasto por cada coluna a atingir os locais de concentração, que lhe são assinalados nos tres pontos indicados no croquis junto (dreno M.30.a.75.70 — M.24.d.04.06), o tempo de espera nesses locais (para garantir a simultaneidade do ataque) e o necessario para se atingirem os pontos de entrada nas trincheiras inimigas, poder-se-ha estabelecer o seguinte projecto de horario:

Colunas	Partida das Trincheiras	Concentração		Chegada aos Objectivos	Retirada
		Chegada	Partida		
	H. M.	H. M.	H. M.	H.	H. M.
Direita	O menos 34	O menos 21	O menos 6	ZERO	O mais 60
Centro	O » 30	O » 24	O » 9	ZERO	O » 60
Esquerda	O » 28	O » 19	O » 4	ZERO	O » 60

Assentes todos estes pontos e elaboradas as ordens e instruções respectivas, poderemos, finalmente, passar á descrição da execução do raid.

As colunas, deixando as respectivas situações de concentração, dirigir-se-hão, pelos itenerarios marcados, para a frente do seu objectivo. A coluna do centro, uma vez aí chegada, deligenceia lançar o torpedo Bengalore e, á sua explosão, todas as tres colunas se lançam ao ataque e a artilharia, subitamente rompendo o fogo, faz a caixa de barragem.

A coluna da direita prepara o ataque á sapa em M. 30.

a. 92. 70., iniciando sobre tal ponto um intenso bombardeamento com granadas de espingarda e actuando com a metralhadora.

A coluna do centro, deixando junto ao parapeito, no ponto de entrada, os atiradores que constituem a reserva, lança-se no ataque das trincheiras. A metralhadora procura instalar-se na linha de apoio.

A coluna da esquerda instala a metralhadora em M. 30. b. 20. 90, para proteger o flanco, e avança para a linha de apoio.

O combate desenvolver-se-ha nas trincheiras com o emprego dos granadeiros de mão e dos limpadores, que da sua missão se procurarão desempenhar segundo as regras já estabelecidas no Capitulo XI.

Os prisioneiros e os feridos serão, pelos limpadores, levados para a retaguarda e entregues á reserva que imediatamente os fará conduzir até ás nossas trincheiras.

Chegado o momento de se iniciar o ataque ás posições dos morteiros e metralhadoras, este realisar-se-ha com o concurso dos granadeiros de espingarda que, a tempo, o deverão preparar no flanco direito.

Três very-lights verdes (por ex:), lançados sucessivamente pelo Comandante da coluna da esquerda e repetidos pelo Comandante do Raid, que deve ter ficado com a reserva, indicarão á nossa artilharia o momento em que se vão atacar as posições das metralhadoras em M. 30. a. Três very-lights vermelhos (por ex:), lançados nas mesmas condições, indicarão o inicio do ataque ás posições dos morteiros em M. 30. b.

Num e noutro destes ataques, grupos de granadeiros de mão, procurando instalar-se em M. 30. a. 99. 60., M. 30. a. 97. 50., M. 30. b. 26. 80. e M. 30. b. 31. 87., por si

e em colaboração com as metralhadoras, que no 2.º e 4.º daqueles pontos devem deligenciar estabelecer-se, esforçar-se-hão por evitar a chegada de reforços ao adversario ou farão face aos contra-ataques que, pelas comunicações de que os referidos pontos sãs cruzamentos, não deixarão de ser pelo inimigo tentados.

Á hora estabelecida, 2 very-lights, 1 verde e 1 vermelho, (por ex:) seguidos de um silvo de sereia, transmitirão a ordem da retirada. Esta iniciar-se-ha pelas colunas dos flancos, mantendo-se a do centro junto do ponto de entrada no parapeito, até que a repetição do sinal dado, pelos comandantes das colunas dos flancos, indique que estas já se encontram novamente na Terra do Ninguem.

Então, os comandantes das três colunas, contando os seus homens e procurando noticias dos que porventura faltarem, depois de reconhecerem a impossibilidade de os ir buscar, feridos ou mortos, retrogadarão para as nossas trincheiras, procurando seguir os mesmos itenerarios da marcha para a frente e entrando nelas pelos pontos por onde saíram..

A artilharia, entretanto, continuará o seu fogo, diminuindo-o gradualmente de intensidade até que do batalhão lhe seja dada a comunicação de ter já entrado o destacamento que realisou o Raid.

O resultado da acção será imediatamente comunicado aos Comandos Superiores, utilisando um codigo previamente convencionado.

XXI

Quadro de Honra

Embora não apresente novidade a materia deste Capitulo, pois que, com ela se tem já preenchido numerosas colunas de todos os jornais, entendemos que nenhum outro fecho melhor caberia a este trabalho, do que o Registro das distinções concedidas aos nossos camaradas que, em França, tão alto teem levantado o nome da nossa Patria.

Com efeito, sendo o principal intento da presente Obra, documentar o esforço Português, que o mais rudimentar dever patriotico impõe afirmar em todas as circunstancias, a compilação dos feitos dos nossos, oficialmente reconhecidos como dignos de especial distinção, é, sem duvida, o mais oportuno documento que podemos apresentar.

Da heroicidade dos seus autores, falam as resenhas dos louvores concedidos, que, embora sucintas, como é proprio de documentos desta naturesa, bem claramente demonstram que a raça portuguesa ainda conserva essas qualidades de bravura, dedicação, altruismo e amor patrio, que, garantindo a manutenção da sua nacionalidade, a fizeram Grande no passado e a tem feito vencer, em transes angustiosos.

Infelizmente, porém, não podendo aguardar informações completas, para não tirar ao trabalho a sua atualidade, deficiente ficará esse registro, mas, tal como se organisou, contem, até á data em que escrevemos estas linhas (25/7/918),

todos os elementos existentes nas Estações Oficiais em em Portugal e nos apontamentos particulares do autor (1).

Que nos relevem aqueles que, porventura nele não figurem, certos de que a todos cabe egualmente o preito de homenagem que a idea representa.

(1) A' gentilesa e muita amabilidade do Ex.mo Chefe do Estado Maior do Q. G. T. do C. E. P. deve o autor a permissão de consulta da parte do arquivo respeitante ao assunto deste Capitulo, pelo que aqui lhe consigna o preito da sua gratidão.

I

Promoções por Distinção

A Majores:

José Maria Vale de Andrade — Capitão de infantaria 14, porque sendo comandante do *raid* efectuado na manhã de 19 de Março de 1918, demonstrou qualidades excepcionais de um verdadeiro chefe pela forma como procedeu, prevendo tudo, tudo dispondo e executando com bravura o ataque á frente das suas fôrças.

Antonio Germano Guedes Ribeiro de Carvalho — Capitão do Estado Maior de Infantaria, porque, comandando em 8 de Março de 1918, um *raid* ás trincheiras alemãs, revelou inteligencia, acêrto e grandes qualidades de comando, dirigindo proficientemente toda a operação, expondo-se com muita bravura e serenidade.

A Capitães:

Anibal Francisco Gonçalves de Azevedo — Tenente de infantaria 28, pela forma como auxiliou eficazmente o seu comandante na preparação do *raid* efectuado na manhã de 19 de Março de 1918, sendo o primeiro a entrar nas trincheiras inimigas, impulsionando pela sua acção todo o assalto, avançando sem hesitar até a segunda linha, fazendo frente ao inimigo quando este pretendeu contra-atacar e repelindo-o, revelando grandes qualidades de comando, inteligencia e bravura.

Henrique Augusto — Tenente de infantaria 9, porque, durante a execução de um *raid* realizado em 8 de Março

de 1918, atacou o inimigo com coragem e bravura á frente do seu pelotão, recebendo um ferimento e demonstrando valor e qualidades de comando excepcionais.

Luiz de Souza Gonzaga — Tenente de infantaria 21, porque demonstrou grande coragem e bravura durante um *raid* executado em 8 de Março de 1918, avançando ao assalto com grande galhardia e denodo, atacando á frente do seu pelotão o inimigo, pondo-o em fuga e sendo gravemente ferido.

A Tenente:

David Rodrigues Neto — Alferes miliciano de infantaria N.º 4, porque na manhã de 15 de Dezembro, apenas acompanhado de uma ordenança, capturou uma patrulha inimiga composta de 1 oficial, 1 sargento ajudante e 6 soldados, feito notavel, não só pela importancia das identificações obtidas, como pelas circunstancias em que se verificou e em que aquele oficial fez prova das mais altas qualidades de caracter e valor militar, sem as quais êle não se teria realisado.

Eduardo da Fonseca Guerreiro — Alferes miliciano de infantaria N.º 29, porque sendo Comandante de Pelotão, no combate de 22 de Novembro de 1917, manteve os homens nos seus postos de combate, animando-os com entusiasmo, demonstrando despreso pelo perigo, coragem e excelentes qualidades de Comando;

José Gomes Teixeira — Alferes miliciano de infantaria N.º 19 em serviço no Batalhão de infantaria N.º 7, por ter demonstrado, na direcção do seu pelotão, excepcio-

nais qualidades de comando na previdente e inteligente observação, por todas as regras dadas pelo Comandante da 1.ª Divisão em Campanha, fazendo abrir o seu pelotão para os flancos e caíndo, á granada e baioneta, sobre os assaltantes, na totalidade aproximada de 54 homens, quando invadiam a trincheira, no combate de 14/15 de setembro, conseguindo repeli-los, tendo o comandante do raid ficado morto, bem como tres praças e ficando 4 prisioneiros na sua mão, feito este que é aumentado de importancia pelo facto de ter sido o aludido alferes, que sustentou o peso do ataque, quem conseguiu ter os seus homens na mão, levando-os a manobrar e contra atacar, numa situação dificil, quem repeliu o inimigo e quem fez que o raid falhasse.

Anibal Tarrinho — Alferes de infantaria 30, por, no comando do seu pelotão, na primeira linha, ter demonstrado excepcional coragem e sangue frio, tornando-se alvo de admiração dos seus soldados; porque sabendo que tres soldados tinham desaparecido durante o combate de 12 de Março de 1918, se dirigiu para os reaver, á trincheira do sector contiguo da direita, aprisionando nessa ocasião um soldado inimigo; e ainda porque, tendo sido ferido, ainda que ligeiramente, continuou no seu pôsto.

Alipio José da Cruz e Oliveira — Alferes de infantaria 31, porque durante um *raid* executado em 8 de Março de 1918, atacou o inimigo com coragem e bravura á frente do seu pelotão, recebendo um ferimento e tendo demonstrado valor e qualidades de comando excepcionais.

Victorino Rodrigues Corvo — Alferes miliciano de infantaria 33, porque, num *raid* executado em 8 de Março de

1918, atacou com bravura o inimigo, contribuindo para o bom resultado da operação.

Rogerio Correia Ferreira — Alferes miliciano de infantaria 6, porque no *raid* efectuado em 19 de Março de 1918, carregou contra o inimigo á frente do seu pelotão com o maior vigor, avançando denodadamente contra uma metralhadora inimiga em posição e fazendo fogo, demonstrando bravura e qualidades de comando.

Antonio Gonçalves Pires — Alferes miliciano de infantaria 14, porque no *raid* efectuado em 19 de Março de 1918, carregou contra o inimigo á frente do seu pelotão com vigor, cobrindo e protegendo o trabalho de engenharia.

A Primeiro Sargento:

1.º Grupo do Corpo de Artilharia Pesada.

Antonio Rodrigues Maximo — 2.º sargento n.º 39/4, porque achando-se de serviço na madrugada de 21 de Março de 1918, como chefe de obuz, na secção adstrita á 99.ª bataria inglesa, quando foi bombardeada com numerosas granadas de gazes asfixiantes, e sendo ferido o comandante da secção, reuniu, depois de recebida a ordem de abrir fogo, o pessoal disponivel, assumiu o comando da secção, abriu o fogo com os dois obuzes sob a acção dos gazes, revelando, assim, possuir apreciaveis qualidades de coragem, energia e decisão, apesar do seu pouco tempo de posto:

1.º Grupo de Baterias de Artilharia de Campanha.

Manoel Gomes Carvalho Junior — 2.º sargento n.º 365/3.ª, porque no combate de 9 de Abril de 1918, comandando

o Escalão da Bataria e tendo dado ordem de aparelhar e engatar logo no principio do bombardeamento, procurou estabelecer a ligação com a bataria, mas notando alguma hesitação e indecisão da parte dos cabos, entregou o comando a outro 2.º sargento e partiu êle para a posição, onde prestou serviço, ajudando os oficiais da bataria, voltando ao Escalão, após a ordem que recebeu do comandante da bataria para proceder ao remuniciamento, atravessando, sem lhe competir, a violenta barragem da artilharia inimiga, mostrando, assim, muita coragem e dedicação pelo serviço, e abnegação:

2.º Grupo de Baterias de Artilharia de Campanha.

Luis Paes de Almeida — 2.º sargento n.º 203/2, porque no combate de 9 de Abril de 1918 manifestou a maior coragem e sangue frio e, tendo sido ferido, continuou dirigindo o fogo da sua secção, só retirando quando a sua peça, por efeito de avarias, ficou fóra de combate;

José Afonso — 2.º sargento n.º 401/2, porque no combate de 9 de Abril de 1918 manifestou notavel competencia na direcção do fogo da sua secção e, depois de ferido, continuou no seu posto até que, já sem munições e com a maioria dos serventes feridos, teve de abandonar a posição, evacuando esta e inutilisando a peça;

Manoel de Sousa — 2.º sargento n.º 477/2, porque no combate de 9/4/918 continuou dirigindo o fogo da sua secção, apesar de ferido, e só a abandonou, inutilisando a peça, quando o inimigo estava já a 200 metros, revelando muita coragem, alto espirito militar, e dedicação pelo serviço.

Batalhão de Infantaria N.º 2.

Agostinho Antonio Loureiro — 2.º sargento n.º 558/1, porque tendo sido ferido logo no começo do combate que teve logar em 12/3/918, não abandonou o seu posto senão depois desse terminar, dando, assim, um forte exemplo de coragem e de espirito de sacrificio aos homens que comandava.

Batalhão de Infantaria N.º 12.

Francisco de Almeida Serrano — 2.º sargento n.º 422/11, porque no combate de 9/4/918, esteve com o seu pelotão num reducto até ás 16 horas e 20 minutos, combatendo com muita coragem e valor, sendo ferido e desaparecido;

Manuel Rodrigues — 2.º sargento n.º 492/11, pelo mesmo motivo do anterior.

Batalhão de Infantaria N.º 13.

José Gomes de Carvalho — 2.º sargento da 3.ª Companhia, porque no combate de 9/4/918, manifestou muita coragem, energia e decisão, combatendo, até á morte, nas trincheiras, em Lacouture, causando muitas baixas ao inimigo, com a sua metralhadora.

Batalhão de Infantaria N.º 14.

José Marques — 2.º sargento n.º 556/4, porque, no combate de 9/4/918, com muita coragem e qualidades excepcionais de comando, comandou um pelotão no avanço

perigosissimo pela estrada Oxford, até estabelecer ligação com as forças em retirada, não se poupando ao perigo e animando os seus soldados com o seu exemplo;

Alfredo Pinto — 2.º sargento n.º 403/3, porque tendo sido ferido no raid que se realisou em 19/3/918, por uma bala no peito, na ocasião em que tentava aprisionar alguns inimigos, nem assim deixou de proseguir na acção, só retirando depois de a tal ser intimado por um dos oficiais;

Leonidio de Almeida e Silva — 2.º sargento n.º 468/2, porque no combate de 9/4/918, quando lhe ordenaram que estabelecesse, com duas ordenanças, ligação com um pelotão, ser ferido gravemente, tendo a noção completa do seu dever, apesar de tal, mostrando-o bem claramente na seguinte frase: «Já estou morto, mas antes eu que o meu tenente, que faz muita falta», demonstrando muita coragem e serenidade em todo o combate, e dedicação pelos chefes, como o facto citado;

José de Morais — 2.º sargento n.º 554/2, porque no combate de 9/4/918, manifestou inteira coragem e dedicação pelo serviço, espoletando rapidamente 10 cunhetes de granadas, no posto de Charterhouse, sob o intenso bombardeamento, tendo morrido em combate;

José Bernardino Cameiro — 2.º sargento n.º 480/3, porque no combate de 9/4/918, comandando o 2.º pelotão, soube mante-lo, pelo seu exemplo, com a maior firmesa e decisão perante o inimigo que avançava, retirando ordenadamente com este, demonstrando muita coragem e elevados dotes de comando;

Antonio Lopes Rodrigues — 2.º sargento n.º 486/3, porque no combate de 9/4/918, estando convalescente, logo que soube que a companhia marchava para a frente,

voluntariamente se encorporou nela, assumindo o comando do seu pelotão que não tinha oficial, demonstrando muita coragem, dedicação pelo serviço e superior aptidão militar.

Batalhão de Infantaria N.º 15.

Manoel Guines — 2.º sargento n.º 568/3, porque nos combates de 9 a 14/4/918, manifestou muita coragem e decisão e, tendo a sua companhia retirado da linha de fogo, novamente a veio reocupar, juntamente com um oficial, quando os ingleses anunciaram o avanço do inimigo;

José Maria — 2.º sargento n.º 410/3, porque nos combates de 9 a 11/4/918, no comando da sua secção, manifestou sempre muita coragem e valor, incutindo, com o seu exemplo, animo aos soldados que cuidadosamente vigiava, e exercendo uma continua vigilancia sobre o inimigo, serviço executado, por veses, nas mais arriscadas condições, devido ao fogo das metralhadoras;

José Antonio Simões — 2.º sargento porque nos combates de 9 a 11/4/918, manifestou muita coragem, decisão e serenidade, batendo-se ao lado de tropas inglesas e dando, com a sua bôa disposição, um belo exemplo aos seus camaradas;

Pompeu Martins — 2.º sargento, pelo mesmo motivo do anterior.

Batalhão de Infantaria N.º 21.

Albano Joaquim do Couto — 2.º sargento n.º 721/1, porque havendo tomado parte no raid de 9/3/918, condu-

ziu com grande valor e acerto a fracção que comandava, carregando com coragem e recebendo varios ferimentos.

Batalhão de Infantaria N.º 29.

José Luiz Gomes — 2.º sargento n.º 296/3, pela decisão e firmesa como repeliu o inimigo, no raid executado sobre as nossas trincheiras na tarde de 10/11/917, e por saber manter o moral dos homens sob o seu comando, dando um exemplo excelente a todos os graduados.

A Segundo Sargento:

6.ª Brigada de Infantaria.

Alipio José Esteves — 1.º cabo ferrador, porque no combate de 9/4/918, voluntariamente se ofereceu para desempenhar a missão de agente de ligação, quando os verdadeiros agentes de ligação declararam já não ser possivel atravessar a intensa barragem da artilharia inimiga, missão que levou a cabo entre o «Q. G.» da 6.ª B. I. e os batalhões, manifestando muita coragem, decisão e abnegação.

1.º Grupo de Baterias de Artilharia de Campanha.

Eugenio Gaspar dos Santos — 1.º cabo servente n.º 414/2 por ter revelado durante o intenso bombardeamento de 7/8 de Julho de 1917, excepcionais qualidades de iniciativa, coragem e serenidade, aleadas á sua competencia, já anteriormente demonstrada, como apontador e trabalhador incansavel.

Joaquim do Carmo Peixoto — 1.º cabo n.º 210/4, porque no combate de 9/4/918, na falta do chefe da secção e com pessoal muito reduzido, conseguiu, com serenidade e correcção, continuar a desempenhar as funções de apontador e dirigiu todo o serviço da secção, revelando muita coragem e dedicação.

2.º Grupo de Baterias de Artilharia de Campanha.

Agostinho Fernandes de Figueiredo — 1.º cabo conductor n.º 325/1, porque no combate de 9/4/918, desempenhou, com a maior coragem, o serviço de agente de ligação, e, uma vez ferido, teve o sangue frio necessario para entregar a correspondencia a outra praça que a levou ao seu destino, manifestando um bom moral e perfeito conhecimento dos seus deveres.

Batalhão de Infantaria n.º 3.

José Gomes Barreiros — 1.º cabo n.º 465/2, porque sabendo que uma guarnição de metralhadora a abandonara sob a violencia do fogo do inimigo, no combate de 12/3/918, foi imediatamente tomar posse da mesma, não obstante não ser especialista, e com ela fez fogo até se encravar, conservando-se no seu posto de combate até aparecer um especialista, que da mesma se encarregou.

Batalhão de Infantaria n.º 13.

Tomaz Ferreira da Silva — soldado n.º 550/3, porque nos combates de 9 a 11/4/918, manifestou muita coragem,

decisão, energia e sangue frio, combatendo durante dois dias e só retirando da linha de fogo, apesar de ferido duas vezes, a ultima gravemente, depois de receber ordem do seu comandante de companhia.

Batalhão de Infantaria N.º 14.

Guilherme Miguel Afonso — 1.º cabo n.º 527/3, porque no combate de 9/49/18, comandando uma secção, soube manter e levantar o moral dos homens que comandava, exhortando-os ao cumprimento do seu dever, e porque tendo sido feridas algumas praças da companhia á frente da linha de atiradores, voluntariamente as foi buscar, apesar do perigo, demonstrando muita coragem, altruismo e elevados dotes de comando.

Batalhão de Infantaria N.º 15.

Manoel Medeiros — soldado n.º 434/3, porque no combate de 9/4/918, tendo sido ferido numa perna, não consentiu em ser evacuado, continuando na linha de fogo, sendo-o, apenas, tres horas mais tarde, em virtude de ordem terminante do comandante da companhia e quando já não podia movimentar a perna ferida, manifestando muita coragem, energia e decisão. Quando se dirigia para a ambulancia, foi de novo ferido por uma bala no braço.

Batalhão de Infantaria N.º 20.

Joaquim Ribeiro — 1.º cabo n.º 566/2, porque, tendo demonstrado, repetidas vezes, inexcedivel e notavel cora-

gem, oferecendo-se para tomar parte em patrulhas de combate, e, sendo, no dia 12/3/918, chefe duma secção de metralhadoras que apoiava o flanco direito da companhia no seu ataque, não só manteve com energia a sua guarnição, mostrando, mais uma vez, excepcionais qualidades de sangue frio e coragem, mas tambem repeliu o inimigo que já se tinha aproximado e estabelecera já duas metralhadoras no parapeito do sector contiguo da direita.

Batalhão de Infantaria N.º 28.

Julio Rodrigues Azenha — soldado n.º 417/2, porque, fazendo parte de uma patrulha de escuta, juntamente com outra praça, que logo caiu mortalmente ferida no inicio do combate de 15/12/917, lutou desesperadamente, e só, contra uma patrulha inimiga, sem se esquecer de avisar as forças proximas, que, por sua vez, intervieram a tempo, obrigando o inimigo a retirar da frente da companhia, demonstrando valor, coragem, decisão e sangue frio.

Batalhão de Infantaria N.º 29.

Francisco da Costa Lobo de Abreu — 1.º cabo n.º 291/3, chefe de metralhadoras do posto n.º 4, pela forma como se bateu no raid executado sobre as nossas trincheiras na tarde de 10/11/917, fazendo quanto em si coube, para obstar ao avanço do inimigo, sendo gravemente ferido.

Manuel do Nascimento Dias Costa — 1.º cabo n.º 15/1,

por, como comandante de um posto, que pela sua vigilancia presentiu e denunciou, a tempo, o desenvolvimento do ataque inimigo no combate de 22/11/917, comandar acertadamente os seus homens, expondo-se com grande coragem para repelir o inimigo, tendo-se já evidenciado no batalhão por numerosas patrulhas que tem comandado na «No Man's Land».

Domingos Lopes — 1.º cabo n.º 548/1, porque, como chefe de um posto de metralhadora que se bateu rudemente, no combate de 22/11/917, desencravou por tres vezes a sua metralhadora, demonstrando grande coragem e sangue frio.

Gaspar Rodrigues — soldado n.º 421/1, porque no combate de 22/11/917, fazendo parte da guarnição de um posto, mostrou coragem e serenidade, provando ser excelente granadeiro e confirmando a reputação de bravo que tem no Batalhão.

Batalhão de Infantaria N.º 34.

Augusto Pedro Duarte — 2.º cabo n.º 440/1, porque, comandando um pequeno posto na 1.ª linha do sector atacado na noite de 12/13 de Junho de 1917 e tendo recebido ordem para retirar, conduziu o seu grupo, devidamente organisado, debaixo de forma e comandando-o á voz, para a 2.ª linha, seguindo sempre no sitio mais exposto, e como ao chegar á 2.ª linha notasse que uma parte do seu grupo retirava mais apressadamente, meteu-o de novo debaixo de forma para o fazer voltar á 1.ª linha, ao que obstou o respectivo comandante de pelotão.

A primeiros cabos:

Sapadores Mineiros.

Carlos da Silva Rochato — soldado n.º 715/2, porque, no raid realisado na noite de 2/3 de Abril de 1918, apesar de ferido por um tiro de metralhadora quando se aproximava do arame inimigo, não hesitou em avançar para cumprir o que lhe fôra determinado, só retirando depois de ter colocado no logar que lhe fôra destinado, em que devia explodir, o torpedo que foi confiado ao grupo de que fazia parte.

1.º Grupo de Baterias de Artilharia de Campanha.

João Seromenho — soldado servente n.º 707/1, porque no combate de 9/4/918, sendo reserva, pelo que não era obrigado a ir para a posição da bataria, foi ali apresentar-se imediatamente e, sob violentas barragens, ajudou no remuniciamento, mostrando grande coragem e dedicação pelo serviço;

José Domingues Freire Junior — soldado n.º 371/2, porque no combate de 9/4/918, desempenhando as funções de chefe de secção, na falta de sargento, dirigiu com serenidade o fogo da sua secção, sob um intenso bombardeamento, manifestando muita coragem.

2.º Grupo de Baterias de Artilharia de Campanha.

José Nascimento dos Reis — soldado servente n.º 271/1, porque no combate de 9/4/918, apesar de ferido, continuou o serviço, indo, através da barragem, acender a luz

da balisa, mostrando sempre a maior ceragem, serenidade e dedicação pelo serviço;

João Augusto de Sousa — soldado servente n.º 454/2, porque no combate de 9/4/918, depois da ordem de retirar, conservou-se sósinho, fazendo fogo com a sua peça e ajudando os oficiais e sargentos a inutilisa-la, mostrando grande coragem e dedicação pelo serviço.

5.º Grupo de Baterias de Artilharia de Campanha.

Antonio Rosalino Garrido — soldado correeiro-seleiro n.º 800/3, porque no combate de 9/4/918, manifestou coragem, sangue frio e aptidão notaveis, tomando voluntariamente parte, como soldado condutor, no remuniciamento da bataria, apresentando-se, em mais esta condição dificil, pronto a desempenhar serviço diferente da sua especialidade, como tem por habito.

1.º Grupo de Metralhadoras.

Manuel João Pereira — soldado ciclista n.º 239/1, porque no combate de 9/4/918, pediu para acompanhar um oficial na execução dum importante serviço de ligação, com risco da vida e através de intenso bombardeamento, serviço que teve de cessar quando o oficial que o acompanhava foi atacado de gazes e teve necessidade de ampara-lo e acompanha-lo.

3.º Grupo de Metralhadoras.

Moisés dos Santos — soldado servente n.º 162/2, porque no combate de 9/4/918, achando-se ao serviço na Linha

das Aldeias, depois de receber ordem de retirar para uma posição á retaguarda, conseguiu, sob um violento bombardeamento, apesar de ferido, tirar o tripé da metralhadora, no que mostrou muita coragem, sangue frio e elevada compreensão dos seus deveres. Desapareceu.

Batalhão de Infantaria N.º 4.

João Antonio Costa — soldado n.º 672/11, porque no dia 15/1/918, acompanhando, como ordenança, um oficial, ao surpreenderem uma patrulha inimiga, de um oficial e sete praças, ter revelado a maior decisão e valor militar na forma como procedeu, cooperando eficazmente com aquele oficial para a realisação do notavel feito da captura da patrulha.

Batalhão de Infantaria N.º 12.

Joaquim Lourenço — soldado n.º 148/11; José Correia — soldado n.º 316/11; Antonio Soares — soldado n.º 371/11; Manuel Pires — soldado n.º 390/11; José Fonseca — soldado n.º 414/11; Alexandre da Costa — soldado n.º 419/11; Adelino Ribeiro — soldado n.º 207/12; Antonio Simões — soldado n.º 253/12; José Izidro — soldado n.º 328/12; Joaquim Pires — soldado n.º 379/12; Alfrêdo Henriques — soldado n.º 397/12; José Paulino — soldado n.º 490/12.

Porque no combate de 9/4/918, sendo metralhadores da 11.ª companhia de infantaria n.º 12, ocuparam um reducto, combatendo com muita coragem e valor até ás 16 horas e 20 minutos, só retirando quando, sem mu-

nições e com a retirada quasi cortada, receberam ordem para o fazer.

Manuel Nunes Veloso — soldado n.º 415/11, porque no combate de 9/4/918, sendo metralhador da 11.ª companhia, ocupou um reducto combatendo com muita coragem e valor até ás 16 horas e 20 minutos, só retirando, quando, sem munições e com a retirada quasi cortada, recebeu ordem para o fazer, e tendo sido ferido;

Manuel Gonçalves—contra-mestre de corneteiros n.º 10/11, porque no combate de 9/4/918, sendo ordenança da 11.ª companhia, ocupou um reducto combatendo com muita coragem e valor até ás 16 horas e 20 minutos, só retirando, quando, sem munições e com a retirada quasi cortada, recebeu ordem para o fazer;

Manoel Canhão — Corneteiro n.º 198/11, pelo mesmo motivo do anterior.

Batalhão de Infantaria n.º 13.

Manuel Cardoso de Matos — soldado n.º 376/3, porque nos combates de 9 a 11/4/918, manifestou muita coragem, sangue frio e energia, combatendo durante dois dias com a sua metralhadora até se lhe partir uma peça e esgotarem as munições;

Antonio Lucas — soldado n.º 157/2; Manuel de Sousa — soldado n.º 539/1; Clemente Antonio — soldado n.º 233/3; Joaquim Mendes — soldado n.º 186/3; Joaquim da Silva Sarmento — soldado n.º 365/3; Laurindo dos Santos — soldado n.º 291/4; e Miguel da Silva Mata — soldado n.º 480/4.

Porque nos combates de 9 a 11/4/918, combateram com muita coragem e serenidade, não obstante a su-

perioridade do inimigo e a aproximação a que ele chegou.

Batalhão de Infantaria N.º 14.

Antonio Rodrigues dos Santos — seldado n.º 255/1, porque no combate de 9/4/918, ocupando um reducto perto do qual já se encontrava o inimigo, foi, com auctorisação do comandante do seu pelotão, salvar um seu camarada de uma morte certa, fazendo-o conduzir até ao posto de socorros, revelando coragem e altruismo;

José de Carvalho — soldado n.º 506/1, porque no combate de 9/4 918, apesar de ter sido ferido, quando marchava a ocupar um reducto, manteve-se ao lado dos seus camaradas até á noite, baixando então ao hospital, mostrando, assim, muita coragem e abnegação;

Manoel Figueiredo dos Santos — soldado n.º 591/1, porque no combate de 9/4/918, ocupando um reducto, pediu autorisação ao seu comandante de pelotão para ir buscar um camarada seu que se encontrava á frente, dizendo: «Ou morremos os dois, ou não morre nenhum» e transportando-o sósinho para o posto de socorros;

Manoel da Silva — soldado n.º 724/1, porque no combate de 9/4/918, se conservou firme no seu posto até ao ultimo extremo, animando os seus camaradas e aconselhando-os á maior resistencia e, ainda, por se oferecer para ir á frente reconhecer uma posição onde o inimigo já se encontrava, demonstrando muita coragem e elevadas qualidades militares;

Manoel Gonçalves — soldado n.º 320/2, porque no combate de 9/4/918, como ordenança da companhia, manifestou muita coragem, não vacilando na travessia de

barragens de artilharia, para transmissão de ordens, serviço em que foi ferido;

José Henriques Bento Barata — soldado n.º 357/2, por, no combate de 9/4/918, ter sido uma das ultimas praças a abandonar o reducto que guarnecia, auxiliar a guarnição de uma metralhadora pesada na inutilisação desta, que enterrou num dreno, manifestando, na pratica de tais actos, muita coragem e altruismo;

Guedvis Alves Diniz — soldado n.º 534/2, por, no combate de 9/4/918, ter prestado altos serviços na observação, estando sempre ao parapeito, apesar de ser constantemente batido por fogo de metralhadoras inimigas, conservando-se em constante vigilancia, demonstrando muita coragem e dedicação pelo serviço;

Firmino de Sousa Figueiredo — soldado n.º 314/3, porque no combate de 9/4/918, com muita coragem e dedicação pelo serviço, atravessou fortes barragens de artilharia, no seu serviço de ordenança, sendo ferido;

Josué Felix — soldado n.º 405/4, porque no combate de 9/4/918, fazendo parte duma secção de metralhadoras que foi encarregada de ir á frente da posição ocupada buscar as mesmas, deu prova de muita coragem, sangue frio e foi mortalmente ferido, quando já fazia uso de uma delas contra o inimigo;

Cesar Pinheiro — soldado n.º 416/4, pelo mesmo motivo do anterior, sendo gravemente ferido.

Batalhão de Infantaria N.º 15.

Augusto Martins — soldado n.º 507/3, porque nos combates de 9 a 11/4/918, bateu-se com muita coragem e sangue frio, até morrer;

Manoel Ribeiro — soldado n.º 552 2; Antonio Joaquim — soldado n.º 429/3; Manoel Joaquim — soldado n.º 491/3 e Armindo Alves — soldado n.º 529/3. Porque nos combates de 9 a 11/4/918, manifestaram muita coragem e serenidade, batendo-se até serem gravemente feridos, não obstante a superioridade e aproximação do inimigo.

Batalhão de Infantaria N.º 34.

Antonio dos Santos — soldado n.º 358/4, porque, devido á sua activa vigilancia na noite de 22/23 de Junho de 1917, presentiu a aproximação de uma patrulha de combate inimiga, deu o alarme ao seu posto e, saltando o parapeito, carregou com energia e decisão sobre 2 soldados inimigos com os quais travou combate, aprisionando-os e conduzindo-os á frente da sua baioneta para as nossas linhas, apesar da resistencia de um deles e debaixo de fogo vivo de espingarda e granadas.

II

Condecorações

A) Cruz de Guerra

1.ª Classe.

Antonio Germano Guedes Ribeiro de Carvalho — Major do Estado Maior de Infantaria, em serviço no Batalhão de Infantaria n.º 21.

Luiz de Sousa Gonzaga — Capitão de Infantaria n.º 21.

2.ª Classe.

6.ª Brigada.

Felisberto Alves Pedrosa — Coronel comandante (feito prisioneiro dos alemães, no combate de 9/4/918.)

Infantaria n.º 7.

Martins de Lima — 2.º sargento.

Infantaria n.º 9.

Henrique Augusto — Capitão, em serviço no Batalhão de Infantaria n.º 21.

Infantaria n.º 14.

José Maria Vale de Andrade — Capitão.
Anibal Francisco Gonçalves de Azevedo — Tenente.
Antonio Gonçalves Pires — Alferes miliciano.

Infantaria n.º 31.

Alipio José da Cruz e Oliveira — Tenente, em serviço no Batalhão de infantaria n.º 21.

Infantaria n.º 33.

Vitorino Rodrigues Corvo — Tenente, em serviço no Batalhão de Infantaria n.º 11.

Infantaria n.º 34.

Silva e Sousa — Alferes.
Gomes Teixeira — Alferes.

3.ª Classe.

1.º Grupo de Baterias de Campanha.

Belesa dos Santos — Capitão.
Oliveira Leite — Alferes.
Patrocinio Guedes — Alferes.
Alberto Matias — 2.º sargento.
Oliveira Almada — 1.º cabo.
Neves — Soldado n.º 373/2.
Tavares — Soldado n.º 432/2.
Pereira — Soldado n.º 372/2.
Pita — Soldado n.º 465/2.

2.º Grupo de Baterias de Artilharia de Campanha.

Capitão — Soldado nº 368/1.

1.ª Bateria de Morteiros Ligeiros.

Almeida — Soldado n.º 24.

Infantaria n.º 3.

Abeilard Rodrigues de Morais — 2.º sargento miliciano n.º 576/2.
Costa — Soldado n.º 395/4.

Cunha — Soldado n.º 186/1.
Lobato — Soldado n.º 709/1.
Cunha — Soldado n.º 639/1.

Infantaria n.º 4.

David Rodrigues Neto — Tenente Miliciano.
João Antonio da Costa — 1.º cabo.

Infantaria n.º 8.

Manoel Correia Folhadela Guimarães — 2.º sargento n.º 15/1.

Infantaria n.º 15.

Cunha Fajardo — Alferes.
Gustavo Adolfo Gouveia — Alferes Miliciano.

Infantaria n.º 18.

Domingos — Soldado n.º 610/3.

Infantaria n.º 19.

José Maria — Soldado n.º 413/3.

Infantaria n.º 21.

Ponte e Sousa — Alferes Miliciano.

Infantaria n.º 22.

Manoel Alves — 1.º cabo.

Infantaria n.º 23.

Moura Dias — Alferes.
Antonio Alves Teixeira Lorga — Alferes miliciano.

Infantaria n.º 28.

Duarte Casquilha — 2.º sargento.
Julio Rodrigues Azenha — 1.º cabo n.º 417/2.

Infantaria n.º 29.

José das Neves Eugenio — Alferes.
Domingos Lopes — 2.º sargento n.º 15/1.
Gaspar Rodrigues — 1.º cabo n.º 421/1.
Albano Maria de Araujo Peixoto — 1.º cabo n.º 463/3.
Valentim José Lopes — Soldado n.º 100/2.

Infantaria n.º 33.

Eduardo da Fonseca Guerreiro — Alferes, em serviço no Batalhão de infantaria n.º 29.

Infantaria n.º 34.

João Bernardo Pessoa — Alferes, em serviço no 6.º G. M.
Barbosa Cardoso — Alferes miliciano.
Baptista Ribeiro — 1.º sargento.
Pedro Duarte — 2.º sargento.
Antonio Pinto — 2.º sargento.
Santos — Soldado n.º 358.
Santos — Soldado n.º 452.

Infantaria n.º 35.

Hernani Cidade — Alferes.
Rebelo Almeida — 1.º cabo.
Marques — 2.º cabo.
Martinho — Soldado n.º 188/4.
Maço — Soldado n.º 167/4.
Figueiredo — Soldado n.º 149/4.
Pereira — Soldado n.º 144/4.
Coelho — Soldado n.º 100/4.
Almeida — Soldado n.º 326/4.
Antunes — Soldado n.º 345/4.
Silva — Soldado n.º 25/4.
Silva — Soldado n.º 221/4.

4.ª Classe.

Infantaria n.º 7.

Agostinho de Oliveira Bernardes — 2.º sargento n.º 327/2.
Manoel Sebastião — 1.º cabo n.º 430/1.

Infantaria n.º 9.

João Antonio Manso — Soldado n.º 23 da 2.ª B. M. M.

Infantaria n.º 14.

Oliveira — 1.º cabo n.º 655/1.
Ramos — Soldado n.º 477/1.

Infantaria n.º 15.

Francisco — Soldado n.º 83/4.

Infantaria n.º 23.

Manoel de Almeida — 1.º cabo n.º 502/3.
Antonio Pocinho — Soldado n.º 136/3.
Joaquim Augusto — Soldado n.º 474/4.

Infantaria n.º 24.

Jaime Ferreira — Alferes, em serviço no 6.º G. M.
Manoel Simões Dias Nobre — Soldado n.º 426/1.

B) **Condecorações Estrangeiras**

Fernando Tamagnini de Abreu e Silva — General Comandante do C. E. P. (Order of the Bath).

José Augusto Simas Machado — General Comandante da 2.ª Divisão do C. E. P. (Order of S.te Michael and S.te George).

Manoel de Oliveira Gomes da Costa — General Comandante da 1.ª Divisão do C. E. P. (Order of S.te Michael and Ste George.

Bernardo Antonio Ferreira — Coronel de Artilharia, Comandante da Base do C. E. P. — C. B. (Companion of the Most Honourable Order of the Bath).

José Domingos Peres — Coronel de infantaria, Comandante da 2.ª Brigada — G. M. G. (Companion of the Most Distinguished Order of S.te Michael and S.te George).

Adolfo de Almeida Barbosa — Coronel de infantaria, Comandante da 4.ª Brigada — C. M. G.

Arthur Ivens Ferraz — Coronel do Corpo do Estado Maior, Chefe da Missão Portuguesa junto do 1.º Exercito — D. S. O. (Distinguished Service Order).

Luiz Augusto Ferreira Martins — Tenente coronel do Corpo do Estado Maior, Sub-Chefe do Estado Maior do C. E. P. — D. S. O.

D. José de Serpa Pimentel — Tenente coronel do Corpo do Estado Maior, Chefe do Estado Maior da 1.ª Divisão — D. S. O.

Carlos Barros Soares Branco — Capitão de Engenharia, Chefe do Serviço Telegrafico do C. E. P. — M. C. (Military Cross).

José Gomes Teixeira — Tenente de infantaria n.º 7 — M. C.

David Rodrigues Neto — Tenente de infantaria n.º 4 — M. C.

Domingos da Silva — Alferes de infantaria n.º 23 — M. C.

Diogo Martins de Lima — 2.º sargento n.º 554 do B. I. n.º 7 — M. M. (Military Medal).

Antonio Porfirio Cabral — 2.º sargento n.º 649 do B. I. n.º 23 — M. M.

Eugenio Gaspar dos Santos — 1.º cabo n.º 414/2 do 1.º G. B. A. — M. M.

João Antonio Costa — 1.º cabo n.º 673 de infantaria n.º 4 — M. M.

Joaquim Lopes — Soldado n.º 249 de infantaria n.º 23 — M. M.

III

Louvores

1 — Por feitos em combate

Engenharia:

Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro.

Joaquim José de Andrade e Silva Abranches — capitão, pela muita coragem, dedicação e competencia que revelou na direcção dos trabalhos da sua companhia na zona de S^{t} Venant a Bac-S. Maur, em todo o periodo que precedeu á ofensiva, e, designadamente, no dia 9 de Abril em que empregou todos os esforços para serem bem desempenhados os serviços a cargo da sua companhia, só retirando de Merville quando nada ali tinha a fazer e era impossivel sustentar-se naquele local.

Jaime Jacintho Gallo — Alferes miliciano, pela muita coragem, dedicação e competencia que revelou nos trabalhos de que foi encarregado com o destacamento de Estaires, durante todo o periodo que precedeu a ofensiva, e, designadamente, no dia 9 de Abril, em que trabalhou sempre debaixo do bombardeamento da artilharia inimiga, conseguindo fazer reparar as avarias nas linhas da gare de La Gorgue, contribuindo para que se salvasse um canhão de 12$''$ que estava num desvio.

Virgilio da Conceição Costa — Alferes miliciano, pela muita coragem, sangue frio e dedicação que demonstrou durante a execução de todos os trabalhos não permitindo nunca que as praças o interrompessem, senão quando

era absolutamente impossivel; apesar do fogo, continuar o trabalho, sendo o ultimo a abrigar-se depois de verificar que todas as praças estavam abrigadas, mantendo-se sempre nos logares mais arriscados.

Manoel da Costa Aleivão Teixeira — Alferes miliciano, pelo mesmo motivo do anterior.

Mario Ferreira Mendes — Alferes, pela muita coragem e dedicação que mostrou durante a execução de todos os trabalhos e designadamente, pela dedicação com que, no dia 6/7.917, tomou parte, como voluntario, na execução de um trabalho muito arriscado que não competia á sua companhia.

Manoel Lopes — 2.º sargento miliciano n.º 327, pela muita coragem e dedicação que mostrou nos trabalhos executados nas gares de S^{t} Pol e Tachincourt, durante os dias de intenso bombardeamento que aquelas gares sofreram, de 20 a 25 de Março de 1918, concorrendo para que as comunicações ferroviarias não tivessem demorada interrupção.

José — 1º cabo n.º 294, pelo mesmo motivo do anterior.

Manoel Mendes da Cunha — 1.º cabo n.º 296, idem.

Batalhão de Mineiros.

Manoel Antonio Soares Zilhão — Alferes, porque no combate de 9/4 918, estando em serviço nas linhas de Givenchy e recebendo ordem de cooperar com tropa inglesa na defesa das mesmas, começou a acção pelas 4 horas, e ás 13 assaltou com um grupo de um sargento e 14 soldados a posição inimiga, aprisionando um oficial e 45 praças inimigas e libertando um 2.º sargento, um cabo e um soldado, ingleses que tinham sido feitos pri-

sioneiros e tomando uma metralhadora, demonstrando grande iniciativa, energia, decisão e muita audacia.

Luiz Torquato Freire Cortez Curado — 2.º sargento, porque no dia 9/4/918, fez parte de um grupo, sob o comando de um oficial, que foi encarregado de cooperar, com tropa inglesa, nas defesas das minas de Givenchy, começando a acção pelas 4 horas e assaltando ás 13 horas a posição inimiga, com galhardia, decisão, vigor e muita audacia, aprisionando um oficial e 45 praças inimigas, e libertando um sargento, um cabo e um soldado ingleses que tinham sido feitos prisioneiros.

José da Silva Pardilho — soldado n.º 205, João Elias — soldado n.º 217, Henrique Francisco Dias — soldado n.º 308, Antonio Ferreira de Sousa — soldado n.º 312, Estevão Nunes — soldado n.º 318, João Eduardo Soares — soldado n.º 260, Germano de Matos — soldado n.º 298, Julio Pedro — soldado n.º 67, Manoel Francisco — soldado n.º 211, Alfredo Cambea — soldado n.º 322, Antonio — soldado n.º 307, Luiz dos Reis — soldado n.º 274 e Manoel Ramos Moreira Dias — soldado n.º 306.

Pelo mesmo motivo do anterior.

Joaquim Gomes Branco — soldado n.º 212, porque no dia 9/4/918, fazendo parte de um grupo de 14 praças que, sob o comando de um oficial, foi encarregado de cooperar com tropa inglesa na defesa das minas de Givenchy e começando a acção ás 4 horas, ás 13 assaltou a posição inimiga com galhardia, decisão vigor e muita audacia, aprisionando um oficial e 45 praças e libertando um sargento, um cabo e um soldado ingleses. Salientou-se pela sua superior energia e apreendeu uma metralhadora.

Sapadores.

Manoel Pinto de Almeida Costa Alemão Teixeira — Alferes miliciano, pela coragem, valor e decisão demonstrada no comando da sua fracção e no ataque á posição inimiga, no raid realisado na noite de 2/3 de Abril de 1918.

Carlos da Silva Rochato — soldado n.º 715/2, porque no raid realisado no dia 2/3 de Abril de 1918, apesar de ferido por um tiro de metralhadora, quando se aproximava do arame inimigo, não hesitou em avançar para cumprir o que lhe fôra determinado, só retirando depois de ter colocado, no logar em que devia explodir, o torpedo que foi confiado ao grupo de que fazia parte.

Artilharia:

Arthur Mendes de Magalhães — tenente, chefe da Oficina Ligeira de Artilharia, pela coragem, zelo e previdencia de que deu provas durante os bombardeamentos de Merville, onde estava instalada a oficina, mantendo a ordem e a disciplina do pessoal que lhe estava subordinado, não interrompendo o serviço senão na ultima extremidade; e, quando no dia 9/4/918, teve de abandonar o local da sua instalação, empregou todos os meios ao seu alcance para salvar a maior quantidade de material possivel, contando-se nesse material duas peças 75 que estavam para concerto.

1.º Grupo de Baterias de Artilharia de Campanha.

Anacleto Domingos dos Santos — capitão da 4.ª Bateria, por, no combate de 9/4/918, manifestar altas qualidades

excepcionais de comando, dedicação pelo serviço, de coragem e sangue frio, pondo o cumprimento dos seus deveres acima de qualquer outro sentimento, ficando logo no principio do combate sem oficial algum que o ajudasse, tendo junto de si, num dos abrigos de obuzes, dois oficiais feridos e um morto e muitas praças feridas. A tudo teve que atender e dirigir directamente, andando de abrigo para abrigo, dando ordens e animando o seu pessoal, substituindo os que iam aparecendo feridos, conservando-se no seu posto até á ultima granada, sem nunca desanimar ou desfalecer, apresentando-se, depois de ter perdido as esperanças de remunciar, na 6.ª Brigada de Infantaria, com os seus homens armados, oferecendo-se para o serviço que fosse perciso.

José Felipe de Barros Rodrigues — tenente, comandante da 3.ª Bataria, pela energia de que é dotado, dedicação pelo serviço, que sem desfalecimento sempre demonstrou durante a sua longa permanencia nas linhas, como comandante de Bataria, e sangue frio e coragem nos momentos de perigo, o que tambem, pela sua inteligencia, o fez ser estimado pelos seus camaradas e respeitado pelos seus subordinados. No combate de 9/4/918, tendo a sua posição proxima de Croix-Barbeê, nela se conservou até ao ultimo tiro, sendo a ultima Bataria do 1.º G.B.A. que deixou de fazer fogo; tendo, para estar prevenido, mandado tirar as culatras e goniometros, mas encontrando num dos paiois de munições algumas granadas, ainda que poucas, mandou novamente preparar as peças e fazer fogo até se esgotarem, apesar de o inimigo estar proximo da posição. Deu ordem de retirada ao seu pessoal e procurou, através dos campos, ir ainda para junto dos seus camaradas de qualquer outra Bataria e não

encontrando foi á séde da 6.ª Brigada de Infantaria que achou destruida, retirando então para junto do Comando de Artilharia da 2.ª Divisão.

Aurelio de Mendonça Pinho — tenente da 1.ª Bataria, porque no combate de 9/4/918, morreu no comando da sua Bataria, quando, cortadas as ligações, saiu do posto dos telefonistas para, de perto, fiscalisar a acção das suas peças, mostrando a maior coragem, confirmando a grande dedicação pelo serviço que sempre manifestou.

Adolfo Burnay Mendes Leal — Alferes miliciano, ajudante do 1.º G. B. A. pelas provas de competencia que tem dado no desempenho de adjunto e, depois, de ajudante, sendo um auxiliar valioso do Comando, e por ocasião do bombardeamento feito á séde do Grupo, em 13/4/918, em que com risco de vida, foi desempedir o transito da estrada que era violentamente batida, retirando as viaturas abandonadas e afastando uma mula morta pelos estilhaços, arrastando comsigo algumas praças pelo seu exemplo, afim de permitir a passagem de camions com feridos.

João Taborda Alves Pereira — Alferes da 3.ª Bataria, pela dedicação e coragem que manifestou, já como comandante da Bataria e já como auxiliar do Comando, nas circunstancias dificeis porque passou a sua Bataria, coadjuvando, e animando o pessoal nas repetidas mudanças de posição, afim de salvar o material quando estava sendo atingido pelos bombardeamentos do inimigo, nas posições de Ferme du Bois e tambem nas dos sectores Neuve-Chapelle e acompanhando sempre, apesar de convalescente, o seu comandante de Bataria no combate e retirada do dia 9/4/918.

Manoel Gomes de Carvalho Junior — 2.º sargento n.º 365/3, porque no combate de 9/4/918, comandando o Escalão da Bataria e tendo dado ordem para aparelhar e engantar, logo no principio do bombardeamento, procurou estabelecer a ligação com a Bataria, mas notando alguma hesitação e indecisão da parte de cabos, entregou a outro 2.º sargento o Comando e partiu ele para a posição onde prestou serviços, ajudando os oficiais no Comando da Bataria, voltando ao Escalão, após a ordem que recebeu do comandante da Bataria, para proceder ao remuniciamento atravessando, sem lhe competir, a violenta barragem de artilharia inimiga, mostrando assim muita coragem, dedicação pelo serviço e abnegação.

Joaquim Carlos Peixoto — 1.º cabo n.º 210/4, porque no combate de 9/4/918, na falta de chefe da secção e com pessoal muito reduzido, conseguiu, com serenidade e correcção, continuar a desempenhar as funções de apontador e dirigiu todo o serviço da secção, revelando muita coragem e dedicação.

José Domingos Freire Junior — soldado n.º 371/2, porque no combate de 9/4/918, desempenhando as funcções de chefe de secção, na falta de sargento, dirigiu com serenidade o fogo da sua secção sob o intenso bombardeamento, manifestando muita coragem em todo o decurso da acção.

João Seromenho — soldado servente n.º 707/1, porque no combate de 9/4/918, sendo reserva, pelo que não era obrigado a ir para a posição da bataria, foi ali apresentar-se imediatamente e, sob violentas barragens, ajudou ao remuniciamento, mostrando grande coragem e dedicação pelo serviço.

2.º Grupo de Baterias de Artilharia.

Alfredo da Silva Barreto de Carvalho — Alferes da 1.ª Bataria, porque no combate de 9/4/918, mostrou a maior coragem e dedicação pelo serviço, permanecendo sempre no seu posto, apesar de ferido na cabeça por estilhaços de granada, oferecendo-se para, através de forte bombardeamento, ir levar a ordem de retirada á 1.ª Divisão.

Luiz Pais de Almeida — 2.º sargento n.º 203/2, porque no combate de 9/4/918, manifestou a maior coragem e sangue frio e, tendo sido ferido, continuou dirigindo o fogo da sua secção, só retirando quando a sua peça, por efeito de avarias, ficou fóra de combate.

José Afonso — 2.º sargento n.º 401/2, porque no combate de 9/4/918, manifestou notavel competencia na direcção do fogo da sua secção, e, depois de ferido, continuou no seu posto até que, já sem munições e com a maioria dos serventes feridos, teve de abandonar a posição, evacuando esta e inutilisando a peça.

Manuel de Sousa — 2.º sargento n.º 477/2, porque no combate de 9/4/918, continuou dirigindo o fogo da sua secção apesar de ferido e só a abandonou, inutilisando a peça, quando o inimigo estava já a 200 metros, revelando muita coragem, alto espirito militar, e dedicação pelo serviço.

Agostinho Fernandes de Figueiredo — 1.º cabo conductor n.º 325/1, porque, no combate de 9/4/918, desempenhou com a maior coragem o serviço de agente de ligação e, uma vez ferido, teve o sangue frio necessario de entregar a correspondencia a outra praça que a levou ao seu destino, manifestando um bom moral e perfeito conhecimento dos seus deveres.

José Nascimento dos Reis — soldado servente n.º 271/1, porque no combate de 9/4/918, apesar de ferido, continuou o serviço indo através da barragem acender a luz da balisa, mostrando sempre a maior coragem e serenidade e dedicação pelo serviço.

João Augusto de Sousa — soldado servente n.º 454 3, porque no combate de 9/4/918, depois da ordem de retirar, conservou-se sosinho fazendo fogo com a sua peça, ajudando os oficiais e sargentos a inutilisa-la, mostrando grande coragem e dedicação pelo serviço.

José Faustino — soldado servente n.º 401/1, porque, no combate de 9 4/918, manifestou muita coragem e grande serenidade, conservando-se na posição, depois da ordem de retirar, munido de tres espingardas, só retirando por ordem imperiosa de um oficial, a quem declarou que esperava ali o inimigo.

5.º Grupo de Baterias de Artilharia de Campanha.

Francisco Vicente — soldado conductor n.º 648/1, porque, no combate de 9/4/918, conduzindo um carro de munições, no serviço de remuniciamento da sua bateria, e ferido por estilhaços de granada antes de chegar á posição, continuou em serviço até lá, onde foi pensado e enviado ao posto de socorros, manifestando muita coragem, abnegação e dedicação pelo serviço. Desapareceu.

1.º Grupo do Corpo de Artilharia Pesada.

Antonio Rodrigues Maximo — Sargento n.º 39/434, porque, achando-se em serviço na madrugada de 21/3/918, como chefe de obuz da secção adstricta á 99.ª bateria

inglesa, quando foi bombardeada com numerosas granadas de gazes asfixiantes, sendo ferido o comandante da secção, reuniu, depois de recebida a ordem de abrir fogo, o pessoal disponivel e assumiu o comando da secção, abriu fogo com dois obuzes sob a acção dos gazes, revelando, assim, possuir apreciaveis qualidades de coragem, energia e decisão, apesar do seu pouco tempo de posto.

Metralhadoras:

1.º Grupo de Metralhadoras.

Eugenio Rodrigues Aresta — tenente, porque no combate de 9/4/918, mostrou coragem e notavel zelo pelo serviço, solicitando executar um importante serviço de ligação, com risco de vida, através de intensos bombardeamentos, serviço que procuou desempenhar atè que foi atacado de gazes, e depois de ter sido indicado pelo medico para baixar ao hospital, solicitou que tal se não fizesse.

Henrique Teixeira Nigo — 1.º cabo n.º 125/2, porque fazendo parte da guarnição de uma metralhadora contra aeroplanos e estando a ser bombardeada a posição desta foi expontaneamente busca-la, apesar de levar algum tempo a sua desmontagem, revelando valor e dedicação pelo serviço e uma perfeita compreensão dos seus deveres

Delfim Teixeira — solcado n.º 109 1, pelo mesmo motivo do anterior.

Manoel João Pereira — soldado ciclista n.º 239/1, porque no combate de 9/4/918, pediu para acompanhar um ofi-

cial na execução de um importante serviço de ligação, com risco de vida, através intenso bombardeamento, serviço que teve de cessar, quando o oficial que acompanhava foi atacado de gazes e teve necessidade de ampara-lo e acompanha-lo.

3.º Grupo de metralhadoras.

Manuel Augusto Farinha da Silva — tenente, porque no combate de 9/4/918, mudou as suas metralharas da posição sob um violentissimo fogo de barragem e, dirigindo-se em seguida ao Comando do Grupo para fazer a comunicação, foi ferido, recusando-se a ser pensado antes de fazer a comunicação, mostrando muita coragem e extrema dedicação pelo serviço. Morreu, em 10, dos ferimentos recebidos.

Moysés dos Santos — soldado servente n.º 162/2, porque no cambate de 9/4/918, achando-se de serviço na Linha das Aldeias, depois de receber ordem para retirar para uma posição á retaguarda, conseguiu, sob o violento bombardeamento e apesar de ferido, retirar o tripé da metralhadora, no que mostrou muita coragem, sangue frio e elevada compreensão nos seus deveres. Desapareceu.

6.ª Brigada de Infantaria.

Felisberto Alves Pedrosa — Coronel do Estado maior de Infantaria, comandante da 6.ª B. I., pela maneira como dirigiu, com risco da propria vida, a remoção dos mortos e feridos durante o bombardeamento feito a Lavantie no dia 4/3/918, dando provas da maior coragem, dedicação

e sangue frio, e um belo exemplo aos seus subordinados.

Alipio José Esteves — 1.º cabo ferrador da formação da 6.ª B. I. porque no combate de 9/4/918, volutariamente se ofereceu para desempenhar a missão de agente de ligação, quando os verdadeiros agentes de ligação, declararam já não ser possivel atravessar a intensa barragem da artilharia inimiga, missão que levou a cabo entre o Q. G. da 6.ª B. I. e os batalhões, manifestando muita coragem, decisão e abnegação. Em 31/3/918, novamente louvado, pela maneira como auxiliou, com risco da propria vida, o Comandante da 6.ª B. I. na remoção dos mortos e feridos durante o bombardeamento a Levantie no dia 4/3/918, com o que deu provas da maior dedicação, coragem e sangue frio.

Infantaria n.º 2.

Americo Olavo Correia de Azevedo — Capitão, pela inteligencia com que planeou e dirigiu o raid realisado na noite de 2/3 de Abril de 1918, e bravura com que o executou.

Silvino Antonio Saraiva — Alferes, pela coragem, valor e decisão, demonstrada no comando da sua fracção e no ataque á posição inimiga, no raid realisado na noite 2/3 de Abril de 1918.

José de Oliveira Belo, — Alferes e Alberto Damazio Figueirêdo Lopes Praça — Alferes, pelo mesmo motivo do anterior.

Antonio Martins Ferreira Junior — Alferes, pela coragem, valor e decisão com que conduziu os seus homens, e esforço empregado para recolher todos os feridos no raid

realisado na noite 2/3 de Abril de 1918, apesar de tambem se achar ferido.

Carlos Antonio de Moura — Alferes, por se ter distinguido no combate de 12/3/918, e especialmente, porque voluntariamente se ofereceu ao Comando da 2.ª companhia para ir fazer a ligação com os postos que se encontravam na frente, tendo-o conseguido debaixo de violento fogo do inimigo.

Agostinho Loureiro — 2.º sargento n.º 558/1, porque tendo sido ferido no começo do combate, não abandonou o seu posto senão depois deste terminar, dando, assim um forte exemplo de coragem e de espirito de sacrificio aos homens que comandava.

Mario da Silva Nazario — 2.º sargento n.º 631/2, pela maneira como auxiliou, com risco da propria vida, o Comandante da 6.ª B. I. na remoção dos mortos e feridos durante o bombardeamento de Lavantie, no dia 3/3/918, com o que deu provas da maior dedicação, coragem e sangue frio.

Angelo da Costa Carregal — 2.º sargento n.º 936/1, pela bravura com que assaltou as linhas inimigas e pela forma como conduziu a sua fracção no raid realisado na noite de 2/3 de Abril de 1918.

Alberto Pereira Gil — 2.º sargento n.º 862/1, Manuel Apolinario da Cunha — 2.º sargento n.º 375/4, Manuel Augusto Barata — 2.º sargento n.º 737/4, pelo mesmo motivo do anterior.

Albino Rodrigues — soldado n.º 121/3, pela coragem demonstrada salvando ás costas um seu camarada ferido, achando-se ele mesmo ferido, e levando-o das linhas alemãs á ambulancia, no raid realisado na noite de 2/3 de Abril de 1918.

Infantaria N.º 3.

Adelino Octavio de Almeida Graça — Alferes, porque no combate de 9/4/918, sendo observador do seu batalhão, logo que foi dada ordem para evacuação de Lavantie, dirigiu-se expontaneamente e voluntariamente para uma linha de trincheiras á retaguarda daquela povoação, e ali quiz ficar comandando uma fracção composta de soldados portugueses e ingleses, combatendo com a maior valentia, incutindo coragem aos soldados que da frente retiravam e resistindo ao avanço do inimigo até á tarde, sob um fogo muito violento, tendo desaparecido.

Infantaria N.º 4.

David Rodrigues Neto — Alferes miliciano, por na manhã de 15/12/917, quando, apenas acompanhado de uma ordenança, capturou uma patrulha inimiga, composta de 1 oficial, 1 sargento ajudante e 6 soldados, feito notavel não só pela importancia das identificações obtidas, como pelas circunstancias em que se verificou e em que aquele oficial fez prova das mais altas qualidades de caracter e valor militar, sem as quais ele não se teria realisado.

João Antonio Costa — soldado n.º 672/11, porque no dia 15/12/917, acompanhando como ordenança um oficial, ao surpreender uma patrulha inimiga, composta de 1 oficial, 1 sargento ajudante e 6 soldados, ter revelado a maior decisão e valor militar, na forma como procedeu, cooperando eficazmente com aquele oficial para a realisação do notavel feito da captura da patrulha.

Infantaria N.º 7.

José Gomes Teixeira — Alferes, porque no combate de 15/9/917, executou as instruções dadas por este comando sobre a maneira de proceder, quando o inimigo penetrou nas nossas trincheiras, conseguindo não só repelir o raid alemão, mas ainda infligir perdas no inimigo e fazer prisioneiros, demonstrando grande valor, inteligencia, sangue frio e qualidades de Comando.

Diogo Martins de Lima — 2.º sargento n.º 554/4, pela coragem, sangue frio e decisão que demonstrou no combate de 15/9/917, aprisionando um soldado saxão e libertando um soldado nosso que este levava prisioneiro.

Infantaria N.º 9.

Antonio dos Santos — 1.º cabo n.º 401/3, porque no combate de 14/3/918, vendo que os outros soldados que guarneciam o seu posto hesitavam, lançou mão da metralhadora começando prontamente a fazer fogo sobre o inimigo, incitou os seus camaradas animando-os e levando-os a repelir o ataque, o que conseguiu.

Infantaria N.º 12.

Horacio de Assis Gonçalves — Alferes miliciano, porque no combate de 9/4/918, sendo comandante da 11.ª companhia de infantaria 12 ocupou até 16 horas e 20 minutos um reducto com um dos pelotões da companhia, juntamente com uma diminuta força inglesa, defendendo-se com muita coragem e valor, e só retirando quando se viu sem munições e com a retirada quasi cortada.

Francisco Almeida Serrano — 2.º sargento n.º 422/11, porque no combate de 9/4/918, esteve com o seu pelotão num reducto até ás 16 horas e 20 minutos, combatendo com muita coragem e valor, sendo ferido e desaparecido.

Manoel Rodrigues — 2.º sargento n.º 292/11, pelo mesmo motivo do anterior, sendo egualmente ferido.

Joaquim Lourenço — Soldado n.º 148/11; José Correia — soldado n.º 316/11; Antonio Soares — soldado n.º 371/11; Manoel Pires — soldado n.º 390/11; José Fonseca — soldado n.º 414/11; Alexandre da Costa — soldado n.º 419/11; Adelino Ribeiro — soldado n.º 207/12; Antonio Simões — soldado n.º 253/12; José Isidro — soldado n.º 328/12; Joaquim Pires — soldado n.º 397/12; Alfredo Henriques — soldado n.º 367/12 e José Paulino — soldado n.º 490/12, porque, no combate de 9/4/918, sendo metralhadores da 11.ª companhia, ocuparam um reducto, combatendo com muita coragem e valor até ás 16 horas e 20 minutos, só retirando quando, sem munições, e com a retirada quasi cortada, receberam ordem para o fazer.

Manoel Nunes Veloso — soldado n.º 415/11, porque no combate de 9/4/918, sendo metralhador, da 11.ª companhia ocupou um reducto combatendo com muita coragem e valor, até ás 16 horas e 20 minutos, só retirando quando, sem munições e com a retirada quasi cortada, recebeu ordem para o fazer.

Manoel Gonçalves — soldado n.º 10 11, porque no combate de 9/4/918, sendo ordenança da companhia, ocupou um reducto combatendo com muita coragem e valor, até ás 16 horas e 20 minutos, só retirando quando, sem munições e com a retirada quasi cortada, recebeu ordem para o fazer.

Manoel Canhão — corneteiro n.º 198/11, pelo mesmo motivo do anterior.

Infantoria n.º 13

Gustavo de Andrade Pissarra — Major, porque no combate de 9/4/918, em La Couture, comandando o seu batalhão, manisfestou muita coragem, dedicação e espirito de sacrificio, determinando, dispondo e animando a resistencia das forças junto das quais se encontrava, até que por fim, empunhando uma espingapda, resistiu até ao ultimo extremo, sendo morto por uma granada de mão.

David José Gonçalves Magno — capitão da 3.ª companhia, porque nos combates de 9 a 11/4/918, manifestou muita coragem, energia, decisão e competencia, no exercicio do seu comando de companhia, indo, por fim, com praças que conseguiu reunir, combater ao lado de tropas inglesas.

Bento Estevão Roma — Capitão da 1.ª companhia, porque no combate de 9/4/918, manifestou superiores qualidades militares no exercicio do seu cargo de 2.º Comandante interino do batalhão, providenciando convenientemente para o inimigo ser repelido, e dirigindo ainda de perto a acção da 1.ª Companhia de que era comandante, concorrendo com a sua palavra e exemplo para os actos de coragem, decisão e audacia da réferida companhia em Lacouture, onde desapareceu.

João Batista Trancoso — tenente, porque no combate de 9/4/918, manifestou muita coragem, energia e serenidade, colaborando na resistencia em Lacouture emquanto os seus ferimentos o permitiram até ser envolvido. Desapareceu.

Armando Armindo Martins — Alferes da 1.ª companhia, porque no combate de 9/4/918, como subalterno da mesma, manifestou muita coragem, energia, decisão e audacia, conduzindo á carga de baioneta as suas praças em Lacouture, de forma tal que estas avançaram sempre, apesar de desimadas, fazendo recuar o inimigo muito superior em numero, sendo poucos os nossos que sobreviveram e tendo desaparecido.

Agostinho de Sá Vieira — Alferes da 1.ª companhia, pelo mesmo motivo do anterior.

Antonio Dias — Alferes miliciano da 2.ª companhia, porque no combate de 9/4/918, não podendo opôr-se ao avanço do inimigo, devido á sua superioridade, veio retirando e combatendo com coragem e valor, até desaparecer.

Francisco Pinto Veiga — Alferes miliciano, porque no combate de 9/4/918, sendo comandante da secção de sinaleiros do seu Batalhão, chegado o momento em que entendeu que os serviços da sua especialidade já não podiam ser utilisados, manifestou muita coragem, grande energia e decisão, indo auxiliar a execução do fogo de uma metralhadora, transportando cunhetes, carregando tambores, e indicando ao atirador os pontos em que aparecia o inimigo, tendo desaparecido.

José Francisco Gonçalves Sevivas — Alferes miliciano, porque, no combate de 9/4/918, bateu-se em Lacouture com muita coragem, sangue frio, decisão e competencia, fazendo ele proprio fogo de metralhadora, e só retirando quando se lhe esgotaram os meios de resistencia, e através dificuldades.

José Gomes de Carvalho — 2.º sargento da 3.ª companhia, porque no combate de 9/4/918, manifestou muita coragem, energia e decisão, combatendo até á morte nas

trincheiras de Lacouture, causando muitas baixas ao inimigo com a sua metralhadora.

Manuel Cardoso de Matos — Soldado n.º 376/3, porque nos combates de 9 a 11/4/918, manifestou muita coragem, sangue frio e energia, combatendo durante dois dias com a sua metralhadora até se lhe partir uma peça e se lhe esgotarem as munições.

Antonio Lucas — Soldado n.º 157/2; Manoel de Sousa — soldado n.º 539/1; Clemente Antonio — soldado n.º 233/3; Joaquim Mendes — soldado n.º 186/3; Joaquim da Silva Sarmento — soldado n.º 305/3; Laurindo dos Santos — soldado n.º 291/4 e Miguel da Silva Martha — soldado n.º 480/4, porque nos combates de 9 a 11 de Abril de 1918 combateram com muita coragem e serenidade, não obstante a superioridade do inimigo e a aproximação a que êle chegou.

Tomás Ferreira da Silva — Soldado n.º 550/3, porque nos combates de 9 a 11/4/918, manifestou muita coragem, decisão e energia e sangue frio, combatendo durante dois dias e só retirando da linha de fogo, apesar de ferido duas vezes, a ultima gravemente, depois de receber ordem do seu comandante de Companhia.

Infantaria n.º 14.

Manoel de Oliveira — Capitão da 4.ª companhia, porque nos combates de 9 e 10/4/918, comandando a sua companhia que ocupou um posto na Linha de Corpo, manifestou muita coragem, decisão e energia, conservando-se em combate até ao dia 10 de manhã, tendo de retirar devido á falta de munições e superioridade do inimigo.

José Maria Vale de Andrade — Capitão, porque sendo comandante do raid efectuado na manhã de 19/3/918, demonstrou qualidades excepcionais de um verdadeiro chefe, pela forma como procedeu, prevendo tudo, tudo dispondo, e executando com bravura o ataque, á frente das suas forças.

Rogerio Correia Ferreira — Alferes, porque no raid efectuado na manhã de 19/3/918, carregou contra o inimigo á frente do seu pelotão, com o maior vigor, avançando denodadamente contra uma metralhadora em posição e fazendo fogo, demonstrando bravura e qualidades de comando.

Antonio Gonçalves Pires — Alferes, porque no raid efectuado na manhã de 19/3/918, carregou contra o inimigo á frente do seu pelotão, com vigor cobrindo e protegendo o trabalho da engenharia.

Cosme Pereira Lemos — Alferes da 2.ª companhia, porque no combate de 9/4/918, demonstrou sempre muita coragem, elevadas qualidades militares, combatendo num posto e, estando quasi cercado, foi o ultimo que o abandonou.

Humberto Albano Lopes de Oliastro — Alferes miliciano da 3.ª companhia, porque no combate de 9/4/918, e na marcha que lhe sucedeu durante 3 dias, manifestou coragem e altas qualidades de comando, dominando as praças do seu pelotão, conseguindo que elas mantivessem o alinhamento na retirada da companhia em linha de atiradores e marchassem em cadencia durante os dias de marcha.

Abilio Adriano Branco — Alferes da 4.ª companhia, porque no combate de 9/4/918, manifestou coragem de maneira a merecer a admiração dos seus soldados em cujo

animo incutiu o cumprimento do dever perante grande perigo.

Antonio Gonçalves Pires — Alferes da 4.ª companhia, porque no combate de 9/4/918, manifestou coragem e altas qualidades de comando, incitando as praças do seu pelotão a manterem-se resolutas na frente do inimigo, fazendo com que todos o acompanhassem na perigosissima marcha pela estrada de Oxford até estabelecer contacto com as forças em retirada.

Alfredo Pinto — 1.º sargento n.º 403/3, porque tendo sido ferido no raid que se realisou em 19/3/918, por uma bala no peito, na ocasião em que tentava aprisionar alguns inimigos, nem assim deixou de proseguir na acção, só retirando depois de ser intimado por um dos oficiais.

Leonardo de Almeida e Silva — 2.º sargento n.º 468, pela forma como conduziu o seu grupo no raid efectuado na manhã de 19/3/918, avançando com ele corajosamente sobre uma metralhadora que fazia fogo.

Leonidio de Almeida e Silva — 2.º sargento n.º 468/2, porque no combate de 9/4/918, quando lhe ordenaram que estabelecesse com duas ordenanças, ligação com um pelotão, ser ferido gravemente, tendo a noção completa do seu dever, apesar de tal, mostrando-o bem claramente na seguinte frase: «já estou morto, mas antes eu que o meu tenente, que faz muita falta», demonstrando muita coragem e serenidade, em todo o combate e dedicação pelos chefes, com o facto citado.

José de Morais — 2.º sargento 554 2, porque no combate de 9/4/918, manifestou muita coragem e dedicação pelo serviço, espoletando rapidamente 10 cunhetes de granadas no posto de Charterhouse, sob intenso bombardeamento, tendo morrido em combate.

José Bernardino Cameira — 2.º sargento n.º 480/3, porque no combate de 9/4/918, comandando o 2.º pelotão, soube mante-lo, pelo seu exemplo, com a maior firmesa e decisão perante o inimigo que avançava, retirando ordenadamente com este, demonstrando muita coragem e elevados dotes de comando.

Antonio Lopes Rodrigues — 2.º sargento n.º 486/3, porque no combate de 9/4/918, estando convalescente, logo que soube que a companhia marchava para a frente, voluntariamente se encorporou nela, assumindo o comando do seu pelotão que não tinha oficial, demonstrando muita coragem, dedicação pelo serviço e superior aptidão militar.

José Marques — 2.º sargento n.º 556/4, porque no combate de 9/4/918, com muita coragem e qualidades excepcionais de comando, comandou um pelotão no avanço perigosissimo pela estrada de Oxford até estabelecer ligação com as forças em retirada, não se poupando ao perigo e animando os seus soldados com o seu exemplo.

Guilherme Miguel Afonso — 1.º cabo n.º 527/3, porque no combate de 9/4/918, comandando uma secção, soube manter e levantar o moral dos homens que comandava, exhortando-os ao cumprimento do seu dever, e porque tendo sido feridas algumas praças da companhia á frente da linha de atiradores, voluntariamente as foi buscar, apesar do perigo, demonstrando muita coragem, altruismo e elevados dotes de comando.

José Borges — 1.º cabo n.º 73/4, porque tendo sido ferido numa perna, por um estilhaço inimigo, no raid efectuado na manhã de 19/3/918, continuou acompanhando o comandante do seu pelotão, até caír.

Antonio Rodrigues dos Santos — soldado n.º 225/1, por-

que no combate de 9/4/918, ocupando o reducto, perto do qual já se encontrava o inimigo, foi, com autorisação do comandante do seu pelotão, salvar um seu camarada de uma morte certa, fazendo-o conduzir até ao posto de socorros, revelando coragem e altruismo.

José de Carvalho — soldado n.º 606/1, porque no combate de 9/4/918, apesar de ter sido ferido quando marchava a ocupar um reducto, manteve-se ao lado dos seus camaradas até á noite, baixando, então ao hospital, demonstrando, assim muita coragem e abnegação.

Manuel Figueiredo dos Santos — soldado maqueiro n.º 591/1, porque no combate de 9/4/918, ocupando um reducto, pediu autorisação ao comandante do seu pelotão para ir buscar um camarada seu que se encontrava á frente dizendo: «ou morremos os dois ou não morre nenhum», e transportando-o sósinho para o posto de socorros.

Manuel da Silva — soldado n.º 724/1, porque no combate de 9/4/918, se conservou firme no seu posto até ao ultimo extremo, animando os seus camaradas e aconselhando-os á maior resistencia e ainda por se oferecer para ir á frente reconhecer uma posição onde o inimigo já se encontrava, demonstrando muita coragem e elevadas qualidades militares.

Manoel Gonçalves — soldado n.º 320/2, porque no combate de 9/4/918, como ordenança da companhia, manifestar muita coragem, não vacilando na travessia de barragens de artilharia para transmissão de ordens, serviço em que foi ferido.

José Henriques Bento Barata — soldado n.º 357/2, por, no combate de 9/4/918, ter sido uma das ultimas praças a abandonar o reducto que guarnecia; auxiliar a guarnição de uma metralhadora pesada na inutilisação

desta, que enterrou num dreno; salvar um camarada enterrado num dreno, manifestando na pratica de tais actos muita coragem e altruismo.

Gudevis Alves Diniz — soldado n.º 534/2, por, no combate de 9/4/918, ter prestado altos serviços na observação, estando sempre ao parapeito, apesar de ser constantemente batido pelo fogo de metralhadoras inimigas, conservando-se em constante vigilancia, demonstrando muita coragem e dedicação pelo serviço.

Firmino de Souza Figueirêdo — soldado n.º 314/3, porque no combate de 9/4/918, com muita coragem e dedicação pelo serviço, atravessou fortes barragens de artilharia, no seu serviço de ordenança, sendo ferido.

Josué Felix — soldado n.º 405/4, porque no combate de 9/4/918, fazendo parte de uma secção de metralhadoras que foi encarregada de ir á frente da posição ocupada buscar as mesmas, deu provas de muita coragem e sangue frio e foi mortalmente ferido, quando já fazia uso de uma delas contra o inimigo.

Cesar Pinheiro — soldado n.º 416/4, pelo mesmo motivo do anterior, sendo gravemente ferido.

Infantaria n.º 15

Raul de Andrade Peres — Major, porque no combate de 9/4/918, comandou a sua unidade com a maior bravura e sangue frio, até ao momento de desaparecer, tendo antecedentemente mantido o seu Batalhão no mais alto nivel moral, donde resultou que fracções desligadas do comando de que dependiam se conservaram em combate ao lado de tropas inglesas, na frente de batalha, de 9 a 11 de Abril.

Armando Zaide da Fonseca e Almeida — Capitão, porque no combate de 9/4/918, como 2.º comandante do seu batalhão auxiliou o comando deste em toda a sua dificil missão, dando provas de coragem, de muito brio militar, dedicação e proficiencia. Desapareceu neste dia.

José da Luz Brito — Capitão da 4.ª companhia, porque no combate de 9/4/918, morreu, combatendo em lucta corpo a corpo, onde pereceu quasi todo um pelotão da sua companhia em sua defesa, mostrando a maior coragem e espirito militar.

Augusto da Conceição Fontes — Tenente da 4.ª companhia, porque nos combates de 9 e 10/4/918, sendo 2.º comandante da sua companhia e acompanhando os 1.º e 3.º pelotões na marcha para o inimigo, manifestou coragem, notavel zelo e aptidão de comando até que, ferido no dia 10, se viu obrigado a deixar de exercer as suas funções.

Gustavo Augusto Pires de Figueirêdo — Tenente, porque no combate de 9/4/918, manifesteu coragem, muita dedicação pelo serviço, inteligencia, espirito patriotico e militar no mais alto grau, comandando a sua companhia com o maior zelo e dedicação, tendo desaparecido com a maior parte do pessoal da mesma, mostrando com isto a sua abnegação e espirito de sacrificio.

Filipe Augusto de Sousa Tribolet — tenente da 1.ª companhia, porque nos combates de 9 a 11/4/918, tendo desaparecido o Comandante e 2.º Comandante do Batalhão e sendo o oficial mais graduado que se encontrava na frente, assumiu o comando de duas companhias e, devido á sua muita energia, competencia e superior criterio, aliado a bôas qualidades de comando, conseguiu manter as suas forças, apesar das dificuldades surgidas,

na melhor ordem e disciplina incutindo-lhes com o seu exemplo e estimulo a coragem, levantando-lhes o moral, até ao dia 11, debaixo de fogo constante da artilharia e metralhadoras inimigas, data em que recebeu ordem de retirar, conseguindo fazer uma marcha de tres dias com homens exhaustos, cançados e mal alimentados, na melhor ordem e disciplina, revelando muita coragem, energia, faculdades de comando e dedicação pelo serviço.

Artur Florindo Pereira — Alferes da 3.ª companhia, porque nos combates de 9 a 11/4/918, estando no seu aquartelamento com doença verificada pelo medico do seu Batalhão, logo que soube da ordem de marcha para a frente, não abandonou o comando do seu pelotão, apesar do seu estado de saude e insistencia do seu comandante de companhia para que não seguisse e manteve-se, durante aqueles dias, ao lado dos seus soldados, com a maior firmesa e decisão, dando assim um belo exemplo de abnegação, sacrificio, dedicação e coragem, manifestando sempre a maior competencia.

Antonio Norberto Matos Cordeiro — Alferes da 1.ª companhia, porque nos combates de 9 a 11/4/918, comandou o seu pelotão muito corajosa e energicamente, tendo cumprido com muita bôa vontade, inteligencia e decisão, todas as missões de que foi encarregado.

José Lopes — Alferes da 4.ª companhia, porque nos combates de 9 a 11/4/918, como comandante de pelotão e depois como 2.º comandante de companhia, deu as maiores provas de coragem, brio e proficiencia militar.

Manoel Lopes Ferreira — Alferes da 4.ª companhia, porque nos combates de 9 a 11/4/918, comportou-se brilhantemente como comandante de um pelotão da sua companhia, combatendo até á ultima extremidade, desapare-

cendo com a quasi totalidade do seu pelotão, manifestando sempre muita coragem e dedicação pelo serviço.

João Alves de Sousa — Alferes miliciano da 4.ª companhia, porque nos combates de 9 a 11/4/918, manteve o seu pelotão na melhor disciplina e serenidade, apesar das baixas sofridas, dando as maiores provas de coragem, serenidade e valor militar.

Gustavo Adolfo Gouveia — Alferes da 1.ª companhia, porque nos combates de 9 a 11/4/918, sendo comandante de um pelotão, manifestou muita coragem e sangue frio, animando constantemente, debaixo dos maiores perigos, os seus soldados, chegando mesmo a brincar com eles quando os via desanimados. Na reunião de oficiais convocada pelo comandante de um grupo da 2.ª companhia de que fazia parte, para resolver sobre a situação quando faltavam por completo as ligações, foi o unico de opinião de que se avançasse, embora o perigo fosse grande, o que não foi aprovado por efeito de informações depois recebidas.

Francisco José Coutinho — Alferes da 3.ª companhia, porque nos combates de 9 a 11/4/918, manifestou muita dedicação e sangue frio e tendo recebido ordem para efectuar a retirada com a sua companhia da linha de fogo, depois desta ter desfilado, de novo voltou áquela linha, da qual já estava afastado cerca de 400 metros, armado de uma espingarda e acompanhado de uma praça, quando os ingleses anunciavam que o inimigo avançava, revelando uma coragem e valor excepcionais.

Carlos do Rego Bayam — 1.º sargento n.º 696/1, porque nos combates de 9 a 11/4/918, comandante de um pelotão, este se conservou sempre na melhor bôa ordem e disciplina, para o que contribuiu a sua presença; mani-

festou aptidão para o comando, revelando abnegação e dedicação pelo serviço, competencia, decisão e serenidade.

Antonio de Matos Bugalho — 1.º sargento, porque nos combates de 9 a 11/4/918, manifestou muita coragem, serenidade e bela disposição, batendo-se ao lado das tropas inglesas, dando assim um bom exemplo aos seus camaradas.

José Antonio Simões — 2.º sargento, porque nos combates de 9 a 11 4/918, manifestou muita coragem, decisão e serenidade, batendo-se ao lado das tropas inglesas e dando, com a sua bôa disposição, um belo exemplo aos seus camaradas.

Pompeu Martins — 2.º sargento, pelo mesmo motivo do anterior.

Manoel Guines — 2.º sargento n.º 568/3, porque nos combates de 9 a 11/4/918, manifestou muita coragem e decisão, e tendo a sua companhia retirado da linha de fogo, novamente a veio reocupar, juntamente com um oficial, quando os ingleses anunciavam o avanço do inimigo.

José Maria — 2.º sargento n.º 410/3, porque nos combates de 9 a 11/4/918, no comando da sua secção, manifestou sempre muita ccragem e valor, incutindo, com o seu exemplo, animo aos soldados que vigiava e exercendo uma continua vigilancia sobre o inimigo, serviço executado, por vezes, nas mais arriscadas condições, devido ao fogo das metralhadoras.

Antonio Pedro Ribeiro de Figueiredo — 2.º sargento n.º 3, porque no combate de 9/4/918, mostrou muita coragem e iniciativa, dedicação pelo serviço e altruismo, fazendo fogo com uma metralhadora que encontrou abandonada, e transportando para a retaguarda uma creança

que encontrou perdida, quando, sob intenso fogo, procurava munições.

João do Carmo da Fonseca — 2.º sargento n.º 579/1, porque nos combates de 9 a 11/4/918, apesar de extremamente fatigado, auxiliou sempre o Comando, mostrando em todas as ocasiões a melhor bôa vontade no cumprimento de todas as ordens recebidas, manifestando abnegação e dedicação pelo serviço, energia e decisão na transmissão de ordens.

Manoel Ferreira Junior — 2.º sargento n.º 589/1, pelo mesmo motivo do anterior.

Antonio da Graça — 2.º sargento n.º 616/1, porque nos combates de 9 a 11/4/918, mostrou muita coragem, decisão, actividade e dedicação pelo serviço, tendo voltado expontaneamente para a posição e mantendo-se ali, ainda durante algum tempo, quando as ultimas fracções da companhia retiravam e houve noticia da aproximação do inimigo.

Manoel Francisco Ferreira — 2.º sargento n.º 637/1, pelo mesmo motivo do anterior.

Augusto Pires — 2.º sargento n.º 703/1; Francisco do Nascimento — 2.º sargento n.º 705/1; Antonio Alvaro Nunes — 2.º sargento n.º 709/1; Antonio de Sousa — 2.º sargento n.º 769/1 e João Pereira Conca — 2.º sargento n.º 771/1, porque nos combates de 9 a 11/4/918, apesar de muito fatigados pelas arduas missões que tiveram a desempenhar, mostraram sempre muita coragem serenidade, energia, zelo e dedicação pelo serviço.

João Ribeiro Marques — 2.º sargento n.º 770/1, porque nos combates de 9 a 11/4/918, comandou uma secção de metralhadoras, mostrando sempre muita coragem, se-

renidade e a melhor bôa vontade no cumprimento de todas as ordens.

Laurival Mario França — 2.º sargento n.º 345/2, porque nos combates de 9 a 11/4/918, mostrou iniciativa, muita coragem e dedicação pelo serviço, mantendo a sua secção na melhor disciplina.

Amilcar Faria de Oliveira — 2.º sargento n.º 619/2, pelo mesmo motivo do anterior.

Alvaro da Costa — 2.º sargento n.º 331/3, porque nos combates de 9 a 10/4/918, manifestou muita coragem, acrisolado valor, notavel zelo, grande decisão no exercicio das suas funções, sendo ferido mortalmente quando procedia a um reconhecimento.

João Rosa — 2.º sargento n.º 473/3, porque nos combates de 9 a 11/4/918, manifestou coragem, notavel zelo e competencia no exercicio das suas funções, algumas das quais nas mais dificies condicões.

José Bernardino — 2.º sargento n.º 401/4, porque nos combates de 9 a 11/4/918, foi prestimoso auxiliar do comando, não se poupando a sacrificios para o integral cumprimento do dever e mostrando muita coragem e dedicação pelo serviço.

Bernardino de Carvalho — 2.º sargento n.º 579/4, pelo mesmo motivo do anterior.

Januario de Oliveira Matias — 1.º cabo sinaleiro n.º 122, porque nos combates de 9 a 11/4/918, mostrou muita coragem, actividade, iniciativa e competencia, não só no seu serviço de sinaleiro mas, ainda, no estabelecimento de vedetas, procurando defender uma peça que encontrou abandonada.

José Dias — soldado n.º 80, porque nos combates de 9 a 11/4/918, sendo metralhador, mostou muita coragem,

audacia, inteligencia e dedicação pelo serviço, pois que, apesar de ferido, continuou no seu posto até que a sua metralhadora foi inutilisada, e sendo prisioneiro, conseguiu fugir.

Alfredo Freire — soldado n.º 356/3, porque nos combates de 9 a 11/4/918, manifestou coragem e altruismo, oferecendo-se para o serviço de transporte de feridos portuguezes e ingleses, através de barragens, nas mais perigosas circunstancias, sendo ferido a caminho duma ambulancia, no dia 11.

Augusto Martins — soldado n.º 507/3, porque nos combates de 9 a 11/4/918, bateu-se com muita coragem e sangue frio, até morrer.

Manuel Ribeiro — soldado n.º 532/2; Antonio Joaquim — soldado n.º 429/3; Manuel Joaquim — soldado n.º 491/3; Armindo Alves — soldado n.º 529/3, porque nos combates de 9 a 11/4/918, manifestaram muita coragem e serenidade, batendo-se até serem gravemente feridos, não obstante a superioridade e aproximação do inimigo.

Manuel Medeiros — soldado n.º 434/3, porque no combate de 9/4/918, tendo sido ferido numa perna, não consentiu em ser evacuado, continuando na linha de fogo, sendo-o, apenas, 3 horas depois, em virtude de ordem terminante do comandante de companhia e quando já não podia movimentar a perna ferida, manifestando muita coragem, energia e decisão. Quando se dirigia para a ambulancia, foi de novo ferido por uma bala, no braço.

Infantaria N.º 21

Henrique Augusto — Tenente, pela coragem e bravura com que atacou o inimigo á frente do seu pelotão, recebendo

um ferimento e demonstrando qualidades excepcionais de comando e valor.

Alipio Cruz Oliveira — Alferes, pelo mesmo motivo do anterior.

Victorino Rodrigues Corvo — Alferes, pela coragem e bravura com que atacou o inimigo á frente do seu pelotão, demonstrando, assim, qualidades excepcionais de comando.

Infantaria N.º 34.

José da Silva e Sousa — Alferes, porque comandando o posto de Shetland, no combate de 7/8 de Julho de 917, e tendo já sido ferido, foi-o pela 2.ª vez, quando verificava que no posto não ficavam praças expostas ao terrivel bombardeamento que sobre ele se desencadeou, mostrando assim a sua abnegação e dedicação pelas praças do seu comando e, ainda, por ter demonstrado grande energia e coragem durante o combate que dirigiu com acerto.

Manuel da Silva — 1.º cabo n.º 368/3, porque no combate de 14/3/918, sendo o seu posto evecuado, recusou acompanhar os seus camaradas e foi com a sua metralhadora para o posto de Copse, auxiliar a defesa deste posto, dando assim um grande exemplo de valor militar e disciplina.

Serviço de Saude

Francisco Marques Rodrigues Moreira — Capitão medico, em serviço no batalhão de infantaria n.º 15, porque durante os combates de 9 a 11/4/918, manifestou, no de-

sempenho dos seus serviços profissionais, acrisolado valor e zelo notavel e durante a marcha para o acantonamento, que se lhe seguiu, manifestou estas duas ultimas qualidadas e abnegação.

Antonio Luazes Monteiro Leite e Santos — Tenente medico, em serviço no Batalhão de infantaria n.º 14, porque no combate de 9/4/918, fazendo parte das forças de infantaria 14, empenhadas, esteve fazendo curativos na propria linha de fogo durante parte do combate, retirando depois para o posto de socorros onde continuou no seu serviço até á retirada das forças, demonstrando coragem, serenidade e zelo.

José Joaquim Machado Guimares — Tenente-medico, em serviço no Batalhão de infantaria 15, porque durante o combate de 9/4/918, manifestou coragem, acrisolado valor e zelo notavel, acompanhando expontaneamente, sob o intonso bombardeamento, uma companhia que se dirigia para um posto a ocupar, pensando feridos, durante o trajecto, tendo desaparecido em Lacouture.

Manoel Batista — 2.º sargento enfermeiro n.º 859/1, em serviço no 1.º G. B. A., porque no combate de 9/4 918, esperando no posto de socorros da bataria pelos feridos, e vendo que eles não apareciam, saiu do abrigo e foi para junto da bataria prestar os seus serviços a alguns atacados de gazes, mostrando muita coragem, altruismo e dedicação pelo serviço.

Assistencia Religiosa

Padre Manoel Caetano, em serviço no 2.º G. B. A., porque durante a batalha de 9/4/918, mostrou decidida coragem e assombroso sangue frio na transmissão de

ordens, atravez de zonas bombardeadas e estradas varridas por metralhadoras inimigas, salvando, nos trajectos percorridos, alguns feridos de gravidade.

II — Por Serviços Distinctos

Estado Maior:

Victorino Henriques Godinho — Major, pela maneira como auxilia o Comando nas funcções de Chefe de Estado Maior da 2.ª Divisão, concorrendo para a bôa ordem do acampamento e disciplina das tropas.

Abilio Augusto Valdez de Passos e Sousa, — Major, porque, como oficial do Estado Maior e especialmente como chefe da 1.ª Repartição do Q. G. 2, tem revelado apreciaveis qualidades e uma nitida compreensão dos seus deveres, desempenhando com inexcedivel zelo e dedicação e muita competencia a missão que lhe tem estado confiada, mostrando ser um valioso auxiliar do Comando.

Engenharia:

José Cabral Caldeira do Amaral — Capitão da 2.ª C. S. C., pelo interesse e competencia com que dirigiu as obras dos aquartelamentos, hospitais e outras dependencias da Base.

Luiz da Costa de Sousa de Macedo — Capitão da 1.ª C. S. C., pelo mesmo motivo do anterior.

José Caetano Mazzioti Salema Garção — Tenente, pela inteligente direcção e excelente conducta, afirmada no comando da sua companhia e em todos os trabalhos por ela executados na Belgica e na região de Lavantie.

Jaime Faria de Athaide e Melo — Tenente miliciano; Wenceslau de Campos Casaes — Tenente miliciano; João Furtado Henriques — Tenente miliciano; Carlos Ferreira Sampaio — Tenente miliciano; Manoel Antonio Vieira e Sousa — Tenente; Samuel Bento — Tenente do Q. A. E.; Augusto da Silva Reis — Tenente e Eurico Teixeira de Sousa — Alferes, por serem os subalternos das diferentes companhias que mais se distinguiram na coadjuvação dos respectivos Comandos e na execução dos trabalhos que lhes foram cometidos.

Artilharia:

Bernardo Faria e Silva — Coronel, pela comprovada competencia, inteligencia distincta, e muito zelo com que exerceu as funcções de chefe da 1.ª secção do Comando Geral de Artilharia do C. E. P., confirmando os creditos de oficial muito sabedor e criterioso e manifestando, em todas as circunstancias, uma acrisolada dedicação pelas Instituições Militares Portuguesas.

José dos Reis Chorão — 1.º sargento da 2.ª B. M. M., unico graduado que ficou a comandar a bataria, por no dia 29/4/918, ter já toda a escrita da bataria reconstituida, no que demonstrou não só muito zelo e especial dedicação pelo serviço, mas muita inteligencia e competencia profissional, tanto mais para notar, que a comissão salienta no seu relatorio, que em nenhuma unidade encontrou tanta ordem e correcção na escripturação.

Cavalaria:

Tiofilo José Ribeiro da Fonseca — Tenente, pelo acrisolado zelo e muita dedicação com que tem ministrado a instrucção anti-gaz, na Escola de Gaz do C. E. P.

Metralhadoras:

José Martins Cameira — Capitão, pelo criterio, zelo e proficiencia com que desempenhou as funções de Director da Esccla de Metralhadoras.

Infantaria:

João Julio dos Reis e Silva — Coronel, comandante interino da 2.ª Divisão do C. E. P. pela boa ordem em que estava o acampamento das tropas na ocasião da visita de S. Ex.ª o General Comandante do C. E. P, e pela disciplina das tropas que estacionam na zona Divisionaria.

Alfredo Ribeiro Ferreira — Capitão, comandante da 2.ª B. M. L., pela proficiencia, zelo e dedicação com que organisou a E. M. T. dirigiu, a instrução de todas as baterias de Morteiros e elaborou projectos de Regulamentos e Instruções para o Serviço de Morteiros de Trincheira.

Duarte Ferrari de Gusmão e Sousa Fraga — Capitão, pela maneira criteriosa como exerceu as funções de Director da Escola de Metralhadoras Pesadas, cargo para que foi nomeado a seu pedido, depois de julgado incapaz de serviço activo.

José de Albuquerque — Capitão, palo zelo, dedicação e muita actividade que demonstrou no Comando do Deposito de Adidos do Corpo, organisando o referido D. A. C. e colocando-o em condições de funcionamento, revelando qualidades apreciaveis de Comando, energico e disciplinador, resistindo, durante meses sucessivos, á acção deprimente de uma larga permanencia nas colonias.

Carlos Dias Costa — Capitão, por ter desempenhado, com muita proficiencia e reconhecido zelo, as funções de Ins-

tructor e Director interino da Escola de Morteiros do C. E. P.

João Sena Belo Junior — Capitão, por ter exercido, desde Junho de 1917, as funções de Director da E. M. P. demonstrando zelo e dedicação.

Bento Esteves Roma — Capitão, pelo criterio, dedicação e zelo com que, desde Fevereiro de 1917, orientou a instrução nas antigas Escolas de Emprego de Baioneta e Granadeiros, e no actual Campo Central de Instrução, revelando qualidades muito apreciaveis de organisador e disciplinador.

José Mendes Silvestre — Tenente, pelo muito zelo e dedicação de que tem dado provas no Comando interino do Deposito de Convalescentes da Base.

Luiz Pinto Lelo — Tenente, pela inteligencia zelo e dedicação com que organisou a E. T. O. P. e elaborou projectos de Instruções e de Regulamentos sobre observação, no curto praso em que exerceu as funções de Director da E. T. O. P.

Guilherme Oom — Tenente, por exercer com muita inteligencia, dedicação e muito zelo as funções de Instrutor no C. C. I., desde a organisação deste Campo até á apresentação no Batalhão de Infantaria n.º 1, onde foi prestar serviço.

Liberato Eugenio de Sá Vianna Brandão — Tenente, por exercer com inteligencia dedicação e muito zelo as funções de Director da E. M. L., mostrando qualidades de Oficial energico, disciplinador e organisador.

Serviço de Saude:

Manuel Antonio Ennes Ferreira — Alferes medico, por, em principios de Julho de 1917, tendo chegado ao conhe-

cimento do Chefe da Amb. 1, que, para um ferido português, se tornava necessaria a transfusão de sangue, a isto se prestou imediatamente, com a maxima abnegação.

Feliciano de Oliveira — 1.º cabo enfermeiro n.º 16/7, por se ter submetido, expontaneamente, á operação da transfusão de sangue a um ferido gravissimo, dando assim um relevante exemplo de abnegação.

Antonio de Oliveira Leitão - 2.º cabo, ajudante de enfermeiro, n.º 268/3 do 3.º G. C. S., pela assiduidade, zelo e dedicação com que desempenha as funções de enfermeiro na Ambulancia 5, a par de uma correcção militar irrepreensivel, que o torna um valioso auxiliar clinico.

Francisco Fortunato - soldado n.º 716/7 do 1.º Grupo de Companhias de Saude, por se ter oferecido para ceder o seu sangue no dia 2/4/918, num caso em que se julgou precisa a transfusão, afim de tentar salvar a vida a um seu camarada ferido, entrado no H. S. N.º 1 em estado gravissimo, transfusão que se fez, revelando, assim, valor, grande abnegação e altas qualidades de caracter; soldado n.º 537/1, do 1.º Grupo de Companhias de Saude, por se ter oferecido para ceder o seu sangue, no dia 6/4/918, num caso em que se julgou precisa a transfusão, afim de tentar salvar a vida a um seu camarada ferido, entrado no H. S. N.º 1 em estado gravissimo, transfusão que se fez, revelando, assim, valor, grande abnegação e altas qualidades de caracter.

Administração Militar:

João Maria Penteado Pinto — Capitão, porque, tendo desempenhado o cargo de Chefe da Secção de Subsistencias da Repartição dos Serviços Administrativos do

Corpo desde o mês de Novembro de 1917 até 31 de Maio de 1918, revelou qualidades excepcionais de trabalho e a mais decidida bôa vontade no desempenho da sua missão de serviço, e porque no dia 9/4/918 e seguintes aos acontecimentos deste dia deu execução ás propostas da Repartição, tendentes a fazer face á mudança repentina e brusca que os acontecimentos da frente impuseram, desenvolveu uma excepcional competencia, e de tal forma, que o fornecimento de viveres ás tropas em retirada ficou plenamente assegurado.

Eurico Rogerio Monteiro — Alferes miliciano, adjunto da R. S. Ad. Q. G. C., porque prestando serviço no Deposito de Fardamento e na Secção de Liquidação de Contas com o Exercito Britanico, demonstrou rara dedicação pelo serviço, excepcionais qualidades de trabalho e muita competencia tecnica.

Secretariado Militar:

Francisco Marques Beato — Tenente, pelo zelo, dedicação, inteligencia e bom criterio que tem manifestado no exercicio do cargo de Chefe da Secção de Justiça e Disciplina do Q. G. C.

Assistencia Religiosa:

Padre José Bernardino da Silva — por, em principios de Julho de 1917, tendo chegado ao conhenimento do Chefe da Ambuladcia 1, que, para um ferido português, se tornava necessaria a transfusão de sangue, a isto se prestrou imediatamente com a maxima abnegação.

Aviação:

João Branco — Chefe de mecanicos com a graduação de Alferes, pelo muto zelo e proficiencia com que realisou importantes reparações em automoveis ligeiros do Q. G. C., prontificando-se a realisar estes serviços expontaneamente.

INDICE

	Pag.
I — **A Guerra de Trincheira**	7
II — **Ideia sumária da organisação do C. E. P. em França**	17
Brigadas de Infantaria	21
Batalhões	23
III — **Ideia Geral da Frente Britânica no Teatro Ocidental da Guerra Europêa, em Fevereiro de 1918**	25
IV — **O Sector Português**	31
As nossas Trincheiras	33
As Trincheiras Inimigas	35
V — **Sistema Geral de Defesa**	39
Ocupação do Sector	42
VI — **Serviço de Observação e Informações**	47
Espionagem	47
Aviação	50
Balões Cativos	52
Telegrafia e Telefonia	53
Observadores de Campanha	53
Prisioneiros	59
VII — **Gazes e Liquidos inflamados**	67
Aparelhos Anti-Gaz	69
Defesa Colectiva	71
Medidas a tomar em caso de Ataque	72
Liquidos Inflamados	75
VIII — **Varios Serviços**	77
Transportes Automoveis	77
Serviço de Higiéne e Bacteriologia	78
Serviço de Beneficiação de Fardamento	79
Serviço de Salvados	80
Serviço de Agronomia	81
Serviço de Expedição de Bagagens e Registro de Perdas	82

Pag.

IX — **Alterações Introduzidas nos Meios e Processos de Combate** 83
X — **A Infantaria na Guerra de Trincheiras; os seus Meios de acção** 87
Granadas de Mão 89
Granadas de Espingarda 90
Metralhadora Ligeira 94
XI — **A Infantaria no Combate. As Especialidades** 99
Ofensiva 99
a) Granadeiros 102
b) Metralhadoras Ligeiras 104
Defensiva 105
a) Granadeiros 106
b) Metralhadoras 107
XII — **Metralhadoras Pesadas** 111
Ofensiva 116
Defensiva 117
XIII — **Morteiros de Trincheira** 121
Ataque e Defesa 125
XIV — **Artilharia** 129
Defensiva 129
Ofensiva 134
XV — **Engenharia** 139
Serviço de Sapadores 139
Serviço de Sinaleiros 149
Serviço de Caminhos de Ferro 151
Serviço de Minas 151
XVI — **Serviços Administrativos** 153
Serviço de Subsistencias 153
Serviço de Fardamento 158
Serviço de Contabilidade 161
XVII — **Serviço de Saude** 163
XVIII — **Serviço de Artilharia** 169
Fornecimento e Reparações de Material 169
Reabastecimento de Munições 170
XIX — **Serviço de Trincheira** 173
Atribuições e Deveres dos diferentes Comandos .. 174

Pag.

a) Comandantes de Brigada 174
b) Comandantes de Batalhão e Companhia 175
c) Comandantes de Pelotão 177
Pessoal de Serviço 183
Patrulhas 188
Intercomunicações 190
Saneamento 191
Munições 192
Materiat de Trincheira 193
Rendições 194
Procedimento em caso de Ataque 198
Folhetins de Guerra 206
XX — **Raids** 213
Escolha do Objectivo 214
Preparação no Gabinete 215
Reconhecimentos 218
Fixação do Efectivo 219
Elaboracão do Projecto de Raid 220
Colaboração da Artilharia 221
Ensaios no Terreno 222
Execução 222
XXI — **Quadro de Honra** 235
Promoções por distinção 237
Condecorações 256
a) Cruz de Guerra 256
b) Condecorações estrangeiras 262
Louvores 264
a) Por feitos em combate 264
b) Por serviços distintos 297

COLOCAÇÃO DAS GRAVURAS

Depósito de Munições numa Fábrica em Inglaterra 11
A Frente Ocidental em Abril de 1918 26
Bixchoote — Fotografia tirada dum Aeroplano 50
Fotografia pormenorisada dum trecho de trincheira inimiga em face de **Lavantie** 51

Pag.

Interpretação da Fotografia anterior 51
Balão cativo (Salsicha) 52
Um prisioneiro Boche 61
Na Escola de Gazes do C. E. P. (França) 70
Esquema de aparelhos de indicação e colheita de Gazes . 73
Esquema do *Flamenwerfer* 75
Esquema da nova granada de espingarda alemã m/917 93
Na Escola de Metralhadoras Ligeiras do C. E. P. (França) 95
Esquema da Companhia para o Ataque 101
Esquema do avanço de um Grupo de Granadeiros 103
Esquema do emprego conjugado das Metralhadoras Ligeiras e Pesadas 107
Emprego da Metralhadora Lewis contra aeroplanos 109
Metralhadora Vickers 112
Barragens de Metralhadoras 115
Morteiros Ligeiros, nas trincheiras do C. E. P. 122
Morteiro Médio 123
Morteiro Pesado 123
Morteiro Pesado, alemão 124
Distribuição esquemática das posições de Morteiros 127
Abrigo para peças de campanha no Sector Português 130
Quadros em A 142
Revestimentos 143
Passadeiras 144
Passadeiras e Banquetas 145
Preparação de Concertinas 146
Modo de condução das Concertinas pnra a Terra do Ninguem 146
Drenos 147
Serviço dos maqueiros no Campo de Batalha (Região pantanosa da Flandres) 164
Transporte de feridos pelos Decauville de Trincheiras 166
Variedades de projecteis de artilharia 170
Esquema do Reabastecimento de Munições 171
Determinação dos pontos sôbre a Carta quadriculada 224
Esboço do terreno para execução do raid 225